N. Q. G.

Almeida Garrett

ROMANCEIRO

PELO

V. DE ALMEIDA GARRETT

I

ROMANCES DA RENASCENÇA

QUINTA EDIÇÃO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1875

NA TERCEIRA

Publicamos emfim ést
meira parte do ROMANCE
perior ás antecedentes,
como pelos addicioname
leva.

A de Londres de 18
Adozinda e o Bernal-fra
1843 ja lhe accrescentou
ces; na presente ha oito
ducções em várias lingu
vallo se teem publicado
todas porém, e ja muita
versões appareceram co
do terceiro volume da
cado em 1851; outros
gundo junctamente com

guezes primitivos que o nosso auctor reconstruíra.

A sua predilecção por éstas reliquias da antiga poesia peninsular tem feito com que, desde a infancia até hojo, tenham ellas sempre sido a occupação das suas 'Horas de lazer' — *'Hours of idleness'* segundo a frisante expressão de Lord Byron; um quasi mialheiro poetico em que por intervallos, mas sempre, se vão deitando pequenas quantias até que chegam a formar um thesouro. Este é ja um verdadeiro thesouro para os que sabem avaliar a riqueza de uma lingua e de uma litteratura.

No meio dos trabalhos mais graves, das contrariedades mais apertadas da vida pública, o auctor não se tem esquecido do seu mialheiro, que, tornámos a dizê-lo, para nós é thesouro riquissimo. Se ainda assim o não julga Portugal, saiba ao menos que essa é a opinião da Europa.

Julho 8, 1853.

OS EDITORES.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

Depois que publiquei em Londres, em 1828, o meu romancinho a *Adozinda* que aqui vai na frente d'este volume, cheguei a ter uma bastante collecção d'essas trovas e romances populares, xácaras e soláos — designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas especies e variedades em que se divide o genero.

Eram uns vinte e tantos havidos pela tradição oral do povo, quasi todos colligidos nas circumvizinhanças de Lisboa pela indústria de amigos zelosos, e principalmente pelo obsequioso cuidado de uma joven senhora minha amiga muito do coração.

Por voltas do anno seguinte, 1829, os tinha eu pela maior parte correctos, annotados, —

e collacionadas as principaes das infinitas variantes que todos trazem, porque cada rhapsodista d'estes que sabe a sua xácara, a repette a seu modo, e sempre differente em alguma coisa do que outro a diz.

Cresceram logo mais os meus haveres pela contribuição de outro amigo tambem muito particular e muito prezado, o Sr. Duarte Lessa, homem de raras e prestantes qualidades que amenizava a constante applicação a mais graves estudos, cultivando a litteratura e as artes, cujas obras appreciava com tacto finissimo e zelava com fervor patriotico, porque intendia — e bem o intendia! — que ellas são o espirito, a alma, o *in ipso vivimus et sumus* de uma nação. Tinha elle adquirido em Londres varios livros e manuscriptos que haviam sido do célebre portuguez o cavalheiro de Oliveira, aquelle que renunciou ao importante cargo de nosso ministro na Haya para abraçar a communhão protestante, na qual viveu em Inglaterra os ultimos annos da sua vida, quasi unicamente da charidade de seus novos correligionarios.

Havia entre esses livros um exemplar da Bibliotheca de Barboza, inquadernados os tomos com folhas brancas de permeio, e escriptas éstas, assim como as amplas margens do folio impresso, de lettra muito miuda, mas muito clara e legivel, com annotações, commentarios, emendas e addições aos escriptos do nosso douto e laborioso mas incorrecto abbade.

Via-se por muitas partes que o longo trabalho do Oliveira fôra feito depois da publicação das suas *Memorias,* porque a miudo se referia a ellas, confirmando e ampliando, corrigindo ou retractando o que lá dissera.

Nos artigos *D. Diniz, Gil-Vicente, Bernardim-Ribeiro, Fr. Bernardo de Brito, Rodrigues-Lobo, D. Francisco-Manuel,* e em varios outros que vinha a proposito, as notas manuscriptas citavam, e transcreviam como illustração, muitas coplas, romances e trovas antigas — e até prophecias, como as do Bandarra — fielmente copiadas, asseverava elle, de Mss. antigos que tivera em seu poder na Hollanda e em Portugal, franqueados uns por judeus

occupações e distracções, eu sempre voltava de vez em quando ao meu *Romanceiro,* e o tinha bastante adeantado, quando nos fins de 1831 abandonei tudo o que eram cuidados de sciencia ou recreações litterarias para me alistar no exercito da Rainha, e imbarcar para os Açores. Em Janeiro de 1832 sahi de París com praça de simples soldado, consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto impenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hãode parecer incriveis, e que elles hoje negariam a pés junctos, se fosse possivel negar o de que ha tantas testimunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hãode durar mais que ellas.

A minha curta estada nas ilhas foi impregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que alli se procedeu, e de que me encarregou a amizade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessi-

dade de me achar eu unico alli que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accaparadores que ja na esperança estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar —pelos esforços e risco alheio— não por certo para meditar sôbre ellas como outros Marios —oh que Marios!— mas para as revolver e basculhar como Alaricos...

Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores: lisongeio-me de lh'o merecer: davam-se ao incómmodo de me intrigar; e era desperdicio de tempo e de arte, porque não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os apprecia muito e se honra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jamais soube, em tantas opportunidades, convertê-los em nenhuma *consequencia legítima;* nunca, nem o mais indirectamente que é possivel, tractou de os consolidar em nenhuma realidade utilitaria e de proveito pessoal.

Peço perdão da digressão: não a fiz eu mas as coisas,—que pelos tempos em que vive-

mos tam baralhado anda tudo, que até a historia litteraria e poetica se confunde com a dos successos e relações politicas.

D'esse tam pouco e tam occupado tempo permittiu comtudo o accaso que alguns instantes se podessem approveitar em beneficio do pobre *Romanceiro*, que alli ia tambem, o coitado, na expedição, incolhido e amarrotado na mochilla de um triste soldado raso, sem se lembrar de aspirar á inaudita honra de seu illustre predecessor, o Cancioneiro de Rezende, que serviu de Evangelho para jurar aquelle rei gentio. — Havia pouco por alli quem lhe importasse com Evangelhos e juramentos.

Foi o caso que umas criadas velhas de minha mãe e uma mulata brazileira de minha irman appareceram sabendo varios romances que eu não tinha, e muitas variadas licções de outros que eu sim tinha, porêm mais incompletos. Assim se additou copiosamente o meu *Romanceiro*.

Mas este achado fez mais do que inriquecer, salvou-o: porque, ao partir para San'Mi-

guel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em glória, que desejava distrahir, com essas curiosidades que ella intendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que ja lhe pesavam duramente as molestias do último quartel da vida... Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado — nenhum que seus filhos voluntariamente lhe dessem — todos a adorámos e honrámos sempre — mas que lhe davamos, comtudo, pelas circumstâncias fataes da epocha e das confusões politicas em que andavamos mettidos.

Os meus outros papeis, trabalhos de historia consideraveis, fructo de longas visitas ao Museu-Real de Londres e á riquissima livraria portugueza do meu amigo o Sr. Goodeen; uma tragedia que tinha sido julgada valer alguma coisa pelos que a viram — era o assumpto o Infante-Sancto em Fez; — um largo poema com pretenções, antes desejos, de ser Orlando, ja em trinta e tantos cantos — e promettia crescer! — cujo assumpto era o *Ma-*

griço e os seus *Doze;*—o segundo volume do tractado *Da Educação* prompto a entrar no prélo:—quatro livros ou cantos de um romance ou poema—cabia-lhe uma e outra designação—a que dava thema a interessante e romanesca legenda da fundação da casa de Menezes—pedido de minha boa irman que decerto não tinha vaidade, porque sempre lhe sobrou o juizo, mas gôsto sim, de que seus filhos se honrassem com o nome illustre de seu pae:—uma quantidade immensa de estudos e trabalhos sôbre administração pública;—tudo isso veio commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao imbarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas mallas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem. D'ahi me vinha, com outros valores mais substanciaes, e se perdeu tudo em um navio que affundaram as ballas inimigas á entrada do Porto nos derradeiros dias d'esse mesmo anno de 1832.

Descancem em paz no amigo lodo do meu patrio rio! N'outros lodaçaes peiores teriam de cahir talvez se escapassem: o da indiffe-

rença pública que porventura mereciam, o de muitos odiosinhos e invejasinhas tolas que não mereciam decerto, porque eram filhos de bom e innocente ânimo, como sempre têem sido os meus.

Assim fossem todos!

Desde 1834, que me voltou a Lisboa o milagrosamente escapado *Romanceiro*, ainda não passei verão que lhe não désse algumas das horas descuidadas que n'aquella quadra ou se hãode dar a éstas occupações mais leves ou a nenhumas. E n'estes oito annos tem-se locupletado consideravelmente com as contribuições de muitos amigos e benevolentes a alguns dos quaes nem posso ter o gôsto de agradecer aqui o favor recebido, porque incitados pela leitura da *Adozinda*, me remetteram anonymamente pelo correio o fructo de suas colheitas. A principal parte de um bello romance, um dos mais bellos que jamais vi em collecção alguma nacional ou extrangeira e que hoje inriquece o meu Romanceiro, assim me foi mandada, creio que do Minho. Outro fragmento que vinha nos respi-

gos ajunctados n'esta ceara pelo nosso insigne poeta o Sr. A. F. de Castilho, e que elle teve a bondade de me confiar, veiu dar-lhe o complemento que faltava e restituir á perfeição em que hoje está. É um romance de origem visivelmente franceza, se provençal ou normanda não me atrevo a decidir, em que se conta — um tanto diversa das chronicas antigas e do elegante poema de *Millevoix*, a historia do secretario Eginard e da muito bondosa filha de seu senhor e amo o poderoso imperador Carlos-Magno. Os nossos Scaldos vulgares lem hoje... não lem tal, mas repettem *Gerinaldo*, corrupção do que ao principio foi Eginaldo, adoçados em *ll* os *rr* francezes, como se fez em Giraldo, Reginaldo, antigamente em Bernal e Bernaldo, e em outros muitos nomes que de la vieram tam duros ou mais.

Mencionei este exemplo entre muitos por cahir em coisa notavel, e para se ajuizar dos outros.

Mr. Pichon, bem conhecido em Lisboa, que foi ultimamente consul francez no Porto

e agora creio que em Barcelona, tinha começado a formar em 1832-33 uma pequena collecção de xácaras portuguezas de que tambem me approveitei. Mas o incançavel collector a quem mais obrigações devi em Portugal foi o meu condiscipulo o Sr. Dr. Emygdio Costa, advogado n'esta côrte e ha pouco fallecido, que generosamente me confiou a sua larga collecção principalmente feita nas duas Beiras, n'aquelle verdadeiro coração e amago do Portugal primitivo que occupa a região d'entre Lamego e Serra d'Estrella.

O Sr. Rivara, bibliothecario em Evora, o meu velho amigo o Sr. M. Rodrigues d'Abreu, bibliothecario em Braga, o meu antigo e fiel companheiro o Dr. J. Eloy Nunes-Cardoso, de Montemor-o-Novo, com assentamento dobrado, como diria um *bel esprit*, um *dos cultos* de Seiscentos, na Casa Real d'Apollo, por doutor e trovador tambem, — todos estes cavalheiros me têem ajudado com indicações, livros, folhetos antigos e cópias laboriosamente escriptas sob o dictar dos rusticos depositarios das nossas tradições populares.

Os trabalhos e recopilações de D. Agustin Duran sôbre os cancioneiros e romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que só por aqui chegou cinco ou seis annos depois, veiu illustrar-me em muita dúvida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do Sr. Ochoa, impressa em París em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem. A traducção elegante de Mr. Lockart que n'aquella tam linda e fastosa edição de Londres de 1841 deu á lingua e á nação ingleza a mais poetica e romantica idea que jamais será possivel dar a um povo extranho e em idioma extranho das immensas riquezas do Nibelungen peninsular, mais que nenhuma coisa me inspirou e animou no meu trabalho, porque é um documento, um monumento grandioso da extraordinaria importancia e valia que este genero de coisas está merecendo á Europa culta.

O Sr. Herculano, bibliothecario da Real

bibliotheca da Ajuda, com cuja provada amisade me honro tanto quanto a nação deve gloriar-se de seus escriptos, tambem me tem ajudado não pouco com os preciosos achados que, no seu incessante lavrar das minas archeologicas, tem encontrado e repartido commigo. Por seu favor tornei a examinar, no Ms. original, o famoso cancioneiro ditto do Collegio dos Nobres, hoje na bibliotheca Real; e com éstas e com as collecções allemans e francezas, e creio que com quasi todas as dos povos do Norte, tenho collacionado as nossas rhapsodias populares, muitas das quaes, por este modo vim a conhecer visivelmente, que tinham a mesma commum origem. Os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard sôbre a lingua romance ou provençal me alluimiaram muita vez n'esta obscura e inredada tarefa.

A interessante e consciencioso memoria do Dr. Bellermann impressa em Berlim em 1840, e o conhecimento de que a sociedade alleman para a reimpressão dos livros raros estava publicando em portuguez o nosso Cancioneiro de Rezende; o interêsse geral que hoje

se tem desenvolvido no mundo pela litteraura popular das nações modernas e especialmente das nossas peninsulares — interêsse que, porfim e emfim, hade vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias, ainda que não seja senão pelas ver tam prezadas de extranhos — os conselhos e rogos do meu particular amigo e quasi compatriota nosso, o sr. João Adamson, tudo isto me fez alargar mais o plano da minha obra e collecção.

Resolvi, sob nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro-Geral*[1], reunir todos os documentos que eu podesse para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epocha actual, acompanhando-os de explicações e glossas, que vão servindo de nexo, que sejam como a liaça, o nastro que áte estes pergaminhós.

Quem não tem olhado senão á superficie da nossa litteratura, quem cego do brilho classico das nossas tantas epopeas, seduzido pela

[1] Alterou-se este plano; só se tracta por agora do *Romanceiro*.

flauta magica dos nossos bucolicos, enthusiasmado pelo estro tam ricco e variado dos innumeraveis poetas que, nos quartetos e tercetos sicilianos da elegia, da epistola e do soneto, rivalizam, e tantas vezes luctam de vantagem, com o proprio Petrarcha: quem, sôbre tudo —porque n'esse genero é a musa portugueza superior á de todas as linguas vivas —adora em Sá-de-Miranda, Ferreira, Diniz, Garção e Filinto o genio redivivo de Horacio e de Pindaro —não crê, não suspeita, hade ficar maravilhado de ouvir dizer, como eu quero dizer e provar no presente trabalho, que ao pé, por baixo d'essa aristocracia de poetas, que nem a viam talvez, andava, cantava, e nem com o desprêzo morria, outra litteratura que era a verdadeira nacional, a popular, a vencida, a tyrannizada por esses invasores gregos e romanos, e que a todos os esforços d'elles para lhe obliterarem e confundirem o character primitivo, resistia na servidão com aquella fôrça de inercia com que uma raça vencida, com que a população aborigine de um paiz resiste a igual impenho de seus conquistado-

res que lhe usurparam a dominação, e que, seculos e seculos depois, quando esses já não são, ou não cuidam ser, senão uma casta privilegiada e patriciana, reagem fortes aquell'outros com o que seus proprios senhores lhes insinaram, regenerados por seu longo martyrio, e extirpam muitas vezes, mas geralmente se contentam de avassallar, os seus antigos oppressores.

É a historia de todos os povos, e por consequencia de todas as litteraturas.

É a historia litteraria de Portugal no segundo quartel d'este seculo: é o que foi ésta reacção vulgarmente chamada romantica, mas que não fez mais do que trazer a *renascença* da poesia nacional e popular. Nenhuma coisa póde ser nacional se não é popular.

Aqui está o porquê, o como e o paraquê fiz a collecção de que este volume é a primeira parte, ou mais exactamente a introducção, e que apenas contêm o que eu, á mingua de melhor nome, designarei com o titulo de *Romances da renascença:* são os que resuscitei e como que traduzi das quasi apagadas e mu-

tiladas inscripções que desinterrei da memoria dos povos.

Os textos originaes d'estes, restituidos quanto é possivel, os de muitos outros que appareceram menos imperfeitos na mesma excavação, muitissimos que se têem achado em livros e papeis desprezados hoje, e em collecções Mss., estão promptos, classificados, annotados, e sahirão em seguimento d'este volume, apenas o permittam as difficuldades, sempre recrescentes em Portugal, de se publicar qualquer coisa.

Eu tenho posto termo, ou pelo menos suspensão indefinida a toda a occupação litteraria propriamente ditta, para absolutamente me dedicar, em quanto posso e valho, á conclusão de um trabalho antigo, mas interrompido muitas vezes, que agora jurei acabar; são *Vinte annos da historia de Portugal*, periodo que começa em 1820 e chega aos dias de hoje, mas que não sei se ja anda mais inredado e confuso do que o dos mais antigos e obscuros seculos da monarchia.

Espero começar a publicá-lo no fim d'este

anno [1]; e nenhum tempo ou logar me sobrará portanto para mais nada. O *Romanceiro* porêm e *Fr. Luiz de Sousa* estão promptos a entrar no prelo e, quanto é por minha parte, não farão esperar o público.

Lisboa, 12 de Agosto de 1843.

[1] Dez annos são passados e a promessa nem començou a cumprir-se (1853). Suppomos o A receioso de arrostar com a audaciosa responsabilidade de historiador contemporaneo.

ROMANCEIRO

LIVRO PRIMEIRO

I

ADOZINDA

AO SR. DUARTE LESSA[1]

Eis-ahi vai, meu amigo, o romance em que lhe fallei n'uma das minhas últimas cartas de Portugal. Estava quasi todo copiado; e aqui nem paciencia nem tempo me chegavam para as muitas correcções e alterações que elle precisava; por limar lhe vai, e por limar irá para a imprensa: tanto melhor para quem gostar de dizer mal, que não lhe faltará de quê.

Creio que é ésta a primeira tentativa que ha dous seculos se faz em Portuguez de es-

[1] Serviu de prefacio á primeira ed. de Londres no anno de 1828.

crever poema ou romance, ou coisa assim de maior extenção, n'este genero de versos pequenos, *octosyllabos*, ou de redondilha como lhe chamavam d'antes os nossos. No meu resummo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no primeiro volume do *Parnaso-Lusitano* impresso ultimamente em París,—a so coisa minha que ha n'aquella collecção, porque assim na escolha das peças, como na ordem e systema da obra me transtornaram e me inxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até malcreadas algumas,—n'esse resummo toquei de leve, e em tudo o mais, sôbre a belleza d'estes nossos versos *octosyllabos*, que nos são proprios a nós hespanhoes, tanto portuguezes como castelhanos, e, para certos assumptos e certos generos de poesia, mais adequados do que nenhuma outra especie de rhythmo. Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos: hoje está averiguado com certeza que não foi comeffeito elle o primeiro que nas duas linguas cultas das Hespanhas compoz dos taes versos hendecasyllabos; mas é certo e além

de toda a dúvida que do tempo de Boscan e de Garcilasso em Castella, e logo de Sá-de-Miranda e Ferreira em Portugal, começaram aquelles nossos metros primitivos a cahir em mais desuso, a não se impregarem senão em certo genero de poesia ligeira ou, segundo lhe os Francezes chamam, *fugitiva*. Francisco Rodrigues-Lobo e muito depois D. Francisco Manuel-de-Mello ainda n'elles fizeram romances historicos; Violante do Ceo muitas das suas lindas e agora tam mal appreciadas poesias; ainda se fizeram posteriormente eglogas, e o que os poetas da Phenix-renascida e os campanudos vates das mil e uma academias do seculo XVII e XVIII chamavam *romances* —que certamente não eram o que hoje strictamente sa intende por este nome. Em tempos mui posteriores felicissimamente os reviveu o nosso grande e incomparavel Tolentino na satyra, e no tam faceto e delicadissimo seu proprio e privativo genero da poesia *de sociedade*.

A nossa poesia primitiva e eminentemente nacional, a que do principio e, para assim

dizer, do primeiro balbuciar da nossa lingua, nos foi commum com todos os outros povos que mais ou menos tiveram communhão com a lingua provençal, primeira culta da Europa depois da invasão septentrional, foi seguramente o romance historico e cavalheresco, ingenua e ruda expressão do enthusiasmo de um povo guerreiro. Logo vieram esses trovadores de Provença e nos insinaram modos mais cultos porêm menos originaes e menos cunhados do sêllo popular: era coisa mais de côrte. E como tal não pôde absorver, senão modificar, o que brotára spontaneamente do natural da terra. Mas as duas feições ficaram ambas, e déram assim á poesia portugueza um character talvez unico no mundo,—nas Hespanhas decerto.

Em geral a poesia da meia-edade, singela, romanesca, apaixonada, de uma especie lyrica-romantica que não tem typo nos poetas antigos, comquanto deixou seu cunho impresso no caracter das linguas e poesias modernas de todo o sul e occidente da Europa, não teve comtudo imitadores nem se cultivou e apper-

feiçoou nunca mais, quasi desde o completo triumpho dos classicos, senão agora recentemente depois que as balladas de Bürger, os romances poeticos de Sir W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães, mas principalmente os do famoso escocez, introduziram este gôsto e o fizeram *da moda*. Fatigados do grego e romano em architecturas e pinturas, começámos a olhar para as bellezas de Westminster e da Batalha; e o appetite imbotado da regular formosura dos Pantheons e Acropolis, começou, por variar, a inclinar-se para as menos classicas porêm não menos lindas nem menos elegantes fórmas da architectura e da sculptura gothica.

Succedeu exactamente o mesmo com a poesia: infastiados dos Olympos e Gnidos, saciados das Venus e Apollos de nossos paes e avós, lembrámo'-nos de ver com que maravilhoso infeitavam suas ficções e seus quadros poeticos nossos bis e tres-avós; achámos fadas e genios, incantos e duendes,—um stylo differente, outra face de coisas, outro modo de ver, de sentir, de pintar, mais livre, mais

excentrico, mais de phantasia, mais irregular, porêm em muitas coisas mais natural. O antiquado agradou por novo, o obsoleto entrou em moda: arte mais fina, gòsto mais delicado e de ingenhos mais cultos o soube impregar habilmente, 'decalcar n'outra civilização.' A poesia romantica, a poesia primitiva, a nossa propria, que não herdámos de Gregos nem Romanos nem imitámos de ninguem, mas que nós modernos creámos, a abandonada poesia nacional das nações vivas resuscitou bella e remoçada, com suas antigas galas porêm melhor talhadas, com suas feições primeiras porêm mais compostas. É a mesma selvatica, ingenua, caprichosa e aeria virgem das montanhas que se appraz nas solidões incultas, que vai pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua, involta em veos de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite;—a mesma beldade mysteriosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da tôrre deserta, do claustro coberto de hera e musgo, e folga de cantar suas en-

deixas desgarradas á bôcca de cavernas fadadas—por noite morta e horas aziagas. É a mesma sem dúvida: porêm o gôsto mais puro e fino de seus adoradores, sem alterar a lithurgia, modificou os ritos e os accommodou para espiritos e ouvidos costumados aos hymnos, menos variados porêm mais cadentes, da antiguidade classica. Não ficou menos natural nem menos nacional, porêm muito mais amavel e incantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada agora.

Muito antes do nomeado escocez ja tinha havido tentativas para nacionalizar a poesia moderna e a libertar do jugo da theogonia d'Hesiodo:—mas a propria e verdadeira restauração da poesia dos trovadores e menestreis, sem questão nem disputa, só W. Scott a fez popular e geral na Europa.—Com ella se restauraram tambem os metros simples e certos que mais naturaes são ao stylo cantavel, essencial ás composições d'aquelle genero.

Depois de muitas tentativas, de exame longo e reflectido, eu por mim convenci-me de que o metro proprio e natural de nossa

lingua para este genero de poesia, e para todos os generos populares, não era o hendecasyllabo, o que dizemos vulgarmente heroico. Os portuguezes são uma nação poetica, a sua lingua naturalmente se presta e spontanea se offerece ás fórmas e cadencias metricas; os nossos mais rudos camponezes improvisam em seus serões e festas com uma facilidade que deve de espantar os extrangeiros: mas observe-se que o metro d'estes improvisos é sempre sem excepção alguma o de redondilha de oito syllabas, rara vez o da endexa; acaso farão os versos compostos visivelmente de dois metros, isto é, os alexandrinos ou dittos de arte-maior. A causa é óbvia; aquella é a medição mais natural que lhes offerece a musica da lingua.

Entre as canções antiquissimas conservadas nos dois cancioneiros, o do Collegio dos Nobres (impresso por Sir Charles Stuart em París) e o de Rezende, ha muita variedade de metros; mas outras poesias mais antigas, os romances populares ou *xácaras*, que por tradição immemorial se conservam entre o povo,

principalmente nas aldéias, todos são no metro octosyllabo ou em endexas. Logo direi aqui alguma coisa mais de vagar sôbre éstas curiosissimas, e tam desprezadas mas tam interessantes, reliquias da nossa archeologia.

O genero romantico não é coisa nova para nós. Não fallo em relação aos primeiros seculos da monarchia: restam-nos ainda *specimens* das canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, de Egas Moniz, d'elrei D. Pedro Cru, mas são antiquissimos documentos de certo. As trovas dos Figueiredos, apezar do tam suspeito testimunho de Fr. Bernardo de Brito, creio, por convicção intima, que são das mais antigas composições poeticas da lingua que chegaram até nós. Não alludo porêm a epochas tam remotas e incultas. Depois de introduzido o gôsto classico por Sa-Miranda, e Ferreira principalmente, depois de esquecidas as graças singellas de Bernardim Ribeiro pelos mais ataviados primores de Camões e Bernardes, ainda então houve quem de vez em quando deixasse a lyra de Horacio e a frauta de Theocrito para tocar o alahude ro-

mantico dos menestreis. O proprio auctor dos Lusiadas nas canções, que, depois d'aquelle, são sua melhor composição, para meu gôsto; n'essas canções tam bellas e tam profundamente sentidas, tam repassadas de melancholia suavissima, em alguns episodios dos mesmos Lusiadas, foi todo romantico, e felicissimamente o foi. Francisco Rodrigues-Lobo, segundo ja observei, em muitas das pequenas peças que se incontram dispersas pelo *Pastor-peregrino*, pela *Primavera*, e nos seus romances moiriscos e historicos, é eminentemente romantico. Tal é Jeronymo Corterreal no *Naufragio-de-Sepulveda*, quando o deixam com a natureza e lho permittem ter *senso commum* as loucuras mythologicas com que perdeu tam bem escolhido assumpto, tam bellas scenas.

Deixando outros muitos, dos quaes o menor exame facilmente mostrará o mesmo, citarei aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro, que V. descobriu em Londres com o precioso achado dos papeis e livros do nosso infeliz Oliveira.

Depois que, na extincção dos Jesuitas, e pelos esforços da benemerita Arcadia se restauraram as bellas-letras e a lingua, e o verdadeiro gôsto poetico affugentou os *acrosticos* e os *labyrintos* seiscentistas, o genero classico resuscitou mais puro e tam bello nas lyras do elegante e puro Garção, do altisonante Diniz, do sublime Filinto, do numeroso Bocage, do classico Ribeiro-dos-Sanctos, do ingenuo Maximiano Tôrres, do galantissimo Tolentino, do philosopho Caldas; mas o genero romantico injustamente involvido na proscripção do seiscentismo, esse desprezado e perseguido, ninguem curou d'elle, julgaram-n'o sem o intender, condemnaram-n'o sem o ouvir.

No meu poemasinho do Camões aventurei alguns toques, alguns longes de stylo e pensamentos, annunciei, para assim dizer, a possibilidade da restauração d'este genero, que tanto tem disputado na Europa litteraria com aquelloutro, e que hoje coroado dos louros de Scott, de Byron e de Lamartine vai de-par com elle, e, não direi vencedor, mas tambem não vencido.

D. Branca, essa mais decididamente entrou na lice, e com o alahude do trovador desafinou a lyra dos vates; outros dirão, não eu, se com feliz ou infeliz successo.

Não é portanto, em nenhum sentido, novo hoje para a litteratura portugueza o genero romantico, nem me appresento agora com este meu romancesinho ao público portuguez a pedir privilegio de invenção ou patente de introducção. Se reclamo aqui prioridade é somente em ter instaurado as antigas e primitivas fórmas metricas da lingua em uma especia de poesia que tambem foi a primitiva sua, e ao menos a mais antiga de que tradição nos chegou.

De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma criada nossa, emtôrno da qual nos reuniamos nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de hinverno, recitar-nos meio cantadas, meio rezadas, éstas xácaras e romances populares de maravilhas e incantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singelleza da phrase, um não-sei-

qué de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me inlevava os sentidos em tal estado de suavidade melanchołica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de gôso innocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo [1].

Veio outra edade, outros pensamentos, occupações, estudos, livros, prazeres, desgostos, afflicções — tudo o que compõe a variada tea da vida, — e da minha tam trabalhosa e trabalhada vida! — tudo isso passou; e no meio de tudo isso, lá vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso, — e as noites da minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me, a lembrarem-me sempre.

Lendo depois os poemas de Walter Scott, ou, mais exactamente, suas novellas poeticas,

[1] O Sr. Duque de Ribas, bem conhecido na Europa hoje, tomou para epigrapho do seu *Moro-esposito* este paragrapho da presente carta: não me desvanece por mim, mas dá-me gôsto que precedessemos os nossos vizinhos na restauração da poesia popular das Hespanhas. *Ed. de* 1843.

as *ballads* allemans de Bürger, as inglezas de Burns, comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rhapsodias nossas continham um fundo de excellente e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.

Em París fui ver o cancioneiro do Collegio dos Nobres na defeituosa edição de Sir Charles Stuart; depois voltando a Portugal tornei a percorrer o de Rezende: no primeiro nada, no segundo pouco achei do romance historico ou narrativo. D'ésta ultima especie não ha impresso mais que esses duvidosos fragmentos conservados por Fr. Bernardo de Brito e por Miguel Leitão.

Recorri á tradição: estava então eu fóra de Portugal; stimulava-me a leitura dos muitos ensaios extrangeiros que n'esse genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha. Uma estimavel e joven senhora de minha particular amizade—a quem por agradecida retribuição é dirigida a introducção do presente romance—foi quem se incumbiu de me pro-

curar em Portugal algumas cópias das xácaras e lendas populares.

Depois de muitos trabalhos e indagações, de conferir e estudar muita cópia barbara, que a grande custo se arrancou á ignorancia e acanhamento de *amas-séccas* e lavadeiras e saloias velhas, hoje principaes depositarias d'esta archeologia nacional, — galantes cofres, em que para descobrir pouco que seja é necessario esgravatar como o *pullus gallinaceus* de Phedro, — alguma coisa se pôde obter, informe e mutilada pela rudeza das mãos e memorias por onde passou; mas emfim era alguma coisa, e forçoso foi contentar-me com o pouco que me davam e que tanto custou.

Assim consegui umas quinze rhapsodias ou, mais propriamente, fragmentos de romances e xácaras que em geral são visivelmente do mesmo stylo, mas de conhecida differença em antiguidade, todavia remotissima em todos. Comecei a arranjar e a vestir alguns com que ingracei mais; e para lhe dar amostra do modo por que o fiz, adeante copio um dos

mais curiosos [1], ainda que não dos menos estropiados, e com elle o restaurado ou recomposto por mim, o melhor que pude e soube sem alterar o fundo da historia e conservando, quanto era possivel, o tom e stylo de melancholia e sensibilidade que faz o principal e peculiar character d'estas peças.

A minha primeira idea foi fazer uma collecção dos romances assim reconstruidos e ornados com os infeites singelos porêm mais symetricos da moderna poesia romantica, e publicá-la com o titulo de *Romanceiro-portuguez*, ou outro que tal, para conservar um monumento de antiguidade litteraria tam interessante, e de que talvez só a lingua portugueza, entre as cultas da Europa, careça ainda; porque de quasi todas sei, e de todas creio, que se não pode dizer tal [2].

Mas sobreveio tanta interrupção, tanta distracção de tam variado genero, mortificações,

[1] É o do Bernal Francez, n'este vol. —Vid. tambem o vol. II, pag. 121.

[2] É o pensamento que agora se realiza.

cuidados, trabalhos mais serios; emfim desisti da impreza.

Ja tinha decorrido muito tempo, e voltado eu a Portugal, lembrando-me sempre de vez em quando este impenho tam antigo e tam fixo; e a occasião a fugir-me. Uma circumstáncia fatal e terrivel me fez voltar ás minhas queridas antigualhas. Lançado n'uma prisão pela maior e mais patente injustiça que jamais se ouviu [1], voltei-me, para occupar minha solidão e distrahir as amarguras do espirito, aos meus romances populares, que sempre commigo têem andado, como uma preciosidade, que bem sei não avalia ninguem mais, de que muita gente rirá, mas que eu apprecio, e me ponho ás vezes a contemplar, e a estudar como um antiquario fanatico a quem se vão as horas e os dias deante d'um tronco de estatua, d'um

[1] O auctor esteve por espaço de tres mezes preso sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim de tres mezes se achou materia de culpa! *Ed. de* 1828.— O jornal era o Portuguez, cuja moderação em doutrina, e urbanidade em estylo ainda não foram imitadas. *Ed. de* 1843.

capitel de columna, d'um pedaço de vaso etrusco, d'um bronze ja carcomido e informe, desinterrado das ruinas de Pompeia ou de Herculano. Mas quantos Davids e Canovas não faz, quantos Raphaeis e Miguel-Angelos não fez o estudo d'esses fragmentos que despreza porque mais não intende o vulgo ignorante!

Assim passei muitas horas de minha longa e amofinada prisão, suavizando mágoas e distrahindo pensamentos. —Tinha eu começado a ageitar outro romance que originalmente se intitula *A Silvana,* cujo assumpto notavel e horroroso exigia summa delicadeza para se tornar capaz de ser lido sem repugnancia ou indecencia. Era nada menos que uma nova Myrrha, ou antes o inverso da tragica, interessante, mas abominosa historia da mythologia grega; é um pae namorado de sua propria filha!—A filha joven, bella, virtuosa, sancta emfim. — A difficuldade do assumpto irritou o desejo de luctar com ella e vencê-la se possivel fosse. Dava larga o tempo, pedia extencção a natureza dos obstaculos; o que fôra começado para uma xácara, para uma cantiga,

ou, como lhe chamam Allemães e Inglezes, para uma *ballada*, sahiu um poemeto de quatrocantos, pequenos sim, porém muito maiores do que eu pensei que fossem, e do que geralmente são taes coisas. Mudei-lhe o titulo e chamei-lhe *Adozinda*, que soa melhor e é portuguez mais antigo. O fundo da historia, as circumstâncias do desfecho d'ella são conservadas do original; o ornato, o mechanismo do maravilhoso é outro mas accommodado, creio eu, ao genero e á indole do assumpto.

Mando-lhe aqui tambem uma cópia do romance original para ver e combinar. É dos mais mutilados e desfigurados, mas certamente dos que têem mais visiveis signaes de vetustade quasi immemorial [1].

Ora eis-aqui, meu amigo, a historia e origem da minha *Adozinda*, gerada no exilio, nascida entre sustos, criada na miseria e padecimentos de uma prisão. Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este ro-

[1] Está a pag. 101 do II vol. do ROMANCEIRO, liv. II, part. I, rom. 8.

mancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memorias que me lembra, pelas affecções que me desperta. — Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos tam longos em que o deixei! — até o nascimento e a morte de uma filha unica, tam querida e para sempre chorada!...

Adeus, meu amigo: não sei o que ahi vai escripto, nem como. São ideas sem nexo, pensamentos desatados, coisas á toa como o espirito de quem as escreve. Lea-as assim, e assim se imprimam se porventura estão em termos d'isso, — do que muito duvido, porque eu por mim, nem que me dessem os louros de Camões, ou me fizessem apotheoses como a Homero, me punha a corrigir, nem siquer a rever o que ahi vai escripto, quer prosa quer versos [1].

Londres, 14 d'Agosto de 1828.

[1] Corrigiu-se comtudo agora ésta carta para a presente reimpressão, porque escripta muito á pressa em Londres logo ao chegar de Portugal, não tinha agora essa desculpa, que então podia valer. *Ed. de 1843.*

A ELYSA

Campolide, 11 d'Agosto 1827.

Thus, while I ape the measure wild,
Of tales that charmed me yet a child,
Rude though they be, still with the chime
Return the thoughts of early time;
And feelings, roused in life's first day
Glow in the line, and prompt the lay.

WALTER SCOTT.

Campo da lide é este; aqui lidaram,
Elysa, os nossos quando os nossos eram
Lidadores por glória,—aqui prostraram
Suberbas castelhanas, e—venceram;
Que pelo rei e patria combatendo
Nunca foram vencidos Portuguezes.
—Este terreno é sancto: inda estás vendo

Alli aquelles restos mal poupados[1]
Do tempo esquecedor,
Dos homens deslembrados;
Nobres reliquias são d'altas muralhas
Forradas ja de lucidos arnezes,
De tresdobradas malhas.
Talvez fluctuava alli n'aquelle canto,
Suberbo o vencedor
Das Quinas o pendão victorioso;
E junctos ao redor
D'esse paladio augusto e sacrosancto,
Invencivel trincheira lhe faziam
Toda a flor dos mais nobres e esforçados;
Que á voz da patria (voz que nunca ouviam
Sem sentir redobrados
Do nobre coração os movimentos)
Heroes são todos, facil a victoria,
Faceis as palmas que lh'infeixa a glória.

Ah! — paremos aqui: — ve quaes na frente
As arterias violentas me rebatem:
Febril, descompassado corre e ardente
E me angustia o sangue... — Ah! sim paremos
Aqui... Não, aqui não; esse outeirinho
Depressa o desceremos.
Faz-me bem ésta vista: — essas arcadas[2]
Suberbas, elevadas,

[1] Ruinas de fortificações antigas em Campolide. Vid. notas no fim.
[2] Aqueducto das aguas livres. — Vid. notas no fim.

Que uniram monte a monte e serra a serra,
Acaso não serão
Tam illustres talvez,—não lembram guerra,
Glória não lembram; nem com sangue livido
A morte da victoria companheira
Para o erguido padrão
O cimento amassou.
Um rei que amou as artes, rei pacífico,
A quem amor fadou
Que seu fôsse e das musas,—que fugidas
Da pátria ha tanto, á patria as volveria;
Do povo á utilidade
Este sublime monumento erguia.
Para a posteridade
Isto só lhe appurou e nome e a glória,
E lhe ganhou as paginas da historia.

Inda é muita oppressão; inda me acanha
Tanta arte humana o coração no peito.
Tam grandes massas, fábrica tammanha
Absorto deixarão—mas satisfeito
O ânimo, os sentidos?.. Não, Elysa,
Não satisfaz ao homem a arte humana:
Por mais que ella se uffana,
Que aos abysmos o centro opprime e pisa
C'os fundamentos de eternaes pyramides,
Ou c'os erguidos vertices
Ás nuvens rasga o seio tempestuoso.
Nem assim:—á tristeza ou á alegria,

E àquelle estado de innefavel gôso
Que entre a dor e o prazer a alma suspende
Brandamente e se diz *melancholia*,
Oh! nada d'isso o excita.
Oh! nada d'isso o coração intende!
Oh! nada d'isso o espirito nos move
Se a natureza, a pura natureza
Por sua ingenua attracção nos não commove.
Posso admirar o homem e a grandeza
De suas nobres feituras,
Mas somente admirar;
Mais não póde excitar
Mesquinha creação de creaturas.

Vamos por essa incosta
Subindo.—Eu gósto do alto das montanhas,
Dos picos das erguidas serranias,
O avaro á terra mão abra as intranhas,
Cave oiro e crimes, com que incurte os dias
Seus e dos seus, e a sombra da virtude
Acabe de varrer da face d'ella.
Mas o que, em paz commigo e co'a existencia,
Ainda ama a innocencia,
Inda se apraz co'a natureza bella,
A seus quadros surri, com seus dons gosa,
Oh! esse venha ao cume do alto monte,
Venha estender a vista saudosa
Pelo valle que á falda lhe verdeja,
A messe que loureja,

E a despenhada fonte
Que vai garrula e trepida saltando
Té que se junta em cava pederneira.
D'onde sai, o arco d'Iris imitando
Na espadana da férvida cachoeira.
Venha na solidão — e o só dos montes
É mais só que nenhum, — o silencioso
Mais augusto, solemne e magestoso!
Venha na solidão
Comsigo conversar, fallar um'hora
Com o seu coração.
— Quantos ha que annos longos hão vivido
C'os outros sempre, sempre c'os de fóra
Sem viverem comsigo nem um dia,
Nem um momento só!
Tenhamos d'elles dó;
Viver não.... têem apenas existido.
Tua meiga companhia
É doce, Elysa; e sempre na minha alma
Foi teu brando fallar — e quantas vezes! —
Celeste orvalho que abrandou a calma
De paixões, que adoçou o agro a revezes:
Porém a minha solidão querida,
De vez em quando, lá quando alma o pede;
Oh! não m'a tirem: que é tirar-me a vida.
Agora conversemos: eu ignoro
A arte das vans palavras que bem soam;
Oiço-as, e não demoro
No ouvido os sons que de per si se escoam.

O sol declina; — temos largamente
Hoje philosophado.
Na viva flor da edade e da saude
Nem de todos seria accreditado
Que tam suavemente
Em austeras conversas de virtude
Nos fôsse o tempo.—Crê-me, Elysa amavel,
Tem muito mais prazeres a amizade
E mais doces que amor:
Para todos os sexos, toda a edade,
Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,
Sem o cancro roedor
Do ciume voraz que no mais puro
D'amor, no mais seguro
Suas raizes venenosas lança,
E co'a mais branda flor
Seus mordentes espinhos lhes intrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta
Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,
Da virtude a tyranna:
Não nos illuda a tam commum cegueira;
Detesta o crime quem amor detesta.
Crimes! — vê a amizade prazenteira,
Que nenhuns tem; — e amor, ai! quantos, quantos!
Honras perdidas, thalamos violados,
Os vinculos mais sanctos
Dos homens e de Deus, da natureza,
Da propria natureza — espedaçados

Por esse amor, que sua tocha accesa
Do vivo fogo traz do averno immundo
Para de crimes abrazar o mundo.

Honesto, justo, sancto, consagrado,
Nada respeita: — o sangue, o altar em meio
De seus desejos não é termo ou freio;
Não ha pomo vedado
No Eden da virtude
Que a mão perversa e rude
Tocar não ouse, — árvore da vida
Que dos gryphos mordida,
Em peçonha de morte não converta,
E a seiva salutar já corrompida
Em lethal beneficio não perverta.
Lembra-te aquella historia
Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta,
E de longa memoria
Entre elles perpetuada,
É singella legenda de uma sancta,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só do crime escapou no seio á morte?
Eu a canção magoada
Em verso menos rude,
Mais moldado verti, dei novo córte
Ao vestido antiquissimo, á simpleza
Que ha seculos lhe deu
De nossos bons maiores a rudeza.

—Sereno está o ceo,
Tranquillo o vento, a calma descahida;
E, pois que não te infada
A singella toada
Do bardo alahude que sem arte soa
E a rhyma desgarrada
Da popular canção rustico intoa,—
Aqui t'a cantarei, ouve: e se ao pranto
Te commover a saudosa endeixa,
Na selvagem bonina,
Na campainha agreste d'esse mato
Arrociá-lo deixa;
São lagrymas sinceras, propria fonte
Para regar as innocentes flores
Que arte não sabem nem conhecem arte;
Flores como os meus versos não variados
De refinadas côres,
Em que alma só e coração tem parte,
Não por classica musica modulados
Ao graduado som de grega lyra,
De cithara romana.
A minha é melodia que só mana
Dos intimos accordes só do peito;
Nem ha corda que tira
Em meu alahude rustico
Tom menos natural, mais contrafeito.

Em suberbos canaes, alto impedrados
Por ingenhoso hydraulico,

.Vão d'arte subjugados
Os caudaes da torrente conduzindo
Riquezas de preciosa mercancia:
E o arroio, que serpeia entre pedrinhas
Pela relva macia,
Bordado em-tôrno sinuosamente,
Que póde elle levar
Em sua doce e trépida corrente?
—Alguma folha de silvestre rosa
Que, ingenua divagando,
Pastorinha formosa
Lhe foi acaso á margem desfolhando.

ADOZINDA

CANTIGA PRIMEIRA

No, I'll not weep:
I have full cause of weeping; but this heart
Shall break into an hundred thousand flaws
Or ere I'll weep.

SHAKSPEARE.

I

Onde vas tam alva e linda,
Mas tam triste e pensativa
Pura, celeste Adozinda,
Da côr da singella rosa
Que nasceu ao-pé do rio?

Tam ingenua, tam formosa
Como a flor, das flores brio
Que em serena madrugada
Abre o seio descuidada
A doce manhan d'Abril!
—Rõupas de seda que leva
Alvas de neve que cega
Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva.
Cinto côr de violeta
Que á sombra desabrochou;
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
Anneis louros do cabello
Como o sol resplandecentes
Folgam soltos; dá-lh'o vento,
Dá no veo ligeiro e bello,
Veo por suas mãos bordado,
De um sancto ermitão fadado
Que vinha da Palestina;
Passou pelo povoado,
Foi-se direito ao castello
Pediu pousada, e lh'a deram
Porque intercede a menina:
Que o pae suberbo e descrido,
—'N'essa gente peregrina,
Disse, quem sabe o que vem?'
—Mas pede Adozinda bella,
Tal virtude e formosura,

Quem lh'o hade negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem.

II

Mas o outro dia á luz nada
Houve quem visse Adozinda
Debruçada em seu balcão
Haver prática alongada
Co' aquelle velho ermitão.
Quem sabe o que lhe elle disse?
—Ninguem no castello ouviu:
Mas d'aquella occasião
A alegria lhe fugiu
Dos olhos e do semblante:
Ficou triste, sempre triste;
Mas em seu rosto divino
Fez-se formosa a tristeza.
Como olhos d'amor quebrados
Disseras os olhos d'ella;
Mas não tem d'amor cuidados,
Que a ninguem conhece a bella.

III

Qual semente arrebatada
Da flor de vergel mimoso
Pelos furacões do Outomno,
Vai no incôsto pedregoso

Cahir de serra escalvada;
Vem Abril, e a seu bafejo
Brota e nasce a linda flor,
De ninguem vista ou sabida,
Nem de damas cubiçada
Nem de pastores colhida,
E o vento da solidão
Lhe bebe o perfume em vão.

IV

Quinze annos tem Adozinda;
E desd'a vez que o romeiro
Do saio pardo e grosseiro
Lhe fallou ao seu balcão,
Faz tres para o San-João.

V

E Adozinda sempre triste
Vai sosinha pelo eirado
Pelo jardim, pelo prado;
Nem ja a divertem flores
Em que punha o seu cuidado.
Pelos sombrios verdores
De sua espessa coutada
Vaga á toa e derramada,
Como a novilha perdida,
Como a ovelha desgarrada

A quem o tenro filhinho
Lobo do mato levou:
—Desfaz-se a mãe em balidos,
Que de ninguem são ouvidos,
E o filhinho não tornou!

VI

Que tem Adozinda bella
Que em tal desconsôlo a traz?
Serão saudades do pae
Que anda co'os Mouros á guerra
Por defender sua terra
Mais a sancta lei de Deus?
Tres annos ha que se foi;
E dous filhos que levou,
A cadaqual sua espada
Com juramento intregou
De lh'a tornarem lavada
No sangue mouro descrido:
E assim cada um jurou.
Fizeram gente em suas villas,
(Que preito muitas lhe dão)
E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.
Ja vejo chorar donzellas,
Vejo carpir muita dama,
Que onde chega Dom Sisnando,
Com sua espada portugueza

Não ha lanças nem rodellas
Que sirvam para defesa.

VII

Mas não são do pae saudades,
Que sempre a lidar com armas
Como ellas duro se fez;
Mais lhe importam do que a filha
Seus ginetes, seu arnez.
E até—quem diria tal!—
Quando a mãe, por diverti-la,
Lhe falla do pae ausente
E lhe diz que hade voltar,
Parece que se lhe sente
O coração apertar.
—Suspira em silencio Auzenda,
Auzenda tam bella ainda
Que ao-pé da bella Adezinda
Mais irman que mãe parece
De filha tam môça e linda.
Suspira em silencio a triste,
Porque suspira não diz:
—'Filha amante de seu pae
Conceder-me o ceo não quiz!'
—Ai! que sem razão se chora!
—Ai! Auzenda malfadada,
Tem de vir minguada hora
Que á filhinha desgraçada
Darás mais razão que agora.

VIII

Que tropel que vai nos paços
De Landim ao-pé dos rios!
Sons de festa e sons de guerra
Em seus muros e alta tôrre?
Geme a ponte, treme a terra
C'o peso d'homens armados.
Cavallos acobertados
Trotam ligeiros;—e corre
O alferes que tremolando
Vai guião de roxa cruz...
Ja chegado é Dom Sisnando.
Entre os cavalleiros todos
Sua armadura reluz:
E o pennacho fluctuante
Das plumas alvas de neve
Sôbre o elmo rutilante
De longe a vista percebe.

IX

—'Portas do castello, abri-vos,
Correi, pagens e donzellas,
Que é chegado meu senhor,
Meu espôso e meu amor!'
Auzenda bradava e corre.
Portas se abrem, soam vivas,
E o echo da antiga tôrre

Com o som festivo acordou.
--'Viva, viva Dom Sisnando!'
E o tropel que dobra e cresce,
E ás portas que chega o bando
Dos guerreiros triumphantes.
Do corcel suberbo desce
E aos braços anhelantes
Da cara espôsa voou.
Doce amor que os apertou
Não lhes deixou mais sentidos
Que para se ver unidos,
Ajuntar-se peito a peito,
E em laço tam brando e estreito
Longa saudade afogar.
A Auzenda gotteja o pranto,
Pranto que é todo alegria;
E o rosto que nunca infia
Do esforçado lidador
Tambem sentiu—mais que a dor
Póde o gôso!—descuidada
Uma lagryma sensivel
De seus olhos escapada.

X

Mas as lagrymas de gôsto,
Como as de mágoa, teem fim;
Dom Sisnando inchuga o rosto,
E tomando a mão á espôsa:

—'D'onde vem, lhe diz, senhora,
Que a joia mais preciosa
Não vejo d'estes meus paços,
D'onde vem que aos meus abraços
Minha filha?...' A filha bella,
Pasmada, trémula, a um lado,
O rosto ao chão inclinado,
Parecia humilde estrella
Que ao primeiro raio vivo
Do sol que no alvor reluz
Não fica, não, menos bella,
Porém pállida e sem luz.

XI

Tres annos já são passados
Que Dom Sisnando a não via,
N'essa joven, linda dama
Sua filha não conhecia.
—'Ei-la aqui, senhor,' dizia
A mãe, que d'um braço a trava,
'Ei-la aqui.'—Os olhos crava
O pae na formosa filha,
E de assombro e maravilha
Mudo, estatico ficou.
Cora Adozinda, suspira,
E—'Pae!' disse em voz tremente
Submissa...—; languidamente
Ajoelha, osculo frio

Na paterna mão imprime:
Pranto que atelli reprime,
Corre agora em sôlto rio.
—'Que tens tu, filha querida,
Que assim choras tam carpida?
É teu pae, que hade querer-te,
Que hade amar-te como eu te amo.'
E tomou-a nos seus braços,
E a levanta Auzenda bella.
Pasma o pae, suspira ella;
E a custo os doces abraços
De pae, de filha se deram.

XII

Pouco alegre a companhia
Entrou nos paços brilhantes;
E os atabales soantes
Pregoaram festa e alegria
No castello de Landim.

CANTIGA SEGUNDA

But yet thou art my flesh, my blood, my daughter!

SHAKSPEARE.

I

Oh! que alegrias que vão
Pelos paços de Landim!
Que magnificos banquetes,
Que sumptuoso festim!
Juncto ao valente campeão,
Á cabeceira da mesa
Ficou a bella Adozinda.
Á tam celeste belleza
Estão todos admirando;
E o imbevecido Sisnando
Não se farta de abraçá-la,
De beijar filha tam linda.

Auzenda de gôsto chora,
E abençoa a feliz hora
Em que tanto amor nasceu.
—'Inda bem' diz 'que a rudeza
De tanto lidar com armas
Á innocencia, á belleza
Da amada filha cedeu!'
Ella as caricias paternas
Ja não ousa de esquivar-se;
Cora, mas deixa abraçar-se;
Ve-se que tantos affagos
A repugnancia venceram
Da timidez natural,
—Ou, se outra causa fatal,
Mais incuberta ella tinha...
Ao menos lh'a adormeceram.

II

Ja de exquisitos manjares
Os convivas saciados,
De folias e cantares
Pagens, donzellas cançados,
E dos brindes amiudados
Finda a primeira alegria,
Doce repoiso pedia
Quanto ésta noite em Landim
Velou em baile e festim.
A seus nobres aposentos

Adozinda retirada,
Com permissão outorgada
—A custo—do pae, se foi.
Auzenda, em grave cortêjo
De suas damas rodeada
Deixou ha muito o festêjo,
E em seu camarim deitada
Espera o momento anciosa
Em que a sós a amante e a espôsa
Nos braços de Dom Sisnando
Se hãode em breve confundir.

III

Como um tapete mimoso,
Juncto ao paço de Landim
Se estende jardim formoso,
De boninas arrelvado
Da verde gramma e de flores:
Remata em bosque frondoso
Cujos opacos verdores
Eternas sombras acoitam.
—De pesados sentimentos
Oppresso o peito fremente,
A respirar livremente
O ar puro da noite fria
Entrou insensivelmente
Dom Sisnando em seu vergel.
Jamais tam rico docel

De azul bordado d'estrellas
Se estendeu por sôbre a terra
Do estio nas noites bellas.

IV

Alta a lua vai no ceo,
E as sombras leves e raras
Não impedem ás florinhas,
Não tolhem ás aguas claras
De brilhar co'a luz nocturna,
Menos resplendente e fúlgida,
Porém mais suave e placida,
Mais amavel que a diurna.
Manso o vento, que murmura
Entre as folhas brandamente,
Convida suavemente
A respirar, a bebê-la,
Essa fresca viração,
Das flores exhalação,
Tam doce como o bafejo
De dous amantes queridos
Quando por amor unidos
Se dão mútuo e doce bejo.

V

Na feiticeira belleza
Da noite, do ceo, das flores

Várias d'aroma e de côres,
Sisnando todo imbebido,
No seio da natureza
Do resto do orbe esquecido,
Pouco a pouco a agitação
D'alma lhe foi abrandando,
E o pesado coração
Do affôgo desappertando:
Ja póde gemer,—suspira,
E como que se lhe tira
Um pêso de sôbre o peito,
Que a suspirar foi desfeito.

VI

Porque geme, porque anceia
Dom Sisnando, o lidador?
Sisnando, o triumphador,
Cujo alto pendão campeia
Victorioso e senhor
Por tanta suberba ameia
De nunca entrado castello,
De jamais vencida tôrre!
—Dor que lhe nasce no peito
É dor que no peito morre;
Ancia que lhe ralla a vida
Não é para ser sabida.
—E desde quando? ha tam pouco
Feliz e ditoso ainda,

Com tanta alegria e júbilo
Festejada sua vinda!..
Vassallos, espôsa, filha...
Filha!.. A filha é tam formosa!
Oh! essa Adozinda bella
Nos olhos incantadores
Tem com que matar d'amores
A metade dos humanos!
Não, não é peito sensivel
Peito que lhe resistir:
Mas o pae!.. não é possivel.

VII

Não é, não é.—Mas Sisnando,
Sem saber onde caminha,
Melancholico e pesado,
Insensivel foi entrando
Pelo bosque immaranhado
Que ao jardim avizinha:
E o silencio, que o seguiu,
Que no espesso coito habita,
Nem um verde ramo agita,
Nem uma folha bulia.
—Á toa por entre as árvores
Sem seguir carreira ou trilho,
Nem guiado d'um só brilho
De frouxa estrella que entrasse
Por tam medonha espessura,

Ora lento e vagaroso,
Ora os passos apressura,
Ja por caminho fragoso,
Ja por vereda macia,
Té que n'um claro onde os troncos
Escasseiam de repente,
E onde pallido e tremente
Seu reflexo a lua infia,
Sem o saber, foi parar.

VIII

Agreste, não feio é o sitio,
Medonho, horrivel de ver;
Porém tem a natureza
Horrores que são belleza,
Tristezas que dão prazer,
Mão d'arte alli não chegou;
A virginal aspereza
Ficou em toda a rudeza
Que a creação lhe deixou.
De um lado, choupos anciãos
Seus ramos lobregos pendem,
E o vivo seixo fendem
Crespas raizes nodosas
Das sovereiras annosas
Que as cortiças remendadas
Têem dos estios lascadas
A pedaços a cahir.

—Do outro, altivos rochedos,
Como do ceo pendurados,
Diffundem pallidos medos
Que em funda gruta acoitados
De espectros a povoaram.
—Di-lo toda a vizinhança,
Que ou são sombras de finados,
Qu de negras bruxas más
Alli ha nocturna dança.
—Redobra ao sítio o pavor
Um jôrro alto que despenha
Saltando de penha em penha,
E os echos em deredor
Vai temeroso acordando.
Este unico som d'horror
Á callada solidão
Da mudez quebra o condão.
—Sisnando, o ardido Sisnando,
O do forte coração,
Sentiu soçobrar-lhe o ânimo:
Uma voz dentro do peito
Lhe diz que não passe ávante;
Mas outra voz mais possante,
Outra voz que é voz do fado,
Voz que ao mortal desgraçado
Não deixa fôrça ou razão,
Lhe brada: *Persiste, segue...*
—Ai do que a ella se intregue,
Que se intrega á perdição!

IX

No seixo cavada grutta
Tem escassa entrada aberta,
Quasi de todo cuberta
De festões d'hera lustrosa
Que cingindo a rocha bruta
Pende em grinalda ramosa.
Entre as folhas, que meneia
Ligeiro sôpro de vento,
Viu Sisnando—e alma lhe anceia—
Um lampejar vago, incerto
De luz fraca,—ouve um accento
De voz doce mas gemente,
Voz que se ouve que está perto,
Que intoa suavemente
Uma angelica harmonia,
Tam triste que faz chorar!
E ésta voz assim dizia
Em seu languido cantar:

—'Anjos do ceo, acudi-me,
Valei-me, sanctos do ceo,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

'Sancto ermitão, que me deste
Aquella esperança ainda
Que a desgraçada Adozinda

Viria a ser venturosa
Apóz de longo penar...
Sorte que vieste
Sôbre mim deitar,
Sorte desastrosa
Vem ver começar.

'Anjos do ceo, acudi-me,
Valei-me, sanctos do ceo,
Que me rouba mais que a vida
Quem só a vida me deu.

Mas ah! tam negro crime,
Tam horrida paixão
D'um pae no coração...
D'um pae...—Como é possivel?
Não, não, não ha-de entrar.'

X

—'Pois treme, infeliz, e sabe
Que essa horrorosa paixão
Aqui n'este coração...'
Sisnando, a quem ja não cabe
No peito a angústia, o tormento
De tam criminoso amor,
N'estas vozes de terror
Rompendo, a caverna entrou.

XI

Oh que pavoroso instante!
Os anjos todos cubriram
Seus rostos co'a aza brilhante;
Sem vento os troncos d'emtôrno
A ramagem sacudiram;
A lua no ceo mais pallida
Como de susto infiou
E para traz da montanha
Foi correndo, e se eclipsou.

XII

Quem hade a filha chorar
Que está nos braços paternos!
Oh! quem se hade horrorizar
Dos beijos doces e ternos
Que o amor... — Que amor é esse
De ouvir tam medonho horror
O proprio inferno estremece,
E só lá... ha tal amor!

XIII

Oh! como heide eu cantar
Se no peito a voz me treme!
Historia que é de chorar,
Quem a diz não canta, geme.
—Só não gemia Adozinda,
Que toda morta, gelada,

Sancto Deus! — mais bella ainda,
Na viva rocha, estirada
Como um cadaver ficou.

XIV

E o pae ousou levantá-la,
E apertar juncto a seu peito
Aquella morta belleza!
— Repugnou a natureza;
E, da paixão a despeito,
De si a affasta, vacilla...
O anjo da sua guarda
Inda um momento o resguarda...
Mas ha na terra ou no ceo
Fôrça maior que a paixão,
Que subjugue um coração
Que d'amor indoudeceu?
Se a ha, não lhe acudiu Deus,
Venceram peccados seus.
Lembrou-lhe fugir... ficou:
Sim, lembrou-lhe a salvação...
E á sua condemnação
O infeliz se votou.

XV

Geme, chora; altos soluços
Do peito lhe véem bradando;
Porém fugir de Adozinda
Não póde o triste Sisnando.

Ella acorda, e em voz sumida:
—'Piedade, senhor, piedade!...'
Só póde dizer: perdida
Nos echos da soledade
Vai soando e murmurando
A voz triste e condoida.
Ouve-a elle; e o coração
No peito lhe estremeceu;
Na execranda pretenção
Recúa,—mas não cedeu.

XVI

Palavras que lh'elle disse,
Respostas que lh'ella deu,
Oh! não as contarei eu,
Não as contará ninguem....
Quiz que lh'ella promettesse
(E a terra alli não se abriu
Quando tal a um pae ouviu!)
Que para a noite seguinte,
Quando tudo em paz jazesse
Em seu leito o recebesse....

XVII

Chora a infeliz, chora, geme,
De horror e de pasmo treme:
Insta o perigo imminente,

A esperança na demora....
Com voz cortada e gemente:
—'Senhor, não insteis agora,
Deixae-me cobrar alento,
E ámanhan responderei.'
—'Pois solemne juramento
Farás de que...'—'Sim, farei...'
—'Que ámanhan, antes que o dia
Do horisonte despareça,
Darás resposta final.
E ai de ti, ai do mortal
A quem ousasses!...—Pereça
O infeliz n'esse momento:
Só a morte, só o inferno
De meu cru resentimento
O poderiam salvar.'

CANTIGA TERCEIRA

I *must* a tale unfold whose lightest word
Will harrow up thy soul; freeze thy blood;
Make thy two eyes, like stars, start from their spheres.

SHAKESPEARE.

I

Que mau fado, que hora má,
Oh! qual agoirada estrella
Levou Adozinda bella
Á fadada grutta escura?
Que foi ella fazer lá?
No mais denso da espessura,
A tão aziagas horas,
Só, alta noite, a deshoras,
Sem donzella ou escudeiro,
Como o pedia a decencia,
Sem levar mais companheiro

Que sua debil innocencia,
Que seu joven coração!

II

Quem o sabe?—No castello
Nem a propria mãe, que a adora,
Que pela filha querida
Dera tudo, dera a vida...
Nem a propria mãe sabê-lo!
E como é que Auzenda ignora,
Por que incanto ou maravilha,
Que ao pino da meia noite
Todos os dias a filha
O escuro parque atravessa,
E tenteando a treva espessa
Vai sosinha áquella grutta
Que no mais claro do dia
Ninguem a entrar ousaria?
—Mas vai; não o sabe Auzenda:
N'este segredo fatal
Coisa sobrenatural,
Coisa medonha, tremenda
Ha por certo... oh! que inda mal!

III

Desde aquella madrugada
Que Adozinda em seu balcão

Fallou e'o velho ermitão,
De noite á grutta fadada
Sempre vai. Sibille o vento
No bosque medonho e feio,
Ás nuvens o pardo seio
Rasgue horrisono trovão,
Nada teme; a passo lento,
Só, para alli se incaminha
E em rezas, em penitencia
Horas longas jaz sosinha.
Talvez d'aquelle romeiro,
Por salutar providencia,
Seu fado lhe foi preditto;
Talvez lhe fôsse prescritto
Por tam sancto conselheiro
Que passasse em oração
N'aquellas medonhas fragas
Certas horas aziagas
Em que a fatal conjuncção
D'um astro seu inimigo
Maior fizesse o perigo
Da terrivel maldicção
Que a persegue, — ella innocente! —
Que tam injusta cahiu
N'aquella votada frente...
Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldicção!
E quantas não attrahiu
Sôbre a familia inculpada

VI

—'Filha, filha... a ésta hora!
Que succedeu?... que tens tu?
Callada Adozinha chora.
—'Ai, não, não me chameis filha!'
Rompe em fim, a soluçar,
Nadando n'um mar de pranto.
Pasmo, terror, maravilha,
Susto, medo, horror, espanto
No peito da triste Auzenda
Em confusão estupenda
De tropel foram quebrar.
—Que será?—E esse tyranno
De todo o socégo humano,
Dúvida, o monstro fatal,
Que até nos deixa a esperança
Paraque do incerto mal
Seja maior a pujança,
Venha mais fino o punhal
Quando n'alma se nos crava,
Esse do peito lhe trava,
E ao cruel padecimento
Dobra angústias e tormentos.

VII

Adozinda, ajoelhada
Juncto ao leito onde convulsa

Jaz a mãe attribulada,
Do coração, que lhe pulsa
Como se fôra quebrar,
Traz d'amargo pranto um rio,
Que dos olhos vem a fio
As maternas mãos banhar;
As mãos que ella aperta e beja,
E que o pranto que gotteja
Ja não sentem derramar.

VIII

Volve a ti, mãe desgraçada,
Volve, que o morrer agora
Tammanha ventura fôra
Que da sorte despiedada
Concedido não será.
Vem ouvir tua sentença
De morte... peior que morte,
Vergonha horrorosa, offensa...
E de quem!... de teu consorte,
Do pae monstro, monstro espôso...
Ai! para o tormento odioso,
Para tammanha afflicção
Não tem força o coração.

IX

Tudo lhe conta Adosinda,
Tudo... tudo,— interrompendo

A horrorosa narração
Ora as lagrymas fervendo,
Ora os soluços rompendo
Do rasgado coração,
Ora os labios descorados
De pejo e terror gelados,
Sem podêr nem balbuciar
O que é fôrça revelar.

X

—'Irás' disse Auzenda emfim,
E a voz, que treme, assegura:
'Irás a teu...'—*pae* não disse,
E um som rouco lhe murmura
Nos labios onde a meiguice,
Onde a maternal ternura
Procuram em vão surrir:
'Irás, filha, a Dom Sisnando
E lhe dirás que...'
—'Senhora!'
Interrompe ella chorando
—'Que' torna a mãe 'quando a hora
Da meia-noite soar,
Em teu quarto o hasde esperar.
Não temas, filha, não tremas,
Não chores, minha Adozinda,
Querida filha, não gemas,
Que hasde ser feliz ainda.
No angustiado seio

Guardemos inda a esperança:
Do ceo mandada me veio
Uma ditosa lembrança
Que nos poderá salvar.
No teu leito d'ouro fino
Sou eu que me heide ir deitar;
Tua camiza de hollanda
A meu corpo heide lançar:
E quando elle nos seus braços
Ter Adozinda julgar...
Ah! que o ceo hade abençoar
Este ingano virtuoso,
E a ser pae, a ser espôso
Dom Sisnando hade voltar.'

XI

O dia em rezas passaram
Em devotas orações;
Mas quando as trevas poisaram
Sôbre as muralhas da tôrre,
Voltaram as afflicções:
E o tempo—que leve corre
Para todos os viventes—
Só áquellas innocentes
Accintoso parecia
Que da ampulheta fadada
Bago por bago espremia
Cada hora minguada.

XII

Emfim meia-noite soa:
Dom Sisnando, aguilhoado
Do torpe amor—do peccado,
Impaciente ao prazo voa
Que elle d'amor julga dado.
Como louco, arrebatado
Corre ao leito de Adozinda,
Cego béja a face linda,
Que decerto não é d'ella,
Mas que não é menos bella;
Ao convulso peito aperta
Aquelle peito formoso...
—Desgraçado, é tempo ainda,
Do cruel sonho desperta,
Que ao precipicio horroroso
Ja te vai a despenhar!...

XIII

Dom Sisnando é criminoso
Quanto o podia ficar;
Do intento abominoso
Nada resta a consummar.
Ja tristemente acordou
De seu delirio fatal,
E surrindo amargamente,
Á infeliz assim fallou:

—'E era por isto... innocente!
Que tanto se recatava
Tua virtude fingida?
Ah! essa alma corrompida
Mais do que teu corpo estava.
E tu...'
—Não pôde ouvir mais
A triste mãe; não lhe soffrem
As intranhas maternais
Ouvir a filha adorada
De tal modo calumniada,
E por quem, e em que momento!
C'um suffocado lamento,
Que do peito rebentando
Trouxe aos labios alma e vida,
Quebra o silencio:—'Ah, Sisnando!
Ah, senhor, mattae-me embora;
A desgraçada sou eu.'
E a terra n'aquella hora
Rasgada não soverteu
O infeliz, que meio morto,
No abysmo do crime absorto,
D'este golpe inesperado
A violencia cedeu!

XIV

Silencio largo, mortal
Foi a unica expressão

Que por longa duração
N'aquelle estado fatal
Entre esses dous foi ouvida.
Porêm no perdido peito
De Sisnando atribulado
Foi a vergonha vencida
Pelo irritado despeito:
Dos remorsos avexado,
Porêm mais pungido ainda
De seu crime mallogrado,
Brada em cholera abrasado:
—'Pereça a filha descrida
Que deshonrou seu...'
—*Pae* não,
Pae não ousa proferir.
A palavra, suspendida
Por fria, pesada mão
De remorso insubjugado,
Lhe voltou ao coração
A lacerar-lh'o, a vingar-se
Da mal-soffrida oppressão.

XV

—'Ouvi-me, senhor: culpada
Sou eu só...' a triste espôsa
Lhe diz; mas não ouve nada
Aquella alma furiosa,
Ja n'este mundo rallada

De quanta pena horrorosa
No inferno está guardada
Para crimes como o seu.

XVI

Parte, corre;—o brado horrivel
Por todo o castello soa
Tam medonho como troa
Medonho trovão d'outomno.
Despertos do brando somno
Todos são:—ordens que deu
São taes, que de horror tremeu
A gente absorta e pasmada.
Tristemente obedecendo,
Co'a face ao chão inclinada
Se vão a medo, e mal crendo
Que não seja sonho vão
O que ouvindo e vendo estão.

XVII

Do castello para um lado
Uma antiga tôrre havia
Cercada de largos fossos,
Que é memoria haver fundado
Um rei mouro que vivia
Ha muito, de quando os nossos
Mourisca gente regia.
Alli uma espôsa sua,
Que elle achou ser-lhe infiel,

Sette annos e mais um dia
Fechada a teve o cruel,
Sozinha, a grilhões e nua;
E só pão sêcco lhe dava,
Mas agua não consentia
Que nunca ninguem lh'a desse
Para que á sêde morresse.
Valeu-lhe quem tudo póde,
Que ao infeliz sempre accode:
Vinha-lhe orvalho do ceo,
De que os sette annos bebeu.
E emfim o septimo anno
De tal milagre vencido
Foi o proprio rei tyranno,
Que a liberdade lhe deu,
E do crime commettido,
Se o havia, se esqueceu.

XVIII

Para ésta tôrre deserta,
No verão ao sol exposta,
Que abrasado a queima e tosta,
No rigor do hinverno aberta
A chuvas, á ventania,
Sisnando—quem tal diria!
Mandou a filhinha linda,
Que alli fechada gemesse,
A virtuosa Adozinda!...

E ai de quem agua lhe desse,
Lhe desse vestido ou cama,
Que da sêde á morte crua
— Qual o mouro a sua dama —
Alli quer que morra nua,
De todos desemparada,
De seu pae amaldiçoada,
Só da triste mãe chorada!

XIX

Sem dar somente um gemido,
Sem se carpir nem queixar,
Como a ovelhinha tremente
Que sem dar nem um balido
Se deixa á morte levar,
Vai Adozinda innocente
Para aquella feia tôrre.
Pranto que furtivo corre
De quantos olhos a viam
A acompanha tristemente.
E o pae!... Ancias que o remordem
Ninguem as sabe nem vê.
N'um aposento incerrado,
Onde nem ao mais privado
Concedido é metter pé,
Só ficou, só permanece:
Só! — antes acompanhado
De quem os seus não esquece,
Do remorso, — do peccado.

CANTIGA QUARTA

You do me wrong, to take me out o'the grave: —
Thou art a soul of bliss: but I am bound
Upon a wheel of fire, that mine own tears
Do scald like molten lead.

SHAKESPEARE.

I

Sette annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria
N'aquella tôrre fechada.
E o tyranno bem sabia
Que nem tres dias somente
Viver podia a innocente
Com a sêde, a denudez.
Uma semana é passada
Passado é um mez e outro mez,

Anno e annos decorreram;
E os sette annos feneceram
Sem que Adozinda formosa
Em tal mingua perecesse,
Sem que ao menos desmer'cesse
Em seu rosto uma só rosa.

II

Veio um dia—n'esse dia
O captiveiro acabava—
No mais alto o sol ardia
E a terra toda abrasava,
Na tôrre uma voz se ouvia,
(E é ésta a primeira vez)
Era uma voz que pedia,
Que supplicava piedade:
—'Uma séde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração.'

III

A voz de Adozinda bella
Todos clara conheceram;
C'os olhos na alta janella
De toda a parte correram:
—'Vive, inda vive!' bradavam,
'A innocente! vinde ve-la.'
E uns aos outros recontavam

Das virtudes, da paciencia
D'aquelle anjo d'innocencia
Que, ha muito, morta julgavam.
—Outra vez se torna a ouvir
O mesmo clamor sahir
Da torreada prisão:
—'Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração!'

IV

A todos se commoveu
O mais intimo do peito,
Mas não ousam a affrontar
Do pae o sevo despeito.
—'Tem paciencia, anjo do ceo!'
Com lagrymas responderam,
'Que ja não póde tardar
O pae que te vem soltar.
Os sette annos decorreram,
O dia está a acabar;
Soffre mais este momento,
Que hoje acaba o teu tormento.'

V

—'Oh! como heide eu supportar,
Amigos meus da minha alma,
Se a vida sinto acabar,

Sinto abrasar-me da calma?
Sette annos me accudiu Deus,
Que por milagre vivi,
Dava-me orvalho dos ceos,
De que sette annos bebi.
Do estio ardentes queimores
No meu corpo os não senti,
Do hinverno os frios rigores
Tambem esses não tremi.
Mas ha tres dias que a mão
Do Senhor me abandonou.
Tudo, tudo me faltou...
Oh! tende de mim piedade!
Uma sêde, uma só d'agua,
Uma só por compaixão,
Que me abraso n'esta fragua,
Que me estalla o coração!'
—De novo alto ohêro ergueram,
Lastimado pranto gemem;
Mas de seu tyranno tremem,
Só a chorar se atreveram.

VI

Soa a nova no castello,
Vai correndo em derredor,
De que porfim fòra ouvido
Aquelle anjo soffredor
Soltar queixoso gemido,
Piedade emfim supplicar.

Só a Auzenda, que expirando
No leito da morte jaz,
Para que morresse em paz
Vão a noticia occultando.
Mas soube tudo Sisnando,
E no duro coração
Ja vacilla a crueldade,
Ja vislumbra a compaixão:
Dos seccos olhos covados,
Que inspiravam medo e espanto,
Como que da mão tocados
D'algum anjo punidor,
Salta repentino o pranto,
Qual onda que estalla em flor
Sôbre o penedo ourissado.
Todo em lagrymas sanguineas
O infeliz debulhado,
Para aquella infausta tôrre
Com incerto passo corre
Em altos gritos bradando:
—'Agua! trazei agua, vinde,
Accudi á desgraçada,
A uma filha malfadada
Que por mãos de seu pae morre!'

VII

Assim correndo e gritando
Chegava á horrivel prisão
Em que gemia Adozinda:

—'Filha, filha, é tempo ainda;
Perdão, ó filha, perdão
Para este algoz...'—Cortou-lhe
O excesso da paixão
Lingua e fôrça; a voz quebrou-lhe,
E por morto cai no chão.

VIII

Oh! que povo se ajuntava
No castello de Landim!
E com que horror que elle olhava
Para aquelle triste fim
De tammanho cavalleiro,
Tam ricco e grande senhor,
Tam esforçado guerreiro!
A Auzenda chega o rumor
Do successo inesperado,
Dá-lhe fôrça e vida amor;
O fio meio cortado
Da existencia lhe atou.
Ei-la se ergue, e em mal-firmado
Passo corre—e lá chegou.

IX

E ja por ordem de Auzenda
Co'a porta negra e tremenda
Investem da tôrre erguida:
Range o ferro, os gonzos gemem,
Parece que ja rendida

Vai de todo; — á roda tremem,
Do fundamento aluida
A tôrre, os solidos muros.
Mas em vão de centenares
Dos mais rijos braços duros
Se movem os instrumentos
Que em muralhas mais valentes
De castellos regulares,
De mais solidos cimentos
Têem a miudo triumphado.

X

Parece incanto: — será?
O povo maravilhado
Ja por tal, tremendo, o dá.
Cessam todos. incantado
É o negro portão ferrado...
E o povo desanimado
Da impreza desiste ja.

XI

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar,
Com licença, nobre dama,
Que ahi vem um sancto ermitão:
Com as suas orações
Este incanto hade quebrar,

Ou, se do demonio é trama,
Com o seu bento condão
Elle o hade desmanchar.
—Ei-lo chega:—este semblante
Não é aqui desconhecido...
Ésta barba, este vestido...
É elle, o mesmo ermitão
Que a noite de San'João
(Não ha dez annos ainda)
No castello pernoitou,
—Que Sisnando o maltrattou.
Mas, por a bella Adozinda
Pedir muito, lá ficou.

XII

Com a cabeça cuberta
Do seu agudo capuz,
Os olhos de côr incerta,
Pasmados, fixos... e a luz
Que d'elles sai é tam viva
Que a espaços da vista priva
Quem de perto os quer fitar!
As mãos cruzadas no peito,
Vagaroso seu andar,
Tam pesado e de tal geito
Que faz um echo tremendo
Quando os passos vai movendo,
E como que a terra e o ar,
Com o pêso vão gemendo...

—Foi seu caminho direito
Da tôrre á porta ferrada;
Sem attender a mais nada,
Sem olhar nem para Auzenda,
Que em lagrymas debulhada
Supplices mãos lh'estendia.
Chega á porta, e em voz horrenda
—'Abre-te!'—disse. Estallou
O ferro medonhamente,
E a porta se escancarou,
—Mas elle subitamente,
Voltando-se para a turba,
Que alto alarido alevanta
E em derredor se perturba,
Com gesto que aos mais ousados
Todo o ânimo quebranta,
—'Immudecei!' lhes bradou.
Ficaram todos callados;
E—*immudecei*—revibrou
De echos em echos dobrados
Pelo castello e jardim,
Pelos soutos ao redor,
Pelos campos dilatados
Que a Dom Sisnando obedecem
E por senhor reconhecem
Ao ricco-homem de Landim.
—Depois estendendo a mão
Ao logar onde jazia
Por morto no frio chão

O desgraçado Sisnando,
Éstas palavras dizia
Que em ouco som vão soando:

— 'Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

'Que o teu peccado,
Abominado
Do proprio inferno,
Só tem perdão
Com longa vida
De penitencia,
De contrição,
Que a alma perdida
Salve do inferno,
Da maldicção.

'Eu te esconjuro,
Alma perdida,
Volta-te á vida!

'O anjo celeste
Na hora última
Te perdoou,
E ao Pae Eterno
A tua victima
Por ti rogou

'Lazaro immundo,
N'esta grande hora
Volve-te á vida,
Vem, surge fóra!'

XIII

Em pé está Dom Sisnando:
Vivo está, morto parece,
Tam negro veo lh'innoitece
O verde-pallido rosto,
Onde o seu sêllo ja pôsto
Tinha o archanjo da morte.

XIV

De joelhos o ermitão,
Com a cabeça cuberta,
Á porta da tôrre aberta
Faz breve e baixa oração.
Eis violento repellão
A terra, tremendo, deu,
E d'alto abaixo a muralha
Largamente se fendeu.
Viram todos claramente
O interior patente
Em que jazia Adozinda,
D'onde ha poucas horas inda
Sua voz se ouviu clamar,

E por uma sêde d'agua
Ao seu algoz supplicar.

XV

N'um leito de frescas rosas,
Que aromas do ceo recendem,
Morta Adozinda jazia:
Suas feições mais formosas,
Mais angelicas resplendem.
Uma suave harmonia
Tam brandamente soava,
Que ao coração parecia
Que por piedade o affagava
A quem saudoso gemia.
—A alva frente, não tocada
Pela mão da morte livida,
De lirios do ceo coroada
Brilhava com luz tam vivida
Que parecia toucada
De puros raios do sol.
As mãos postas sôbre o peito
Para o ceo se alevantavam,
E como que d'alma justa
Para a morada apontavam.

XVI

Oh! que vista, oh! que momento
Para a triste mãe! —Faltava
Só este último tormento.

A malfadada cuidava
Que nenhum padecimento
Para gemer lhe sobrava!
Era este.—E a dor ignora,
Não sabe o que é padecer
Quem o filhinho que adora
Não viu ainda morrer.....

XVII

Levantou-se o ermitão
E bradou: — 'Ajoelhemos,
E a mão de Deus adoremos.'
—Submissa resignação
Póde a voz tolher á dor,
Não tira do coração
Seu espinho pungidor,
Que em silencio é mais cruel,
Rasga mais, e na ferida
Mais acre derrama o fel.
A paciencia soffrida
Da triste Auzenda cedeu;
Não exclamou, não gemeu,
E em tributo de respeito
Sua mágoa fechou no peito.

XVIII

E Sisnando?—O desgraçado
No pó da terra humilhado,
Só se lhe conhece a vida

Na agitação comprimida
Do convulso soluçar.

XIX

Para a ermida do castello
Emfim o corpo levaram
E n'um cofre d'ouro fino
Como reliquia o guardaram.
—Muito a não carpiu Auzenda,
Que a morte compadecida
Cedo a libertou da vida.
Porém a longa existencia
De remorso e penitencia
Sisnando foi condemnado:
Cuberto de horror e opprobrio
Cumpriu seu mesquinho fado;
Onde?—Ninguem mais o soube.
Do castello aquella noite
Com o ermitão se sumiu;
Nunca mais d'elle se ouviu.
Mas á meia-noite em ponto
Na capella de Landim
Se ficou sempre escutando
Gemer uma voz medonha,
Que pede perdão bradando:
E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando.

I

BERNAL-FRANCEZ

Este romance é tirado de uma das mais conhecidas e provavelmente mais antigas xácaras que o povo canta. Sua contextura simples mas forte, a scena tão dramatica com que abre, o fexo sublime com que termina dão-lhe todos os characteres de poesia primitiva e grande de um povo heroico, de uma gente que tomava as coisas da vida ao serio, como a nossa era. Estou que é originariamente portuguez: não apparece em nenhum dos romanceiros castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa. — O texto, como o conservou a tradição oral dos povos, da-lo-hei no logar competente, segundo lh'o talhei no prefacio d'este volume[1], e demandava o systema da minha

[1] Vid. ROMANCEIRO, liv. II, part. I, no tom. II, pag. 135.

compilação: e ahi se vejam as conjecturas que tenho feito sôbre ésta preciosa reliquia da nossa poesia popular.

Mr. Southey, o famoso poeta e historiador inglez, tendo lido a Adozinda e o Bernal, quando os publiquei a primeira vez em Londres em 1828, escrevia ao meu amigo Mr. Adamson, o biographo de Camões: 'que estes eram dois monumentos de mais remota antiguidade talvez do que nenhumas d'aquellas canções irlandezas que elle até alli tivera na conta de serem os vestigios mais antigos de toda a poesia popular das nações do oeste da Europa.'

Communicando-me ésta reflexão, tam lisongeira para um collector enthusiasta de antigualhas, mandou-me o Sr. Adamson a traducção ingleza que pela primeira vez agora sai impressa, e o leitor achará logo adeante do texto portuguez[1].

[1] Vid. loc. cit. a nova traducção por M. Adamson, LUSITANIA ILLUSTRAT., part. II. Newcastle 1846. Ésta segunda versão ingleza vem a pag. 143 do referido II vol. do ROMANCEIRO. E a pag. 151 ibid. a traducção castelhana do Sr. Isidoro Gil, já tam conhecida e appreciada entre nós.

No verão de 1840, quando aprompteí para a presente edição ésta parte do volume, dediquei o Bernal-Francez a uma joven senhora que juntava a outras admiraveis qualidades a de possuir, no mais eminente grau que ainda incontrei, o sentimento do bello, do grande, do verdadeiro nas artes. Este romancinho era o seu valido d'entre todas as minhas escrevedaras poeticas: consagrei-lh'o... Hoje é um monumento! bem pobre e mesquinho para memoria de tanta saudade!

Todavia o seu desejo e impenho era que eu fizesse uma verdadeira epopea, e me deixasse d'estas coisas que nunca podiam passar de *bonitinhas*. A perda de D. Sebastião em Africa era o assumpto que me dava: dizia — e dizia bem — que devia ser o reverso da medalha dos Lusiadas, e que podia ser o mais popular e nacional de todos os poemas portuguezes depois d'aquelle. Ponho isto aqui para commentario dos versos que se seguem, e que alias não seriam intendidos.

15 de Outubro de 1842.

A ADELIA

Tu queres, amiga, que eu deixe
Minha harpa no chopo do monte,
Que nem sempre me chore e queixe,
Que seja poeta... a cantar!
Que da brava inculta deveza
Me não fique pasmado à fonte
A admirar só a natureza,
Sem um brado de glória alçar!
Na escarpada selvatica brenha
Não se colhem senão rudes flores,
Bem o sei—crescem-lhe hirtas na grenha,

São singellas
De fôlha e de côres,
Não se toucam as bellas
Com ellas:
Não se infeitem jardins de formosas
Com musquetas bravias e rosas!

—'Vê o nobre, magnifico traço [1]
Do regrado edificio de Homero,
Do mavioso Virgilio, do Tasso!
(Dizes tu, maga musa d'amor)
'E ora terno e mavioso, ora fero,
Ja sublime, ja doce—o cantor
De Ignez bella, feio Adamastor.
Como erguendo, campea, a âlta frente
Sôbre todos os vates do Pindo!'
—Vejo, oh! vejo, que ésta alma ardente
Ja nos voos andou seguindo
Essas aguias mais remontadas...
Hoje é abelha, ahi anda zumbindo
Por entre agras, singellas flores,
Desalinhadas:
Mas são flores que nascem na serra
Onde todo o seu mundo se incerra,
Porque ahi tem—o seu bem—seus amores.

Bemfica, 12 de maio de 1840.

[1] Vid. a introducção ante, pag. 94.

BERNAL-FRANCEZ

I

Ao mar se foi D. Ramiro,
  Galé formosa levava;
Seu pendão terror dos Mouros
  N'alta poppa tremolava.

Oh que adeus na despedida!
  De saudades vai rallado;
Com tantos annos de amores,
  Não tem um de desposado.

Nem ha dama em toda a Hespanha
  Tam bella como é Violante;
Não a houvera egual no mundo
  Se ella fôra mais constante.

Bate o mar na barbacan
    Do castello alevantado,
Só a vela[1] na alta tôrre
    Não cede ao somno pesado.

Tudo o mais repousa e dorme,
    Tudo é silencio ao redor;
Dobra o recato nas portas
    Com a ausencia do senhor.

Mas a certa hora da noite
    Se vê luz n'uma setteira,
E logo cruzar por perto
    Leve barca aventureira.

Muitas noites que passaram,
    Manso esteja ou bravo o mar,
A mesma luz, á mesma hora,
    A mesma barca a passar.

E isto ignora o bom Rodrigo,
    Que tam fiel prometteu
De guardar a seu senhor
    Juramento que lhe deu?

Sabera, não sabera:
    Mas a c'ravella ligeira,
Que aopé da torre varada
    Jazia alli na ribeira.

[1] Vigia.

Uma noite escura e feia
  Na praia menos se achou...
Quem n'ella foi não se sabe,
  Mas onde foi não tornou.

E o farol que no alto luz
  Á mesma hora a brilhar...
Só a barca aventureira
  Não foi vista hoje passar.

E d'um lado aopé da rocha
  Havia um falso postigo:
Só o sabem D. Ramiro,
  Violante e o fiel Rodrigo.

Mas alta noite, horas mortas,
  Gente que o postigo entrava,
  E á porta de Violante
  Manso bater se escutava.

— 'Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?
— 'Sou Bernal-francez, senhora,
  Vossa porta a amor abri.'

Ao descer do leito d'oiro
  A fina hollanda rasgou,
Ao abrir mansinho a porta
  A luz que se lhe apagou:

Pela mão tremente o toma,
Ao seu apposento o guia:
—'Como treme, amor querido,
Esta mão, como está fria!'

E com osculos ardentes
E no seio palpitante,
Que lhe aquece as frias mãos
A namorada Violante.

—'De longe vens?—'De mui longe.'
—'Bravo estava o mar!'—'Tremendo.'
—'Armado vens!'—Não responde.
Vai-lhe as armas desprendendo.

Em pura essencia de rosas
O amado corpo banhou,
E em seu leito regallado
A par de si o deitou.

—'Meia noite ja é dada
Sem para mim te voltares,
Que tens tu, querido amante,
Que me incobres teus pezares!

'Se temes de meus irmãos,
Elles não virão aqui;
Se de meu canhado temes,
Não é homem para ti.

'Meus criados e vassallos
Por essa tôrre a dormir,
Nem de nosso amor suspeitam,
Nem o podem descubrir.

'Se de meu marido temes,
A longes terras andou:
Por lá o detenham Mouros,
Saudades ca não deixou.'

—'Eu não temo os teus criados,
Meus criados tambem são:
Irmãos nem cunhado temo,
São meus cunhados e irmão.

'De teu marido não temo
Nem tenho de que temer...
Aqui está aopé de ti,
Tu é que deves tremer.'

II

E o sol ja no oriente erguido
Da tôrre ameias dourava;
Violante mais bella que elle
Para a morte caminhava:

Alva tella aspera e dura
Veste o corpo delicado,
Por cintura rijo esparto
Em grosseiro laço atado.

Choram pagens e donzellas,
Que a piedade o crime esquece;
O proprio offendido espôso
Com tal vista se internece.

Dá signal a campa triste,
O algoz o cutello affia...
—'Meu senhor mereço a morte'
A malfadada dizia,

'De joelhos, D. Ramiro,
Humilde perdão vos peço,
Perdoae-me por piedade...
A morte não, que a mereço:

'Da affronta que vos hei feito
Por minha triste cegueira,
Dae-me quitação co'a morte
N'ésta hora derradeira:

'Mas só eu sou criminosa
Do aggravo que vos fiz,
Não tireis, senhor, vingança
D'esse misero, infeliz...'

Talvez ia perdoar-lhe
O espôso compadecido...
Renovou-se-lhe o odio todo,
D'aquelle rôgo offendido:

O semblante roxo d'ira
Para não vê-la torceu,
E co' a esquerda mão alçada
O fatal accêno deu.

Sôbre o collo crystallino,
Desmaiado, e inda tam bello,
De golpe tremendo e subito
Cai o terrivel cutello.

III

Oh! que procissão que sai
Da antiga porta da tôrre!
Que gente que acode a vê-la,
Que povo que triste corre!

Tochas de pallida cera
Nas trevas da noite escura
Vão dando luz baça e triste,
Luz que guia á sepultura:

Cubertos com seus capuzes
    Rezam frades ao-redor,
A dobrar desintoados
    Os sinos causam terror...

Duas noites são passadas,
    Já não ha luz na setteira,
Mas passando e repassando
    Anda a barca aventureira.

Linda barca tam ligeira
Que nenhum mar soçobrou,
O farol que te guiava,
    Ja não luz, ja se apagou.

A tua linda Violante,
    O teu incanto tam bello,
Teve por ti feia morte,
    Crua morte de cutello.

Na egreja de San'Gil
    Ouves a campa a dobrar?
Ves essas tochas ao longe?
    Ella que vai a interrar.

Ja se fez o interramento,
    Ja cahiu a louza fria,
Só na egreja solitaria
    Um cavalleiro se via;

Vestido de dó tam negro,
E mais negro o coração,
Sôbre a fresca sepultura
De rôjo se atira ao chão:

—'Abre-te, ó campa sagrada,
Abre-te a um infeliz!...
Seremos na morte unidos,
Ja que em vida o ceu não quiz.

'Abre-te, ó campa sagrada
Que escondes tal formosura,
Esconde tambem meu crime
Com a sua desventura.

'Vida que eu viver não quero,
Vida que eu só tinha n'ella,
Recebe-a, ó campa sagrada,
Que não posso já soffrê-la.'

E o pranto de correr,
E os sóluços de estallar,
E a mão que leva á espada
Para alli se traspassar.

Mas a mão gelou no punho
Voz que da campa se erguia,
Voz que ainda é suave e doce,
Mas tam medonha e tam fria,

Do sepulchro tão cortada,
Que as carnes lhe arripia
E a vida deixou parada:

—'Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja vivi;
Morte que me deu meu crime,
Fui eu só que a mereci.

'Ai n'este gêlo da campa,
Onde tudo é frio horror,
Só da existencia conservo
Meu remorso e meu amor!

'Braços com que te abraçava
Ja não teem vigor em si;
Cobre a terra humida e dura
Os olhos com que te vi;

'Bôcca com que te bejava
Ja não tem sabor em si;
Coração com que te amava...
Ai! só n'esse não morri!

'Vive, vive, cavalleiro,
Vive, vive e sê ditoso;
E apprende em meu triste fado
A ser pae e a ser espôso.

'Donzella com quem casares
 Chama-lhe tambem Violante;
Não amará mais do que eu...
 Mas — que seja mais constante!

'Filhas que d'ella tiveres
 Ensina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens
 Como eu me perdi por ti.'

VERSÃO INGLEZA

I

See, Don Ramiro's galley speeds
Across the heavy seas,
His pennant which the moor so dreads
Now flutters in the breeze.

Oh! when he went, his heart was moved
With grief that would not hide..
To part whith her he long had loved
Though lately called his bride!

Spain's loveliest maids or royal queen
In charms could not compare
With Violante, had she been
True as her form was fair.

Against the castle's flanking tower
Wild beats the surging deep,
And there a watch at midnigt hour
Would not submit to sleep:

All else lulled by the breaker's jar
In slumber calm reposed,
And as it's lord was distant far
His castle gates were closed.

But lo! a bark at dead of night
Alone doth swiftly glide
Beneath the tower from whence a ligh
Shines glimmering on the tide.

And many a darksome night the bark,
As falls that hour, returns;
Through wind and wave it's path to mark
The signal torch-light burns.

Roderigo, rouse thee up from sleep;
The oath which thou didst swear
To thy good lord, how canst thou keep
When strangers come so near!

For knowest thou not, where softest swell [1]
The waves around thy strand,
Whith sail unstretched, a caravel
Remains upon the sand?

Ah! in a stormy night and dark
It reckless left the shore;
Who was it's pilot none could mark
But it came back no more.

Yet at the hour, the guiding light
On high began to burn,
'Twas vain — no eye observed, this night,
The little bark return.

Far down the rugged rock that spread
Its masses round the tower,
Was placed a secret gate which led
To Violante's bower.

Within this postern, steps were heard
At night approaching near,
And on her door so firmly barred
A knock arroused her ear;

[1] Vid. nota ab fim.

—'Oh! who can thus, unknown advance
And knock so boldly there?'—
—'Tis Bernal, lady, thine of France:
He seeks thy smile to share.'

From couch of gold she reached the floor
And rent her vestment gay,
And as she gently opened the door
It quenched her taper's ray.

His clay cold hand she seized him by
And led him to her bower!
—'Love, tremble not: within our sky
No clouds of sorrow lower.'

Then on her fair and glowings breast
That, heaving, throbbed the more
She pressed his hands: and fondly kissed
His cold lips o'er and o'er.

—'Far have you come!'—'Yes very far.
—'Rough was the raging sea?
—'It was.'—'Why comme you armed for war?
Nay tell thy thoughts to me.'

She doffed his armour, and the dew
Of roses, scenting wide,
In liquid drops she o'er him threw
And laid him by her side.

—'Twelve hours hath rung the castle bell;
To her, who loves thee, turn
Thy face, as thou wert wont, and tell
What gives thee cause to mourn.

'Oh! if my brothers thou dost fear,
They will not come to me;
My husband's brother, were he here,
Can never cope with thee.

'My serfs and vassals, through the halls,
Will sleep till morning light;
Nor can they deem that, in my walls,
I welcome such a knight.

'My husband, fond of martial fray,
To distant lands is gone,
And may the Moors prolong his stay,
Regret here left he none.'

—'They are my own, I need not fear
Those kneeling slaves of thine,
Nor brothers, for the badge they wear
Above their helms is mine.

'Nor do I dread thy husband's wrath;
Know... he reposes here,
Even by his lady, void of faith,
'Tis she who well may fear.'

II

The sun dispelled morn's shadows dim,
And on the castle shone,
When Violante, more fair than him,
To meet her doom hath gone:

Her lovely form, a garment long
And coarse was wraped around,
A knotted rope, like cable strong,
Her graceful person bound.

And gushing tear drops blind the eye
Of page and maiden fair;
Nor are Ramiro's lashes dry,
Fresh moisture glistens there

Pealed from the tower the signal bell,
The axe was lifted high
O'er Violante... Ere it fell
She saw her husband nigh.

— 'My lord' she cried 'I merit death,
Yet on my bended knee,
Ere from my bosom parts my breath,
I pardon crave from thee.

'Tis not through blighted years to live
Lamenting o'er the past,
But my offense to thee, forgive,
This hour is now my last.

'On me, for I have wronged thy bed,
Alone let vengeance light,
Nor wreck thy rage upon the head
Of Bernal, hapless knight.'

To grant her wish, Ramiro's breast
With rising pity burned,
But when she urged her last request,
His former hate returned.

Dark lowered his brow, fierce flashed his eye,
As when his faulchion brave
Repelled the foe, — his left hand high
The fatal signal gave.

Then on that neck of grace and love,
Whose blue veins shining tell
The pureness of the skin above,
The headsman's weapon fell.

III

Forth from the castle's ancient gate,
A dread procession slow
Advanced, who mourned the happless fate
That laid such beauty low.

Above them many a waxen torch,
In darkness of the night,
Shed to the chapel's gothic porch
A dim and mournful light.

And hooded closely many a friar
Sang prayers the bier around,
The massy bells within the spire
Rung forth an awful sound.

Two nights had passed, no torche's ray
Illumed the restless tide,
But fleetly o'er the castle bay
Again the skiff did glide.

Swift bark, thy pilot braved the wrath
Of ocean's wildest war,
But knows not how the damp of death
Has quenched his leading star.

Alas the fair whose beauty lured
His path across the wave,
The headsman's stroke for him endured
To fill a bloody grave.

Within the chapel of Saint Gil
Intombed she slumbers low;
See, distant torches burning still . . .
Hark, bells are pealing slow!

All now is past—lies o'er the dead
The cold sepulchral stone;
And, see: a knight doth ceaseless tread
The echoing aisles alone.

His robes are black, but woe doth shroud
His heart in darker gloom;
And lo, he stretches, sobbing loud,
His form upon her tomb.

—'Oh! open, grave, my heart is riven,
I taste delight no more,
Let death unite us now, whom heaven
In life asunder tore.

'And her who calmly sleeps beneath
Again to me reveal,
That by her side, I may, in death,
My crime with her conceal.

'It is not, torn with inward strife,
My wish to linger on,
And live, when shot, the very life
Of all my hopes, is gone.'

Then fell his tears; his hands were clasped,
And moanings of despair
Burst from his heart, his blade he grasped
To still the conflict there.

But why inactive did he stand?
A voice unearthly rose
Out of the tomb, and stayed his hand
Till on the hilt it froze.

Like hollow gusts in winter drear,
That sound, appalling, came
So deep and sudden o'er his ear,
It deathlike thrilled his frame.

—'Live, cavalier, though I no more
Survive, let life be thine,
Since for my crime the stroke I bore
The fault alone was mine.

'Cold horror dwells beneath this stone,
And all I knew above
Of glowing life from me is gone,
Except remorse and love.

'The arms shall clasp thy neck no more
Whose shape thou oft hast praised,
The eyes with earth are covered o'er—
That kindly on thee gazed.

'The mouth whose lips did revel free
On thine, is senseless now;
But that fond heart which beat for thee
Death cannot chill its glow.

'Live, live, Sir Knight; a soul like thine
To honour should aspire;
Oh! learn to be, from fate like mine,
A husband and a sire.

'And name the maiden after me
Whose heart shall thee adore:
Than I, more faultless she may be,
But cannot love thee more.

'And oh! instruct hea daughters young
That love may never sway
Their hearts to ill—think how I flung
For thee my life away.'

III

NOITE DE SAN'JOÃO

Este romance é e não é da minha simples composição. Estavam-me na saudosa memoria as vagas reminiscencias d'aquelles cantares tam graciosos com que, na minha infancia, ouvia o povo do Minho festejar a abençoada noite de San'João; estavam-me as fogueiras e as alcachofas de Lisboa a arder tambem na imaginação; e eu era muito longe de Portugal, e muito esperançado de me ver n'elle cedo: aqui está como e quando fiz ésta cantiga.

Foi em San'Miguel, as antenas dos nossos navios ja levantadas para sahir a expedição; —soltámo-las ao vento d'ahi a horas... Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o Sr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos, e velho o mais amavel que produziu o archipelago dos Açores.

Tambem alli estavam, para inspirar o poeta,

uns olhos pretos de quinze annos, que promettiam arder ainda tanta noite de San'João, fazer queimar tanta alcachofa por sua conta!... Ja os cubriu a terra.

Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não invelheci bastante para o esquecer.

O romance é tam feito dos ditos e cantares do povo, que nem uma idea nem talvez um verso inteiro tenha que seja bem e todo meu. Por este motivo, principalmente, lhe dei logar aqui.

Lisboa, 23 de Junho 1842.

Na collecção ja citada, a LUSITANIA ILLUSTRATA, part. II, pelo Sr. J. Adamson appareceu a traducção ingleza d'este romance, que vai transcripta no appendice ao LIVRO II do presente ROMANCEIRO.

Sabe-se tambem de uma versão em Italiano. e de outra em Allemão, que não chegámos a ver ainda.

Abril, 16—1853.

OS EDITORES.

NOITE DE SAN'JOÃO

Té os moiros da Móirama
Festejam a San'João:
San'João, San'João, San'João!
Dae-me peras do vosso balcão.

CANTIG. POPUL.

I

—'Meia noite já é dada,
San'João, meu San'João,
N'esta noite abençoada
Ouvi a minha oração!

'Ouvi-me, sancto bemditto,
Ouvi a minha oração,
Com ser eu moira nascida
E vós um sancto christão:

'Que eu ja deixei a Mafoma
  E a sua lei do alkorão,
E só quero a vós, meu sancto,
  Sancto do meu Dom João.

II

'Como eu queimo ésta alcachofa
  Em vossa fogueira benta,
Amor queime a saudade
  Que no peito me rebenta.

'Como arde esta alcachofa
  Na vossa fogueira benta,
Assim arda a negra barba
  Do moiro que me atormenta.

'Como ésta fogueira abrasa
  A minha alcachofa benta,
Ao meu cavalleiro abrase
  A chamma do amor violenta.

III

'Sacudi do alto do ceo
  Vossa capella de flores,
Que n'este ramo queimado
  Renasçam por meus amores.

Orvalhadas milagrosas
  Que saram de tantas dores,
N'este coração, meu sancto,
  Acalmem os meus ardores.

San'João, meu San'João,
  Sancto de tantos primores,
N'esta noite abençoada,
  Oh! trazei-me os meus amores!'

IV

Ja se apagava a fogueira,
  Ja se acabava a oração,
Ainda está de joelhos
  A moira no seu balcão.

Os olhos tinha alongados,
  Batia-lhe o coração:
Muita fe tem aquella alma,
  Grande é sua devoção!

Ouviu-a o sancto bemditto:
  Que, por sua intercessão,
D'aquelle extasi acordava
  Nos braços de Dom João.

IV

O ANJO E A PRINCEZA

O célebre êrro commettido pelos Settenta na traducção do *v.* 2 do cap. VI do GENESIS deu um poema inteiro a Thomaz Moore, '*Os Amores dos Anjos*—The Loves of the Angels' E d'este partiu o pallido reflexo da 'Chute d'un Ange' que apenas animam as bellas pinturas de paizagem feitas do vivo e natural, e como de mão que as copiou nos proprios sitios: em tudo o mais o poema de Lamartine é inferior ao do Anacreonte d'Irlanda.

Hoje lêmos na Vulgata:—'Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae, acceperunt sibi uxores ex omnibus quas elegerant.

O Padre Antonio Pereira verteu:—'Vendo os filhos de Deus, que as filhas dos homens

eram fermosas, tomárão por suas mulheres as que d'entrellas lhes agradárão mais.'

O Padre João Ferreira d'Almeida assim: —'Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram fermosas, e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.'

Mas os Settenta não tinham intendido assim o texto hebraico, e em vez de — *filhos de Deus*, traduziram — *anjos de Deus* (οἱ Ἄγγελοι του θεου); êrro, que ajudado pelos commentos poeticos de Philon, e pelas ficções do apocrypho livro de Enoch, accendeu as imaginações meio pagans de Tertuliano, de Lactancio, e até de San'Clemente-Alexandrino. Seja ditto com o devido respeito a estes Padres da Egreja: nem Hesiodo nem Ovidio estenderam fábula alguma do polytheismo por maiores desvarios do que elles poetizaram acêrca d'esta ficção. Rejeitou-a todavia a maior parte dos Sanctos Padres. Deplorou-a como absurdo San'João Chrysostomo, stigmatizou-a de loucura San'Cyrillo. Segundo elles as palavras — *filhos de Deus* — querem dizer: — os *descendentes de Seth por Enos*, porque

foram os primeiros que invocaram o nome do Senhor. Assim por estoutras palavras — *as filhas dos homens* — devemos intender: — *as filhas da corrupta raça de Cain*. É opinião seguida sem disputa, na egreja catholica e em quasi todas as outras, desde Sancto Thomaz até hoje.

O TARGUM DE ONKELOS, que é a mais antiga das paraphrases chaldaicas, e a versão de Symacho traduziram — *os filhos dos nobres ou grandes;* a versão samaritana diz — *os filhos dos juizes*.

E parece que a palavra hebraica, *Elohim*, admitte todas éstas tam desvairadas interpretações.

Seja como for, d'aquelle desvio de texto e de imaginação nasceu muita poesia para os escriptores mysticos dos judeus e dos christãos primitivos e dos gnosticos e de todas essas seitas do Oriente, e porfim, em nossos dias, para os poemas de dois vates, ambos christianissimos hoje, ambos eminentemente catholicos — o francez talvez agora um tanto menos, — o inglez muito mais, principalmente

depois d'essa ultima sua obra philologo-orthodoxa.

Eu porêm não quiz fazer mais do que uma 'lenda-romance' como a comporia um menestrel da edade-media em cujas coplas os donairosos sonhos da mythologia, assim como os severos mysterios da crença, tomavam sempre os habitos sociaes do seu tempo. Jupiter era Dom Jupiter, rei de coroa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzellas de espartilho e toucas altas; San'Miguel e o proprio Lucifer dois cavalleiros de lança em punho e escudo imbraçado, justando em mui leal batalha n'essas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; — o Olympo era um castello feudal, e o ceo uma roca-forte. Em summa, sem princezas e cavalleiros não havia poesia para elles, nem a podia haver, porque essa era a vida que elles conheciam, o bello e sublime da vida que concebiam.

Por isto o tom biblico d'esta lenda ou legenda necessariamente é modificado e predo-

minado do ar cavalheresco ou romantico, proprio de um cultor da Gaya-Sciencia. Veja-se no Cancioneiro de Rezende como, ainda no seculo xv, o nosso João Rodrigues de-Sa-e-Menezes traduzia—não tanto do latim para portuguez, quanto do romano para romance, a epistola de Laodamia. Veja-se como o proprio Sa-de-Miranda na egloga IV reconta as classicas aventuras de Cupido e Psychis,—verdadeira fonte tambem da muito romantica e trovada historia da carochinha, *A Bella e a Fera,* que toda a gente sabe—ou soube quando era pequeno.

O fio da minha legenda é muito singelo. Era uma vez a filha de um rei, môça, linda, e unica herdeira do throno. Fugia das diversões e grandezas da côrte para se intregar á meditação na soledade. Adoece mortalmente emquanto el-rei seu pae anda á guerra. Volta elle triumphante e vem-n'a achar na derradeira agonia. O seu mal não o intendem os physicos. Lembra-lhes se será alguma secreta paixão d'amor. Elrei está prompto a tomar para genro seja quem for, comtanto que lhe

viva a filha. Nem assim. Morre a pobre da princeza, e morre de mal d'amores. Mas como não havia de ser, se a sua fatal paixão é por um espirito — um gnomo, um sylpho, um anjo — quem sabe o quê! — talvez outro Bertrand que se apoderou d'esta Rosalia. — Ao menos, escapámos de segundo Roberto-do-diabo, porque a boa da infanta era de consciencia, e morreu antes d'isso.

E d'ahi, quem sabe? seria anjo bom o que ella amava. Segundo San'Basilio, *de vera virginitate*, não póde ser; segundo Tertuliano e San'Clemente-Alexandrino ja se viu que podia ser.

Campolide, 5 d'Outubro 1842.

Á ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

MARQUEZA DE FRONTEIRA

Ésta lenda-romance foi escripta no seu album, Minha-Senhora, para cumprir uma promessa feita ha tanto tempo, e por cujo desimpenho tam retardado V. Ex.ª teve a bondade de nunca ralhar commigo. Dedico-lh'a agora que sai impressa; e é a primeira vez na vida que offereço versos ou prosas minhas a pessoa que podesse imaginar devê-lo á sua qualidade e grandeza. Será provavelmente a úl-

tima, emquanto não fizer mais proselytos e imitadores o espirito verdadeiramente nobre e as maneiras verdadeiramente fidalgas que me obrigam a quebrar n'esta occasião o meu proposito tam firme e tam necessario n'esta terra.

De V. Ex.ª

Criado e fiel captivo

ALMEIDA-GARRETT

Campolide, 20 de Outubro 1842.

O ANJO E A PRINCEZA

. . . Waft me hence to thy own sphere,
Thy heaven or — ay, even *that* with thee.

MOORE, LOVES OF THE ANGELS.

Oh que choros vão no paço
  Oh que luttos, que tristeza!
Morre, morre a cada instante
  A nossa linda princeza.

Os physicos não se intendem,
  Vão-se uns e outros véem;
Mas o mal que ella padece
  Não lh'o descobre ninguem.

Nos olhos que se lhe inturvam,
  Ja treme a luz derradeira.
Resa o officio da agonia
  Negro monge á cabeceira.

Se inda chegará a tempo
 D'essas guerras d'além-mar
O bom do rei, que inda possa
 A sua filha abraçar!

A filha que elle ama tanto,
 Unica filha querida,
A menina dos seus olhos,
 Bordão da cansada vida!

Pois chegou. Tanto captivo,
 Tanto despôjo que traz!...
Com victorias o inganava
 Fortuna, que acinte o faz.

Pelas portas de palacio
 O real cortéjo entrava,
Olha o rei a um lado e outro,
 Nem uma voz o acclamava...

Pela filha, que não via,
 Não se atreve a perguntar,
Mas ao quarto da princeza
 Foi direito sem parar:

—'Minha filha, minha filha!
 Que tens tu, filha querida?'
E ella abria os olhos turvos
 Que ja não teem quasi vida...

'Ametade do meu reino,
Da minha c'roa real,
A quem salvar a princeza,
Quem acertar c'o este mal.'

A éstas palavras do pae
Meneia a pallida frente,
Como quem diz:—'Não o entendem,
Nem cura o meu mal consente.'

—'São pezares... não se sabe...'
Responde o physico-mor,
'Outro mal lhe não descubro...
Só se for o mal d'amor.'

Um rubor desfallecido
Assomou na face lenta
Que já do suor da morte
Se cobria macilenta.

Os olhos, que no pae tinha
Cravados desde que o viu,
Com mostras de pêjo e medo
Para a terra os descahiu.

—'Não tenhas, filha, receio,
Levanta os olhos, querida;
Seja quem for, será teu:
Jurei-o por tua vida.

'Seja elle ou ricco ou pobre,
Seja fidalgo ou peão,
Desde já por genro o tómo,
E aqui lhe dou tua mão.'

Como quem o último esfôrço
De doce mágoa fazia,
Com ineffavel brandura
Os olhos ao pae erguia;

Suave, longo suspiro
D'entre os labios lhe fugiu...
Era a vida que passava,
Que sem dor se despediu.

Foram para a amortalhar,
No peito um signal lhe achavam
De letras que ninguem leu,
Que estranhas fórmas tomavam.

Sette sabios são chamados
Para haver de as decipbrar:
Cada-um sette linguas sabe,
Não n'as podem soletrar.

Só o mais velho dos sette,
Que andára na Palestina,
Disse: —'Outras letras como éstas
Eu já vi n'uma ruina,

'Junto dos cedros do Libano,
Ja meio entre a terra e os ceos,
Do tempo que ás filhas do homem
Fallavam anjos de Deus.

'Mas le-las não sei nem posso:
Nem que soubesse, o fizera:
Segredos são d'outro mundo
Que, n'este, Deus não tolera.'

No alto d'aquelle monte
Um alto cedro nasceu;
Ou anjos o semearam,
Ou foram aves do ceo,

Que ali cresceu de repente,
De uma noite para um dia;
E outro igual em todo o reino
Como aquelle não havia:

Foi a noite que a princeza
Alli veio a sepultar:
Era um sitio seu querido
Donde sohia de estar,

Aonde horas esquecidas,
Sósinha, de quando em quando,
Com as estrellas do ceo
Parecia estar fallando;

E onde, uma noite sem lua
  Que as estrellas mais brilhavam,
Houve quem visse nos ares
  Umas roupas que alvejavam,

E descer a pouco e pouco,
  E aopé da infanta parar
Um vulto... visão... ou sombra...
  Mas sombra de luz sem par:

E foi desd'aquella noite
  Que a não viu mais rir ninguem.
Anjo era o que lhe fallava...
  Mas se de Deus... ou de quem?...

V

O CHAPIM D'ELREI OU PARRAS VERDES

Foi verdadeiramente reconstruida ésta xácara dos fragmentos soltos da composição popular antiga, como hoje se reconstruiria das pedras cahidas de uma tôrre velha,—não exactamente o mesmo edificio, porque o cimento, e algum inchume novo aqui ou alli, seria mister impregar—mas quasi a mesma coisa; na fórma e nos materiaes a mesmissima.

Vieram-me de Evora os fragmentos por intervenção do Sr. Rivara, o habil e zeloso bibliothecario d'aquella cidade: são parte em prosa, parte em verso, estado em que alguns d'estes fósseis se desinterram ás vezes. Verifiquei depois que pelas vizinhanças de Lisboa se incontravam na mesma fórma e quasi os mesmos.

Deixei-lhe com mais seguridade o titulo de xácara que trazem muitos outros de nossos romances populares, porque effectivamente creio que quadra mais aos d'esta especie de narrativa que é feita dramaticamente pelos dizeres de um e outro dos seus personagens, emquanto o poeta pouco ou nada diz epicamente elle mesmo.

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xácara, soláo: no romance predomina a fórma epica, conta e canta principalmente o poeta; na xácara prevalece a fórma dramatica, diz o poeta pouco, ás vezes nada — fallam os seus personagens muito: o soláo é mais plangente e mais lyrico, lamenta mais do que reconta o facto, tem menos dialogo e mais carpir: ás vezes, como no soláo da Ama em Bernardim-Ribeiro, não ha senão o lamento de uma só pessoa que vai alludindo a certos successos, mas que os não conta.

Apezar do que levo ditto no principio d'estas linhas, como não posso negar que ha bastante do meu cimento no ligar e assentar das

pedras velhas, e ellas eram tam poucas e tam sôltas, escrupulisei de pôr ésta peça no II livro do ROMANCEIRO paraque me não accusassem de macaquear as imposturas de Macpherson ou de Fr. Bernardo de Brito.

A anecdota, que eu deixei religiosamente como a refere o povo, parece dever ter sido algum facto que realmente acontecesse: — como, quando e aonde? Não pude encontrar vestigio. É o que diz o pobre do conde, scismando:

O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'o topei:

mas cujo é, e a que pé serve, só se voltar do outro mundo o dito rei para no-lo dizer.

Lisboa, 27 de Março de 1843.

No appendice ao II livro do ROMANCEIRO achará o leitor a versão ingleza d'esta xácara, publicada pelo Sr. Adamson na sua LUSITANIA ILLUSTRADA, part. II.

Abril, 17 — 1853.

OS EDITORES.

O CHAPIM D'ELREI

OU

PARRAS VERDES

I

Verdes parras tem a vinha,
  Riccas uvas n'ella achei,
Tam maduras, tão coradas...
  Estão dizendo 'comei!'

—'Quero saber quem n'as guarda;
  Ide, mordomo, e sabei:'
Disse o rei ao seu mordomo.
  Mas porque o dizia o rei?

Porque viu n'aquelle monte
  —E como elle o viu não sei—
Essa donna imparedada,
  Não se sabe por que lei,

Que por seu mal é condessa,
Condessa de Valderey:
Antes ser pobre e villan,
Antes pela minha fei[1]!

Verdes parras tem a vinha:
Uvas que lhe víra el-rei
Tam maduras, tão coradas,
Estão dizendo 'comei!'

II

Veio o mordomo do monte:
— 'Boas novas, senhor rei!
A vinha anda bem guardada,
Mas eu sempre lá entrei.

'O dono foi-se a outras terras,
Quando volverá não sei;
A porta é velha, e a porteira
Com chave de ouro a tentei.

'Serve a chave á maravilha,
Tudo porfim ajustei:
Ésta noite á meia-noite
Comvosco á vendima irei.'

[1] Fe, fee, fei. Vid. nota no fim.

—'Valeis um reino, mordomo,
  Grandes mercês vos farei:
Ésta noite á meia-noite
  Riccas uvas comerei.'

A vinha tem parras verdes,
  Madura a uva lhe achei;
E tam madura, tam bella,
  Que está dizendo 'comei!'

III

Ao pino da meia-noite
  Foi mordomo e foi o rei:
Doblas que deram á velha,
  Um conto que nem eu sei.

—'Mordomo ficae á porta,
  Á porta que eu entrarei;
  Não me saltem cães na vinha
  Em quanto eu vendimarei.'

A porteira o que lhe importa
  É a dá-me que te darei...
No camarim da condessa
  Veis agora entrar o rei.

Levava um candil acceso;
  Era de prata, sabei:
Não ha senão prata e oiro
  Na casa de Valderey.

Da vinha as parras são verdes
  As uvas maduras sei,
São tão coradas, tão bellas...
  D'ellas — quando comerei!

IV

No camarim da condessa
  Tudo andava á mesma lei,
Era o ceo d'aquelle anjo:
  Que mais vos diga não sei.

Riccas sedas de Millão,
  Toalhas de Courtenney...
Tremia o rei — se era susto,
  Se era de gôsto não sei.

Cortinas de seda verde
  Vai ergo não erguerei...
Tal clarão lhe deu na vista,
  Como não cahiu não sei.

Era uma tal formosura....
  Ora que mais vos direi?
Outro primor como aquelle
  Não vistes nem eu verei.

Verdes parras tem a vinha,
  Riccas uvas lhe avistei,
Tam formosas, tam maduras,
  Estão dizendo 'comei!'

V

Dormia tam descançada
  Como eu no ceo dormirei
Quando for tam innocente....
  Jesus! se eu lá chegarei!

De joelhos toda a noite
  Alli fica o bom do rei,
Pasmado a olhar para ella
  Sem bulir nem mão nem pei[1].

E dizia:—'Senhor Deus!
  Perdoae-me o que já pequei,
Mas este anjo de innocencia
  Não sou eu que offenderei.

[1] Pé, pee, pei. Vid. nota no fim.

Tem verdes parras a vinha;
  Lindas uvas que eu lhe achei,
Tenho medo que me travem...
  D'ellas, ai! não comerei.

VI

Ja vinha arraiando o dia,
  E elle, como vos contei,
Ouve apitar o mordomo...
  —'Jesus, senhor, me valei!'

Era o signal ajustado
  —Vindo o conde, apitarei—
Deixou cahir as cortinas
  Dizendo:—'Não vendimei!'

Lindas parras tem a vinha,
  Bellas uvas n'ella achei;
Mas doeu-me a consciencia,
  Das uvas não comerei.

VII

Deita a correr com tal pressa
  Que voava o bom do rei:
—'Ai que perdi um chapim...'
  —'Tomae, que um meu vos darei:

'Mas nem um instante mais,
  Que o conde ja avistei
Descendo d'aquella altura;
  Se nos colherá não sei...'

Era o medo do mordomo:
  Outro era o medo do rei.
Qual d'elles tinha razão
  Agora vo-lo direi.

Parras verdes viu na vinha,
  Uvas maduras de lei;
Foi travo da consciencia,
  Diz:—'D'ellas não comerei.'

VIII

Chega o conde á sua tôrre,
  O conde de Valderey,
Topou n'um chapim bordado...
  Como ficou não direi.

Vai-se ao quarto da condessa:
  —'Morrerá, mattá-la-hei.'
Viu-a dormir tão serena:
  —'Jesus! não sei que farei!'

Corre a casa ao derredor:
—'Deus me tenha em sua lei,
Que ou ésta mulher é bruxa
Ou eu c'o chapim sonhei!

'O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'o topei...
Mas que durma assim tão manso
Quem tal fez, não n'o crerei.'

Entrou a scismar n'aquillo:
—'Valha-me Deus! que farei?
Por menos fica homem doudo;
E eu como o não ficarei?'

Minha vinha tão guardada!
Uvas que n'ella deixei
Não é fructa que se conte...
Da que me falta não sei.'

IX

Foi-se fechar no mais alto
Da tôrre de Valderey:
—'Não quero comer do pão,
Nem do vinho beberei;

'Minhas barbas e cabellos
Tambem mais os não farei,
Que ésta verdade não saiba
D'aqui me não tirarei.'

Verdes parras d'essa vinha,
Uvas que eu não comerei,
Ficae-vos séccas embora,
Que eu já'gora — morrerei.

X

Por tres dias e tres noites
Que se guarda aquella lei;
Clama a triste da condessa:
—'Ao seu mal que lhe farei!'

De quem foi ella valer-se?
Agora vo-lo direi.
Foi lastimar-se a innocente...
Onde iria?—ao proprio rei.

—'Ide, condessa, ide embora,
Que eu remedio lhe darei;
O segredo do seu mal
Sei-o eu... Se o saberei?

'Palavra de cavalleiro
  Em lealdade vos darei,
Que ou elle hade ser quem era,
  Ou eu, quem sou, não serei.'

As verdes parras da vinha,
  As uvas que eu cubicei,
Ellas a travar-me n'alma...
  E mais d'ellas não provei!

XI

Fôra d'alli a condessa,
  Não tardou em ir o rei:
—'Quero ouvir o que elles dizem,
  A ésta porta escutarei.'

Ouviu uma voz celeste
  Como tal nunca ouvirei,
Cantando em doce toada
  Este triste vireley:

—'Já fui vinha bem cuidada,
  Bem querida, bem trattada:
    Como eu medrei!
Ora não sou nem serei:
    O porquê não sei
    Nem n'o saberei!'

Com as lagrimas nos olhos
Foi d'alli o bom do rei:
—'Oiçamos agora o outro,
E o que sabe, saberei!'

—'Minha vinha tam guardada!
Quando n'ella entrei
Rastos do ladrão achei;
So me elle roubou não sei:
Como o saberei?'

Era o conde a lastimar-se.
Surrindo dizia o rei
(Se era de si ou do conde
Que elle se ria não sei):

—'Eu fui que na vinha entrei,
Rastos de ladrão deixei,
Parras verdes levantei,
Uvas bellas
N'ellas — vi:
E assim Deus me salve a mi
Como d'ellas
Não comi!'

XII

A porta tinha uma fresta:
Tirou o chapim do pei[1],
Atirou-lh'o para dentro,
Disse-lhe: —'Vêde e sabei.'

Do mais que alli succedeu
Para que vos contarei?
O conde soube a verdade,
E o rei soube — ser rei.

Verdes parras tem a vinha,
Riccas uvas lá deixei:
Quem m'a guardou foi o medo...
De Deus e da sua lei.

[1] Vid. nota no fim.

VI

ROSALINDA

É verdadeiramente sublime, tem tôda a frescura viçosa das imagens da poesía primitiva, a com que termina este romance. Tudo o que ha de asqueroso n'uma sepultura desapparece do tumulo em que amor desfolhou os seus goivos: alli não ha corrupção nem vermes: uma bella árvore, um rosal florido reproduzem em 'novas e mudadas fórmas' os corpos de dois amantes. A vida não acabou, mudou só; e nem mudou tanto, que a vegetal seiva d'esses ramos não ferva ainda do mesmo ardor que ja animou aquelle sangue. Tendem umas para as outras as apaixonadas vergonteas; cortam-n'as e ellas recrescem, e vão-se abraçar como duas palmeiras namoradas.

Sente-se aqui o BELLO, sente-o qualquer porque é bello devéras. Assim se popularizou ésta imagem e fez a volta da Europa, que a

achâmos nos romances e soláos de quantos povos entraram na grande communhão romano-celtica, romano-theutonica, ou celto-theutonica: — talvez seja o modo mais exacto de dizer, este último.

O romanca *Prence Robert,* publicado por Sir Walter Scott, da tradição oral das raias d'Escocia[1], remata com éstas coplas:

The tane was buried in Marie's kirk
  The tother in Marie's quair;
And out o' the tane there spring a birk,
  And out o' the tother a brier.

And thae twa met, and thae twa plat,
  The birk but and the brier;
And by that ye may very weel ken
  They were twa lovers dear.

Cito éstas coplas escocezas por serem as que mais se parecem com as do nosso romance: ha muitos outros parallelismos, mais ou menos approximados, nos romanceiros e cancioneiros de quasi todas as linguas. Não é possivel descubrir hoje onde nasceu a idea original; no portuguez é onde ella está mais lindamente

[1] Minstrelsy of the Scottish border etc. by Sir Walter Scott, mihi, ed. de Paris 1838 — 2 vol. pag. 125.

expressada e com mais 'sentimento.' Na famosa historia de Dom Tristam, apontada a este proposito por Sir W. Scott, occorre a mesma imagem.

'*Ores veitil que de la tumbe de Tristam yssait une belle ronce verte et feuilleuse, qui aleoit par la chapelle, et déscendoit le bout de la ronce sur la tumbe d'Isseult, et entroit dedans.*' Tres vezes cortaram a milagrosa planta, mas, continúa o bom do historiador, Rusticien de Puise, '*le lendemain estoit aussi belle comme elle avoit cydevant été, et ce miracle estoit sur Tristam et sur Ysseult à tout jamais advenir.*'

É um ponto luminoso para as indagações philologicas na historia das linguas modernas —ou da sua poesia, que é a mesma coisa. É para mais ainda; porque a historia do homem, por aqui a hade começar a estudar quem verdadeiramente a quizer saber.

Eu fiz este romance de tres fragmentos diversos, tam fragmentos que nenhum d'elles per si se intendia bem. O primeiro appareceu-me inserido no de Eginaldo, Reginaldo

— ou Girinaldo, como diz em muitas partes o povo. O segundo e terceiro involtos com o de Claralinda ou Clara-lindes, que os castelhanos chamam *Clara-niña*, e ao romance do conde Claros.

No logar competente do cancioneiro darei esses romances que hoje tenho restituidos pela collação de outros fragmentos e de melhores cópias que depois me vieram [1].

Campolide, 8 de Setembro 1843.

Tambem na LUSITANIA ILLUSTRATA vem a traducção ingleza d'este romance que vai copiada no appendice á II parte do LIVRO II do nosso ROMANCEIRO.

Aqui damos agora o bello estudo e versão franceza de M. Edouard Fournier sôbre a Rosalinda, que se publicou em París em 1852.

Abril, 16 – 1853.

OS EDITORES.

[1] Vej. no livro II, part. I, o romance XIII, *Claralinda*, pag. 219 do 2.º vol.; e na part. II, o romance XVIII, *Conde Nillo*, pag. 19 do 3.º vol.; ibid. o romance XX a *Peregrina*, pag. 35, etc.

ROSALINDA

Era por manhã de maio,
  Quando as aves a piar,
As árvores e as flores,
  Tudo se anda a namorar;

Era por manhã de maio,
  Á fresca riba de mar,
Quando a infanta Rosalinda
  Alli se estava a toucar.

Trazem das flores vermelhas,
  Das brancas para a infeitar;
Tam lindas flores como ella
  Não n'as poderam achar:

Que é Rosalinda mais linda
   Que a rosa, que o nenuphar,
Mais pura que a açucena
   Que a manhan abre a chorar.

Passava o conde almirante
   Na sua galé do mar;
Tantos remos tem por banda
   Que se não podem contar;

Captivos que a vão remando
   A Moirama os foi tomar;
D'elles são grandes senhores,
   D'elles de sangue real:

Que não ha moiro seguro
   Entre Ceuta e Gibraltar
Mal sai o conde almirante
   Na sua galé do mar.

Oh que tam linda galera,
   Que tam certo é seu remar!
Mais lindo capitão leva,
   Mais certo no marear.

—'Dizei-me, o conde almirante
   Da vossa galé do mar,
Se os captivos que tomais
   Todos los fazeis remar?'

—'Dizei-me, a bella infanta,
Linda rosa sem egual,
Se os escravos que lá tendes
Todos vos sabem toucar?'

—'Cortez sois, Dom Almirante:
Sem responder, perguntar!'
—'Responder, responderei,
Mas não vos heisde infadar:

'Captivos tenho de todos,
Mais bastos que um aduar;
Uns que mareiam as velas,
Outros no banco a remar:

'As captivas que são lindas
Na poppa vão a dançar,
Tecendo alfombras de flores
Para o senhor se deitar.'

—'Respondeis, respondo eu,
Que é boa lei do pagar:
Tenho escravos para tudo,
Que fazem o meu mandar;

'D'elles para me vestir,
D'elles para me toucar...
Para um só tenho outro imprégo,
Mas está por captivar...

—'Captivo está, tam captivo
  Que se não quer resgatar.
Rema, a terra a terra, moiros,
  Voga certo, e a varar!'

Ja se foi a Rosalinda
  Com o almirante a folgar:
Fazem sombra as larangeiras,
  Goivos lhe dão cabeçal.

Mas fortuna, que não deixa
  A nenhum bem sem dezar,
Faz que um monteiro d'elrei
  Por alli venha a passar.

—'Oh monteiro, do que viste,
  Monteiro, não vás contar:
Dou-te tantas bolsas de oiro
  Quantas tu possas levar.'

Tudo o que viu o monteiro
  A elrei o foi contar,
A casa da estudaria
  Onde elrei stava a estudar.

—'Se á puridade o disseras,
  Tença te havia de dar:
Quem taes novas dá tam alto,
  Alto hade ir... a inforcar.

'Arma, arma, meus archeiros
  Sem charamellas tocar!
Cavalleiros e piões,
  Tudo á tapada a cercar.'

Inda não é meio dia,
  Começa a campa a dobrar;
Inda não é meia noite,
  Vão ambos a degollar.

Ao toque de ave-marias
  Foram ambos a interrar:
A infanta no altar mor,
  Elle á porta principal.

Na cova da Rosalinda
  Nasce uma árvore real,
E na cova do almirante
  Nasceu um lindo rosal.

Elrei, assim que tal soube,
  Mandou-os logo cortar,
E que os fizessem em lenha
  Para no lume queimar.

Cortados e recortados,
  Tornavam a rebentar:
E o vento que os incostava,
  E elles iam-se abraçar.

Elrei, quando tal ouviu,
   Nunca mais pôde fallar;
A rainha, que tal soube,
   Cahia logo mortal.

—'Não me chamem mais rainha,
   Rainha de Portugal...
Apartei dous innocentes
   Que Deus queria juntar!'

ÉTUDES SUR LA ROSALINDA

Les rapports entre la littérature française et la littérature portugaise, au moyen-âge, furent plus grands et plus directs que l'éloignement des deux pays ne le donnerait à penser. M. Raynouard a été des premiers à le remarquer; il ne s'est même pas borné à une simple constatation du fait, il l'a appuyé de toutes sortes de preuves. Afin même de montrer complètement combien la langue portugaise se rapprochait de la langue romane, il a été jusqu'à traduire dans la langue des troubadours, une petite pièce du Camoëns[1]. Épreuve triomphante ! car à quelques syllabes près, les deux pièces, l'original et la traduction, se sont trouvés les mêmes. Il n'y a pas plus complète identité contre les *Noei* en patois bourguignon et la très facile traduction française que tout le monde peut en faire. Qu'on en juge par la seconde des deux strophes :

PORTUGAIS	LANGUE DES TROUBADOURS
Melhor deve ser	Melhor deu esser
N'esto aventurar	En est aventurar
Ver e não guardar	Vezer e no guardar
Que guardar e ver.	Que guardar e vezer.
Ver e defender	Vezer e defender
Muito bom seria,	Molt bon seria,
Mas quem poderia ?	Mas qui poiria ?

[1] *Poésie des Troubadours*, tom. VI, pag. 385.

Dans tout cela, je le répète, il n'y a pas une syllabe qui ne soit sœur de celle qui la traduit.

Les mots qui servaient à désigner les diverses sortes de pièces de poésie étaient les mêmes pour les poëtes portugais et pour les poëtes de la langue romane. Ceux-ci, par exemple, avaient le *lai* qui correspondait directement au *leod* allemand et au *laoi* des Irlandais; ceux-là, Portugais et Espagnols, avaient le *loa*. La même chose sous le même mot. Une autre espèce de poëme s'appelait *dict* chez les trouvères, et les Portugais le connaissaient aussi sous un nom presque pareil. Dans la *Carta del marquès de Santillana*[1], se lit cette phrase par laquelle se trouvent indiqués ces *dicts* en langue portugaise: 'Cantigas serranas, e *dicires* Portuguesees e Gallegos.' Pour exprimer la rime dans toute sa primitivité native, mais mélodieuse, nous avions le mot *assonnance* qui est resté, et le verbe *assonner* qui n'a malheureusement pas eu le même sort. Les Espagnols et les Portugais avaient de même le verbe *asonar* qu'ils étendaient jusqu'au sens de l'expression '*mettre em musique*[1].' Enfin, il n'est pas jusqu'au mot *troubadour* qui ne se retrouve à peine modifié dans la langue portugaise. Tantôt c'est *trobar*, tantôt c'est *trobador*. Le premier de ces mots se trouve dans ce vers des *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito*[2]:

Et por que m'ora quitey de trobar,

et le second, aux fol. 91 et 101 du même recueil.

[1] Ap. Sanchez, tom I, pag. LVIII.

[2] Le manuscrit du *Cancioneiro* date du XIII siècle et les pièces qu'il contient semblent plus anciennes. Il a été publié à Paris en

Ces similitudes ne se retrouvent pas seulement dans les idiomes, mais encore dans le génie des deux nations. On voit par les œuvres qu'ont laissées leurs poëtes que toutes deux puisent aux mêmes sources et se renvoient mutuellement l'inspiration. Mais elle vient surtout des troubadours, il faut bien le dire ; et quand nous avons appris que le roi de Portugal Diniz prit pour maître en l'art des vers le troubadour de Cahors, Aymeric d'Ebrard, qui lui apprit à faire même des vers provençaux, et qui reçut en récompense l'archevêché de Lisbonne où il fonda la fameuse université transportée en 1308 à Coïmbre ; nous n'avons pas été surpris. À cette époque déjà, tous les bons maîtres venaient de France.

Pour preuve de la communauté d'inspiration des poëtes portugais et des troubadours, nous citerons deux exemples. Une chanson portugaise que nous lisons au fol. 78 du recueil rarissime cité tout-à-l'heure sera le premier. On la trouva ainsi traduite dans les *Prolégomènes de l'Histoire de la Poésie scandinave*, par M. Edelestand Du Méril[1].

'Par Dieu ! ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

'Vous me semblez si belle, ô dame, que jamais je n'en vis d'aussi belle et je vous dis une grande vérité, telle que je n'en sais pas de plus vraie. Par Dieu,

1823 par Sir Ch. Stuart of Rothsay et tiré seulement à 25 exemplaires, dont aucun n'a été mis dans le commerce. Vid. a nova ed. do Sr. Varnhagen, Madrid 1851.

[1] Pag. 339, note 1.

ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

'Et Dieu, qui vous tient en sa puissance, vous combla si généreusement de ses dons, qu'il n'est rien au monde qui puisse ajouter à votre mérite. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.

'En vous créant, Madame, sa puissance montra tout ce qu'il était capable de réunir en une dame de mérite, de beauté et d'esprit. Par Dieu, ô dame Léonor, notre Seigneur fut ben prodigue pour vous.

'Comme brille le bon rubis au milieu des perles, vous brillez entre toutes celles que j'ai jamais vues, et c'est pour moi qui suis épris de tant d'amour que Dieu vous a créée. Par Dieu, dame Léonor, notre Seigneur fut bien prodigue pour vous.'

Notre second exemple sera ce chant charmant de la Rosalinda. M. de Almeida-Garrett, avec ce tact exquis et cet haut goût archéologique qui le placent à la tête des poëtes les mieux inspirés et en même temps les plus érudits du Portugal, a retrouvé dans les vieilles traditions du peuple lusitain, et reconstruit d'après trois différents fragments, les meilleures variantes de ce chant depuis si longtemps populaire. Le poëte se trouve à chaque vers de cette chanson telle qu'il l'a rétablie, et l'érudit à chaque ligne de l'introduction historique dont il l'a fait précéder. Jamais en n'a mieux prouvé que dans cette préface

savante, les rapports poétiques qui existèrent au moyen-âge entre les races du midi et celles du nort. Où M. Garrett trouve-t-il, en effet, le premier germe de la poétique image qui couronne la ballade portugaise? Dans les chants écossais, dans la romance du *Prince Robert,* telle que la tradition orale l'avait transmise a Walter-Scott pour son *Minstrelsy of the scottish border* etc.[1]; ou bien encore dans cette fameuse histoire de Tristam et de la belle Iseult, par Rusticien de Puise, dont il cite, d'après Walter-Scott, de trop courts fragments...

Ces détails miraculeux de l'histoire d'Iseult se retrouvent dans les dernières strophes de la *Rosalinda*[2]. On le verra, du reste, par la traduction complète que nous en avons tentée. Elle est en vers souvent inélégants et mal rimés, mais exacts, je crois, et serrant du plus près qu'il est possible la strophe portugaise, bien que dans un rhythme différent. Pour nous excuser des rimes insuffisantes et des mots vieillis, nous dirons que s'ils sont de mise quelque part, c'est dans un chant populaire, et nous alléguerons, à qui ne nous le pardonnerait pas, l'enthousiasme du morose Alceste pour cette vieille chanson du *roi Henri,* qui cependant est pleine de ces mêmes défauts. Ce qu'il dit pour les excuser devra nous justifier nous-même, et c'est l'un des vers que Molière lui prête que nous servira d'épigraphe.

[1] Vid. ante, pag. 161 d'este I do tomo do ROMANCEIRO.
[2] Vid, ibid.; e tomo II do MINSTRELSY etc. de Sir. W. Scott.

ROSALINDA

BALLADE PORTUGAISE

La rime n'est pas riche et le style en est vieux [1]
MOLIÈRE, *Misanthrope.*

C'était un matin de mai,
Quand l'oiseau dans la nuée,
L'arbre au bois, la fleur au pré,
Chantent l'amour réveillée.

C'était un matin de mai,
Quand Rosalinda l'infante
Sur le rivage embaumé
Peignait sa tête charmante.

Blanches fleurs on lui portait,
Rouges fleurs avec leur branche:
Mais en grâce elle passait
Et la fleur rouge et la blanche.

Mieux que celle des épis,
Mieux que la rose nouvelle,
Le nénuphar et le lis
La belle infante était belle.

Le comte amiral passait
Avec sa galère sombre
Mainte rame s'y pressait
Tant, qu'on n'en sait pas le nombre.

[1] Note pour la traduction

Les captifs ses noirs rameurs
Il les prit au pays More.
Tous, ils sont de grands seigneurs,
Ou du sang royal encore.

Depuis Ceuta, pas un port
Qui ne redoute la guerre
Quand le comte amiral sort
Avec sa noire galère.

Voyez, comme elle fend l'eau,
Comme on y rame em mesure !
Que son capitaine est beau,
Que sa main est forte et sûre !

— 'Dites moi, comte amiral,
Pour ces captifs, votre prise,
Le labeur, est-il égal ?
Rament-ils tous, sous la brise ?

— 'Vous que je vois se mirer,
Belle infante, fleur d'élite,
Savant-ils, tous vous parer
Ces esclaves, votre suite ?'

— 'L'amiral est peu galant,
Pour réponse une demande !
Qu'il parle, il se peut pourtant
Que sa réponse on lui rende.'

— 'Ainsi qu'un chef d'Adouar,
J'ai bien des captifs, madame,
Du travail tous ont leur part,
L'un manœuvre et l'autre rame.

'Les captives au beau front
Dansent, effeuillant la rose,
Et de fleurs jonchent le pont,
Pour que leur maître y repose.

— 'Vous répondez, je vous dois
Comte, égale politesse:
J'ai, dociles à ma voix,
Esclaves de toute espèce.

'L'un est là pour m'atourner
Et cet autre me fait brave (belle).
Un emploi reste à donner,
Où manque encor un esclave...

— 'Cet esclave il est trouvé,
Il défend qu'on le libère;
Il ne veut qu'être arrivé,
Ramez vite, allons à terre!

Et Rosalinda partit:
Et le comte est avec elle,
Les fleurs leur prêtent un lit,
L'oranger sa verte ombelle.

Mais le sort, — c'est là sa loi —
Ne veut qu'un bien sans mal vienne:
Là, passe un veneur du roi...
C'est ce destin qui l'amène.

— 'De tout ce qui tu vis là,
Ne conte rien à personne,
Veneur, on te donnera
De l'or à payer un trône.'

Mais ce que le veneur sait,
Près du roi vite il s'en vante,
Qui dans son palais était,
Et qui pensait à l'infante.

— 'En honneur dis chaque mot
Tu recevras récompense
Mais qui dit haut, ira haut,
C'est-à-dire à la potence.'

'Vite, archers, vite clairons,
Sonnez, comme pour combattre,
Nobles, cavaliers, piétons
Vite, allons la forêt battre.'

Midi n'était pas frappé
Que sonne un glas mortuaire,
Minuit n'avait pas tinté
Que leur tête était par terre.

Quand l'Angelus vint après
Dans leur fosse on les emporte,
Elle au maître-autel, lui près
Des marches de la grand' porte.

Voilà qu'au premier tombeau
Nait un noble et puissant arbre,
Quand un rosier grand et beau
Pousse auprès du second marbre.

—'Ça qu'on les lie en fagot
Pour en faire de la cendre,'
Cria le vieux roi, sitôt
Que la chose il put apprendre.

Mais on eut beau les raser,
Chacun à l'envi repousse;
Même, ils semblent se baiser
Sous la bise qui les pousse.

Au roi l'on a révélé
Cette aventure inouie.
Depuis, il n'a plus parlé;
La reine est évanoui.

D'elle on a pu retenir
Ces mots: 'Je ne suis plus reine!
Dieu voulait les réunir,
Nous avons rompu leur chaîne!'

VII

MIRAGAIA

É a terceira vez que se imprime o romance MIRAGAIA; só agora porém vai restituido ao seu devido logar n'este primeiro livro do ROMANCEIRO. Publicou-se primeiramente no 'Jornal das Bellas-artes[1],' foi logo vertido em Inglez não sei por quem, e não me lembra em que publicação appareceu, nem o acho.

Traduziu-o em Francez um curioso[2]; e não me metto a apreciar a que elle modestamente chama 'imitação' do meu romance; dou-a em appendice.

Tambem sei que existe uma versão castelhana pelo Sr. Isidoro Gil, o mesmo que n'esse idioma traduzira o BERNAL-FRANCEZ. Creio que se publicou em um jornal de Madrid, mas não a vi nunca.

[1] Jornal das Bellas-artes, Lisboa 1845, vol. I.

[2] Mr. Zanole que foi depois, em 1848-1849, addido á legação franceza na China.

Eu, quando dei esta bagatella aos Srs. editores do 'Jornal das Bellas-artes' para encherem algum vão que lhes sobrasse n'aquella sua linda e elegante publicação, escrevi, a um canto do proprio rascunho original que não tive paciencia de copiar, as seguintes palavras:

'Este romance é a verdadeira reconstrucção de um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia 'rezada' ainda hoje repettida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos tambem fabulam cada um a seu modo sôbre a legenda. O auctor, ou, mais exactamente, o recopilador, seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo, e sôbre tudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o quê, é sua intima persuasão que se não póde restituir a perdida nacionalidade á nossa litteratura.'

O postscriptum, servindo de nota ao commento, sahiu impresso no referido jornal, e foi ampliado com algumas observações por

extremo lisongeiras dos Srs. editores, a quem muito desejei auxiliar como elles mereciam por sua gentil impréza, que era a mais bella e das mais uteis que se teem commettido em Portugal.

Devo ao seu favor, não só o terem adornado a minha MIRAGAIA com as lindas gravuras em madeira que todos admiraram, mas o permittirem que se fizesse com ellas a pequena edição em separado com que quiz brindar alguns amigos, apaixonados, como eu, de nossas antigualhas populares.

Era uma folha avulsa do meu ROMANCEIRO, e n'elle vai reposta agora que se offerece tempo e logar conveniente.

Foi das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei: e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da razão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este romance. Dos cinco aos dez annos de edáde vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada 'O Castello' que tinhamos áquem Doiro, e que se diz tirar esse

nome das ruinas que alli jazem do castello mourisco.

Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa-Senhora com a mesma invocação 'do Castello,' e com a sua legenda popular tambem, segundo o costume.

Com os olhos tapados eu iria ainda hoje achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muita vez brinquei na fonte do rei Ramiro, cuja agua é deliciosa comeffeito; e tenho idea de me ter custado caro, outra vez, o imitar, com uma gaita da feira de San'Miguel, os toques da bozina de S. M. Leoneza, impoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'elrei Alboazar: o que meu pae desapprovou com tam significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

Assim ólho para ésta pobre MIRAGAIA como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe—que mal ha n'isso?—quero-lhe como a tal. Não a julguem tambem por mais, que o não vale.

Lisboa, 24 de Janeiro 1847.

MIRAGAIA

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tam formosa,
  Linda noite sem luar,
As tuas estrellas de oiro
  Quem n'as poderá contar!

Quantas folhas ha no bosque,
  Areias quantas no mar?...
Em tantas lettras se escreve
  O que Deus mandou guardar.

Mas guai do homem que se fia
  N'essas lettras deciphrar!
Que a ler no livro de Deus
  Nem anjo póde atinar.

Bem ledo está Dom Ramiro
  Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
  Foi causa de elle a roubar.

Disse-lhe que pelos astros
  Bem lhe podia affirmar
Que Zahara, a flor da belleza,
  Lhe devia de tocar.

E o rei veio de cilada
  D'além do Doiro passar,
E furtou a linda moira,
  A irman d'Alboazar.

A Milhor, que é terra sua
  E está na beira do mar,
Se acolheu com sua dama...
  Do mais não sabe cuidar.

Chora a triste da rainha,
  Não se póde consolar;
Deixá-la por essa moira,
  Deixá-la com tal dezar!

E a noite é escura cerrada,
  Noite negra sem luar...
Ella sósinha ao balcão
Assim se estava a queixar:

—'Rei Ramiro, rei Ramiro,
Rei de muito mau pezar,
Em que te errei d'alma ou corpo,
Que fiz para tal penar?

'Diz que é formosa essa moira,
Que te soube infeitiçar...
Mas tu dizias-me d'antes
Que eu era bella sem par.

'Que é môça, na flor da vida...
Eu, se ainda bem sei contar,
Ha tres que tinha vinte annos,
Fi-los depois de casar.

'Diz que tem os olhos pretos,
D'estes que sabem mandar...
Os meus são azues, coitados!
Não sabem senão chorar.

'Zahara, que é flor, lhe chamam,
A mim, Gaia... Que acertar!
Eu fiquei sem alegria,
Ella a flor não torna a achar.

'Oh! quem podéra ser homem,
Vestir armas, cavalgar,
Que eu me fôra ja direita
A esse moiro Alboazar...'

Palavras não eram dittas,
  Os olhos foi a abaixar,
Muitos vultos acercados
  Ao palacio viu estar;

—'Peronella, Peronella,
  Criada do meu mandar,
Que vultos serão aquelles
  Que por alli vejo andar?'

Peronella não responde;
  Que havia de ella fallar?
Ricas peitas de oiro e joias
  A tinham feito callar.

A rainha que se erguia
  Por sua gente a bradar,
Sette moiros cavalleiros
  A foram logo cercar;

Soltam prégas de um turbante,
  A bôcca lhe vão tapar:
Tres a tomaram nos braços...
  Nem mais um ai pôde dar.

Criados da sua casa
  Nenhum veio a seu chamar;
Ou peitados ou captivos
  Não n'a podem resgatar.

São sette os moiros que entraram
  Sette os estão a aguardar;
Não fallam nem uns nem outros...
  E prestes a cavalgar!

Só um, que de arção a toma,
  Parece aos outros mandar...
Junctos junctos, certos certos,
  Galopa a bom galopar!

Toda a noite, toda a noite
  Vão correndo sem cessar,
Pelos montes trote largo,
  Por valles a desfilar.

Nos ribeiros—peito n'agua,
  Chape, chape, a vadear!
Nas defesas dos vallados
  Up! salto—e a galgar!

Vai o dia alvorocendo,
  Estão á beira do mar,
Que rio é este tam fundo
  Que n'elle vem desaguar?

A bôcca ja tinha livre,
  Mas não acerta a fallar
A pasmada da rainha...
  Cuida ainda de sonhar!

Cozeram-se com a terra,
  Lá se foram incostar;
Entre os ramos dos salgueiros
  Mal se podem divisar.

Um homem saltou na praia:
  Onde irá n'aquelle andar?
Leva bordão e esclavina,
  Nas contas vai a rezar.

Inda a névoa tolda o rio,
  O sol ja vem a rasgar,
Pela incosta do castello
  Vai um romeiro a cantar:

—'Sanctiago de Galliza,
  Longe fica o vosso altar:
Peregrino que lá chegue
  Não sabe se ha de voltar.'

Na incosta do castello
  Uma fonte está a manar;
Donzella que está na fonte
  Pôs-se o romeiro a escutar.

A donzella está na fonte,
  A jarra cheia a deitar:
—'Bemditto sejais, romeiro,
  E o vosso doce cantar!

'Por éstas terras de moiros
  É maravilha de azar,
Ouvir cantigas tam sanctas,
  Cantigas do meu criar.

'Sette padres as cantavam
  Á roda de um bento altar;
Outros sette respondiam
  No côro do salmear,

'Entre véspera e completas,
  E os sinos a repicar.
Ai triste da minha vida
  Que os não oiço já tocar!

'E as rezas d'estes moiros
  Ao démo as quizera eu dar.'
Ouvireis ora o romeiro
  Resposta que lhe foi dar:

—'Deus vos mantenha, donzella,
  E o vosso cortez fallar:
Por éstas terras de moiros
  Quem tal soubera de achar!

'Por vossa tenção, donzella,
  Uma reza heide rezar
Aqui aopé d'esta fonte,
  Que não posso mais andar.

Oh! que fresca está a fonte,
Oh! que séde de mattar!
Que Deus vos salve, donzella,
Se aqui me deixais sentar.'

—'Sente-se o bom do romeiro,
Assente-se a descansar.
Fresca é a fonte, doce a agua,
Tem virtude singular:

D'outra não bebe a rainha
Que aqui m'a manda buscar
Por manhanzinha bem cêdo,
Antes do o sol aquentar.'

—'Doce agua deve de ser,
De virtude singular:
Dae-me vós uma vez d'ella,
Que me quero consolar.'

—'Beba o peregrino, beba
Por ésta fonte real,
Cântara de prata virgem,
Tem mais valor que oiro tal.'

—'Dona Gaia que diria,
Que faria Alboazar
Se visse o pobre romeiro
Beber da fonte real?..'

—'Inda era noite fechada
  Meu senhor foi a caçar:
Maus javardos o detenham,
  Que é bem ruim de aturar!

'Minha senhora, coitada,
  Essa não tem que fallar:
Quem ja teve fontes de oiro
  Prata não sabe zelar.'

—'Pois um recado, donzella,
  Agora lhe heisde levar;
Que o romeiro christão.
  Lhe deseja de fallar.

'Da parte de um que é ja morto,
  Que morreu por seu pezar,
Que á hora de sua morte
  Este annel lhe quiz mandar.'

Tirou o annel do dedo
  E na jarra o foi deitar:
—'Quando ella beber da agua
  No annel hade attentar.'

Foi-se d'alli a donzella,
  Ia morta por fallar...
—'Anda ca, ó Peronella,
  Criada de mau mandar.

'Tua ama morrendo á séde
E tu na fonte a folgar?'
—'Folgar não folguei, senhora,
Mas deixei-me adormentar,

'Que a moira vida que eu levo
Ja não n'a posso aturar.
Ai terra da minha terra,
Ai Milhor da beira-mar!

'Aquella sim que era vida,
Aquillo que era folgar!
E em sancto temor de Deus:
Não aqui n'este peccar!'

—'Cal-te, cal-te, Peronella,
Não me queiras attentar;
Que eu a viver entre moiros
Me não vim por meu gostar.

'Mas ja tenho perdoado
A quem lá me foi roubar;
Que antes escrava contente,
Do que rainha a chorar.

'Forte christandade aquella,
Bom era aquelle reinar!
Viver só, desamparada,
Ver a moira em meu logar!..'

Lembrava-lhe a sua offensa,
Está-lhe o sangue a queimar:
Na agua fria da fonte
A sêde quiz apagar.

A fonte de prata virgem,
Á bôcca foi a levar,
As riccas pedras do annel
No fundo viu a brilhar.

—'Jesus seja co'a minha alma!
Feitiços me querem dar...
O fogo a arder dentro n'agua,
E ella fria de nevar!'

—'Senhora, co'esses feitiços
Me tomára eu imbruxar!
Foi um bemditto romeiro
Que á fonte fui incontrar,

'Que ahi deitou esse annel
Para prova singular
De um recado que vos trouxe,
Com que muito heisde folgar.'

—'Venha ja esse romeiro
Que lhe quero ja fallar:
Embaixador deve ser
Quem traz presente real.'

CANTIGA TERCEIRA

—'Por Deus vos digo, romeiro
Que vos queirais levantar;
Minhas mãos não são reliquias,
Basta de tanto bejar!'

O romeiro não se erguia,
As mãos não lhe quer largar:
Os bejos uns sôbre os outros,
Que era um nunca acabar.

Ia a infadar-se a rainha,
Viu que entrava a soluçar,
E as lagrymas, quatro e quatro,
Nas mãos sentia rollar:

—'Que tem o bom do romeiro,
Que lhe dá tanto pezar?
Diga-me las suas penas
Se lh'as posso alliviar.'

—'Minhas penas não são minhas,
  Que aos mortos morre o penar;
Mas a vida que eu perdi
  Em vós podia incontrar.

'Minhas penas não são minhas,
  Senão vossas, mal pezar!
Que uma rainha christan
  Feita moira vim achar...'

—'Romeiro, não tomeis cuita
  Por quem se não quer cuitar:
Do que fui ja me não lembro,
  O que sou não me é dezar.

'Deus terá dó da minha alma,
  Que meu não foi o peccar;
E a esse traidor Ramiro
  As contas lhe hade tomar.'

—'Pois nãoespereis, senhora,
  Por Deus, que póde tardar:
Dom Ramiro aqui o tendes,
  Mandae-o ja castigar.'

Em pé está Dom Ramiro,
  Ja não ha que disfarçar:
Aquellas barbas tam brancas
  Cahiram de um impuxar.

O bordão e a esclavina
  A terra foram parar;
Não ha ver mais gentilezas
  De meneio e de trajar.

Quem viu olhos como aquelles
  Com que o ella está a mirar!
Quem passou ja transes d'alma
  Como ella está a passar?

Um tremor que não é mêdo,
  Um sorriso de infiar,
Vergonha que não é pejo,
  Faces que ardem sem corar...

Tudo isso tem no semblante,
  Tudo lhe está a assomar
Como ondas que vão e vêem
  Na travessia do mar.

A vingança é o prazer do homem,
  Da mulher é o seu manjar:
Assim perdoa elle e vive,
  Ella não—que era acabar.

Vingar-se foi o primeiro
  E o derradeiro pensar
Que entre tantos pensamentos,
  Em Gaia estão a pullar:

Logo depois a vaidade,
  O gôsto de triumphar
N'um coração que foi seu,
  Que seu lhe torna a voltar.

E o rei moiro estava longe
  C'os seus no monte a caçar,
Ella só n'aquella tôrre...
  Prudencia e dissimular!

Abre a bôcca a um sorriso
  Doce e triste—de mattar!
Tempéra a chamma dos olhos,
  Abafa-a por mais queimar.

Pôs na voz aquelle incanto
  Que, ou minta ou não, é fatal;
E com o inferno no seio,
  Falla o ceo no seu fallar.

Ja os amargos queixumes
  Se imbrandecem no chorar,
E em sua propria justiça
  Com arte finge affrouxar.

Protesta a bôcca a verdade:
  —'Que não hade perdoar...'
Mas a verdade dos labios
  Os olhos querem negar.

De joelhos Dom Ramiro
  Alli se estava a humilhar,
Supplica, roga, promette...
  Ella parece hesitar.

Senão quando, uma bozina
  Se ouviu ao longe tocar...
A rainha mal podia
  O seu prazer disfarçar:

—'Escondei-vos, Dom Ramiro,
  Que é chegado Alboazar,
Depressa n'este aposento...
  Ou ja me vereis mattar.'

Mal a chave deu tres voltas,
  Na manga a foi resguardar;
Mal tirou a mão da cotta,
  Que o rei moiro vinha a entrar:

—'Tristes novas, minha Gaia,
  Novas de muito pezar!
Primeira vez em tres annos
  Que me succede este azar!...

'Toquei a minha bozina
  Ás portas, antes de entrar,
E não correste ás ameias
  Para me ver e saudar!

'Muito mal fizeste, amiga,
  Em tam mal me costumar;
Não sei agora o que fazes
  Em me querer emendar...'

No coração da rainha
  Batalha se estão a dar
Os mais estranhos affectos
  Que nunca se hãode incontrar:

O que foi, o que é agora...
  E a ambição de reinar...
O amor que tem ao moiro,
  E o gôsto de se vingar...

Venceu amor e vingança:
  Deviam de triumphar,
Que era em peito de mulher
  Que a batalha se foi dar.

'Novas tenho e grandes novas,
  Amigo para vos dar:
Tomae ésta chave e abride,
  Vereis se são de pezar.'

Com que ância elle abriu a porta,
  Vista que foi encontrar!..
Palavras que alli disseram,
  Não n'as saberei contar:

Que foi um bramir de ventos,
  Um bater d'aguas no mar,
Um confundir ceo e terra,
  Querer-se o mundo acabar.

Vereis porfim o rei moiro
  Que sentença veio a dar:
—'Perdeste a honra, christão;
  Vida, quero-t'a deixar.

'De uma vez, que me roubaste,
  Muito bem me fiz pagar:
D'esta basta-me a vergonha
  Para de ti me vingar.'

Sentia-se elrei Ramiro
  Do despeito devorar;
Com ar contricto e affligido
  Assim lhe foi a fallar:

—'Grandes foram meus peccados,
  Poderoso Alboazar;
E taes que a mercê da vida
  De ti não posso acceitar:

'Eu não vim a teu castello
  Senão só por me intregar,
Para receber a morte
  Que tu me quizeres dar:

'Que assim me foi ordenado
  Para minha alma salvar
Por um sancto confessor
  A quem me fui confessar.

'E mais me disse e mandou,
  E assim t'o quero rogar,
Que, pois foi publica a offensa,
  Público seja o penar:

'Que ahi n'essa praça d'armas
  Tua gente faças junctar;
Ahi deante de todos
  A vida quero acabar

'Tangendo n'esta bozina,
  Tangendo até rebentar;
Que digam todos que isto virem,
  E lhes fique de alembrar:

«Grande foi o seu peccado,
  No mundo andou a soar;
Mas a sua penitencia
  Mais alto som veio a dar.»

Quizera-lhe o bom do moiro
  Por força alli perdoar;
Mas se a pêrra da rainha
  Jurou de á morte o levar!...

Veis na praça do castello,
  Toda a moirama a ajunctar;
Em pé no meio da turba
  Ramiro se foi alçar.

Tange que lhe tangerás,
  Toca rijo a bom tocar;
Por muitas leguas á roda
  Reboava o bozinar.

Se o ouvirão nas galés
  Que deixou a beira-mar?
Decerto ouviram, que um grito
  Tremendo se ouve soar...

CANTIGA QUARTA

—'Sanctiago!.. Cerra, cerra!
  Sanctiago, e a mattar!'
Abertas estão as portas
  Da tôrre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
  Nem roldas para as velar...
Os moiros desapercebidos
  Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes
  Ja portas a dentro a entrar.
Deixa a bozina Ramiro,
  Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
  Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até aos peitos
  Ao rei moiro Alboazar...

Ja tudo é morto ou captivo,
   Ja o castello está a queimar;
Ás galés com seu despôjo
   Se foram logo a imbarcar.

—'Voga, rema! d'além Doiro
   Á pressa, á pressa a passar,
Que ja oiço alli na praia
   Cavallos a relinchar.

'Bandeiras são de Leão
   Que lá vejo tremular.
Voga, voga, que além Doiro
   É terra nossa!... A remar!

'D'aqui é moirama cerrada
   Até Coimbra e Thomar.
Voga, rema, e d'além Doiro!
   D'aquem não ha que fiar.'

Á poppa vai Dom Ramiro
   De sua galé real,
Leva a rainha á direita,
   Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos
   Leva n'agua... sem olhar,
E como quem de outras vistas
   Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
  Ou não vem n'isso a attentar;
Ja vão a meia corrente,
  Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega
  O alcaçar de Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
  Triste se pôs a mirar;

As lagrymas, uma e uma,
  Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olhou elrei para Gaia,
  Não se póde mais callar;
Cuidava o bom do marido
  Que era remorso e pezar

Do mau termo atraiçoado
  Que com elle fôra usar
Quando o intregou ao moiro
  Tam só para se vingar.

Com a voz internecida
  Assim lhe foi a fallar
—'Que tens, Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar,

'Que o feito é feito...'—'E bem feito!'
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n'uns prantos
Que parecia estalar;

'E bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
Á lei de bom cavalleiro,
Para de um rei se contar!

'Á falsa fé o mattaste...
Quem a vida te quiz dar!
Á traição... que d'outro modo,
Não es homem para tal.

'Mattaste o mais bello moiro,
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

Perguntas-me porque chéro!..
Traidor rei, que heide eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu podér vim parar.

'Perguntas-me o que miro!
Traidor rei, que heide eu mirar?
As tôrres d'aquelle alcaçar,
Que ainda estão a fumegar.

'Se eu fui alli tam ditosa,
  Se alli soube o que era amar,
Se alli me fica alma e vida...
  Traidor rei, que heide eu mirar!'

—'Pois *mira, Gaia!*' E, dizendo,
  Da espada foi arrancar:
'*Mira, Gaia,* que esses olhos
  Não terão mais que mirar.'

Foi-lhe a cabeça de um talho;
  E com o pé, sem olhar,
Borda fóra impuxa o corpo...
  O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
  Memoria está a durar:
Gaia é o nome do castello
  Que alli Gaia fez queimar;

E d'além Doiro, essa praia
  Onde o barco ia a aproar
Quando bradou—'Mira, Gaia!'
  O rei que a vai degollar,

Ainda hoje está dizendo
  Na tradição popular,
Que o nome tem—MIRAGAIA
  D'aquelle fatal mirar.

VERSÃO FRANCEZA

I

Nuit sombre, mais si belle encor!
Belle nuit, à travers ton ombre,
Oh! qui de tes étoiles d'or
Pourra jamais compter le nombre?

Compte-t'on les feuilles du bois?
Ou de la mer les grains des sables?
De l'Eternel telle est la voix
Écrite en lettres innombrables.

Hélas! dans ce livre divin
Nul ne peut espérer de lire!
Un ange l'essaierait en vain;
Son savoir n'y pourrait suffire.

Dom Ramire, dans son palais
Vivait heureux avec la reine,
Un juif maudit troubla leur paix
Et brisa leur tant douce chaîne.

Il prédit au roi, trop flatté
Du beau destin qu'on lui dévoile,
Que Zahara, fleur de beauté
Serait à lui!... c'est son étoile!

Le roi, que l'amour tient au cœur,
Va, plein du feu qui le dévore,
D'Alboazar ravir la sœur
Et fuit avec la belle Maure.

À Milhor, lieu rempli d'attraits,
Dont la mer baigne les rivages,
Tous deux sans soucis, sans regrets
Passaient leurs jours exempts d'orages.

La reine de ce coup affreux
Gémit et pleure et pleure encore:
Trahir ainsi ses chastes feux!
La délaisser pour une Maure!

Triste et rêveuse, à son balcon,
Seule, durant la nuit obscure,
Victime d'un lâche abandon
Elle succombe à sa blessure:

—'Roi Ramire! perfide roi,
Pourquoi me causer cette peine?
Mon cœur a-t'il trahi sa foi?
Je t'aimais tant!... pourquoi ta haine?

'On dit qu'elle a quelques attraits
Cette Maure, cette infidèle;
Tu m'as pourtant, quand tu m'aimais,
Dit cent fois que j'étais plus belle.

'On dit qu'elle a mille agréments,
Qu'elle est jeune, à la fleur de l'âge.
Moi, j'ai compté vingt trois printemps
Après mon triste mariage.

'Ses yeux sont noirs! ce sont des yeux
Si beaux, si fiers, si pleins de charmes!
Hélas! les miens ne sont que bleus...
Et puis toujours remplis de larmes!

'On nomme Zahara la *Fleur*. . .
Gaia c'est le nom qu'on me donne !
Gaia j'étais dans mon bonheur;
Plus ne le suis — l'on m'abandonne !

'Oh ! que ne suis-je un homme, hélas !
Dans le transport qui me dévore,
J'irais moi-même de ce pas
Trouver Alboazar le more.'

Elle achevait ces mots : soudain
Tournant ses regards vers la terre
Elle aperçoit dans le lointain
Des chevaux, des hommes de guerre.

— 'Peronelle, vois-tu là-bas
Ces armes qui brillent dans l'ombre ?
Regarde. . . ce sont des soldats ;
D'où viennent-ils ? quel est leur nombre ?

La suivante, d'un air surpris
Parait écouter ce langage ;
Des joyaux, des bijoux de prix
De son silence étaient le gage.

Où sont ses autres serviteurs ?
En vain la reine les appelle
Sept cavaliers, malgré ses pleurs,
Bientôt se sont emparés d'elle.

De leurs turbans les plis soyeux
Bandent ses yeux, ferment sa bouche ;
Et trois dans leurs bras vigoureux
La soulèvent d'un air farouche.

Ils sont entrés sept au palais;
Sept autres en sentinelle.
Pas un mot... tous semblent muets...
Et vite en selle!... ils sont en selle!

Un seul paraît les commander:
Sur son coursier il tient la reine...
—'Allons!' dit-il 'il faut marcher!'
Tous au galop fendent la plaine.

Point de répit, point de repos,
Chacun stimule sa monture.
Ils courent par monts et par vaux,
Ils courent tant que la nuit dure.

Dans les torrents, poitrail dans l'eau
—'A gué,' marchons! que l'on avance!
Ailleurs, sur les flancs d'un côteau:
—Houp! en avant! que l'on s'élance!

Le jour se lève radieux,
Ils sont près de la mer profonde,
Quel est ce fleuve sinueux?
Qui vient s'engouffrer dans son onde?

La reine ouvre ses yeux enfin,
Sa bouche est libre, elle respire:
Las! elle songe à son destin
Et tout bas tristement soupire.

—'Douro, fleuve aux perfides eaux,
Qui de dangers sèmes ta course,
Ne veux-tu donc pas de tes flots,
Me révéler quelle est la source?

'Je te dirai par quel moyen
Cette perle est en ma puissance:
À qui m'a dérobé mon bien
J'ai dérobé son espérance.

'C'est le sort qui le veut ainsi;
Tout suit cette pente sécrète.
Par les eaux du torrent grossi,
Le fleuve dans la mer se jette.

Ainsi chantait le ravisseur,
Et Gaia l'écoutait sans haine.
Bientôt de ton heureux vainqueur,
Gaia, tu porteras la chaîne.

—'Mais que font ces barques sur l'eau?'
—'Elles viennent chercher la reine.'
—'Quel est ce superbe château?'
—'D'Alboazar c'est le domaine.'

II

Roi Ramire, roi malheureux,
À ta naissance un noir génie
T'a jetté quelque sort fâcheux
Qui devait tourmenter ta vie.

Peu satisfait de ce qu'il a,
À d'autres biens ton cœur aspire.
Ta fleur de beauté, Zahara,
Sur toi n'exerce plus d'empire,

La reine qu'on t'a vu chérir
Et qui par toi fut délaissée...
Tu veux au more la ravir;
C'est là maintenant ta pensée.

Quelle est cette barque qui fuit,
Et du Douro va fendant l'onde?
Le bruit des rames, de la nuit
Trouble à peine la paix profonde.

Elle glisse sur les roseaux,
Elle est déjà près du rivage;
Les saules penchés sur les eaux
La cachent sous leur vert feuillage.

Un homme s'élance soudain;
D'un bond il a touché la terre.
Il tient un bourdon d'une main,
Et de l'autre porte un rosaire.

Bientôt le soleil du matin
Répand sa clarté sur la rive.
Près du castel un pélerin
Fait entendre sa voix plaintive.

—'Saint de Galice, qu'à genoux
Le pauvre pélerin implore,
Pour arriver au rendez-vous.
Que ton autel est loin encore!

Au pied de la tour du palais
Coule une source claire et vive:
Une jeune fille est auprès,
Elle est là, debout et pensive.

Elle écoutait d'un air rêveur
L'eau tombant de sa coupe pleine ;
— 'Oh ! votre voix, bon voyageur,
M'a causé la plus douce peine.

'Sur cette terre de maudits,
C'est pour moi bien grande merveille
D'entendre ces chants du pays,
Qui jadis frappaient mon oreille.

'Sept prêtres, autour de l'autel,
Chantaient alors cette prière,
Sept autres au chant solennel
Répondaient d'une voix austère.

'Le chœur entier psalmodiait,
Tous priaient d'une âme fervente ;
Et la cloche retentissait
Portant au ciel sa voix bruyante.

'Ce son qui vibrait dans les airs,
Que ne puis-je l'entendre encore ?
Que ne puis-je au fond des enfers
Étouffer tous les chants du more !

— 'Que le bon Dieu veille sur vous !
Qu'il vous bénisse, jouvencelle !
Une telle langage semble doux
Où règne en maître l'infidèle,

'Je veux prier pour vous, hélas !
Je souffre et me soutiens à peine,
Il faut que s'arrêtent mes pas
Près de cette claire fontaine.

'Ah! qu'on est bien! quelle fraîcheur!
Comme cette eau me semble belle!
Laissez asseoir le voyageur;
Dieu vous le rendra, jouvencelle.'

—'Asseyez-vous, bon pèlerin,
—'Asseyez-vous sur cette pierre;
L'eau qui coule dans ce bassin
Est douce et fraîche, et désaltère.

'La reine en boit à son réveil;
J'en viens chercher avant l'aurore;
Je viens, avant que le soleil
Ne l'ait pu réchauffer encore.'

—'Cette eau si pure doit avoir
Une vertu particulière.
Ah! pour juger de son pouvoir,
Donnez m'en, je vous prie, un verre.'

—'Buvez, buvez, bon pèlerin,
À la fontaine du roi more.
Tenez; ce vase d'argent fin
Vaut de l'or... il vaut mieux encore.'

—'Mais que dirait votre seigneur?
Que dirait Gaia, votre reine;
S'ils voyaient l'humble voyageur
Boire à la royale fontaine?'

—'Alboazar, avant le jour,
A quitté ce lieu solitaire.
Il est dans les bois d'alentour,
Aux sangliers faisant la guerre.

'Ma maîtresse de ce trésor
Ne peut se montrer soucieuse:
Pour qui posséda vases d'or,
Cette coupe est peu précieuse.'

— 'De grace! Encore une faveur!
Dites-lui, bonne jouvencelle,
Qu'un pauvre chrétien voyageur
Désire être conduit près d'elle.

'Dites-lui bien qu'un malheureux,
Mort de chagrin et de misère,
L'a de cet anneau précieux
Fait pour elle, dépositaire.'

Il tire de son doigt l'anneau,
Dans le fond du vase il le jette:
— 'Quand elle boira de cette eau
Sa surprise sera complète!'

Mais la jeune fille a bientôt,
En courant, quitté la fontaine.
— 'Pourquoi ne pas venir plus tôt?'
Dit, d'un ton sévère, la reine,

'Joyeusement tu folâtrais,
Quand de soif mourrait ta maîtresse?
— 'Oh! non, tristement je songeais,
Car je songeais à ma jeunesse.

'Que mon destin me semble amer!
Ici, pour moi quelle existence!
Ó Milhor que baigne la mer,
Milhor, pays de mon enfance!

'Là, chaque jour est un plaisir,
Gaîment se passe le bel âge;
C'est là qu'à Dieu l'on peut offrir
D'un saint amour le pur hommage!

—'Tais-toi, Peronelle, tais-toi,
Ne réveille pas ma souffrance:
Tu sais bien que ce n'est pas moi
Qui désirais cette existence.

'Mais à mon ravisseur enfin
J'ai pardonné, rendu les armes.
Esclave, je vis sans chagrin;
Reine, je vivais dans les larmes.

'Ce vain titre était peu pour moi,
Trop peu pour tromper ma disgrâce.
Voir, auprès d'un époux sans foi,
Une more occuper ma place!'

À ce souvenir, de rougeur
Soudain son beau front se colore
Puisse cette eau, par sa fraîcheur,
Calmer la soif que la dévore!

Elle prend le vase d'argent,
Le porte à ses lèvres brûlantes,
Et voit luire au même moment
De l'anneau les pierres brillantes.

—'C'est un sort, Jésus, mon sauveur!
Que l'on veut jetter sur mon âme:
Cette eau glace par sa fraîcheur,
Et dans le fond c'est de la flamme.'

— 'Voilà ce charme merveilleux
Qui me tenait loin de la reine.
C'est au pélerin malheureux
Que j'ai vu près de la fontaine;

'C'est lui que dans le fond de l'eau
A voulu déposer ce gage:
De ses souhaits ce riche anneau
Devait servir de témoignage.'

— 'Oh qu'il vienne ce voyageur,
Qu'il vienne ici! que je l'entende!
Car je veux voir l'ambassadeur
Qui m'apporte une telle offrande.'

III

— 'Ne baisez point ainsi ma main;
De grâce, je vous en conjure:
Cessez, cessez, bon pélerin,
Et quittez cette humble posture.'

Mais le pélerin à ses vœux
Résiste... il devient téméraire,
Et ses baisers vont, deux à deux,
Tomber sur cette main qu'il serre.

La reine a pâlit cette fois,
Dans son cœur le courroux fermente,
Soudain, elle sent sur ses doigts
Couler une larme brûlante...

— 'Qui peut causer, bon pèlerin,
La douleur que je vois paraître?
Là, contez-moi votre chagrin;
Je puis vous soulager peut-être.'

— 'Oh! non, ce n'est pas mon chagrin;
La mort fait cesser la souffrance:
Mais en vous j'espérais enfin
Retrouver ma douce existence.

'Oh! non; ce n'est pas mon destin,
C'est la vôtre que je déplore:
La compagne d'un roi chrétien
Devenir celle d'un roi more!'

— 'Ah! ne me parlez pas ainsi!
La pitié peut être indiscrète.
Du présent je n'ai nul souci,
Et du passé rien ne regrette.

'Dieu m'accordera son pardon;
Ce n'est pas moi qui fus coupable.
De cette lâche trahison
Ramire doit être comptable.

— 'Le ciel, jusqu'ici trop clément,
Doit en effet punir ce traître.
Ordonnez donc son châtiment,
Ramire à vos yeux va paraître.'

Ramire se lève soudain,
Et laissant là toute imposture,
De sa barbe de pèlerin
Il a dépouillé sa figure.

Le bourdon qu'il tient dans sa main
Près de là va rouler à terre;
Et d'un geste plein de dédain,
Il jette à ses pieds son rosaire.

Qui pourrait dire de quels yeux
Le regardait la noble dame,
Quels sentiments impétueux
Troublaient en ce moment son âme?

Elle tremble, mais non de peur;
Sans gaîté, sa bouche est riante:
Elle est honteuse, sans pudeur;
Elle pâlit... elle est brûlante.

On voit ces sentiments divers
Se succéder sur son visage,
Comme les flots, au sein des mers,
Se heurter dans un jour d'orage.

À l'homme la vengeance plaît;
Pour la femme c'est un délice;
L'un pardonne, il est satisfait;
L'autre veut qu'elle s'accomplisse.

Sous le poids de ce souvenir,
Dont la reine a l'âme oppressée,
Ce fut là son premier désir,
Ce fut sa dernière pensée.

Et puis, pour elle quel honneur!
Combien elle doit être vaine,
De pouvoir triompher d'un cœur
Qui revient reprendre sa chaîne!

Mais dans les forêts d'alentour
Chasse en ce moment le roi more,
Elle est seule dans cette tour . . .
Il faut se taire et feindre encore.

Elle sourit, mais tristement,
De ce sourire qui fend l'âme,
Et voile son regard charmant
Pour mieux en tempérer la flamme.

De sa voix le son enchanteur
Séduit par son pouvoir funeste;
Et si l'enfer est dans son cœur,
Sa parole est toute céleste.

Elle paraît près de fléchir,
Ses pleurs ont calmé sa colère;
Son âme feint de s'attendrir
Et sa douleur est moins amère.

Elle répète, en sanglottant:
— 'Pour pardonner, je suis trop fière.'
Mais ses yeux, dans le même instant,
Semble dire tout le contraire.

Dom Ramire est à ses genoux;
D'une voix émue, il l'implore;
Il veut désarmer son courroux;
Il supplie . . . elle hésite encore.

Soudain, on entend retentir
Le bruit du cor, là dans la plaine;
La reine se sent tressaillir
Bien plus de plaisir que de peine.

— 'C'est Alboazar, c'est le roi !'
Dit-elle : 'cachez-vous, Ramire :
S'il vous voit, c'en est fait de moi ;
Fuyez, ou, sous vos yeux, j'expire.'

A peine elle a, d'un air troublé,
Fermé la porte, et par prudence,
Dans son sein déposé la clé,
Que vers elle le roi s'avance.

— 'Tristes nouvelles, je le vois,
Nouvelles de mauvais augure !
C'est du moins, la première fois
Que m'arrive cette aventure.

'Avant d'entrer dans cette cour,
J'ai sonné du cor dans la plaine,
Et sur les créneaux de la tour
Je n'ai pas vu venir la reine.

'C'est mal à vous, ma chère enfant,
D'avoir manqué d'exactitude.
Me faudra-t-il donc maintenant
Renoncer à cette habitude ?'

Une horrible perplexité
A troublé l'esprit de la reine ;
Son triste cœur flotte agité
Entre l'indulgence et la haine.

Le souvenir de ses beaux jours,
De l'ambition l'influence,
Ici, de nouvelles amours,
Là, le désir de la vengeance . . .

Bientôt la vengeance et l'amour
L'auront emporté dans son âme.
Ne devaient-ils pas, sans retour,
Triompher dans un cœur de femme?

—'J'ai des nouvelles, en effet,
Et d'étranges à vous apprendre.
Entrez là, dans ce cabinet;
Vous verrez de quoi vous surprendre.'

Alboazar ouvre en tremblant,
Et recule, en voyant Ramire.
Ce qui se dit dans cet instant,
Point ne saurais vous le redire.

Ce fut comme un vent orageux,
Comme une tempête sur l'onde,
Comme si la terre et les cieux
Luttaient pour abîmer le monde.

À la raison enfin rendu,
Le roi prononce la sentence:
—'Chrétien, ton honneur est perdu;
Je veux te laisser l'existence.

'J'ai pû me payer largement
Du mal dont tu m'as fait victime;
Ta honte suffit maintenant
Pour expier ton nouveau crime.'

Dom Ramire sentait son cœur
Gonflé de dépit et de rage;
D'un air contrit, plein de candeur,
Il fait entendre ce langage!

— ‘Bien grand, hélas! fut mon forfait!
Envers toi je fus trop coupable;
Je ne veux pas d'un tel bienfait;
La mort me semble préférable.

‘C'est pour me mettre à ta merci,
Pour me livrer à ta vengeance
Que je suis venu seul ici;
Non pour implorer ta clémence.

‘C'est pour racheter mon erreur,
Sauver mon âme de l'abîme:
C'est l'ordre d'un saint confesseur
À qui j'ai confessé mon crime.

‘Il faut, m'a-t-il dit justement,
Et c'est mon vœu, je te le jure,
Que public soit le châtiment,
Puisque publique fut l'injure.

‘Ordonne ici de tes soldats
Que la troupe se réunisse,
Et que sous leurs yeux, mon trépas
Satisfasse enfin ta justice.

‘Vite! qu'ils entendent au loin
Le son du cor qui les appelle;
Que chacun, de ma mort témoin,
En garde un souvenir fidèle.

‘Qu'on dise, en me voyant mourir:
— « Quelque bruit qu'ait fait son offense,
« Un bruit plus fort va retentir,
« Et c'est celui de la vengeance! »

Le roi touché de son remords,
Lui veut conserver l'existence;
Mais la reine a juré sa mort;
Elle s'oppose à la clémence.

On voit les soldats accourir;
Le château prend un air de fête;
Ramire debout, sans pâlir,
Regarde la morte qui s'apprête.

—'Sonnez, trompettes et clairons,
Et qu'au loin ce bruit retentisse!'
Et l'écho, répétant ces sons,
Annonçait l'heure du supplice:

On entendit près de la mer
Ce bruit, d'un sinistre présage;
Et soudain s'éleva dans l'air
Un long cri, parti du rivage.

IV

—'De par tous les saints, en avant!
En avant, allons, du courage!
Et bientôt la porte, en tombant,
Aux assaillants ouvre passage.

Sur les créneaux point de soldats,
Près des murs point de sentinelles;
Rien ne peut arrêter leurs pas,
Ils sont maîtres des infidèles.

'Calme, ma Gaïda, ta douleur;
Notre vengeance est satisfaite.'
Mais elle, redoublant ses pleurs:
— 'Oh! oui la vengeance est parfaite.

'De ce grand coup applaudis-toi;
Il mérite bien qu'on l'admire.
Il est vraiment digne d'un roi,
D'un cavalier tel que Ratmire.

'Tu viens de frapper un rival,
Qui t'avait offert l'existence:
N'est-ce pas un trait bien loyal,
Une noble et belle vengeance?

'Ta main a frappé, sans regret,
Le More le mieux fait pour plaire,
Des cavaliers le plus parfait
Que jamais ait porté la terre.

'Tu demandes, perfide roi,
D'où me vient ma vive souffrance?
Oh! que n'est-il auprès de moi
Pour me soustraire à ta puissance!

'Tu veux savoir où mes regards
Cherchent à s'arrêter encore?
Contemple d'ici ces remparts,
Vois la flamme qui les dévore.

'Là tout entière à mon bonheur,
De l'amour j'ai connu l'empire;
C'est là que j'ai laissé mon cœur...
Comprends-tu bien ce que je mire?

— ' Contente donc alors tes yeux ;
Mire, Gaia, *mire*, infidèle.
Et soudain d'un bras furieux,
Il lève son glaive sur elle.

Cédant à d'horribles transports,
D'un seul coup, il tranche sa tête,
Et du pied repousse le corps...
Dans la mer le Douro le jette.

De cet évènement cruel
Le souvenir se garde encore :
Gaia, c'est le nom du castel
Qui fut l'asile du roi more.

À ce cri que jette bien haut
Le batelier sur cette plage,
Mira Gaia! tout aussitôt
Se dresse une sanglante image.

Le peuple, dit-on, conserva
De ce fait la trace fidèle ;
Et la place où Gaia *mira*
Mira-Gaia depuis s'appelle.

Lisbonne, 10 janvier 1847.

VIII

POR BEM

AS PÊGAS DE CINTRA

VIII

POR BEM

AS PÊGAS DE CINTRA

Dou aqui logar a ésta composição que, moderna, como é, e minha, toda é feita de coisas populares e antigas. A anecdota devêra ter sido celebrada pelos menestreis do tempo: não o foi, e eu procurei supprir o seu descuido. Não apparece pois em meu nome, senão no d'elles, embora de longe os rastreie.

Quando a primeira vez sahiu de minha carteira a presente ballada foi para se imprimir na ILLUSTRAÇÃO[1], jornal que se publicava em Lisboa em 1845–46. Reimprimirei com ella aqui tambem a carta que então escrevi ao redactor d'aquelle jornal, porque devéras contém a historia da sua composição.

[1] ILLUSTRAÇÃO, vol. II, n.º 5, 1 de Agosto 1846.

Eis aqui a carta:

'—Queria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua ILLUSTRAÇÃO, que realmente faz milagres no meio d'esta escacez de tudo, e d'estes impedimentos para tudo que characterizam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? E que hade um homem escrever que se leia—que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros—quando lhe anda intallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a faz espirrar e esgravatear em tudo o mais?

'Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organisações ministeriaes, e não sei que mais coisas taes, foi-se-me detodo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade d'ella, mas foi-se, 'morreu pela patria!'

'Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer; mas é certo que morreu.

'Eu porêm nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum—nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento

aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máu pagador não é máu senão pelas absurdas e excessivas exigencias do crédor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão e as representantas de nossa mãe Eva...

'Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei embrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras coisas galantes do mesmo genero?

'Se quer aqui o tem, e disponha d'elle.

'Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

'Estava eu em Cintra, foi em... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era n'essa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vai infastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, n'aquelle Eden delicioso. Fomos ver o palacio; chegámos á sala das pégas. Pégas são

POR BEM

AS PÊGAS DE CINTRA

Gavião, gavião branco
  Vai ferido e vai voando;
Mas não diz quem n'o feriu,
  Gavião, gavião branco!

O gavião é callado,
  Vai ferido e vai voando;
Assim fôra a negra pêga
  Que hade sempre andar palrando.

A pêga é negra e palreira,
  O que sabe vai contando...
Muito palra, palra a pêga
  Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem ás vezes, fallando,
O segredo dos sisudos
  Que elles não guardam callando.

Era uma péga no paço
  Que el-rei tomára caçando;
Trazem-n'a as damas mimosa
  Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra
  Onde estava el-rei poisando:
A rainha e as suas damas
  No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas,
  Entre os goivos trebelhando;
Umas regavam as flores,
  Outras as vão apanhando;

E a minha péga com ellas
  Sempre, sempre palreando.
Vinha el-rei atraz de todos
  Com Dona Mécia fallando.

Era a mais formosa dama
  Que andava n'aquelle bando:
No hombro de Dona Mécia,
  A péga vinha poisando,

E zelosa parecia
  Que os andava espreitando...
Colhêra el-rei uma rosa,
  A Dona Mécia a ia dando,

Com um requêbro nos olhos
  Tam namorado e tam brando...
Inda bem, minha rainha,
  Que adiante te vais andando!

Pegou na rosa a donzella,
  Disfarçada a está cheirando...
Senão quando a negra pêga
  Que lh'a tira e vai voando.

Deu um grito Dona Mécia....
  E a rainha, voltando,
Deu com os olhos em ambos...
  Ambos se estão delatando.

—'Foi por bem!' lhe disse o rei,
  Seu accôrdo recobrando:
—'Foi por bem!'—'Por bem' repete
  A pêga emtôrno voando.

—'Por bem, por bem!' grasna a tonta,
  De má malicia cuidando
Co'a chocalheira da lingua
  Andar o caso inredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
   Guardem ás vezes fallando
O segredo dos sisudos
   Que elles não guardam callando

Riu-se a rainha da péga,
   E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
   N'ella se estava provando.

Da péga mexeriqueira,
   Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
   A memoria está durando.

E eis-aqui, senhora, a historia
   Da péga que ahi ves pairando,
Da rosa que tem no bico,
   Da lettra que a está cercando.

A péga é negra e paireira,
   O que sabe vai contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
   Guardem segredo fallando.

O gavião, esse é outro;
   Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem n'o feriu...
   Gavião, gavião branco!

NOTAS

NOTAS

A ADOZINDA

NOTA A

O romance em que lhe fallei n'uma das minhas últimas cartas de Portugal.................. pag. 3.

A Adozinda foi começada em Campolide, ao-pé de Lisboa, no verão de 1827, concluida na cadeia do Limoeiro no fim d'esse mesmo anno, e publicada em Londres no outomno de 1828, em 1 vol., 12.º sem nome do auctor, e com a seguinte breve advertencia precedendo a carta ao sr. Duarte Lessa que era o verdadeiro prefacio:

'ADVERTENCIA.—O auctor d'este romance, animado pelo lisongeiro favor que outras publicações suas teem merecido ao público portuguez e a distinctos litteratos extrangeiros, imprehende ésta nova publicação, cujo assumpto é tirado da antiquissima tradição popular e se refere aos mais remotos tempos e costumes de nossas epochas heroicas e maravilhosas. Espera elle que não desagradará aos amantes de um ge-

nero que fez a colossal reputação de Sir Walter Scott, e restituiu á antiga Escocia—na republica das lettras—o nome e independencia que ha tanto perdêra na ordem politica.

'Aindaque em pouco habeis mãos, a lingua portugueza sahirá mais uma vez a prόva singular de bisarria com as mais cultas e gabadas linguas da Europa: e será culpa do cavalleiro, não sua, se o premio da belleza e valentia lhe não for adjudicado por todo o juiz imparcial.' *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

Resummo da historia da lingua e da poesia portugueza, que vem no I vol. do PARNASO-LUSITANO .... pag. 4.

Foi o meu primeiro ensaio de critica litteraria, e muito ha que devo ao público reimprimi-lo emendando-o e additando-o, como tanto precisa. É trabalho que demanda porêm o vagar de outros cuidados e uma serenidade de espirito que não tenho tido. Heide fazê-lo e breve. *(Nota da terceira edição.)*

Nota C

Boscan gaba-se de haver introduzido na Peninsula os metros toscanos........................ pag. 4.

A expressão é inexacta: os Toscanos houveram os metros hendecasyllabos dos mesmos de quem nós

os houvemos, dos trovadores. Vej. o Cancioneiro do Collegio dos Nobres. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

A lingua provençal, primeira culta da Europa, pag. 6.

Generalizaram ésta opinião no mundo os eruditos trabalhos de Mr. Raynouard: eu duvido hoje muito d'ella, isto é, formulada d'este modo. Estou inclinado a crer que houve uma lingua romance, que teve por base o Romano-rustico fallado, e que geralmente predominou nos paizes de dominação wisigothica desde a extrema Aquitania até o que hoje é Algarve; e que ésta lingua quasi-latina é o commum tronco do Provençal que morreu á nascença, do Aragonez que não passou da infancia, do Portuguez e do Castelhano que chegaram a perfeita maturidade, e de outros mais obscuros dialectos cujo desenvolvimento as circumstancias politicas e topographicas annullaram. Nem julgo difficil demonstrá-lo; mas não é aqui o logar, nem caberia no curto espaço de uma nota. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

Logo vieram esses trovadores de Provença... pag. 6.

A simples leitura dos nossos cancioneiros mostra que aquella não era a poesia popular: os seus re-

quebros, todos cortezãos e palacianos, desdizem da ruda singeleza e energica originalidade do trovar do povo. E comparados aquelles cantares de saraus com os fragmentos das xácaras e soláos que a tradição oral tem conservado, aindaque pervertidos e viciados como elles andam, ve-se que estes é que são a primitiva e legitima poesia nacional. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F

As balladas de Bürger, os romances de Sir W. Scott.................................. pag. 7.

Vej. na collecção intitulada *Minstrelsy of the Scottish border* (cancioneiro das fronteiras da Scocia) a historia da renascença do genero popular na Gran'Bretanha contada pelo mesmo W. Scott. *(Nota da segunda edição.)*

Nota G

Cancioneiro do Collegio dos Nobres........ pag. 10.

Ha tempos que se designa com este nome o Cancioneiro do tempo d'elrei D. Diniz que se guarda na livraria do que hoje é Escola Polytechnica, e era então Collegio dos Nobres. Copiou-o quando esteve ministro em Lisboa Sir Charles (depois Lord) Stuart, e em Paris o imprimiu, 25 exemplares creio eu, quando alli foi embaixador.

Descubriram-se, ha poucos annos, na Bibliotheca de

Evora algumas folhas que faltavam no manuscripto de Lisboa, e com este additamento se reimprimiu em Madrid ultimamente pelo zeloso cuidado do Sr. Varnhagem, ministro do Brasil n'aquella côrte. *(Nota da terceira edição.)*

Nota H

Canções que não serão talvez de Gonçalo Hermigues, etc. . . . . pag. 11.

Éstas e todas as reliquias duvidosas do nosso romance irão todavia no logar e livro competente da actual collecção. *(Nota da terceira edição.)*

Nota I

Aquelle romancesinho de Gaia e do rei Ramiro. . . . . pag. 12.

É um curioso e rarissimo exemplar, documento notavel da litteratura portugueza do seculo dezesette. Intitula-se Gaia, e é impresso no Porto em um folheto de 4.°, com 15 ou 20 paginas. Tenho hoje grande pena de não ter tirado cópia inteira d'elle antes de o restituir ao meu amigo o Sr. Lessa, em cujo espólio deverá estar: mas não pude obter mais noticias d'elle; e outro exemplar não o vi nem sei de quem o visse. Começa com éstas duas oitavas que agora incontro, incompletas, entre os meus apontamentos. Todo o poema é na mesma rhyma.

I

Cantemos de Ramiro rei d'Hespanha
E de el-rei Almançor de Berberia,
Quando por desventura tam estranha,
No mais de Hespanha então mouros havia,
Com ânimo cruel, com cruel sanha
Cadaqual ao outro pretendia
Privar de sua fama, honra e estado,
Com todas suas fôrças e cuidado.

II

D'esse Ramiro, digo, o esforçado,
Que d'este nome tres com elle hão sido,
D'àquelle que com Gaya foi casado
Por quem tantos trabalhos ha soffrido...

(Nota da segunda edição.)

Possuo hoje um exemplar completo que devo ao obsequioso cuidado do Sr. N. M. de Sousa Moura, distincto e letrado official do nosso exercito, que, talvez por isso, não occupa n'elle o logar que lhe pertence. *(Terceira edição.)*

Nota K

Adeante copio um dos mais curiosos (o do Bernal-francez)........................... pag. 17 e 18

O romance d'este nome na primeira edição da 'Adosinda' em Londres ia inserto na presente carta: por melhor classificação vai agora separado. E o texto original, segundo o conservou a tradição dos povos, irá no logar competente do 'Romanceiro,' mas muito

mais correcto e melhorado agora pela collação das diversas versões que tenho obtido. *(Nota da segunda edição.)*

Nota L

Este terreno é sancto: inda estás vendo
Alli aquelles restos mal poupados..... pag. 23 e 24.

Em Campolide e nas alturas que avizinham o célebre aqueducto das *Aguas livres* se incontram muitos restos de fortificações antigas e que parecem de diversas datas. O proprio nome de Campolide, abreviação de campo da-lide, ficou a este sitio da batalha que alli se deu nas guerras da acclamação de D. João I. Vej. Próvas genealogic., Duarte Nun. e quasi todos os nossos historiadores. *(Nota da primeira edição.)*

Nota M

... Essas arcadas,
Soberbas, elevadas...................... pag. 24.

O aqueducto das *Aguas-livres* é o mais nobre e util monumento de Lisboa: edificou-o D. João V, que nem sempre impregou tam bem os immensos cabedaes dos thesouros do estado, que então regurgitavam com o ouro das minas do Brazil e de outras possessões portuguezas. D. João V todavia amou, ao menos protegeu, as artes e as lettras; foi culpa não sua mas do seculo, se de tam mau gôsto eram as lettras que

protegeu. O crepusculo de nossa rehabilitação litteraria luziu em seu reinado. A isto alludem os versos:

Um rei que amou as artes, rei pacifico
A quem amor fadou
Que seu fôsse e das musas, etc.

Assim como alludem tambem a seus bem sabidos amores e espirito galanteador. D. João V tinha a ambição de querer imitar Luiz XIV, seu contemporaneo — até nas fraquezas. *(Nota da primeira edição.)*

Nota N

Lembra-te aquella historia
Que ingenuo o povo nos seus trabalhos canta. pag. 29.

É a xácara ou lenda da 'Silvaninha', cujo texto original vai no logar competente do 'Romanceiro.' *(Nota da segunda edição.)*

Nota O

É singela legenda de uma santa,
Que por brutal amor sacrificada,
Desvalida virtude,
Só de crime escapou no seio á morte....... pag. 29.

A tradição popular attribue ésta nefanda aventura a um rei que se namorou da sua propria filha, como a antiga Myrrha se namorára de seu pae.—Prova-

velmente ambas as duas anecdotas teem seu fundamento historico na chronica escandalosa das familias de alguns regulos ou senhores das diversas epochas. O observador curioso notará o differente character de duas historias tam similhantes, e colherá o essencial ponto em que o nosso *maravilhoso* moderno differe da antiga mythologia, não tanto nos nomes de deuses e deusas e outros agentes sôbrenaturaes, mas principalmente no tom, na moral, na sensibilidade, e n'um certo não sei quê de ternura e melancholia que nos mais rudes e imperfeitos ensaios da poesia nacional se acha sempre como principal e dominante côr do quadro. A differença não está em chamar ao sol Apollo, ao amor Cupido, á guerra Marte; sim na maneira de conceber, de pensar, de pintar, de moralisar as mesmas ideas, as mesmas coisas por differente modo. *(Nota da primeira edição.)*

Nota P

Cantiga primeira........................ pag. 33.

Na primeira edição chamavam-se cantos as quatro partes d'este romance. Era dar-lhe uma pretenção de epopea que o pobre não tinha. Demais, cantiga é o nome popular verdadeiro, e por isso lh'o mudei para elle. Os antigos menestreis inglezes chamavam *fitts* — como quem diria *accesos* — os francezes *lays* — como quem diz *ramos* — ás diversas secções em que partiam os seus romances mais longos. A partição fa-

zia-se por causa do canto: e *cantiga*, 'o que se póde cantar de uma vez' parece portanto o mais proprio nome. O Cancioneiro do Collegio-dos-Nobres diz *cantares*. *(Nota da segunda edição.)*

Nota Q

Como os picos do Gerez
Quando em Janeiro lhe neva .... pag. 34.

O Gerez é serra altissima na provincia do Minho, de alpestres alcantis, coberta de plantas alpinas de curiosissima *flora*; as summidades conservam quasi todo o anno resplandecentes massas de gêlo. Ha nas faldas da serra as famosas aguas mineraes conhecidas pelo nome de caldas do Gerez. *(Nota da primeira edição.)*

Nota R

Mas pede Adozinda bella,
Tal virtude e formosura,
Quem lh'o hade negar a ella?
Não póde o pae nem ninguem......... pag. 34 e 35.

É uma occurrencia muito commum nos romances populares, e de sincera belleza homerica, ésta de negar o senhor do castello a poisada ao peregrino, mas ceder depois ás intercessões da filha compadecida, donzella innocente e malfadada, que quasi sempre vem a ser victima de sua propria bondade.

Assim na lenda tam sabida e tam nacional de Sancta Iria:

Pedia poisada,
Meu pae lh'a negava;
Mas eu tanto fiz
Que perfim entrava.

(Nota da segunda edição.)

Nota S

E guiaram seu pendão
Para terras de Moirama.................. pag. 37.

Moirama, na phrase do povo, quer dizer terra de moiros. N'outro genero de poesia é certo que não ficaria bem o vocabulo, mas n'este quadra. *(Nota da primeira edição.)*

Nota T

Que tropel que vai nos paços
De Landim aopé dos rios................. pag. 39.

Em minha imaginação puz a scena d'este romance em um dos sitios mais pittorescos da mais formosa provincia de Portugal, o Minho. Landim (haverá mais terras do mesmo nome; ésta é a que eu conheço) é uma povoação pequena em que houve, outro tempo, uma famosa casa e pingue possessão de Jesuitas: fica perto dos rios Ave e Vizella, que não longe d'ahi se juntam para correr unidos a desimbocar em Villa-do-Conde e perder-se no mar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota U

Que ou são sombras de finados,
Ou de negras bruxas más
Alli ha nocturna dança.................... pag. 50

Éstas bóccas de cavernas, e outros recéssos—assim de bosques, montanhas e que taes, são em todos os paizes, pela imaginação do vulgo, povoados de entes mysteriosos e ás vezes malfazejos. Sombras de finados cantando seus hymnos terriveis, bruxas celebrando os torpes mysterios do seu *sabbado*, são cosmopolitas. A nossa mythologia popular tem mais outra especie de entes sobrenaturaes, que é privativa nossa.—São as *moiras incantadas*, que nem são bruxas, duendes nem fadas, mas lindas e amaveis creaturas que se divertem a incantar, a excitar os desejos dos pobres mortaes—e ás vezes, tam boas são! a satisfazê-los.

Não é d'este logar o exame, que sería bem curioso, da mythologia nacional portugueza. Basta dizer, como o A. de D. Branca, que devemos explorar ésta mina tam ricca, e tam pouco lavrada, de bellezas poeticas originaes e novas que, sem imprestimo nem favor alheio, podêmos haver do nosso e de casa. *(Nota da primeira edição.)*

Nota V

Se a ha, não lhe acudiu Deus,
Venceram peccados seus.................. pag. 54.

O povo é geralmente fatalista; e o nosso portuguez o mais fatalista que eu conheço. *Tinha de succeder,*

era coisa que o perseguia, e outras que taes razões, são a explicação de todo o phenomeno estranho que os surprehende.

Aqui a cegueira da ignorancia leva pelo mesmo caminho que os desvarios da sciencia. A coisa é a mesma ao cabo: vaidade e presumpção humana. *(Nota da primeira edição.)*

Nota X

Mas diz que não ha condão
Peior que o da maldicção .... pag. 59

A maldicção do pae desacatado, ou do pobre maltrattado, passam entre o povo por ser as mais terriveis e inevitaveis. Atéqui a moral de accôrdo com a crença vulgar. Mas a maldicção, hereditaria em seus effeitos, é outra parte d'este dogma popular que em verdade repugna. — É certo porêm que se é acaso, o acaso tem servido muito bem os fautores d'aquella crença. *(Nota da primeira edição.)*

Nota Y

Ah! essa alma corrompida
Mais do que teu corpo estava.............. pag. 67.

O leitor verá n'esta passagem, no conselho de Auzenda á filha, em muitos logares d'esta e da cantiga IV principalmente, quanto fiz por me conservar perto

do romance primitivo, assim no pensamento como até na phrase e stylo, tanto quanto o permittia a decencia, e outras vezes a correcção da phrase, e ja tambem a indole do meu romance. *(Nota da primeira edição.)*

NOTA Z

Sette annos e um dia
Foi a sentença cruel
Que Adozinda cumpriria.................. pag. 72.

Sette annos e um dia é o periodo mysterioso de quasi todos os nossos contos de fadas, incantamentos e coisas similhantes.

No mui galante romance do *Caçador*, que é um dos mais queridos do povo, se diz:

Sette fadas me fadaram
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sette annos,
Sette annos e mais um dia.

O numero sette é mysterioso em todos os povos, mas ésta expressão algebrico-negromantica de 7 + 1 creio que é só portugueza. *(Nota da primeira edição.)*

É de toda a peninsula. Vej. os romanceros castelhanos. *(Nota da segunda edição.)*

NOTA AA

Arreda, arreda, infanções,
Cavalleiros, dae logar .... pag. 78

Veja o glossario de S.ta Rosa para ampla explicação do que eram *infanções* entre nós. Para intelli-

gencia d'esta passagem basta saber-se que era uma especie de vassallos mais distinctos. *(Nota da primeira edição.)*

Nota BB

E por senhor reconhecem
Ao ricco-homem de Landim .... pag. 80

Sôbre *ricco-homem*, veja o mesmo glossario. A dignidade de ricco-homem perfeitamente obsoleta em Portugal, ainda a mencionam os fidalgos castelhanos em seus titulos.

Ricco-homem, naturalmente, quer dizer magnata, da primeira aristocracia, *procer*, grande senhor. *(Nota da primeira edição.)*

Nota CC

E essa voz diziam todos
Que era a voz de Dom Sisnando........... pag. 85.

Ésta especie de *vindicta-pública*, com que o povo stigmatisa a memoria dos malvados e grandes criminosos, é muito provavelmente a origem das almas-do-outro-mundo, dos *revenants*, vampiros, etc., etc.

Se se procurar bem a fonte primitiva de todas as fabulas, ver-se-ha que não ha credulidade mythologica que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos. *(Nota da primeira edição.)*

AO BERNAL-FRANCEZ

Nota A

'Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?'........... pag. 97.

Por estes versos começa o romance original, tradicionalmente conservado na memoria do povo, e sómente impresso a primeira vez em Londres na primeira edição da Adozinda em 1828. Ja n'outra parte se deram as razões por que irá agora esse texto no logar competente do Romanceiro, no segundo livro e segundo volume d'elle. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

For knowest thou not, where softest swell.. pag. 107.

A versão ingleza, quasi sempre litteral, afasta-se aqui do texto sensivelmente, mas sem alterar as proprias ideas, sómente a fórma d'ellas. *(Nota da segunda edição.)*

Á NOITE DE SAN'JOÃO

Nota A

Té os moiros na Moirama
Festejam a San'João .... pag. 119.

É uma cantiga popular do Minho ainda hoje cantada por toda essa noite de San'João, que n'aquellas terras ninguem dorme, como é sabido. A superstição da alcachofa é toda do Sul, toda lisboeta, talvez coirman d'aquellas de dia de Maio que o catholico senado municipal votou e prometteu a Nossa Senhora da Escada de acabar para sempre. Mas San'João fez-se um santo de exemplar tolerancia desde que lhe tiraram a cabeça por elle não podêr ver, sem ralhar, as desinvoltas pernas da baiadera Herodias.

Não quero folgar com o que é serio: mas é notavel que a devoção quasi universal dos christãos tomasse para patrono e orago de seus mais livres folgares e festanças, e lhe consagrasse a mais risonha e lasciva estação do anno, ao austero percursor do Christo, o jejuador penitente do deserto, o severo censor da soltura cortezan, o protomartyr da moralidade evangelica.

Sería que a timida singelleza de nossos passados fôsse de proposito buscar aquelle austero e invisivel

inspector de seus ainda então innocentes brinquedos? *(Nota da segunda edição.)*

AO CHAPIM D'ELREI

Nota A

Nós temos, se me não ingano, no genero narrativo popular as tres especies, romance, xacara, solão, pag. 142.

Ésta classificação é em parte conjectural, ou para fallar com mais propriedade, sim ésta é a regra, mas com tantas excepções que chegam a fazer duvidar d'ella. Os que escreviam e compunham n'aquelles tempos primitivos curavam pouco de cingir-se a regras ou classificações. D'ahi veio uma certa anarchia, constituida e fundada no exemplo, ou na falta d'elle, que se prolongou por muitos seculos depois.

A respeito de soláos, por exemplo, temos para abonar a definição que d'elles se dá no logar annotado, a auctoridade immensa de Bernardim Ribeiro na *Menina e Móça:* ahi cap. 21.

> Pondo-se a ama a pençar a menina sua criada como sohia, como pessoa agastada de algua noua dor, se quiz tornar ás cantigas, e começou ella entam contra a menina que estaua pençando, a cantar-lhe um cantar á maneira de solão, que era o que nas coisas tristes se acostumava nestas partes: e dizia assi: etc.

Mas por outra parte, temos o não menos grave pêso de Sá-de-Miranda na egloga 4:

> Que se os velhos soláos fallam verdade,
> Bem sabe ella por próva como Amor
> Magôa, e averá de mi piedade.

Da primeira citação parece concluir-se que o soláo é, como deixo ditto, um cantar todo lyrico, de tristeza e lamentos: na segunda considera-se como narrativo e usurpando propriamente a provincia do romance. *(Nota da segunda edição.)*

Vej. o que a este respeito se escreve no liv. II do ROMANCEIRO. *(Nota da terceira edição.)*

NOTA B

> Antes ser pobre e villan,
> Antes, pela minha fei .... pag. 146.

Nas provincias transtaganas e em muitas das ilhas adjacentes pronunciam-se as palavras *fé, pé* e similhantes — *fei, pei,* etc. Talvez seja devido á antiga orthographia que nas vogaes longas, *a, e,* dobrava as lettras em vez de as carregar com assento grave ou agudo. O povo, que sempre foge dos hyatos, preferiu mudar a última lettra, fazendo o som mais suave. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Sem bulir nem mão nem pei .... pag. 149.

Vej. a nota antecedente. *(Idem.)*

Á ROSALINDA

Nota A

Era por manhan de maio
Quando as aves a piar................. pag. 163.

O mez de maio foi sempre o valído dos poetas populares de todas as nações: um sem-número de cantigas dos trovadores provençaes, dos menestreis normandos e saxonios, dos *minnesingers* allemães começam com éstas alegrias do mez de maio. Citarei dos minnesingers de que aqui incontro apontamentos, por serem os menos conhecidos entre nós. Uma bella canção do tyrolez Steinmar começa:

Ich will gruen mit der sat
Dú so wunneklichen stat;
Ich wil mit dien bluomen bluen,
Und mit den voheling singen:
Ich wil louben se der walt,
Sam dú heide sin gestalt: etc.

Outra do margrave Othon de Brandeburgo:

Uns kumt aber ein liehter meie
Der machet manig herze fruat, etc.

Estoutra do duque de Breslan é uma especie de drama lyrico entre o poeta, Maio, as flores, o bosque e o prado:

Ich clage dir, meie, ich clage dir, sumer wunne! etc.

Herzog Heinrich von Pressela, IV do nome, reinou de 1266 a 1299, e foi o objecto dos elogios de todos os poetas do seu tempo. A cantiga citada é uma das mais bellas e extraordinarias composições d'aquelles seculos. *(Nota da segunda edição.)*

FIM DO VOLUME PRIMEIRO

INDICE

OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA GARRETT

XIV

(SEGUNDO DO ROMANCEIRO)



[illegible]

[illegible]

[illegible]



OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA GARRETT

XIV

(SEGUNDO DO ROMANCEIRO)

OBRAS

DO

V.^de DE ALMEIDA GARRETT

XIV

(SEGUNDO DO ROMANCEIRO)

ROMANCEIRO

PELO

V. DE ALMEIDA GARRETT

II

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1875

INTRODUCÇÃO

Pretendo supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei n'esta collecção. Não quero compor uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa util, um livro popular; e para que o seja, torná-lo agradavel quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações chronologicas e críticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularizar o estudo da nossa litteratura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz, mostrando aos novos ingenhos que estão em suas fileiras os typos verdadeiros da naciona-

lidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos extrangeiros, se devem incontrar.

É obrigação de consciencia para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparelhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruido elle, é preciso pôr a lei no seu logar. E a lei não hade vir de fóra: das crenças, das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litteraria n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura, doe-me a consciencia de ver a anarchia em que andâmos depois que elle foi aniquilado; pêza-me ver o bom instincto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendencias, procurar na imitação extrangeira o que só póde, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convem chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim hade seguir para um norte fixo.

Fiz para isso ésta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrupulos austeros da crítica, e das desapiedadas negações da chronologia. Respondo pelo espirito, pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material não póde provar-se por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, junctei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sôbretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomára-os eu já ver n'esse impenho. Então in-

tenderei devéras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gôsto e tão fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me occorrem, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do logar em que as ponho. Quizera podêr fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço egual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tam prompto como elle hoje se precisa.

Tomára que éstas paginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, comtanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não infadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo e tedio como a um livro professional. Eisaqui o que eu desejo, o em que puz fito, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocinios da crítica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no methodo.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introducção d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli dei a traducção em lingua e stylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos d'esses e de muitos outros romances.

Horacio, cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as edades, de todas as escholas e de todas as nações, o que são para a moral os 'Versos de oiro' de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis — Horacio louva, sôbre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpétua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido

Horacio — nem o intenderiam — seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá-de-Miranda! E quem ousará pôr os olhos fittos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Virgilio, de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castella nunca chegaram, no seculo XVI, á perfeição classica da litteratura portugueza; mas porisso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por conse-

quencia, maior e mais perduravel e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSIADAS: é verdade. E porque? Será pelas fórmas virgilianas do poema, pelos deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que só nós sentimos bem? Não, é pelo que alli ha de poesia original, propria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassavam debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fe religiosa, do nosso fanatico—e inda bem que fanatico! —patriotismo, da nossa historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não póde pervertê-lo a eschola do seu tempo.

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fábrica, as unicas

da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, Francisco-Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia—a prosa não—mas nos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Fallou portuguez e fallou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo, quando a reacção do que se chamou romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

'Gregos, romãos e toda a outra gente.'

Que se hade fazer para isto? Substituir Goëthe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais semsaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poeticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: le-las no mau latim musárabe meio suevo ou meio godo dos documentos absoletos, no mau portuguez dos foraes, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo — que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vicios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional hade resuscitar verdadeira e legitíma, despido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queiram chamar,

é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. É o que eu fiz—é o que eu quiz fazer, ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexo, ainda que seja apenas hypothetico, no ajunctar e examinar dos documentos, vejamos e resummamos em poucas palavras como, da litteratura da civilização velha se fez, na chamada meia-edade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christan, d'esta civilização que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa necessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice, os barbaros do norte entravam em vigorosa juventude de intendimento. Chamou-se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano a Edade-media. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma epocha de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de transfor-

mação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era extranha a todas as ideas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto de nossa curiosidade e nos excitam vivo interêsse os costumes, os sentimentos, a litteratura d'aquella epocha singular em que, passo a passo, vemos o progresso do intendimento humano caminhando para a civilização christan, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella edade, pouco ha n'ellas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia dos povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta bençam, que hoje nos deleita e in-

teressa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na litteratura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa atmosphera de Constantinopla; e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Theodorico, se tinha accendido na Italia, que depois, resurgindo de novo nas remotas regiões do norte, d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano theutonico, Carlos-Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, fórma e cultura á lingua vernacula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se póde dizer que ja fallava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxonio, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da lingua, a primeira civilização ingleza. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos crearam nas

Hespanhas éstas linguas e éstas litteraturas,—hoje resumidas em duas irmans gemeas—tam characterizadas e originaes ainda, apezar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz desnaturalizar e fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia, para sómente as reconhecer bastardas e adulterinas de corrupção romana, quando ellas são legitimas filhas, havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista, mas util e vantajoso aos contrahentes e á progenie que d'elles veio.

Durante todo o undecimo, duodecimo e décimo-terceiro seculo os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova fórma; os principios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zêlo religioso transviava a miudo o espirito e inflammava as paixões; mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da

Vê-se quanto era o podêr de tal influencia pelo modo com que a animavam os politicos imperadores de Allemanha, oppondo-a de barreira á superstição dos ignorantes e ás pretenções da curia romana. A fôrça com que ella operava póde avaliar-se pela resistencia de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente a apperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela propria acção e reacção de suas fôrças. Principes, senhores e povo rivalizavam no campo das contendas poeticas; as desigualdades de condicção eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi incantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espirito da aventurosa cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso galanteio. A belleza da mulher foi estimada

como thesoiro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora propria de despontar a flor mais bella de toda a grinalda, a rosa que as coroa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrujou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito de emulação, que o preparou para as melhores coisas. Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, d'onde hade correr a civilização pelo mundo.

A cavalleria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são fructos de uma grande revolução moral, nasceram junctas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as maream, qualidades eguaes as illustram.

Mas, tendo-se discorrido tanto sôbre uma, não se estudou ainda bastante a outra: e todavia n'essa poesia da edade-media está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metaphysico que revestia de uma fór-

ma angelica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o ceo aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testimunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce abril respira
Quando maio ve chegar!
Pelas noites socegadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhans puras
Brandas aves gorgeiar.
Tudo emtorno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como heide eu conter no peito
Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho minnesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas choreas que saiam ao campo.

Seus thesoiros de alegria
Todos maio derramou,
Pelas seves que florece,
Pelas sombras que copou
Onde rouxinol amante,

Em cada ramo que pende,
Em cada flor que recende,
Sua doce mellodia
Faz soar pela espessura.
Vinde, maio é o mez d'amor,
Da belleza e da ternura;
Cantemos, vinde, cantae-o:
Deus te salve, lindo maio!

A coincidencia de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se tambem nas phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades ceremoniosas, que então eram signal de civilização e que hoje mattariam de infado: é o mesmo character que se acha na lingua provençal, na difficuldade e no inrevezado das suas rhymas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciencia os exemplares que nos restam d'essa eschola entre nós,

O CANCIONEIRO ditto do Collegio dos Nobres, o de Dom Diniz, o de Rezende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

N'este periodo se observa tambem o fundamento de uma das mais characteristicas distincções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica, da que tambem vulgarmente se chama classica. Essa, a poesia grega e latina tinha um character essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desafogos a mulher somente apparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do 'sexo mais nobre.' A nossa poesia, ao contrario, deve os mais de seus incantos ao suave character que lhe infundiu a differente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se n'essas tranquillas pinturas de affeição social, de felicidade doméstica, de gôso ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem siquer por aquelles (e poucos são) que a foram examinar nos proprios originaes. Os mesmos que se extasiam com as rhymas de Petrarcha e de seus imitadores, esses mesmos a tractaram de resto. Os minnesingers d'Allemanha, contemporaneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragonezes e gallegos ha muito que se apagou a memoria, ja tam familiar á gente portugueza. Aos nossos proprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e de cortezãos cavalheiros, hoje intertenimento de alguma pobre velha d'aldea que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas éstas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a ésta accusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e ele-

gante F. Schlegel: a defeza serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de ler, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores, se lhe appresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso de sua vida.—A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas collecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade não é só canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente for fiel á natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, hade circumscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A próva e exemplo está nos mais altos generos da poesia lyrica de todos os povos. O sentimento hade occupar o primeiro logar para podêr expressar-se com

poesia e fôrça: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importancia muito secundaria. Grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epochas de imitação em que se capricha de trattar toda a casta de assumptos em toda a sorte de fórmas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se diffundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alahude fez callar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio-dia, a sociedade europea fugia para o spiritualismo christão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'este culto, os formuladores d'essa ideia; d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na historia litteraria do mundo se fallou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e character da

poesia dos trovadores eram, até ha pouco, tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: 'todo o mundo fallava dos trovadores e ninguem os conhecia.' Os criticos francezes, e Millot specialmente, occultaram com impenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem podesse ajuizar da fidelidade de suas traducções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por accaso appresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o stylo ou o gôsto da eschola poetica que examinava; foram tomados á sorte e offerecidos como simples exemplos de linguagem e de fórma metrica: certamente não conheceu, não avaliou nem a fôrça nem a belleza d'aquella lingua, que, se a não julgarmos, como intendeu M. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se póde considerar uma lingua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juizo sôbre

os trabalhos d'um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi tambem, que nos manuscriptos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler, e se fiava descançadamente nos extractos e traducções de Millot.

Sismondi comtudo ja na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que porfim veio esclarecer ésta tam obscurecida parte da historia litteraria.

Com effeito Raynouard [1] fixou o vago d'estes exames, reformou os antigos erros, suppriu as deficiencias de seus predecessores, formou a grammatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provençal [2] com diligencia, gôsto e critica.

Póde-se dizer que só depois de apparecer

[1] Recueil des poésies des troubadours, por M. Raynouard.

[2] O primeiro conhecido d'estes poetas é Guilherme, nono conde de Poitiers, nascido em 1070 e morto em 1126. O elaborado de seu

o seu livro é que verdadeiramente começámos a conhecer a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desdė o principio da monarchia e pouco menos que o comêço da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a Gaia-sciencia nos chegasse por Galliza, ou directamente no'la trouxesse o conde D. Henrique, o certo ẹ que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos ja á provençal; e ahi está a carta do marquez de Santilhana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguem ȯ fizemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que ja os

stylo e a symetria metrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a lingua para chegar a tal estado.

romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova lingua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes,—que antes esses lhe dariam de sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo os mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto affinco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Hespanhas.

Como porêm no seculo XIII começa a apparecer a lingua portugueza propriamente ditta, e n'esse tempo ja o stylo provençal tem o predominio, as duas litteraturas da côrte e do povo vistas hoje d'esta distancia, se confundem aos olhos inexpertos: mas o observador illustrado bem depressa as estrema logo.

Ás apalpadellas quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigene, a provençal e a mixta — tem passado por oito phases differentes, cujas transições e duração constituem sette epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que, mais ou menos authêntico, tem parecido ser anterior á predominação da eschola provençal, quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epocha ja pisâmos terreno historico, e somos alumiados por um grande e inquestionavel documento, O CANCIONEIRO ditto do Collegio dos Nobres, e o chamado de D. Diniz que ultimamente se imprimiu em Paris pelo manuscripto do Vaticano. Dura ésta epocha até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos tambem ja haver do CANCIONEIRO de Rezende. Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de epico ou de romance narrativo que se attribue a ésta

epocha é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto.

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introducção do gôsto inglez, isto é, normando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativò.

Aqui triumpha a moda dos romances da Tavola-redonda; elrei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o condestavel o Mecenas d'esta eschola, e D. João I o seu Augusto. Ja na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a este periodo. Da rainha D. Philippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso condestavel, um CANCIONEIRO inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predomina o genero germanico. No CANCIONEIRO de Rezende e em outras collecções temos exemplares bastantes no genero lyrico, algum raro porêm do narrativo.

Reputo fechada a epocha com a terminação da edade-média, que todos collocam por ésta

data, pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta epocha é aberta por Bernardim-Ribeiro e Gil-Vicente. Agora o Palmeirim e a litteratura normando-bizantina triumpham. Pouco depois ja é menor o sabor normando nos nossos romances; e ja começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do CANCIONEIRO de Rezende pertence tambem a ésta epocha: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da litteratura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmas italianas e triumpha com Antonio Ferreira. Sá-de-Miranda fica no meio das duas escholas; Camões populariza o genero classico repassando-o, quanto era possivel, do gôsto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epocha, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucolica invade o proprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e impu-

nhar o cajado de pastor. O gôsto popular, mal satisfeito com a eschola classica dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O genio cavalheresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epocha com o fim do seculo XVI e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura formam a quinta epocha. O genero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traducções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta eschola. A Arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpha. O povo fica espectador desinteressado n'estas luctas; nem

chorou pelos vencidos, nem sanccionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a unica nacional d'então, a das trovas e prophecias que lhe fallavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São d'este tempo as prophecias do Bandarra e outras que em si resumem quasi toda a poesia popular da epocha, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porêm não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte

mostrou-lhe, ao princípio, agrado e protecção, mas infastiou-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados, fez-se truão e bobo; os gracejos, os equivocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e á fôrça de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do público. Tal o achâmos no fim d'esta epocha, tal apparece nas volumosas collecções do tempo, de que na 'Phenix renascida' ha alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua glória na expulsão dos castelhanos e nas contínuas victorias que sôbre elles alcança. O seu enthusiasmo porêm é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua glória e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As prophecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gôsto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade de academias dos nomes mais extravagantes e incriveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, van de toda a expressão, assoprada em phrases tam descommunaes, em conceitos tam oucos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda resurge, ainda brota, aqui alli, por entre estes matagaes, o antigo genio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a affectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Porfim até a metrificação natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fábula para vestir as pennas do pavão da fórma hendecassyllaba; e com este esfôrço de vaidade se torna absurdo, desprezivel, é apupado por

todos os partidos litterarios, e morre esquecido e miseravel.

O triumpho classico foi completo: reina a Arcadia; o seu dominio academico obtem o consenso e o concurso geral: tammanho era o cansaço e fastio que os desvarios d'aquella anarchia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as fórmas latinas e italianas, o stylo e o pensamento francez por tal modo, que ninguem se lembrava ja siquer de que tivesse havido ou podesse haver outra coisa.

Só o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos illustradas da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abuso de uma justa victoria, guardando na lembrança, e repettindo entre si, como os hymnos de uma religião proscripta, aquelles primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e perseguiam, confundindo-os no anathema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Hespanha succedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de

proscrever e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridicula imitação da antiguidade classica, amaneirada pelas regras francezas, dominava tudo. Os escriptores do grande rei e os seus alumnos reinavam absolutos. E não só á peninsula iberica se extendia a sua auctoridade: a Italia, a Allemanha, a propria tam ciosa Gran'Bretanha se deixaram avassallar d'estes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestreis, bardos, minnesingers e *tutti quanti*. A propria religião de Camões esfriava em Portugal; um mau Luthero—frade e graciano como o outro—chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua catholica auctoridade! Calderon era quasi esquecido, quasi desprezado ás margens do Mançanares; ao Dante não o intendiam ja nem juravam por elle os seus; o proprio Shakspeare esteve a ponto de succumbir ás traições de Dryden, e de ver Covent-Garden e Drurylane occupados exclusivamente pelas traducções e imitações

dos classicos de Luiz XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estendarte da reacção; toda a litteratura da Europa era franceza, amaneirada, monotona, servil, e reduzida a uma esteril unidade rotineira que nada creava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquellas fórmas pautadas que lhe impunha o fatal regimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Allemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quasi ao mesmo tempo a Inglaterra; porfim a Italia; e até na propria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassallava menos a ella do que ás nações extrangeiras.

Nós luctavamos então contra a usurpação franceza e a tutella ingleza que, insinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular em seus bons e maus effeitos; apagou o incendio que não queimasse, mas tambem o impediu de purificar e allumiar. A Arcadia ja não existia, mas a sua sombra

e o seu nome ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia, se elle e os seus discipulos, que poetica e litterariamente reinaram na segunda metade d'esta epocha, não fossem dominados d'aquelle temor, d'aquelle respeito, d'aquella deferencia com que se inclinavam deante dos preceitos e exemplos da Arcadia em quem reconheciam a infallibilidade ecumenica.

Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os ultimos vestigios originaes da nossa poesia, quando no fim do primeiro quartel d'este seculo essa influencia da renascença alleman e ingleza se começou a fazer sentir.

Não quero, por muitos motivos, e alguns d'elles personalissimos, não quero entrar aqui em disputas de preferencia e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais proximos: direi somente que em Hespanha portuguezes e castelhanos despertaram quasi ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sôbre a triste figura que estavam fazendo na Eu-

ropa em renegar da fidalga origem de suas bellas linguas e litteraturas, prostituindo-as em tam humilhante servidão franceza que por fins tinham chegado a nem ja quasi ousar imitar os seus modelos: traduziam só, traduziam palavra a palavra; e da propria phrase, do genio de seu idioma se invergonhavam.

Despertámos porêm; e commum nos foi o pensamento, quasi simultaneo o esfôrço, a castelhanos e a portuguezes; foi uma verdadeira reacção iberica; as duas linguas cultas da peninsula appareceram unidas por um tacito pacto de familia, animadas do espirito redivivo de seus avós communs na causa da restauração commum.

Pede todavia a verdade historica, a justiça manda que se faça uma grande e notavel distincção no appreciar do respectivo contingente de esforços com que cadauma d'ellas contribuiu para ésta guerra de independencia.

Assim como na resistencia ao dominio da espada franceza, os portuguezes foram mais

ajudados pelos seus antigos alliados os inglezes, e o resto d'Hespanha luctou mais de proprio marte e por singular esfôrço seu; tambem no sacudir o jugo academico extrangeiro e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos: a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccôrro o mais minimo.

Seja-me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria ja contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coevo, elle teve de fallar de si e de seus feitos como soldado e como homem público n'essas honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de fallar de meus pobres trabalhos de escriptor, trabalhos quasi infantís, é verdade, mas com os quaes e por cuja voz tímida e balbuciante, rompeu todavia a primeira acclamação da nossa independencia litteraria.

Desde 1825–26, que foi publicada a DONA BRANCA e O CAMÕES, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a 'Adozinda' e o 'Bernal-Francez' se firmou o estendarte da restauração. Separado, logo depois e por mais de dez annos, pelos cuidados e lidas politicas, de quasi todo o trabalho litterario, tive comtudo a satisfação de applaudir aos muitos e illustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo sancto, e junctei o meu retirado clamor aos hymnos da victoria que derrotou para sempre os pretendidos classicos, os zangões academicos, os extrangeirados de todas as côres e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a imprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, ja Grimm, Rodd, Depping, Muller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sôbre as tam preciosas quanto mal-estimadas antigas collecções castelhanas; ja Mme de Stael e Sismondi tinham exaltado sua grande importancia litteraria.

E todavia só muito depois d'isso publicou em França o Sr. duque de Rivas o seu 'Moro exposito' que foi o primeiro signal da reacção castelhana, e emfim em 1832 o Sr. Duran o seu ROMANCERO que a completou.

D'aqui por deante é geral e unanime em toda a peninsula o movimento litterario. Buscam-se os codigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso cancioneiro passou sempre por ser o mais ricco; e é decerto o mais antigo, porque as citadas collecções de Rezende, do Collegio dos Nobres, e de D. Diniz vão até o seculo XIII e XIV. Romanceiro, tórno a dizer, não o colligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de varios auctores e por alguns raros manuscriptos, anda uma grande riqueza que ainda se não trattou de ajuntar e apurar como ella merece e como tanto precisâmos.

Sôbre isto trabalho ha muitos annos, conforme ja o disse no primeiro livro d'esta collecção, o qual todavia, repitto, só deve considerar-se como introducção a este que agora

chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem chronologica, como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tampouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do Sr. Duran, que á fôrça de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em logar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que successivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do Sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte poragora toda a idea de cancioneiro, não contemplei senão o que é strictamente materia de romanceiro, e assim distribui perfim a minha collecção em cinco livros; a saber:

Livro I Romances da renascença, imitações, reconstrucções e estudos meus sôbre o antigo;
Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não teem referencia á historia, ou não a teem conhecida;
Livro III. Lendas e prophecias;
Livro IV. Romances historicos compostos sôbre factos ou mythos da historia portugueza e de outras.
Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações d'estas epochas. Nem os perfeitos limites d'ellas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossivel tê-la em taes materias quem está de boa fe.

Tal é o methodo que segui. E taes são os principios, taes foram os sentimentos que me fizeram imprehender ésta difficil tarefa, per-

severar n'ella tantos annos apesar de tantas difficuldades, abhorrecimentos e contrariedades sem número.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciencia de fazer um grande serviço ao meu paiz, e de contribuir com um contingente não desprezivel para a illustração da historia das linguas e das litteraturas da Europa.

ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

I

BELLA INFANTA

Ésta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a 'Bella Infanta.'

Os criticos e collectores da nação vizinha e parente collocam alguns romances, que são visiveis fragmentos d'este, entre os seus mais antigos e mais populares, d'aquelles cuja vetustade se perde talvez nas trevas do décimo-terceiro seculo. É sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam thema aos poetas para trovarem sôbre elles, ou os applicarem aos factos do seu tempo. É o que se vê nos referidos fragmentos[1] que se incontram entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa.

Digo que ésta é uma verdadeira xácara,

[1] Tesoro de romanceros, ed. de Ochoa, Paris 1838; pag. 2 e 9.

porque, feita a introducção, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a historia toda.

No quinto acto do 'Alfageme' introduzi, com algumas alterações indispensaveis, ésta xácara, fazendo-a cantar por um côro de mulheres do povo, á hora do trabalho; e observei o sensivel prazer que tinha o publico em ver recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassèm a uma toada propria e imitante, quanto hoje póde ser, da melopea antiga com que ha seculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desaffinavam e iam fóra de tempo na musica italiana e complicada que lhes pozeram. Apezar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a applaudiram.

Não sei de outra alguma d'estas composições populares que tenha por assumpto um successo ligado com a guerra das cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quasi

sempre, a licção da Beirabaixa, que é a mais segura. As poucas licções várias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou ha pouco uma senhora do Minho, merece comtudo ser transcripta por extenso: aqui a ponho junctamente com os fragmentos castelhanos, no appendice que vai no fim.

Na estimada collecção de antigas trovas e romances inglezes, pelo bispo Percy, vem uma ballada, que elle considera dos principios do seculo décimosexto, em que ha visivel imitação d'esta. Sabe-se muito bem quanto a poesia ingleza, desde Chaucer até Shakspeare, andou correndo aventuras pela romantica e incantada terra das Hespanhas. A ballada ingleza é um dialogo entre um viajante e um romeiro; começa assim:

—'As ye came from the holy land
Of blessed Walsingham,
O met you not my true love
As by the way ye came?'
—'How should I know your true love
That have met many a one?..' [1]

[1] Percy's RELIQUES OF ANCIENT ENGLISH POETRY, Londres 1823, sect. II, book I, pag. 261.

D'esta preciosa collecção, disse um grande intendeder:—O gôsto com que foram escolhidos os materiaes, a extrema felicidade com que foram illustrados, a riqueza de conhecimentos archeologicos, e de licção classica em que abunda a collecção, torna difficil imitar, impossivel exceder, uma obra que para sempre ha de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.

[1] W. Scott, MINSTRELSY OF THE SCOTTISH BORDERS.

BELLA INFANTA

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha,
Muito bem que a governava [1].
—'Dize-me, ó capitão [2]
D'essa tua nobre armada,
Se incontraste meu marido
Na terra que Deus pisava.'

[1] Que a guiava — LISBOA.

[2] Dize-me, ó cavalleiro,
Os signaes... — RIBATEJO.

—'Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.'
—'Levava cavallo branco,
Sellim de prata doirada;
Na ponta da sua lança [3]
A cruz de Christo levava.'
—'Pelos signaes que me deste [4]
La o vi n'uma estacada
Morrer morte de valente:
Eu sua morte vingava.'
—'Ai triste de mim viuva,
Ai triste de mim coitada!
De tres filhinhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada!..'
—'Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'Dera-lhe oiro e prata fina,

[3] Nos punhos da sua espada.—EXTREMADURA.

[4] Pelos signaes que me deste,
Lá o vi morto ás lançadas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça passada.—VÁRIAS.
Pelos signaes que me deste,
Lá morreu ás cutilladas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada.—VÁRIAS.

Éstas variántes são ambas muito geraes, e talvez sejam melhores do que o texto que adoptei.

Quanta riqueza ha por hi.'
—'Não quero oiro nem prata,
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'De tres moinhos que tenho,
Todos tres t'os dera a ti;
Um moe o cravo e a canella [5],
Outro moe do gerzeli [6]:
Ricca farinha que fazem!
Tomára-os elrei p'ra si.'
—'Os teus moinhos não quero,
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?'
—'As telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.'
—'As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'De tres filhas que eu tenho [7],

[5] Este verso pelas suas allusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido decerto por lição muito posterior romance; o que se incontra a miudo.

[6] Gerzelim, em arabico *Joizelim*, semente redonda e oleosa uma planta de que se faz doce, e d'ella moida tambem oleo ue serve para o comer.

[7] De tres filhas que eu tenho
Todas tres te hei de dar;

Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.'
—'As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:
Da-me outra coisa, senhora,
Se queres que o traga aqui.'
—'Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir[8].'
—'Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.'
—'Cavalleiro que tal pede,
Que tão villão é de si[9].
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo do meu cavallo[10].
Á volta do meu jardim.
Vassallos, os meus vassallos,

Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais formosa de todas
Para comtigo casar. — EXTREMADURA.

Esta variante assás vulgarisada é comtudo uma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decencia na falla que faltava nos costumes.

[8] Quanto tinha offereci. — BEIRALTA.

[9] Que pede e torna a pedir. — EXTREMADURA.

[10] Ao rabo do meu cavallo. — RIBATEJO.

Acudi-me agora aqui!'
—'Este annel de sette pedras
Que eu comtigo reparti...
Que é d'ella a outra metade?
Pois a minha, vê-la ahi!'
—'Tantos annos que chorei [11],
Tantos sustos que tremi!...
Deus te perdoe, marido,
Que me ias mattando aqui.'

[11] Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos não são.

VARIANTE PORTUGUEZA

Que parece uma versão mais moderna do original antigo

Dona Clara, dona infante[1]
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada n'uma almofada
De veludo cramezim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra elle só
Com a vizeira callada,
Vem saudar a dona infante
Que assim triste lhe fallou:
—'Viste tu o meu marido
Que ha tempo que me deixou?
—'Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.'
—'Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,
Na ponta da sua lança
Uma fitta encarnada;
Um cordão do meu cabello
Que lhe prendia a espada.
Se porém o tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,

[1] Infante no feminino é um latinismo dos seculos XV e XVI que nunca foi popular, me persuado.

Ó triste de mim viuva,
Ó triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada.'
— 'Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?'
—'Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.'
—'Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi:
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?'
—'Dera-te as minhas joias
Que não teem pêso e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata pulida.'
—'Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher,
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.'
—'Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:

Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que me pedir.'
—'Inda tens mais que me dar,
Não estéjas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino
Onde eu quizera dormir.'
—'Cavalleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda do meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigae este soldado.'
—'Não chames os teus criados,
Que criados são de mi.'
—'Se tu es o meu marido
Porque me fallas assim?'
—'Por ver se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, ó dona infante,
Quando eu d'aqui sahi,
O annel de sette pedras
Que comtigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas ei-las aqui.'
—'Vinde ca, ó minhas filhas,
Vosso pae é já chegado.
Abri-vos, portão de jaspe
Ha tanto tempo fechado!
Folgae, folgae, meus vassallos,
Que é dom infante a meu lado.'

FRAGMENTOS DE LICÇÃO CASTELHANA

I

Estaba la linda infanta
A la sombra de una oliva,
Peine d'oro en las sus manos,
Los sus cabellos bien cria.
Alzó sus ojos al cielo
En contra do el sol salia,
Vió venir un fuste armado
Por Guadalquivir arriba:
Dentro venia Alfonso Ramos,
Almirante de Castilla.
—'Bien vengais, Alfonso Ramos,
Buena sea tu venida,
Y ¿ qué nuevas me traedes
De mi flota bien guarnida?
—'Nuevas te traigo, señora,
Si me aseguras la vida.'
—'Decildas, Alfonso Ramos,
Que segura te sería.'
—'Allá á Castilla la llevan
Los moros de Berbería.'
—'Si no me fuese porque,
La cabeza te cortaria.'
—'Si la mia me cortases,
La tuya te costaria [1].'

[1] Romancero, Ochoa, pag. 3.

II

'Caballero de lejas tierras,
Llegaos a cá, y pareis,
Hinquedes la lanza en tierra,
Vuestro caballo arrendeis,
Preguntaros-he por nuevas
Si mi esposo conoceis.'
—'Vuestro marido, señora,
Decid ¿de que señas es?'
—'Mi marido es mozo y blanco
Gentil hombre y bien cortés,
Muy gran jugador de tablas,
Y tambien del ajedrez;
En el pomo de su espada
Armas trae de un marqués[1].'

[1] Romancero, Ochoa, pag. 9.

II

O CAÇADOR

Os criticos d'Allemanha e de Hespanha contam entre os mais antigos romances da Peninsula este que os nossos vizinhos chamam da 'Infantina' e nós do 'Caçador.' Tambem me parece o mesmo. Lockhart, o elegante traductor inglez[1], extasia-se na admiravel belleza de sua poesia tam original e tam simples. Mais pasmára se o visse no texto portuguez como no'-lo conservou a memoria do povo, muito mais bello e muito mais original do que anda nas collecções castelhanas d'onde elle Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do seculo dezeseis. Tres seculos depois, ainda a tradição

[1] Ancient spanish ballads, historical and romantic, translated with notes, by J. G. Lockhart Esq. London, 1841.

portugueza o tem n'esta perfeição. Forçosamente ou foi escripto no nosso dialecto que, segundo o tantas vezes citado e não suspeito testimunho do marquez de Santillana[1], era o preferido para se trovar na mesma côrte de Castella, e fôra o primeiro em que se fizeram versos;—ou, o que me parece mais provavel, foi composto na linguagem ainda commum e pouco discriminada que prevalecia, ao principio da reconquista, na povoação christan das Hespanhas.

Accresce que o romance castelhano, propriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e incantamentos que a eschola celtica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Italia fizeram depois tam familiar na Europa: Os severos descendentes de Pelaio não tinham mythologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutilladas. O sobrenatural d'esta historia parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras incantadas, das apparições

[1] Na collecção de Sanches. Madrid, 1779.

da manhan de San'João, e de outros mythos nacionaes, tam bellos, tam queridos da gente portugueza, e tam desprezados—ainda mal! —ateagora pelos nossos poetas.

Seja porêm como for, o romance do 'Caçador' pertence á poesia popular portugueza, é de immemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui logar entre as reliquias mais originaes da nossa primitiva litteratura.

Ponho, alêm das variantes, a versão ou licção dos romanceiros castelhanos, e a traducção ingleza, que é mais paraphrase ou imitação que traducção.

A moralidade da fábula—se permittem a palavra os escrupulosos—é a mesma que a da 'Maré do carvoeiro'; occasião perdida, occasião que não volta. A historia do 'Capote novo' e outras muitas do 'Decameron popular,' que é pena serem tam sôltas e verdes que se não podem escrever, illustram a mesma sentença e rifão. Bocacio e Lafontaine achariam nos contos tradicionaes do nosso povo com que inriquecer muito as 'Cem novellas novas' de suas gaiatas collecções.

O CAÇADOR

O caçador foi á caça,
A caça, como sohia[1];
Os cães ja leva cançados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite[2]
Por ũa mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que alli via.
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada[3]
Uma donzella tam linda!

[1] Á caça de montaria — ALEMTEJO.
Á caça de altanaria — TRAS-OS-MONTES.
[2] Fez-se noite no caminho — BEIRA ALTA.
[3] *Ramada* pelo ajuntamento de ramos naturaes na mesma árvore

Dos cabellos da cabeça
A mesma árvore vestia,
Da luz dos olhos tam viva
Todo o bosque se allumia.

Alli fallou a donzella,
Ja vereis o que dizia:
—'Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tammanha frima.
Sou filha de um rei c'roado,
De uma bemditta rainha.
Sette fadas me fadaram,
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sette annos,
Sette annos e mais um dia;
Hoje se acabam n'os annos,
Ámanhan se conta o dia.
Leva-me, por Deus t'o peço,
Leva em tua companhia.'
—'Espera-me aqui, donzella,
Té ámanhan, que é o dia;
Que eu vou a tomar conselho,
Conselho com minha tia.'
Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia!

fazendo sombra e abrigo, é a significação classica e natural. No Minho chamam *ramada* aos parreiraes e latadas de vinha feitos com ramos, varas, cannas, etc.

—'Oh, mal haja o cavalleiro,
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no souto[4]
Sem lhe fazer companhia!'

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...
Ja voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia;
Corre por toda essa mata,
A enzinha não descubria.
Vai correndo e vai chamando,
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia[5].
Levavam n'a linda infanta,
Que era ja contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia;

[4] Deixa a menina no monte — BEIRABAIXA.

Souto parece mais minhoto; mas assim vem n'uma cópia da Extremadura.

[5] *Tropelia*, em portuguez casto e classico, é o tumulto que se faz em tropel; e tambem a injúria que se faz a alguem, a alguma coisa, *atropelando* direitos, posses, pessoas, razões ou conveniencias. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo; e para mim o povo é tambem um classico.

Mas já tornava aos sentidos
E a mão á espada mettia:
—'Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida.'

LICÇÃO CASTELHANA

A cazar va el caballero,
A cazar como solia;
Los perros lleva cansados,
El falcon perdido habia,
Arrimárase á un roble,
Alto es á maravilla.
En una rama mas alta,
Viera estar una infantina,
Cabellos de su cabeza
Todo aquel roble cubrian.
—'No te espantes caballero,
Ni tengas tamaña grima,
Hija soy yo del buen rey
Y la reina de Castilla:
Siete fadas me fadaron
En brazos de un ama mia,
Que andase los siete años
Sola en esta montiña.
Hoy se cumplian los siete años.
O mañana en aquel dia:
Por Dios te ruego, caballero,
Llévesme en tu compañia.
Si quisieres por muger,
Si no, sea por amiga.'
—'Esperaisme vos, señora,
Hasta mañana aquel dia,
Iré yo a tomar consejo
De una madre que tenia.
La niña le respondiera
Y estas palabras decia:
—'¡O mal haya el caballero
Que sola deja la niña!'

El se va á tomar consejo
Y ella queda en la montiña.—
Aconsejóle su madre
Que la tome por amiga.
Cuando volvió el caballero
No hallára la infantina,
Vidola que la llevaban
Con muy gran caballería.
El caballero que la vido
En el suelo se caía:
Desque en sí hubo tornado
Estas palabras decía:
—'Caballero que tal pierde,
Muy gran pena merecía:
Yo mismo seré el alcalde,
Yo me seré la justicia:
Que me corten pies y manos
Y me arrastren por la villa.

[1] Ochoa tesoro de romanceros.

TRADUCÇÃO INGLEZA

The knight had hunted long, and twilight closed the day,
His hounds were weak and weary, his hawk had flown away;
He stopped beneath an oak, an old and mighty tree,
Then out the maiden spoke, and a comely maid was she.

The knight had lift his eye the shady boughs between;
She had her seat on high, among the oak-leaves green:
Her golden curls lay clustering above her breasts of snow,
But when the breese was westering, upon it they did flow,

—'Oh, fear not, gentle knight! there is no cause for fear;
I am a good king's daugther, long years enchanted here;
Seven cruel fairies found me, — they charmed a sleeping child;
Seven years their charm hath bound me, a damsel undefiled.

'Seven weary years are gone since o'er me charms they threw;
I have dwelt here alone, — I have seen none but you.
My seven sad years are spent; — for Christ that died on rood,
Thou noble knight consent, and lead me from the wood!

'Oh, bring me forth again from out this darksome place!
I dare not sleep for terror of the unholy race.
Oh, take me, gentle sir! I'll be a wife to thee.'—
I'll be thy lowly leman, if wife I may not be!'

—'Till dawns the morning, wait, thou lovely lady, there;
I'll ask mother straight, for her reproof I fear.'
—'Oh, ill beseems thee, knight!' said she, that maid forlorn,
'The blood of kings to slight, a lady's tears to scorn!'

He came when morning broke, to fetch the maid away.
But could not find the oak wherein she made her stay:
All through the wilderness he sought in bower and tree;—
Fair lordlings, well ye guess what weary heart had he!

There came a sound of voices from up the forest glen,
The King had come to find her with all his gentlemen,
They rode in mickle glee—a joyous cavalcade—
Fair in the midst rode she, but never word she said.

Though on the green he knelt, no look on him she cast—
His hand was on the hilt ere all the train were past:
—'Oh, shame to knightly blood! Oh, scorn to chivalry!
I'll die within the wood: no eye my death [1] shall see!'

[1] Lockhart, Anc. Span. Ballads.

III

A INFEITIÇADA

É claramente de origem franceza, e vir-nos-hia porventura com os cavalleiros e os troveiros do conde D. Henrique, o lindo romance da 'Donzella infeitiçada.' Foi talvez um *fabliau* na sua terra? Quem sabe?

Aqui é elle muito antigo; castelhanos e portuguezes o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance precedente do 'Caçador' e custa a desinvencilhá-los.

Collacionando-o com a cópia castelhana que adeante vae, notar-se-ha quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto portuguez: conhece-se muito mais n'elle o tom e o sainete sempre picante do genio francez, que do prin-

cipio foi o que é e hade ser, leve, facil e ingraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castella 'Romance de la infanta de Francia.'

A anecdota não está nos nossos costumes nem nos de nossos vizinhos, nem siquer nos costumes das eras cavalherescas. Tambem não é ainda do cyclo da Tavola-redonda, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas scenas no paiz dos Arthures e Amadizes. Essa eschola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos d'el-rei D. Fernando em cuja côrte dominavam ja muito as modas e gôsto inglez que depois triumpharam absolutamente no reinado de seu irmão e successor.

O ar d'esta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a teem os criticos e collectores castelhanos.

A INFEITIÇADA

Vai correndo o cavalleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:
—'Que fazeis aqui, donzella?'
Que fazeis, ó donzellinha?'
—'Vou-me á côrte de Paris[1]
Donde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Pus-me a esperar companhia;
Cançada estou de esperar
Sentada na penha fria,

[1] Vou-me á côrte de França.—EXTREMADURA.

Se te praz, ó cavalleiro [1],
Leva-me em tua companhia.'
Respondeu-lhe o cavalleiro:
—'Pois que me praz, vida minha,'
Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzella muito inchuta [3]
Lhe disse com ousadia:
—'Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal villania;
Que, antes que me baptisassem
Me deram feitiçaria:
Sette bruxas me imbruxaram
Antes que eu fosse á pia;
O homem que a mim se chegasse,
Malato [4] se tornaria.'
Não responde o cavalleiro [5],
Todo na sella tremia.

[1] Quercis vós, ó cavalleiro,
Que eu va em vossa companhia?'
Respondeu-lhe o cavalleiro:
—'Pois não quero, minha vida!—RIBATEJO.

[3] A donzella mui sisuda,
Sem ter medo, lhe dizia—BEIRA ALTA.

[4] Malato era o homem livre que descia á condição quasi de servo e villão. No sentido figurado—que parece ser o que domina—homem perdido, tolhido, invillecido?

[5] O cavalleiro com medo
Tremendo lhe respondia—ALEMTEJO.

Lá para o fim do caminho [6]
A donzella que surria.
—'De que vos rides, donzella,
De que rides, donzellinha?'
—'Não me rio do cavallo
Nem da sua fittaria,
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzella á garupa
E catou-lhe cortezia;
Soube guardar-se das môças
E bruxas velhas temia.
—'Atraz, atraz, ó donzella,
Atraz, atraz, donzellinha,
Que na fonte onde bebêmos
Deixo uma espora perdida.'
—'Cavalleiro, adeante, adeante,
Que eu atraz não tornaria.
Se a sua espora é de prata,
Meu pae de oiro lh'a daria;
Que ás portas de meu pae [7]
Se mede oiro cada dia.'
—'Dizei-me vós, ó donzella,
Dizei-me de quem sois filha'
—'Sou filha d'elrei de França
E da rainha Constantina.'

[6] Passado largo caminho — BEIRALTA.
[7] Que ás portas de meu palacio — EXTREMADURA.

—'Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia?
Cuidei de levar amante,
Levo uma irman minha [8].'

[8] Depois d'estes versos a lição do Minho accrescenta, em fórma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na bôcca do cavalheiro:

Arrenego eu de mulheres,
Mais de quem n'ellas se fia!

VERSÃO CASTELHANA

De Francia partió la niña,
De Francia la bien guarnida;
Ibase para Paris,
Do padre y madre tenia:
Errado lleva el camino,
Errada lleva la via:
Arrimarase a un roble
Por esperar compañia.
Vió venir un caballero,
Que á Paris lleva la guia.
La niña desque lo vido
Desta suerte le decia:
—'Si te place, caballero
Llévesme en tu compañia.'
—'Placeme, dijo, señora,
Placeme, dijo, mi vida.'
Apeóse del caballo
Por hacerle cortesia;
Puso la niña en las ancas
Y subiérase en la silla:
En el medio del camino
De amores la requeria.
La niña desque lo oyera
Dijole con osadia:
—'Tate, tate, caballero,
No hajas tal villania:
Hija soy yo de un malato
Y de una malatia.
El hombre que á mi llegase
Malato se tornaria.'
Con temor el caballero
Palabra no respondia.

Yá a la entrada de París
La niña se sonreia.
—'De que os reis, mi señora,
De que os reis, vida mia?'
—'Riome del caballero
Y de su gran cobardia.
Tener la niña en el campo
E catarle cortesia!'
Con verguenza el caballero
Estas palabras decia:
—'Vuelta, vuelta, mi señora,
Que una cosa se me olvida.'
La niña, como discreta,
Dijo: —'Yo no volveria,
Ni persona, aunque volviese,
En mi cuerpo tocaria:
Hija soy del rey de Francia
Y la reina Constantina,
El hombre que á mi llegase
Muy caro le costaria [1].'

[1] Duran, tomo IV, parte I. Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS.

IV

CONDE YANNO

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do 'Cancioneiro das fronteiras da Scocia', que os romances populares foram quasi todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestreis depois incurtavam e truncavam para os poderem cantar em dous ou tres *lays* quando muito, como quem diz, em duas ou tres cantigas: o que na integra era impossivel. Que d'ahi ficaram assim pela memoria do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é—e eu não defendo nem impugno agora a theoria—digo que este bello romance do 'Conde Yanno' algum menestrel portuguez o accommodou ao gôsto popular contrahindo-o do poemeto castelhano que alli se chama do 'Conde Alarcos e da infanta Solisa.'

Em algumas provincias nossas tambem lhe chamam 'Conde Alarcos', n'outras 'Conde Anardos'; e até n'outras, por muito visivel rebaptisação heretica, 'Dom Duarte, e Conde Alberto.' Tamsomente nos districtos mais sertanejos do reino e menos proximos do contacto castelhano apparece 'Conde Yanno.'

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino Ιωαννης, *Joannes*,—dos quaes tanto mais proximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dous dilectos cultos das Hespanhas.

Assim o nome como o modo de dizer 'Conde Yanno' (Conde João) em vez de 'Conde de tal' indicam ja grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel portuguez do que vice versa. E, ou ésta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ella não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade hade estar no meio, que é o costume.

Juncto a composição castelhana, e a linda versão ingleza de Lockhart: ambas illustram

o texto e a questão. Comparando-as com o romance portuguez, facilmente se dará a palma a este, assim no stylo como na invenção. Tem mais drama e mais peripecias, respira mais suave melancholia e mais casto, e porfim termina com um inesperado successo que dá prazer.

Lembra-me, em pequeno, a immensa alegria que eu tinha quando a minha Brigida[1] velha, criada que nos contava e cantava éstas historias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer ás mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava derepente de tom na sua sentida melopea, e exclamava:

'Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus, quem morreria?..'

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um pêso do coração á gente, e a historia acabava como devia de ser.

As despedidas da condessa moribunda 'a tudo que mais queria', ás suas flores, ao seu

[1] Ésta criada Brigida ja foi cantada na DONA BRANCA.

filhinho, são admiraveis aqui tambem e commissas na licção castelhana.

Emfim, nascesse elle dentro das nossas fronteiras, ou viesse d'alêm d'ellas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Stael exaltam ésta composição acima de todas as do romanceiro castelhano. Que faria se conhecessem a licção portugueza?

É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quasi todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas acclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se apponta á margem alguma que o merece.

CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava [1],
Chorava e razão havia,
Vivendo tam descontente;
Seu pae por casar a tinha.
Acordou elrei da cama [2]
Com o pranto que fazia:
—'Que tens tu, querida infanta,
Que tens tu, ó filha minha
—'Senhor pae, o que heide eu ter
Senão que me pésa a vida?
De tres irmans que nós eramos,
Solteira eu só ficaria.'

[1] Chorava a infanta Solisa,
Razão de chorar havia.—ALEMTEJO.
Chorava Dona Sylvana—EXTREMADURA.

[2] Despertou elrei seu pae—BEIRA ALTA.

—'Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Ca vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia[3];
Nem ouvi-las não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo
Marido que te daria...
Só se fosse o conde Yanno[4],
E esse ja mulher havia[5].'
—'Ai! ricco pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria.
Se elle tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia,
Que me não soube guardar
A fé que me promettia.'

Manda elrei chamar o conde,
Sem saber o que faria:
Que lhe viesse fallar...
Sem saber que lhe diria.
—'Inda agora vim do paço,
Ja elrei lá me queria!

[3] De Leão e de Castilha — TRAS-OS-MONTES.
Guitaina é Aquitania, bem claramente.
[4] Só se fosse o conde Albano — MINHO.
— Só se fosse o conde Alarcos — ESTREMADURA.
[5] E esse tem mulher e filhos — BEIRA ALTA, LISBOA.

Ai! será para meu bem?
Ai! para meu mal seria?'

Conde Yanno que chegava,
Elrei que a buscar o vinha:
—'Beijo a mão a vossa alteza;
Que quer vossa senhoria?'
Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:
—'Beijae, que mercé vos faço;
Casareis com minha filha.'
Cuidou de cahir por morto
O conde que tal ouvia:
—'Senhor rei, que sou casado
Ja passa mais de anno e dia!'
—'Mattareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.'
—'Senhor, como hei de mattá-la
Se a morte me não mer'cia?'
—'Callae-vos, conde, callae-vos,
Não vos quero demazia;
Filhas de reis não se inganam
Como uma mulher captiva.'
—'Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me mattar a mim
Que tanto vos offendia;
Mas mattar uma innocente
Com tamanha aleivozia!

N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoaria.'
—'A condessa hade morrer
Pelo mal que ca fazia.
Quero ver sua cabeça
N'esta doirada bacia.'

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia.
Adeante um pagem d'elrei
Levava a negra bacia.
O pagem ia de lutto,
De lutto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
C'os appertos da agonia.
A condessa, que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçá-lo corria.
—'Bem vindo sejais, meu conde,
Bem vinda minha alegria!'
Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia[6];
Mandou logo pôr a cea[7]
Como quem lhe appetecia.

[6] O que d'antes não fazia — MINHO.
[7] Como quem comer queria — LISBOA.

Sentaram-se ambos á mesa,
Nem um nem outro comia;
As lagrymas era um rio[8]
Que pela mesa corria.
Foi a beijar o filhinho
Que a mãe aos peitos trazia,
Largou o seio o innocente,
Como um anjo lhe surria.

Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tammanho chôro
Que em toda a casa se ouvia:
—'Que tens tu, querido conde,
Que tens tu, ó vida minha?
Tira-me já d'estas âncias,
Elrei o que te queria?'
Elle affogava em soluços,
Responder-lhe não podia;
Ella, apertando-o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:
—'Abre-me o teu coração,
Desaffoga essa agonia,
Da-me da tua tristesa,
Dar-te-hei da minha alegria.'

[8] As lagrymas eram tantas
Que pela mesa corriam. — VÁRIAS.
Todas as versões lem assim; só a de Lisboa como vai no texto.

Levantou-se o conde Yanno,
A condessa que o seguia.
Deitaram-se ambos no leito;
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada,
Ouvide ora o que dizia:
—'Peço-te por Deus do ceo
E pela Virgem Maria,
Antes me mattes, meu conde,
Que eu ver-te n'essa agonia.'
—'Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!'
—'Ai! não te intendo, meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é ésta.
Que entre nós está mettida?'
—'Ventura da sem ventura,
Grande foi tua mofina*!
Manda-me elrei que te matte,
Que case com sua filha.'

Palavras não eram dittas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.

* *Mofina*, substantivo, talvez por *mofina sorte*, é usado dos classicos alguma vez; e commum hoje ao povo das provincias quasi todas.

Não quiz Deus que alli morresse...
Triste que alli não morria!
Maior dor do que a da morte
A torna a chamar á vida.
—'Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio haveria;
Ai! não me mattes, meu conde,
E um alvitre te daria [10]:
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria!
Ter-me-hão por filha donzella
E eu a fe te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria;
Manter-te-hei castidade
Como sempre t'a mantia.'
—'Ai como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se elrei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?
—'Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio teria,
Metter-me-has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu lá morrerei de pena,

[10] Um conselho te daria —[illegible]

E a infanta o não saberia.'
—'Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta malditta bacia?'
—'Fecháras-me n'uma tôrre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas de minha vida
Por meus ais as contaria.'
—'Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se elrei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?'

Palavras não eram dittas,
Elrei que á porta batia:
—'Se a condessa não é morta,
Que então elle a mattaria.'
—'A condessa não é morta
Mas está na agonia.'
—'Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.'
—'Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.'
—'Ai! quem podéra rezar[11],
Ó virgem sancta Maria!

[11] No poemeto castelhano a condessa reza — e não é feia a sua *preghiera*: mais bonito e mais poetico é o pensamento do cantor portuguez, que lhe não dá nem ânimo para rezar.

Que eu não me péza da morte,
Péza-me da aleivosia:
Mais me péza de ti, conde,
E da tua covardia.
Mattas-me por tuas mãos,
Só porque elrei o queria!
Ai! Deus te perdoe, conde,
Lá na hora da contia [12].
Deixar-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria;
Ás flores d'este jardim,
Ás aguas da fonte fria.
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flor da Alexandria!
Guardae-me vós meus amores
Que outrem me não guardaria.
Deem-me cá esse menino,
Intranhas de minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filhinho, mama
D'esse leite da agonia;
Que atégora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
Ámanhan terás madrasta
De mais alta senhoria...'

[12] Na hora em que contar comtigo, em que te tomar contas. É a phrase expressiva dos inglezes: *In the hour of reckonning*.

Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho ao peito[13],
Respondeu—que maravilha!
—'Morreu, foi a nossa infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.'

[13] Quasi todas as licções provinciaes omittem os dous versos ultimos d'ésta copla, e o pensamento que elles incerram. Só uma licção da borda-d'agua os traz, e julguei que mereciam ser incorporados no texto. Este prodigio de fallarem os innocentes ao peito das mães, nas grandes circumstancias públicas ou nas grandes crises domésticas, era mui favorito dos nossos. Na acclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as dúvidas bradando do collo da mãe: 'Real Real, pelo mestre d'Aviz rei de Portugal.' N'outro romance d'ésta collecção, o de 'Dom Beltrão' veremos fallar o cavallo de um morto cavalleiro.

LICÇÃO CASTELHANA

Retraída está la infanta,
Bien así como solía,
Viviendo muy descontenta
De la vida que tenía,
Viendo que ya se pasaba
Toda la flor de su vida,
Y que el rey no la casaba,
Ni tal cuidado tenía,
Entre sí estaba pensando
A quien se descubriría,
Y acordó llamar al rey
Como otras veces solía,
Por decirle su secreto
Y la intencion que tenia.
Vino el rey siendo llamado,
Que no tardó su venida:
Vídola estar apartada,
Sola está sin compañia,
Su lindo gesto mostraba
Ser mais triste que solia.
Conociera luego el rey
El enojo que tenia.
—¿Qué es aquesto, la infanta?
¿Qué es aquesto, hija mia?
Contadme vuestros enojos,
No tomeis malenconía,
Que sabiendo la verdad
Todo se remediaria.
—'Menester será, buen rey,
Remediar la vida mia,
Que á vós quedó encommendada
De la madre que tenia.

Con verguenza os lo demando,
No con gana que tenia,
Que aquestos cuidados tales
A vos, rey, pertenecian.'
Escuchada su demanda,
El buen rey la respondia:
—'Esa culpa, la infanta,
Vuestra era, que no mia,
Que ya fuerades casada
Con el principe de Hungria;
No quisistes escuchar
La embajada que venia,
Pues acá en las nuestras córtes,
Hija, mal recaudo habia,
Sino era el conde Alarcos
Que hijos y muger tenia.
—'Convidaldo vos, el rey,
Al conde Alarcos un dia,
Y despues que hagais comido
Decilde de parte mia,
Decilde que si se acuerde
De la fé que del tenia,
La qual él me prometió,
Que yo no se la pedia,
De ser siempre mi marido
Y yo que su muger sería.
Yo fuí dello muy contenta
Y que no me arrepentia.
Si casó con la condesa,
Que mirára lo que hacia,
Que por él no me casé
Con el principe de Hungria:
Si casó con la condesa
Dél es culpa, que no mia.'
Perdiera el rey en la oir
El sentido que tenia,

Mas despues en si tornado
Con enojo respondia:
—'No son estos los consejos
Que vuestra madre os decia:
Muy mal mirastes, infanta,
Do estaba la honra mía.
Si verdad es todo eso,
Vuestra honra ya es perdida:
No podeis vos ser casada
Mientras la condesa viva.
Si se hace el casamiento
Por razon ó por justicia,
En el decir de las gentes
Por mala sereis tenida.
Dadme vos, hija, consejo,
Que el mio no bastaria;
Que ya es muerta vuestra madre
A quien consejo pedia.'
—'Pues yo os lo daré, buen rey,
Deste poco que tenia:
Mate el conde á la condesa,
Que nadie no lo sabria;
Y eche fama que ella es muerta
De un cierto mal que tenia,
Y tratarse-ha el casamiento
Como cosa no sabida.
Desta manéra, buen rey,
Mi honra se guardaria.'
De alli se salia el rey,
No con placer que tenia;
Lleno va de pensamientos
Con la nueva que sabia;
Vido estar al conde Alarcos
Entre muchos que decia:
—¿'Que aprovecha, caballeros,
Amar y servir amiga,

Siendo servicios perdidos
Donde firmeza no habia ?
No pueden por mí decir
Aquesta que yo decia.
Que en el tiempo que serví
Una que tanto queria,
Si bien la quise entonces,
Agora mas la queria;
Mas por mí pueden decir:
Quien bien ama tarde olvida.'
Estas palabras diciendo,
Vido al buen rey que venia,
Y hablando con el rey,
De entre todos se salia:
Dijole el buen rey al conde
Hablando con cortesía:
—'Convidaros quiero, conde,
Por mañana en aquel dia,
Que querais comer conmigo
Por tenerme compañia.'
—'Que se haga de buen grado
Lo que su alteza decia:
Beso sus manos reales
Por la buena cortesía:
Detenerme he aquí mañana,
Aunque estaba de partida,
Que la condesa me espera
Segun carta que me envia.'
Otro dia de mañana
El rey de misa salia,
Luego se asentó á comer,
No por gana que tenia,
Sino por hablar al conde
Lo que hablarle queria.
Allí fueron bien servidos
Como á rey pertenecia :

Despues que hubieron comido,
Toda la gente salida,
Quedóse el rey con el conde
En la tabla do comia.
Empezó el rey á hablar
La embajada que traia:
—'Unas nuevas traigo, conde,
Que dellas no me placia,
Por las cuales yo me quejo
De vuestra descortesía:
Prometistes á la infante
Lo que ella no os pedia,
De siempre ser su marido,
Y á ella que le placia.
Si á otras cosas pasaste
No entro en esa porfía.
Otra cosa os digo, conde,
De que mas os pesaria:
Que mateis á la condesa,
Qee asi cumple á la honra mia.
Echeis fama de que es muerta
De cierto mal que tenia,
Y tratarse ha el casamiento
Como cosa no sabida,
Porque no sea deshonrada
Hija que tanto queria.'
Oidas estas razones,
El buen conde respondia:
—'No puedo negar, el rey,
Lo que la infanta decia,
Sino que es muy gran verdad
Todo cuanto me pedia.
Por miedo de vós el rey,
No casé con quien debia,
Ni pensé que vuestra alteza
En ello consentiria,

De casar con la infanta
Yo, señor, bien casaria;
Mas matar á la condesa,
Señor rey, no lo haria
Porque no debe morir
La que mal no merecia.'
—'De morir tiene, buen conde,
Por salvar la honra mia,
Pues no miráste primero
Lo que mirar se debia:
Si no muere la condesa,
A vos costará la vida.
Por la honra de los reyes
Muchos sin culpa morian,
Que muera pues la condesa
No es mucha maravilla.'
—'Yo la mataré, buen rey,
Mas no sea la culpa mia,
Vós os avendreis con Dios
En el fin de vuestra vida,
Y prometo á vuestra alteza,
A fé de caballeria,
Que me tengan por traidor
Si lo dicho no cumplía,
De matar á la condesa
Aunque mal no merecia.
Buen rey, si me das licencia
Luego yo me partiria.'
—'Vayais con Dios, el buen conde,
Ordenad vuestra partida.'
Llorando se parte el conde,
Llorando sin alegria;
Lloraba tambien el conde
Por tres hijos que tenia,
El uno era de teta,
Que la condesa lo cria,

Que no queria mamar
De tres amas que tenia,
Si no era de su madre
Porque bien la conocia;
Los otros eran pequeños,
Poco sentido tenian.
Antes que el conde llegase,
Estas razones decia:
—¿'Quién podrá mirar, condesa,
Vuestra cara de alegría
Que saldreis á recibirme
A la fin de vuestra vida?
Yo soy el triste culpado,
Esta culpa toda es mia.'
En diciendo estas palabras
Ya la condesa salía,
Que un page le havia dicho
Como el conde ya venia.
Vido la condesa al conde
La tristeza que tenia,
Vióle los ojos llorosos
Que hinchados los tenia
De llorar por el camino
Mirando el bien que perdia.
Dijo la condesa al conde:
—'Bien vengais, bien de mi vida!
¿Que habeis, el conde Alarcos?
¿Porque llorais, vida mia?
Que venís tan demudado
Que cierto no os conocia,
No parece vuestra cara
Ni el gesto que ser solia;
Dadme parte del enojo
Como dais del'alegría.
Decidmelo luego, conde,
No mateis la vida mia.'

— 'Yo lo diré bien, condesa,
Cuando la hora sería.'
— 'Si no me lo decís, conde,
Cierto yo reventaria.'
— 'No me fatiguеis, señora,
Que no es la hora venida.
Cenemos luego, condesa,
D'aqueso que en casa habia.
— 'Aparejado está, conde,
Como otras veces solia.'
Sentóse el conde á la mesa,
No cenaba ni podía,
Con sus hijos al costado,
Que muy mucho los queria.
Echóse sobre los hombros,
Hizo como que dormia.
De lágrymas de sus ojos
Toda la mesa cubria:
Mirandole la condesa
Que la causa no sabia,
No le preguntaba nada,
Que no osaba ni podía.
Levantóse luego el conde,
Dijo que dormir queria,
Dijo tambien la condesa
Que ella tambien dormiria,
Mas entre ellos no habia sueño,
Si la verdad se decia.
Vanse el conde y la condesa,
A dormir donde solian;
Dejan los niños de fuera,
Que el conde no los queria:
Lleváronse el mas chiquito,
El que la condesa cria:
El conde cierra la puerta,
Lo que hacer no solia.

Empezó de hablar el conde
Com dolor y con mancilla:
—¡'O desdichada condesa,
Grande fue la tu desdicha!'
—'No soy desdichada, conde,
Por dichosa me tenia
Solo en ser vuestra muger:
Esta fué gran dicha mia.'
—'Si bien lo mirais, condesa,
Esa fué vuestra desdicha.
Sabed que en tiempo pasado
Yo amé á quien servia,
La cual era la infanta.
Por desdicha vuestra y mia
Prometí casar con ella,
Y á ella que le placia.
Demándame por marido
Por la fé que me tenia.
Puédelo muy bien hacer
Por razon y por justicia:
Dijomelo el rey su padre
Porque della lo sabia.
Otra cosa manda el rey
Que toca en el alma mia:
Manda que muerais, condesa,
A la fin de vuestra vida,
Que no puede tener honra
Siendo vos, condesa, viva.'
De qu'esto oyó la condesa,
Cayó en tierra mortecida;
Mas despues en si tornada
Estas palabras decia:
—'Pagados son mis servicios,
Conde, con que yo os servia!
Si no me matais, el conde,
Yo bien os consejaria:

Enviedesme á mis tierras,
Que mi padre me ternia;
Yo criaré vuestros hijos
Mejor que la que vernia,
Y os mantendré castidad
Como siempre os mantenia.'
— 'De morir habeis, condesa,
Antes que amanezca el dia.'
— 'Bien parece, conde Alarcos,
Yo ser sola en esta vida,
Porque tengo el padre viejo,
Mi madre ya es fallecida,
Y mataron á mi hermano
El buen conde Don Garcia,
Que el rey lo mandó matar
Por miedo que dél tenia.
No me pesa de mi muerte,
Porque yo de morir tenia,
Mas pésame de mis hijos
Que pierden mi compañia:
Hacémelos venir, conde,
Y veran mi despedida.'
— 'No los vereis, más, condesa,
En dias de vuestra vida:
Abrazad ese chiquito
Que aqueste es el que os perdia.
Pésame de vos, condesa,
Cuanto pésar me podia.
No os puedo valer, señora,
Que mas me va que la vida;
Encomendaos á Dios
Qu'esto de hacerse tenia.'
— 'Dejéisme decir, buen conde,
Una oracion que sabia.'
— 'Decilda presto, condesa,
Antes que amanezca el dia.

—'Presto la habré dicho, conde,
No estaré un Ave Maria.'
Afinojóse en la tierra
Y esta oracion decia:
« En las tus manos, Señor,
« Encomiendo el alma mia:
« No me juzgues mis pecados
« Segun que yo merecia,
« Mas segun tu gran piedad
« Y la tu gracia infinita. »
'Acabada es ya, buen conde,
La oracion que yo sabia;
Encomiendoos esos hijos
Que entre vos y mi habia;
Y rogad á Dios por mi
Mientras tuviésedes vida;
Que á ello sois obligado,
Pues que sin culpa moria.
Dédesme acá ese hijo,
Mamará por despedida.'
—'No lo desperteis, condesa,
Dejaldo estar que dormia,
Sino que os pido perdon
Porque ya llegaba el dia.'
—'A vos yo perdono, conde,
Por amor que vos tenia;
Mas yo no perdono al rey,
Ni á la infanta su hija,
Sino que queden citados
Delante la alta justicia,
Que allá vayan á juicio
Dentro de los treinta dias.'
Estas palabras deciendo,
El conde se apercebia:
Echóle por la garganta
Una toca que tenia,

Apretó con las dos manos
Con la fuerza que podia,
No le aflojó la garganta
Mientras que vida tenia.
Cuando ya la vido el conde
Trespasada y fallecida,
Desnudóle los vestidos
Y las ropas que tenia,
Echóla encima la cama,
Cubrióla como solia;
Desnudose á su costado
Obra de un Ave Maria;
Levantóse dando voces
A la gente que tenia:
—'Socorro, mis escuderos,
Que la condesa se fina.'
Hallan la condesa muerta
Los que á socorrer venian.
Asi murió la condesa,
Sin razon y sin justicia;
Mas tambien todos murieron
Dentro de los treinta dias.
Los doce dias pasados
La infanta ya se moria,
El rey á los veinte y cinco,
El conde ál treinteno dia.
Allá fueron á dar cuenta
A la justicia divina:
Acá nos dé Dios su gracia,
Y allá la gloria cumplida [1].

[1] Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS, pag. 26.

TRADUCÇÃO INGLEZA

Alone, as was her wont, she sate, — within her bower alone,
Alone and very desolate Solisa made her moan,
Lamenting for the flower of life, that it should pass away,
And she be never wooed to wife, nor see a bridal day.

Thus said the sad Infanta: — 'I will not hide my grief,
I'll tell my father of my wrong, and he will yield relief:
The king, when he beheld her near: — 'Alas! my child' said he,
'What means this melancholy cheer? Reveal thy grief to me.'

— 'Good king,' she said, 'my mother was buried long ago,
She left me to thy keeping, none else my grief should know;
I fain would have a husband, 't is time that I should wed;
Forgive the words I utter, with wide shame they 're said.'

It was thus the king made answer: — 'This fault is none of mine,
You to the prince of Hungary your ear would not incline,
Yet round us here where lives your peer? Nay, name him if you can,
Except the count Alarcos, and he is a maried man.'

— 'Ask count Alarcos if of yore his word he did not plight
To be my husband evermore, and love me day and night;
If he has bound him in new vows, old oaths he cannot forsake.
Alas! I've lost a loyal spouse for a false lover's sake.'

The good king sate confounded in silence for some space,
At length he made his answer, with very troubled face:
— 'It was not thus your mother gave counsel you should do;
You 've done much wrong, my daughter; we're shamed, both I and you.

'If it be true that you have said, our honour's lost and gone;
And while the countess is in life, remeed for us is none:
Though justice were upon our side, ill-talkers would not spare.
Speak, daughter, for your mother's dead, whose counsel eased my care.'

— 'How can I give you counsel? — but little wit have I;
But certes count Alarcos may make his countess die:
Let it be noised that sickness cut short her tender life,
And then let count Alarcos come and ask me for his wife.
What passed between us long ago, of that be nothing said;
Thus none should our dishonour know, in honour shall I wed.'

The count was standing with his friends — thus in the midst he spake!
— 'What fools be men! — what boots our pain for comely woman's sake;
I loved a fair one long ago; — though I am a maried man,
Sad memory I kan ne'er forego, how life and love began.'

While yet the count was speaking, the good king came full there;
He made his salutation with very courteous cheer.
— 'Come hither, count Alarcos, and dine with me this day:
For I have something secret, I in your ear must say.'

The king came from the chapel, when he had heard the mass;
With him the count Alarcos did to his chamber pass;
Full nobly were they served there, by pages many a one;
When all were gone, and they alone, 't was thus the king begun.

— 'What news be there, Alarcos, that you your word did plight,
To be a husband to my child, and love her day and night?
If more between you there did pass, yourself may know the truth.
But shamed is my grey head — alas! — and scorned Solisa's youth.

'I have a heavy word to speak, — a lady fair do the lie
Within my daughter's rightfull place, and certe! she must die.
Let it be noised that sickness cut short her tender life;
Then come and woo my daughter, and she that be your wife.
What passed between you long ago, of that be nothing said,
Thus none shall my dishonour know — in honour you shall wed.'

Thus spake the count Alarcos. — 'The truth I'll not deny,
to the infanta gave my word, and broke it shamefully:
I feared my king would never consent to give me his fair daughter;
But oh! spare her that's innocent — avoid that sinful slaughter.'

— 'She dies! she dies!' the king replies; — 'from thine own sin it springs;
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of kings,
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the deed.
Else thou on shamefull block must bend: thereof is no remeed.'

— 'Good king, my hand thou may'st command, else treason blots my name!
I'll take the life of my dear wife — (God! mine be not the blame).
Alas! that young and sinless heart for other's sin should bleed!
Good king in sorrow I depart.' — 'May God your errand speed!'

In sorrow he departed, dejectedly he rode
The weary journey from palace unto his own abode;
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an infant upon his mother's breast,
For though it had three nurses, it liked her milk the best;
The others were young children, that had but little wit,
Hanging about their mother's knee while nursing she did sit.

— 'Alas!' he said, when he had come within a little space.
'How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!'

Just then he saw her at the door with all her babes appear,
(The little page had run before to tell his lord was near):
— 'Now welcome home, my lord, my life! — Alas! you droop your head:
Tell, count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so red?'

— 'I'll tell you all, I'll tell you all: it is not yet the hour;
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.'
The lady brought forth what she had, and down beside him sate:
He sate beside her pale and sad, but neither drank nor ate.

The children to his side were led (he loved to have them so),
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:
— 'I fain would sleep.... I fain would sleep,' the count Alarcos said.
Alas! be sure, that sleep was none that night within their bed.

wit have I;
is die:
der life,
r his wife.
othing said;
ur shall I wed.'

in the midst he spake!
for comely woman's sake;
aried man,
ve began.'

ng came full there;
ber.
me this day:
t say.'

heard the mass;
r pass;
any a one;
urs the king begun.

ur word did plight,
y and night?
may know the truth.
scorned Sofisa's youth.

do the lie
te! she must die.
der life;
t be your wife.
nothing said,
ear you shall wed.'

I'll not deny,
unmistakably:
nt his fair daughter;
t sinful slaughter.'

— 'She dies! she dies!' the king replies; — 'from thine own sin it springs;
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of kings,
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the deed.
Else thou on shamefull block must bead: thereof is no remeed.'

— 'Good king, my hand thou may'st command, else treason blots my name!
I'll take the life of my dear wife — (God! mine be not the blame).
Alas! that young and sinless heart for other's sin should bleed!
Good king in sorrow I depart.' — 'May God your errand speed!'

In sorrow he departed, dejectedly he rode
The weary journey from palace unto his own abode;
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an infant upon his mother's breast,
For though it had three nurses, it liked her milk the best;
The others were young children, that had but little wit,
Hanging about their mother's knee while nursing she did sit.

— 'Alas!' he said, when he had come within a little space.
'How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!'

Just then he saw her at the door with all her babes appear,
(The little page had run before to tell his lord was near):
— 'Now welcome home, my lord, my life! — Alas! you droop your head:
Tell, count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so red?'

— 'I'll tell you all, I'll tell you all: it is not yet the hour;
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.'
The lady brought forth what she had, and down beside him sate:
He sate beside her pale and sad, but neither drank nor ate.

The children to his side were led (he loved to have them so),
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:
— 'I fain would sleep.... I fain would sleep,' the count Alarcos said.
Alas! be sure, that sleep was none that night within their bed.

They came together to the bower where they were used to rest.
None with them but the little babe that was upon the breast:
The count had barred the chamber doors — They ne'er were barred till then:
— 'Unhappy lady,' he began, 'and I most lost of men!'

— 'Now, speak not so, my noble lord, my husband and my life!
Unhappy never can she be that is Alarcos wife.'
— 'Alas unhappy lady, 't is but little that you know,
For in that very word you ' ve said, is gathered all your woe.

'Long since I loved a lady, — long since I oaths did plight,
To be that lady's husband, to love her day and night:
Her father is our lord the king, to him the thing is known,
And now, that I the news should bring! she claims me for her own.

'Alas! my love!.. alas! my life!.. the right is on their side;
Ere I had seen your face, sweet wife, she was betrothed my bride;
But, oh! that I should speak the word! since in her place you lie,
It is the bidding of our lord, that you this night must die.'

— 'Are these the wages of my love, so lowly and so leal?
Oh, kill me not, thou noble count, when at thy foot I kneel!
But send me to my father's house, where once I dwelt in glee.
There will I live alone chaste life, and rear my children three!'

— 'It may not be; mine oath is strong; ere dawn of day you die!
— 'Oh well 't is seen how all alone upon the earth am I;
My father is an old frail man, my mother's in her grave,
And dead is stout Don Garci... Alas! my broder brave!

'Twas at this coward king's command they slew my brother dear,
And now I'm helpless in the land. It is not death I fear,
But loath am I to depart, and leave may children so.
Now let me lay them to my heart, and kiss them ere I go.'

— 'Kiss him that lies upon thy breast; the rest thou mayst not see.'
— 'I fain would say an Avé.' — 'Then say it speedily.'
She knelt her down upon her knee: — 'Oh, Lord! behold my case;
Judge not my deeds, but look on me in pity and great grace.'

When she had made her orison, up from her knees she rose;
— 'Be kind, Alarcos, to our babes, and pray for my repose;
And now give me my boy once more upon my breast to hold,
That he may drink one farewell drink, before my breast be cold.'

— 'Why would you waken the poor child? you see he is asleep;
Prepare, dear wife; there is no time, the dawn begins to peep.'
— 'Now hear me, count Alarcos! I give thee pardon free;
I pardon thee for the love's sake wherewith I' ve loved thee.

'But they have not my pardon, the king and his proud daughter!
The curse of God be on them, for this unchristian slaughter!
I charge them with my dying breath, ere thirty days be gone,
To meet me in the realm of death, and at God's awful throne!'

He drew a kerchief round her neck, he drew it tight and strong,
Until she lay quite stiff and cold her chamber floor along;
He laid her then within the sheets, and, kneeling by her side,
To God and Mary Mother in misery he cried.

Then called he for his esquires: — oh! deep was their dismay,
When they into the chamber came, and saw her how she lay.
Thus died she in her innocence, a lady void of wrong...
But God took heed of her offence, his vengeance stayed not long.

Within twelve days, in pain and dole, the Infanta passed away;
The cruel king gave up his soul upon the twentieth day;
Alarcos followed ere the moon had made her round complete:
Three guilty spirits stood right soon before God's judgment-seat [1].

[1] Lockhart, ANCIENT SPAN. BALLADS.

V

O CONDE D'ALLEMANHA

O romance-xácara do 'Conde d'Allemanha' tem um pensamento bello e moral; e o stylo d'aquella simplicidade sublime e verdadeiramente antiga que é o sêllo das composições originaes e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porêm ainda ingenuo, não faz mais do que reflectir a natureza, mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha — uma infanta, pois quasi todos estes contos de 'era uma vez ha muito' são de infantas e princezas — uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a 'criminal conversação' de sua mãe com um cavalleiro mancebo e extrangeiro, um certo 'conde d'Allemanha' — *Allamanha*, ou tambem *Aramenha*, como em algumas partes diz a licção do povo. Elrei

anda á caça, segundo é de uso usado n'estes reinos antigos—ao menos occupavam-se n'isso!—e a filha protesta dizer-lhe tudo em elle chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer callar. Chega o pae, a infanta vai resoluta a elle... Horroroso spectaculo! A tremenda accusação d'adulterio proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripecia é grande e sublime... A filha accusa o seductor, mas salva a mãe; accusa-o de um grande attentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas differente: o de lhe lançar mãos violentas, o de attentar contra a honra d'ella infanta!

A falsa querella leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pae desaggravada sem se revellar a infamia da mãe.

É visivel que este romance foi composto para celebrar um facto real e historico, alguma d'essas negras e sanguinolentas tragedias, que tam frequentes se representavam nas escuras camaras de nossos antigos paços e solares. Nenhuma justiça ousava intender n'esses

crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou o jogral em sua ronda de terra em terra, de tôrre em tôrre, ia repettir, longe n'uma, o que muito longe d'alli tinha ouvido n'outra: — ecchos vagos e confusos da historia verdadeira que nem elle saberia nem ousaria contar toda; e que mais desfigurados e confusos ficavam no monotono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme d'aquella triste melopea que ainda hoje dura na memoria dos povos, d'onde toda se oblitterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros d'ésta e de eguaes tradições.

Facto conhecido na historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portugueza, — isto é, que originalmente fôsse composto no dialecto portuguez, ou legio-lusitano, porque ainda agora ha mais simplicidade e mais natural na *edição* (tambem mais completa) que d'elle nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na licção escripta e impressa em que o conservaram os

collectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no anno em que isto se escreve, 1841, é ésta uma das xácaras mais validas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as provincias, até das de além mar, obtive cópias d'ella; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros *rifacimentos* modernos, addições e 'melhoramentos' de algum presumido cantor d'aldea que pretendeu corrigir éstas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belem, e apperfeiçoaram o frontispicio da Conceição-velha.

Collacionando umas cópias com outras e com a licção castelhana segundo Depping e Augustin Duran, appurei o que me parece o texto mais legitimo e verosimil.

Juntei no fim alguma variante mais notavel e que apparecia mais repettida, e tambem a versão castelhana.

O CONDE D'ALLEMANHA

Ja lá vem o sol na serra[1],
Ja lá vem o claro dia,
E inda o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na côrte havia;
Só o sabia a infanta[2],
A infanta sua filha.

[1] Ja o sol dá na vidraça — RIBATEJO.
[2] Sabia-o dona Silvana — MINHO.
Sabia-o dona Bernarda — BEIRALTA.

—'Não n'as chegue eu a romper[3]
Mangas da minha camiza,
Se em vindo meu pae da caça
Eu logo lh'o não diria.'
—'Call'-te, call'-te, la infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde d'Allemanha
De oiro te vestiria.'
—'Não quero vestidos d'oiro[4];
Mau fogo em quem n'os vestira!
Padrasto com meu pae vivo,
Nunca o eu consentiria.'

Palavras não eram ditas,
Elrei que á porta batia.
—'Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.

[3] Mangas da minha camiza,
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo meu pae da missa
Logo lh'o não for dizer. — MINHO.

[4] Não quero vestidos de oiro,
Pois os tenho de damasco:
Inda tenho meu pae vivo,
Ja me querem dar padrasto. — RIBATEJO, TRAS-OS-MONTES, BEIRA-ALTA.

Estando eu no meu tear[5]
Seda amarella tecia,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios d'ella me tira...'

—'Call'-te, d'ahi, minha filha,
Ninguem te oiça dizer tal:
Que o conde d'Allemanha
É menino, quer brincar.'
—'Arrenego dos seus brincos[6]
Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
Á cama me quiz levar.'
—'Calla-te ja, minha filha,
Ninguem te oiça mais fallar;
Que em antes que o sol se ponha
Vai o conde a degollar.'

Veis-lo conde d'Allemanha,
Veis-lo vai a degollar;
Ao rabo do seu cavallo
Lá o levam a arrastar.

[5] Estando eu no meu tear
Tecendo seda amarella,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios me tirou d'ella. — PORTO, e OUTRAS.
Arrenego de tal conde — BEIRA-BAIXA.

— 'Venha ca, senhora mãe [7],
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que ahi vai a degollar.'
— 'Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem t'o deu de mamar,
Que a um conde tam bonito
A morte foste causar.'

Aqu as variantes são infinitas: é a passagem que todos os ingenhos d'aldea se comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer á rhyma certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permittem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o decurso do mais extenso d'elles.

Ponho aqui uma amostra d'estas que não são variantes, mas variações modernas.

Venha ca, senhora mãe,
Para a janella do meio,
Ver o conde d'Allemanha
Infeitado de vermelho.
Venha ca, senhora mãe,
Á janella do quintal,
Ver o conde d'Allemanha
Como vai a degollar.
Venha ca, ó minha mãe,
Venha á janella do canto,
Venha ver o senhor conde
Como lhe parece o branco.
Venha ver, ó minha mãe,
Á janellinha do poço,
Venha ver o senhor conde
Com uma corda ao pescoço.

—'Call'-se d'ahi, minha mãe,
Ninguem lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o conde leva
Não lh'a faça eu levar[8].'

[8] Algumas cópias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria *cabo* ou *fym* (vej. CANÇ. de Rez.): remate que todavia se incontra quasi pelas mesmas palavras em muitas outras xácaras e romances.

N'uma campa raza e triste
Ja o deixam interrado;
Pozeram-lhe á cabeceira
Um letreiro bem lavrado,
Para quem passar que diga:
—'Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal d'amores,
Que é mal desesperado.'

LICÇÃO CASTELHANA

A tan alta va la luna
Como el sol á medio dia,
Cuando el buen conde Alleman
Con esa dama yacía.
No lo sabe hombre nacido
De cuantos en corte habia,
Sino solo la condesa,
Esa condesa su hija
Asi la dueña la hablára,
De esta manera decia:
—'Cuanto viéredes, condesa,
Cuanto viéredes encobrildo,
Daros ha el conde Alleman
Un manto de oro fino.'
—'Mal fuego le queme, madre,
El manto de oro fino,
Cuando en vida de mi padre
Tuviese padrasto vivo.'
De allí se fuera llorando.
Al conde su padre ha visto.
—'¿Porque llorais, la condesa?
Decid ¿quien llorar os hizo?
—'Yo me estaba aquí comiendo,
Comiendo sopas en vino,
Entró el conde Alleman
Y echólas por el vestido.'
—'Calleis, mi hija, calleis,
No tomeis deso pesar,
Que el conde es niño y muchacho,
Hacerlo ha por burlar.'

—'Cuando me tomó en sus brazos,
No me quizo respetar.'
—'Si el os tomó en sus brazos'
Y con vos quizo holgar
En antes que el sol saliese
Yo lo mandaré matar[1].'

[1] Romancero de D. Aug. Duran, tom. IV, p. 1. Ochoa, Tesoro. p. 9.

VI

DOM ALEIXO

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo elle respira a graça desaffeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castello da meia edade, aos perfumes do *boudoir* de uma nobre donzella do tempo da 'Madre-silva' ou da 'Ala-dos-namorados.' Se o cantaria o condestabre á sua dama? Ou o Magriço áquellas misses de olhos azues que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria de Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que éstas coisas eram ja mais moda então do que as inrevezadas trovas trovadas d'elrei Dom Diniz e de seus donzeis e discipulos, pois temos nos chronistas a auctoridade de Nun'alvares Pereira, que era o grande

modelo de seu tempo, e preferia os romances d'elrei Arthur e de sua Tavolla, a todas as pieguices alambicadas da eschola provençal.

Não quero dizer que seja 'Dom Aleixo' tam antigo como 'Amadis' em sua linguagem e composição. Digo que a historia e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Lobeira póde ser mais velho um seculo ou dous; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do anno varia a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante póde imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no hynverno, no estio e no outomno, segundo sobe para a cumiada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim florece em janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; em quanto sua egual e sua irman gela sem flor nem folha ao desabrido sôpro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor d'aquella; mas quando estoutra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço

e perfume hãode ser mais vivos e de mais fôrça.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e lettrado produzirá odes e sonetos que pareçam dous seculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporaneo. N'aquelles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as lettras o anno de sua composição: a originalidade d'estes não traz data, nem a tem, porque a natureza não varía com os seculos.

Não vemos nós tambem a gente dos campos em muitas provincias da Europa trajar ainda hoje as modas de ha seis ou sette centos annos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo éstas considerações, porque ellas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se affira.

'Dom Aleixo' é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos licções provinciaes pude obter; só uns fragmentos da Beiralta e outros de Lisboa. Se não fôra a cópia do cavalheiro de Oliveira — de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que ás tradições oraes do povo — tinha-me sido impossivel restitui-lo. Ainda assim, algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituidas. Taes são na copla que diz:

Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar.

A tradição oral de Lisboa diz:

Eu por ti menos daria:

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

Eu te incommendaria;

sendo alli a rhyma em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo, pôstoque remate bem tragicamente. De tres irmans que viviam junctas, a mais pequena era tam amiga de saltar e folgar, que uma

noite se vestiu de pagem, e passeiando, rua abaixo rua acima, ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das tres irmans que alli moravam, e que tam parecidas eram, tam de *egualhar*, que ella dizia, em desprendido stylo leonino—e esse sim que é o mesmo em todos os tempos:

Das tres irmãs que aqui moram,
A qual heide eu namorar?

Dom Aleixo, seu apaixonado d'ella, sentado no poial aopé da porta, e disfarçado em ermitão, via com despeito as fanfarronices d'aquelle atrevido pagem que não reconheceu, e lhe quiz metter medo com uma supposta espera que lhe estavam fazendo. Mas a dama-pagem tinha animos de cavalleiro, affrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amada e lhe vai a deitar os braços, ella o fere mortalmente com um punhal. É singela a historia, mas verosimil e interessante, como são todas éstas que os nossos menestreis cantavam.

Não apparece vestigio algum d'este romance nas collecções castelhanas.

DOM ALEIXO

Nós eramos tres irmans [1],
Todas tres de um egualhar:
Uma insinava á outra
A cozer e a bordar:
A mais pequena de todas
Se foi, por noite, a folgar [2]
Com duas tochas accesas
Á porta do laranjal [3].

[1] É visivel o èrro e corrupção das licções que, faltando á rhyma obrigada, lêem, como n'esta;

Nós eramos tres irmans,
Todas tres de um pareser;
Uma insinava á outra
A bordar e a cozer. — BEIRALTA.

[2] Andava pelo pomar — LISBOA.

[3] Ao redor do laranjal — BEIRALTA.

Vestiu vestido de pagem,
Que lhe ficava a mattar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:
—'Das tres irmans que aqui moram,
A qual heide eu namorar?'
Nós de dentro do balcão,
A rirmos de seu brincar [4].
As tochas tinha apagado,
Vinha sahindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi a baixar,
Viu estar um ermitão
Assentado no poial.
—'Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis n'este logar?'
O ermitão, sem responder,
Começou-se a levantar...
Tam alto em demazia,
Alto, alto de pasmar [5].
—'Se tu es a coisa má,
Eu te quero esconjurar,
Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar [6].'

[4] Folgar — BEIRALTA.
[5] Que era coisa de pasmar — LISBOA.
[6] Farei incommendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.

—'Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar;
Tambem não sou alma em penas
Para tu me incommendar:
Sou a alma de Dom Aleixo,
Que aviso te venho dar[7]:
Sette te estão esperando
Na esquina, áquelle portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hãode tirar.'

—'Pois eu por esse lhe juro[8],
E pela Virgem Maria,
Que outros sette que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,
Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu ésta lhe imprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida.'

Palavras não eram dittas,
O ermitão se descubria,

[7] Que te venho avisar — LISBOA.
[8] Pois pelo mesmo lhe juro — BEIRALTA.

Foi a tomá-la nos braços
Com sobeja demazia...
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos,
Que alli por morto cahia.
—'Quem te mattou, Dom Aleixo,
Quem te mattou, minha vida?'
—'Mattaste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.'
Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida[9].

[9] Esta última copla, que em todas as licções apparece, pertencerá com effeito ao romance? Ou será fragmento de outro que se lhe cozeu pela ignorancia do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-me á segunda d'estas opiniões; mas conservei a copla no texto por não incontrar uma só licção em que ella não venha. Certo é porém que as licções aqui são todas fragmentos.

VII

SYLVANINHA

A rudeza da linguagem, a descompostura do stylo, e a nudez, pôsto que innocente, de algumas expressões e imagens characterizam o romance popular da 'Sylvaninha' por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo immemorial, na nossa peninsula. Não dei com elle em nenhum romanceiro ou cancioneiro castelhano; mas não ha provincia de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e illustração da 'Adozinda[1],' tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zêlo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava

[1] Veja prefacio e notas do I vol. do ROMANCEIRO, segunda edição (da Adozinda), Lisboa 1843.

uma criada velha da provincia da Minho, ha muito anno aqui residente. Vai agora melhor restituido o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira e do Ribatejo.

O assumpto d'este romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas edades das nações. O coração aspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibarbaros precisam d'essas violentos stimulos para vibrar — diz Sir Walter Scott[1] — o espirito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilisados, de tam asquerosos meios de excitar interêsse.

A vaidade de poeta moço fez-me escolher esta xácara para provar n'ella a mão quando me insaiava a *traduzir* para a lingua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestigios dos nossos obscuros Enios da meia edade, porque me irritavam essas mesmas difficuldades e me lisongeava de as vencer. Da Sylvana nasceu pois a Adozinda, e em tam boa hora que d'ahi

[1] Minstrelsy of the scottish borders.

data o gôsto da poesia popular entre nós: por onde não fui tam infeliz, apesar dos escrupulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhêra, como da timida ordidura com que a cubri.

Hoje sería affectação ridicula omittir aqui aquelle texto em toda a sua crua nudez. Boa è a maxima dos romanos: *Facinora ostendi dum puniantur, flagitia autem abscondi debent.* Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memoria dos povos, que ha de vir a pollução do espirito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças moraes.

Quanto se póde julgar de uma coisa tam desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que ésta singela rhapsodia popular è anterior ou, se contemporanea, extranha á polida e estudada litteratura provençal do seculo XIII.

Que ja no tempo de D. Francisco Manuel de Mello ella era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom

documento no seu 'Fidalgo aprendiz,' jornada segunda[1]:

BRITES
Entoay, por meu prazer,
Qualquer coisa.

GIL
Sem guitarra?

BRITES
Eylla; tomay.

GIL
'Passeava-se Sylvana
Por um corredor um dia...

BRITES
Ay senhor! eu não queria
Senão lettra castelhana.

GIL
Cantarey algaravia,
Se mandays; pois que quereis?

BRITES
Uma letra nova quero...

O pensamento, o fundo das ideas, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar n'estes esbocetos antigos, tantas vezes pintados e repintados por pinceis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sôbre tudo impenhados sempre em modernizar, pôr á moda

[1] Ed. de Leão de França, 1665, pag. 247.

e *fazer bonito* o que lhes parecia tosco e grosseiro, só porque era simples e original.

O stylo, as palavras, a fórma toda exterior de um d'estes romances parecerá muitas vezes, á primeira vista, de um seculo, e d'esse é com verdade, porque n'elle foi refeito ja na sexta ou septima traducção oral; quando originalmente elle foi composto outros tantos seculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notaveis; tem muitas outras, e infinitas quasi, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as provincias. N'um curioso exemplar da Beiralta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o principio é estoutro, accrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

O conde de Villa-Flor,
Com ser o conde maior,
Com ter ja tres filhos homens,
Lindos como o mesmo sol,
A sua filha Sylvana
De amores accommettia:
—'Bem podéras tu, Sylvana,
Commigo fallar um dia.'

No resto differe pouco da licção geral.

A 'Adozinda' feita sôbre a 'Sylvana' e em geral a poesia popular portugueza deram motivo a um interessante artigo que se publicou no num. xx do *Foreign Quarterley Review* de Londres, outubro de 1832. Copia-se aqui a parte respectiva, não só pelas curiosas observações do escriptor inglez, mas pelos tractos da traducção ingleza mais curiosos ainda.

We have already intimated that the long slighted *xacara* has at length found a cultivated admirer; and this admirer is the Senhor Almeida Garrett, whose attention seems to have been recalled to what formed the delight of his infancy, by the universal modern rage for old national legends and songs. He has collected the fragments of many mutilated *xacaras*, and in the introduction to Adozinda speaks of publishing them, with versions so far modernizing them as to render the language and stories intelligible. We are great lovers of such lore; and the Portuguese nature is so essentialy poetical, that we are satisfied Lusitanian lispings in numbers must be amongst the sweetest of early remains.

Adozinda is not exactly a specimen of what this work would be; in it the *xacara* fragments having grown into a poetical romance in four short cantos, and being altered, as well as dilated and completed. They could not else have appeared in these days of refinement; for the tale is founded on a passion revolting to human nature, and requires the utmost delicacy of management to render it endurable. Our author has done much to soften its offensiveness; indeed, as much as in most parts of the continent will, we conceive, be thought sufficient. English readers are[1], however, more fasti-

[1] Ésta valdade da puderie ingleza pavoncia-se aqui muito fóra de proposito. Nas collecções de Percy e de W. Scott ha cóisas tam pouco confortaveis

dious; and there are parts of this poem which we could neither translate nor even insinuate confortably. We must therefore tell the story briefly in our own way; first giving the description of Don Sisnando's return home from the moorish wars, and concluding with extracts from the catastrophe. As usual we imitate the metre of the original, to which belongs the intermixture of unrhymed lines.

Lo! what crowds seek Landim palace
Where it towers above the river!
Sounds of war and sounds of mirth
Through its lofty walls are ringing!
Shakes the drawbridge, groans the earth
Under troops in armour bright;
Steeds, caparisoned for fight,
Onward tramp: — o'erhead high flinging
Banners, where the red cross glows,
Standard-bearers hurry near, —
Don Sisnando's self is here!
From his breastplate flashes light;
Plumes that seem of mountain snow
O'er his dazzling helmet wave;
'Tis Sisnando, great and brave!

'Open, open, castle portals!
Pages, damsels, swiftly move!
Lo! from Paynim lands returning
Comes my husband, lord, and love!
Thus the fond Auzenda cries
Tow'rds the portal as she flies.
Gates are opened, shouts ring round;
And the ancient castle's echo
Wakens to the festive sound;

como ésta, ou menos talvez. Myrrha e Canace, não a lêem elles em Ovidio, sem fazer estes tregeitos de hypocritões que são, os nossos alliados?

'Welcome! welcome, Don Sisnando!'

* * * * *

Weeps her joy Auzenda meek,
Streams of rapture sweetly flow;
Down the never-changing cheek
Of the warrior stout and stern,
Steals a tear-drop all unheeded—
Stronger far is joy than woe!

Recovering from his conjugal transports, Don Sisnando asks for his daughter:

At his side his daughter fair
Trembling stands with downcast air.
Like some modest star she seems,
In the hot and vivid beams
Of the sun, uprising bright,
Seen as beautiful as ever
But pale, dim, bereft of light.

Three long years had Don Sisnando
Fought against the Moorish crew;
And unknown in this fair dame
Now his daughter met his view —
'See her here!' the mother cries,
Round her waist and arm entwining;
'See her here, my Lord!'—What flame
Blazes in the father's eyes
Fixed upon his lovely daughter;
Wonder with delight combining,
Long he stands in rapture mute.
Adozinda sighs and blushes,
Whispers 'Father!' tremblingly,
Bends in languid guise her knee,
And on the paternal hand
Breathes with icy lips a kiss.
Whilst of tears a torrent gushes,
Tears she may no more command.

Our hint as to the revolting character of the story may, perhaps, have prepared the reader to perceive that the father has fallen in love with his own daughter. Adosinda had been forewarned of the horrors awaiting her by a hermit, to whom she, as a child, had persuaded her ungentle father to grant hospitality, and she has ever since habitually passed her nights in solitary prayer in a haunted grotto. Here her father surprises her, and she only escapes the impetuosity of his loathsome passion by promising to admit him to her chamber the following night. Her still beautiful mother takes her place; and the father, enraged at discovering the holy fraud, shuts up Adosinda, without clothes or drink, for seven years and a day, in a roofless tower, where a Moorish king had so imprisoned a faithless wife. He then retires to his chamber where none may intrude: —

And the father is alone.
He alone? With him remain
They that ne'er desert their own: —
Sin, remorse and gnawing pain

* * * * *

Dawns at length th' appointed day;
Adosinda's years of doom,
Years and day, at eve expire.
Scorched i' th' sun's meridian ray
Seems the solid earth on fire.
From yon prison's sullen womb
Hark! what accents force their way?
Accents seven long years unheard.
'Tis a voice that asks compassion; —
Hearken to each piteous word —
'Give, Oh give a draught of water!
One sole draught for mercy's sake;
Here unsheltered I am burning
And my very heart will break.'

That was Adosinda fair,
All her accents recognize;

To her prison throngs repair,
On the loop-hole fix their eyes,
And 'she lives! she lives!' they shout,
'Lives the innocent oppressed!'
Then amidst the wond'ring rout
Stories of her patience spread;
All the virtues are confessed,
Of the Angel mourned as dead. —
Hark! again those sounds are heard!
Hark! again each piteous word
Seems the prison walls to shake.
'Give, Oh give a draught of water!
One sole draught for mercy's sake;
Here unsheltered I am burning
And my very heart will break.'

Every breast was moved to grief,
But her father who might brave?
Weeping they this answer gave —
'Angel, yet a while endure,
Swift deliverance is sure,
He, thy Sire, must bring relief.
Now the seven long years are gone,
And the day is well nigh done;
Yet an hour 'gainst death contend,
Then thy sufferings must end.'

Adozinda answers that she cannot hold out another hour. She tells how she has been supported against thirst, heat and cold, through the seven years by a continued miracle, but that the hand of God has been withdrawn from her for the last three days, and she can endure no more. She concludes by again repeating her stanza of supplication. The tidings reach Don Sisnando; —

And within his stony breast
Cruelty has died away,

Dawns of pily a faint ray:
From his parched, sepulchral eyes,
Terror, that on all impressed,
By the hand that will chastise
Touched, burst tears of human anguish.

* * * * *

To the tow'r he rushes, shouting
'Water! quick, bring water here!
Hasten, hasten all to aid
Th' innocent ill-fated maid,
Murdered by her father's hands!'
Shouting thus he hurries near;
And beneath the prison stands,
Where sad Adozinda moans,
'Daughter! yet 'tis time — Oh live!
Daughter, daughter, Oh! forgive
This vile murd'rer!' — Passion's force
Choaks his accents, choaks his groans;
Voice, strenght, breath, have sudden failed him —
On the earth he lies a corse.

These events raise Auzenda from what was thought her death-bed. She totters to the foot of the tower, and orders her daughter to be released. But no exertions can burst the prison doors, till the Hermit who had forewarned Adozinda arrives. At his word the tower opens. — Adozinda is dead — and dead he leaves her. But Don Sisnando he recals to life, that the sinner may, by long and painful penitence, atone his crime. The guilty father departs with the hermit, and is seen no more; but even to the present day,

Still at midnight's solemn hour
Underneath that ruin'd tow'r,
Through th' adjoining chapel, sound
Voices mingling words and groans —
'Pardon! pardon! echoes round. —
Those are Don Sisnando's tone[s].

SYLVANINHA

Passeiava-se a Sylvana
Pelo corredor acima[1];
Violla de oiro levava,
Oh! que tam bem a tangia!
E se ella bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a commettia:
—'Attreves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha?'
—'Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia;
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria?'

[1] Por seu corredor acima — MINHO.

Foi-se incontrar com sua madre
Lavrando n'uma almofada*:
—'Estejais embora, madre,
O madre ja da minha alma:
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.'
—'Dera-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sette para oito annos
Que por ti sou mal casada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz de sua espada,
Quem primeiro te desse agua
Tinha a cabeça cortada!'
Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se incontrar c'os irmãos
Que estavam jogando as cannas:
—'Estejais embora, irmãos,
Meus irmãos ja da minha alma:
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma!'

* Cosendo n'uma almofada — EXTREMADURA.

—'Dera-t'a eu irman minha,
Se a tivera impeçonhada[7]:
Que nosso pae tem jurado
Pela cruz da sua espada[8]
Quem primeiro te desse agua
Tinha a cabeça cortada.'
Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se incontrar com seu padre
A jogar a imbocada:
—'Estejais embora, padre,
Padre meu ja da minha alma:
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma...
E de hoje por deante
Serei vossa namorada.'
—'Alevantem-se, meus pagens[9],
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de oiro,
Outros com jarros de prata:
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada,
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.'

[7] Se a tivera salgada — LISBOA.
[8] Pelos cumbos da espada — ALEMTEJO.
[9] Alevantem-se, meus moços — MINHO.

Os criados que chegavam,
Sylvaninha que finava
Nos braços da Virgem sancta,
Dos anjos amortalhada[10]!
Vai-te embora, Sylvaninha,
Sylvaninha da minha alma:
Tua alma vai para o ceo,
A minha fica culpada.

[10] Dos anjos acompanhada—RIBATEJO.

VIII

BERNAL-FRANCEZ

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que leva este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, ja no proprio fragmento, ja na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson[1], uma nova traducção ingleza, differente e mais acabada do que essoutra que dei no primeiro volume do ROMANCEIRO[2]; de Hespanha chegou tam-

[1] Na LUSITANIA ILLUSTRATA, Part. II, Newcastle upon tine 1846, se publicou ésta nova traducção.

[2] ROMANCEIRO GERAL, I. Lisboa 1843.

bem ha pouco uma bella e elegante versão em castelhano.

Junctarei aqui uma e outra para satisfacção do público portuguez, e em demonstração tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tam geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estrême e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios extrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que póde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra litteraria, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes estas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fe n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'essoutros que deixou escriptos a sapiencia dos lettrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituido e apurado por lon-

go trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do 'Bernal-Francez' segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa peninsula. Não apparece, como já n'outra parte disse[1], em nenhum dos romanceiros castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa; e denota todo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem-se ás causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que têem andado guardadas éstas reliquias, sem mais authêntica do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses; porque o não será para ésta?

Além de não andar nas collecções da nação vizinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaibo castelhano se nota n'esta composição toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte de D. Diniz

[1] Tom. I do ROMANCEIRO, pag. 91.

e de Affonso III tambem aqui são extranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sôbre ésta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a Adozinda, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fôra copiado da licção vulgar da Extremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscriptos do cavalheiro de Oliveira, foi apperfeiçoada áinda pela collação com as diversas cópias das provincias do Norte, especialmente da Beirabaixa, que são, em meu intender, as mais seguras, segundo ja observei tambem[1].

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até da mesma theoria da classificação que tenho procurado estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, éstas variadas designações: *romance* ou *rimance*, *xácara*, *soláo*, que parecem indicar especies; e ainda as que parecem

[1] Veja o vol. cit. I do ROMANCEIRO.

ser mais genericas, de *trova, cantiga, cantar, canção:* mas o que ellas sempre designem ou quizeram designar não é facil determiná-lo com segurança. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa, barca, tenção, chucota;* e tambem éstas não estão bem appuradas em suas distincções characteristicas. Umas eram talvez determinadas pela fórma exterior metrica, outras pelo stylo ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente pelo uso, pela solemnidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Ja disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satyricos, os facetos, os eroticos, os mesmos moiriscos do seculo XVII, são ja aberrações visiveis, ou, pelo menos, novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A *xácara* é toda dramatica: o poeta falla pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas êstas duas especies, se o são, junctaram-se muitas vezes e produziram, ora o *romance-xácara* em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a *xácara-romance* em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rúbricas ou direcções de scena, que faz o poeta a raros intervallos. O povo, em muitas das coisas que recita d'este genero, diz as fallas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O *romance* e a *xácara* têem em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do número octosyllabo[1] dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo XVII é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle.

O *soldo* será sempre cantar triste como indica Bernardim-Ribeiro? Narrativo é elle tam-

[1] Apparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam *em endexas*, compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de dôze syllabas, segundo outros, em versos de seis syllabas, tomando o hemystictico por unidade.

bem pelo que tam claro nos diz Sa-de-Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra. Eu inclino-me a crer que o soláo é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas accompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sôbre elles, do que para os contar ponto por ponto.

Cántiga deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

Cantar é talvez o genero de todas éstas especies.

A *trova* mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar (trouver, trovare) é *achar;* e para achar, procura-se, trabalha-se.

Canção tambem é termo generico, mas inculca mais artificio do que a *cantiga* e o *cantar:* entre nós designa mais strictamente a ode romantica da meia-edade com certas fórmulas de metro e divisões regulares de strophes.

Loa virá do latim *laus?* Póde ser; é um canto de louvor mas por certo modo e regra. A loa *deita-se* ainda hoje nos cirios das provin-

cias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das provincias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um côro hyeratico que se intoa, que se *deita* do ceo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil-Vicente e João da Enciña subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso, chronica de D. João II, acho que algum tanto no-lo indicam as expressões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes—que n'esta collecção achará o seu logar respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

Depois ledos tangedores,
  Aa vinda da princesa,
Fizeram fortes rumores,
  Espanto da natureza;
Barcas e *loas* fizeram,
  E outras *representações*
Que a todos gran' prazer deram,
  Conforme suas tenções.

A *barca* (alguma coisa de barcarolla vene-

ziana?) era, creio eu, cantiga alternada tambem, e outra vez a vozes e côro, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que appropriadamente tomavam n'este caso o nome de barcas. Tambem se acham vestigios de barcas *ao divino*, compostas sôbre assumptos religiosos. Ao deante juntarei, em seu devido logar, um documento positivo e mui curioso exemplar d'esta gallante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

Tenção è o *tençon* dos provençaes, distico breve, em metaphora ou ditto ingenhoso, ja accompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empreza*, no escudo, na bandeira—ja expressando, em mais pacifico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem elle se explicar de todo. A *tenção* è originariamente cortezan, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da *chacota*, do que ella era pelo menos no seculo XV e XVI, nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil-Vicente, precioso thesoiro de coisas populares, o mais ricco e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios cancioneiros, cujos collectores, homens só de côrte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortezãos; em quanto Gil-Vicente, homem do povo no meio do palacio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tinctos na côr fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A *chacota* era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordia nos vicios, e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o côro final dos entremezes e das farças.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e

a designação de versos *sirventesios*, não foi extranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a idea dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satyrica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da meia-edade contra a tyrannia real e sacerdotal: a sirvente nossa creio que era toda ascetica e religiosa, senão é que mystica.

Mas repitto com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quasi todos estes calculos fundados em hypotheses vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus classicos estudos. Faria-e-Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instincto da sua importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo; e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fe e lisura.

BERNAL-FRANCEZ

—'Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?'
—'Sou Bernal-Francez, senhora;
Vossa porta, amor, abri.'
—'Ai! se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir;
Mas se é outro cavalleiro,
Bem se póde d'ahi ir.'

Ao saltar de minha cama
Eu rompi o meu frandil[1]

[1] *Frandil*, ainda hoje usado em Traz-os-montes, significa *ralda* no sentido metonymico antigo, por camisa ou gibão branco de fralda.

Ao descer de minha escada
Me cahiu o meu chapim[2],
Ao abrir a minha porta
Me apagaram o meu candil...[3]
Pegára-lhe pela mão
E o levei ao meu jardim,
Fiz-lhe uma cama de rosas,
Travesseiro de jasmins,
Lavei-o em agua de flores
E o deitei a par de mim...'

—'Meia noite ja é dada
Sem te voltares p'ra mim;
Que tens tu, amor querido,
Que nunca te vi assim?
Se téme-los meus criados,
Não virão agora ahi;
Se téme-los meus irmãos,
Elles não moram aqui;
Se de meu marido temes,
Longes terras foi d'aqui,
Por má traça o mattem moiros[4],
E a nova me venha a mim!...'
—'Não temo de teus irmãos

[2] Sapato, chinela.
[3] Candea, vela.
[4] Má traça! moiros o mattem.
Novas me venham a mim.—RIBATEJO.
Más cutiladas o mattem—BEIRALTA.

Que bem sei que são por mim [5],
Não temo dos teus criados
Que mais me querem que a ti;
A teu marido não temo,
E d'elle nunca temi...
Teme tu, falsa traidora,
Pois o tens a par de ti!'
—'Ai! se tu es meu marido,
Quero-te mais do que a mim...
Oh que sonho, tam mau sonho,
Que eu tive agora aqui!
Ergamo'-nos ja, marido,
Deixa-me vestir d'ahi.'
—'Calla-te, falsa traidora,
Que não me inganas assim.
Deixa tu vir a manhan,
Que eu é que te heide vestir:
Dar-te-hei saia de grana [6]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Pois tu o quizeste assim.'

[5] Pois cunhados são de mim — ALEMTEJO.

[6] Dar-te-hei saia de guarane. — EXTREMADURA, BEIRALTA e VÁRIAS. Se não é corrupção de *gran* ou grãa, estôfo, roupa tinta de gran, vermelha, só se for derivação do francez antigo *guare* (de duas côres) — o *geranvaz* das nossas antigas leis sumptuarias. Em quasi todas as cópias vem *guarane* e não *grana*: d'onde me inclino a crer que talvez a verdadeira licção original seja *guarane*. Eu adoptei grana por ficar mais óbvio o sentido.

—'Deixa-me ir porqui abaixo[7]
Co'a minha capa a cahir,
Vou-me ver a minha dama
Se ainda se lembra de mim.'
—'Tua amada, meu senhor,
É morta, que eu bem a vi:
Os signaes que ella levava;
Eu t'os digo agora aqui:
Levava saia de grana[8]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Tudo por amor de ti.
Os sinos que lhe correram
Por minhas mãos os corri;
As andas em que a levaram
Eu de negro lh'as cobri;
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim;
Os frades que a accompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Sahiram-lhe sette condes[9],
Cavalleiros mais de mil;
As donzellas a chorar,

[7] Deixa-me ir porqui abaixo
Co'a minha capa cahida,
Quero ver a minha amada
Se é morta ou se inda é viva. — MINHO, RIBADOURO.

[8] Veja nota e variante 6.

[9] Foram ao seu sahimento ou intêrro.

Os pagens iam a rir.
Levaram-na a interrar
Á igreja de San'Gil.'

Palavras não eram dittas,
Por morto no chão cahi;
Passaram-se horas e horas
Quando me tornei a mim.
Fui-me áquella sepultura.
Queria morrer alli:
—'Abre-te, ó campa sagrada,
Esconde-me a par de ti!'
Do fundo da cova triste
Ouvi uma voz sahir[10]:
—'Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu ja morri:
Os olhos com que te olhava
De terra ja os cobri,
Bôcca com que te beijava
Ja não tem sabor em si,
O cabello que intrançavas[11]
Jaz cahido a par de mim,
Dos braços que te abraçavam
As cannas vê-las aqui!
Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja vivi:

[10] Uma triste voz ouvi — EXTREMADURA.
[11] As tranças com que folgavas — AÇÔRES.

A mulher com quem casares
Chamem-lhe *Anna* como a mim;
Quando.chamares por ella
Hasde-te lembrar de mim.
Conta-lhe os nossos amores,
Que apprenda na minha fim [12].
Filhas que della tiveres
Insina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti.'

[12] O povo, á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem a toa. *Fim* como alvo, objecto, etc. é sempre masculino; como termo, acabamento da vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

TRADUCÇÃO INGLEZA

Mais para fazer acceito ao commum dos leitores um estudo e um gôsto que infallivelmente hade regenerar a nossa poesia e com ella a nossa lingua e litteratura toda, revertendo-a á simplicidade bella de sua origem natural, de que tam affastadas andam pela imitação pesada e contrafeita dos extrangeiros, mais para esse do que para nenhum outro fim litterario, *traduzi* em linguagem e modos menos rudos o *Bernal-Francez* pela fórma que appareceu na primeira edição de Londres e depois, com pouca differença, na de Lisboa [1].

D'essa que talvez possa chamar-se com propriedade a 'traducção litteraria do romance primitivo', ou mais exactamente ainda a 'traducção de sala' é que se fez a primeira versão ingleza publicada na segunda edição do Bernal-Francez em Lisboa [2].

Era essa traducção do meu amigo o sr. John Adamson que, não contente assim com ella, me enviou outra mais apurada e perfeita, da qual não devo privar os leitores: ei-la aqui:

[1] Romanceiro, tom. I. Lisboa, 1843.
[2] Ibid.

BERNAL-THE-FRENCH

To the sea went Don Ramiro,
  Galley fair the warrior bore,
From the poop his conquering pennon
  Waved defiance to the Moor.

Sad th' adieus at his departing,
  Pangs of anguish rack'd his breast;
Many a year an anxious lover —
  Scarce twelve moons a husband blest.

You may not find a Spanish maiden
  As Violante fair to view —
Peerless she among earth's daughters,
Had the heart been leal and true!

Loud beats the sea against the basement
  Of the castle's towering steep,
One only eye in that lone turret
  Keeps the watch that knows not sleep.

All is deep repose and slumber —
  All is silence — close the ward
Of jealous gate and stout portcullis
  While away the warrior Lord!

Still, at witching hour of midnight,
  Gleams on high a tiny spark;
And ever silent underneath it
  Floats a swift and vent'rous bark. —

And as night to night succeeded,
 Smooth or rough might be the sea —
Still above the light would tremble —
 Still beneath the bark would be.

Knew'st thou this, good Roderigo?
 Had'st forgot the sacred word?
With many a solemn pledge and promise
 Plighted to thine absent Lord?

Aye! or nay! no man may answer —
 Yet the vent'rous caraval
Still rocked beneath that guarded tower,
 Silent still the warder's call!—

One night at length full dark and drear, it
 Parted from the wonted shore —
Who it bore no man can tell us —
 But it came again no more.

As returned the hour of trysting
 Soft the light began to gleam —
But no swift advent'rous pinnace
 Answer'd to the luring beam!

Where the rock rebuts the billow
 Ope'd a secret postern gate —
Known alone to Don Ramiro,
 Warder tried and loving mate.

But, at deadly hour of midnight,
 Thro' that portal one hath gone;
Who ere while stands gently knocking
 At the Lady's Bower—alone!

—'Who without so rudely knocking
Slumber from mine eyes would move?
—'Bernal am I of France, fair Lady!
Open to your Knight and love!'

From her bed of gold descending,
Robe of flowing silk she tore—
And the gust her lamp extinguish'd,
Gently tho' she ope'd the door.

By the trembling hand she led him
To her bower, this Leman bold:
—'How trembles all my bosom's treasure!
And this hand how chill and cold!

Then, with sighs and burning kisses,
In her palpitating breast
By the faithless Violante
Were those chilly hands caress'd.

—'Hast thou come from far'—'Aye marry.'
—'Rough the sea?'—'As rocks above.'
—'Com'st thou arm'd?' Not waiting answer
Straight to loose each claspe she strove.

In essence pure of Arab roses
Quick the welcome form she bath'd,
And on her dainty couch she laid him,
All in folds of fragrance swathed.

—'Fast the weary night is wasting,
Whisper none dost thou impart?
What ails my Love? let Violante
Share the woes of that lov'd heart?

'Is't thou fear'st my noble brothers?
Here their foot shall never fall.
Or doth Ramiro's kinsman daunt thee?
Feeble he to match Bernal.—

'Unconscious all my sottish vassals
Soundly sleep in cell and tower —
Safe our love, eye of mortal
Ne'er shall pierce this hidden bower?

'Fear'st Ramiro?— well thou know'st him
Gone o'er fields of fame to roam;
Long, O lusty Moor, detain him!
No regret shall haste him home.'

—'Fear I not thy sleeping vassals —
Since mine own these vassals be,
Fear I not or frere or kinsman —
Frere and kinsman both to me!

'Fear I never Don Ramiro
Injur'd Lord — behold him here!
Here beside thee — faithless Leman!
Thine the heart may quail with fear!

Fair the rosy sun now ris'n
Tips with gold each rock and tower —
Fairer still — to meet the Headsman
Violante leaves her bower.

Coarse and harsh the Sackcloth mantle
That those gentle limbs have on;
Rough and rude the rope that binds her —
Rope in place of jewel'd zone.

Weep the pages — weep the maidens —
Pity bids forget the crime —
Down the beard of injured Husband
Rain the tears like melting rhime.

Deep and dull the death-bell tolling
Signal gives the axe to raise;
—' Welcome death, the death I merit:'
(Thus that erring Lady prays) —

'Low before thee, Don Ramiro,
In the dust a boon I crave —
Pardon for the sake of pity,
Pardon — not that life shall save —

'But for the deadly wrong I've done thee!
Wrong that made thy bosom bleed,
Assoil me as I cower before thee
In this my hour of bitter need.—

'Faithless — I alone am guilty —
Never let thy vengeance fall
On him my baneful charms deluded,
Spare the wretched Knight Bernal!'

Quick the husband's love was kindling,
Pardon trembled on his tongue —
But at name of hated Bernal
Ruth and pity far he flung —

Flush'd his face with vengeful anger,
As from her he fain would save,
He tore his glance — and arm uplifting
Mad the fatal signal gave —

On that neck so clear and crystal,
Beauteous yet, though deadly white —
With a vigour fierce and fatal
Did the Henchman's axe alight.

Oh what dense and long procession
From the ancient gate departs!
Gathering crowds in silence see it —
Gathering crowds with aching hearts.

Torches and pale waxen tapers
Thro' the darkness and the gloom
Cast a dim and mournful glimmer —
Glimmer guiding to the Tomb.

Closed, within their hooded mantles,
Friars a requiem chaunt around;
Throb all hearts with aweful terror
At the bell's appalling sound.

Twice the moon her course hath wander'd —
In that loophole all is dark —
Yet o'er the channel, swiftly passing,
Plies the swift advent'rous bark.—

Pretty bark so light and buoyant —
Bark each billowy sea could brave —
The beam, that erst was wont to guid thee,
Ne'er again shall tinge the wave!

Lo, thy gentle Violante,
Queen of every witching charm,
For thee a dismal death hath suffered,
Fall'n beneath the Headsman's arm.

From tower of St. Gil resounding
Hear'st thou not the knelling boom?
See'st thou not the torches glimmer?
Slow they bear her to the Tomb.

And now the funeral rites are over
Fix'd the cold sepulchral stone —
In those aisles, so lately crowded,
A cavalier is seen alone!

All of black is mournful raiment —
Blacker still his bosom's wound —
As by the new made grave despairing,
Flat he cast him on the ground.

—'Open, holy Tomb, thy portals —
Ope a broken heart to hide —
Ope and fix in death that union,
Life to hapless love denied!

'Open, holy Tomb, thy portals!—
Hiding charms so passing bright —
My dark crime, with her ill-fortune,
Bury in eternal night.

'Open, holy Tomb, thy portals!—
Take a gift that I disown —
Let me yield for Violante
Life that lived on her alone!'

Fell his tears — fell fast and freely —
Groans of anguish heav'd his breast —
Firm he grasp'd his trusty faulchion,
So to give his sorrows rest.

But on the hilt his hand was frozen!
  From the dark sepulchral mould
Arose a voice, still sweet and tender,
  But so fearful and so cold...

Cold as the clay from which it sounded,
  Terror through each nerve it spoke;
The pulse of life was all suspended,
  Cramp'd as tho' by palsy stroke!

—'Live, Sir Knight, O live belov'd!
  Live tho' I no longer live—
Mine, alone, who have deserv'd it,
  Be the death our crime should give.

'Alas, beneath this frozen marble
  Where cold horror laps my corse,
All that seems to hint existence
  Is my love and my remorse!

'Arms, with which I once embrac'd thee,
  Fix'd and rigid lie compos'd—
Eyes, which fondly gaz'd upon thee,
  Clods of callous earth have clos'd:

'The mouth forsworn with which I kiss'd thee,
  Boasts no more its honied dew—
The treach'rous hearth with which I lov'd thee!
  Oh! would that that were senseless too!

'Live, Sir Knight—O live belov'd!
  Live and may'st thou blessed be!
And oh, thy life as husband—father
  Guide by warning thought of me.

'The happy maiden whom thou chooseth
   Give her Violante's name —
Be she in love a Violante —
   In love — but nought besides the same.

'The treasur'd children she may bear thee,
   Purer than mine their culture be,
That ne'er, they lose themselves in passion,
   As I have lost myself for thee[1].'

[1] D'este e dos outros romances que formam o primeiro vol. do meu ROMANCEIRO, impresso em Lisboa, 1843, fez o Sr. Adamson o segundo vol. da sua 'LUSITANIA ILLUSTRATA' que me dedicou e foi publicado em Newcastle 1846. Tambem deu depois outra edição das versões inglezas sem o texto portuguez com o titulo BALADS FROM THE PORTUGUESE, TRANSLATED AND VERSIFIED BY J. A. and R. C. C.

TRADUCÇÃO CASTELHANA

A traducção castelhana do Sr. Isidoro Gil, ultimamente addido á legação d'Hespanha em Lisboa, pessoa de muita intelligencia e gôsto, foi publicada no jornal de Madrid, El Laberinto [1].

BERNAL FRANCEZ

Al mar se fué don Ramiro,
Rica galera llevaba;
Su pendon, terror del moro,
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida!
Vá en sus recuerdos sumido;
Con tantos años de amores
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España
Tan bella cual Violante;
Ni igual la hubiera en el mundo
Si ella fuese mas constante.

Bate el mar la barbacana
Del alto muro almenado,
Solo en su torre el vijía
No cede al sueño pesado.

Todo calla y duerme en torno,
Todo es silencio é pavor;
Redobla el celo en las puertas
Con la ausencia del señor.

[1] Tom II, n.º 3, março de 1844.

Mas, allá entrada la noche,
Luz se vé en una tronera,
Y en la sombra deslizarse
Leve barca aventurera.

Y vuelve á verse otras noches,
Ya esté en calma ó recio el mar,
La misma luz á igual hora,
La misma barca pasar.

¿Ignora esto el buen Rodrigo,
Que á su señor prometió
Cumplir fiel el juramento
Que entre sus manos prestó?

Ignóralo, ó no lo ignora:
Mas la barquilla ligera
Que al pié de la torre inmóvil
Yacia allá en la ribera,

En noche triste y oscura
Del mar desapareció;
Que fué de ella no se sabe,
Mas sí se fué, no volvió.

Y la luz del torreon
Vióse á igual hora brillar...
Mas la barca aventurera
No llegó a verse pasar.

De la roca el pie escarpado
Recela oculto postigo,
Solo le sabe Violante,
Su esposo, y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche
El postigo traspasava,
Y á la puerta de Violante
Blando llamar se escuchaba:

— 'Quién asi llama á mi estancia?
Quien llama? Oh! quién es? decid.'
—'Soy Bernal-frances, señora,
Al amor la puerta abrid.'

Al bajar del lecho de oro
La fina holanda rasgó,
Al abrir quedo la puerta,
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiéndole
Á su aposento lo guia:
—'Cuál tiemblas, amor querido,
Cuál siento tu mano fria!'

Y con ósculos ardientes,
En el seno palpitante
Sus yertas manos calienta
La enamorada Violante.

—'De lejos vienes?' —'De lejos.'
—'Bravo estava el mar!'—'Tremendo.'
—'Y estas armas!'—No responde.
Ella las va desciñendo.

En pura esencia de rosas
Al tierno amante bañó,
Y en su lecho regalado
A par de si le acostó.

—'Media noche es ya pasada
Sin que hácia mi te tornáres,
Que tienes, querido amante,
Que me encubres tus pesares!

'Si temes de mis hermanos,
No han de venir hasta aquí;
Si de mi cuñado temes,
El no es hombre para ti.

'Mis criados é vasallos
A hora tal han de dormir,
Ni de nuestro amor sospechan,
Ni lo pueden descubrir.

'Si de mi marido temes,
Á luengas terras marchó,
Allá lo detengan moros,
Ningun recuerdo dejó.'

—'Yo no temo á tus criados,
Juráronme sumision;
Cuñado ni hermanos temo,
Mi hermano y cuñados son.

'De tu marido no temo,
Ni tengo porqué temer...
Junto á tí en el lecho se halla
Tu la que tiemble has de ser.'

Y alto el sol en el Oriente
La torre á medias doraba;
Violante mas que él hermosa,
A la muerte caminaba.

Alba tela, áspera y dura
Cubre el cuerpo delicado;
Recio esparto ciñe el talle,
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas
Que el crimen piedad merece;
El mismo ofendido esposo
Con tal vista se enternece.

Ya el tenir de la campana
La seña al verdugo envía...
—'Senor, merezco la muerte.'
La sin ventura decia:

'De rodillas, don Ramiro,
Humilde perdon os pido;
No pido la vida, no,
Que la muerte he merecido.

'La afrenta que deslumbrada,
Por mi desdicha os hiciera,
Pido, señor que olvideis
En mi hora postrimera.

'Mas solo yo soy culpable
Del agravio que vos fiz,
No tomeis, señor, venganza
De ese misero infeliz.'

Talvez iba á perdonarla
Compadecido el esposo;
En nuevas iras le enciende
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera
Para no verla apartó,
Y su izquierda mano alzada
La fatal seña trazó.

Sobre el desmayado cuello
De transparente cristal,
Con golpe tremendo y súbito
Cayó el terrible puñal.

¡ Oh ! que procesion que sale
Por las puertas de la torre !
Que de gente acude á verla,
Qué triste que el pueblo corre !

Teas de pálida cera,
En medio la noche oscura,
Despiden luz vaga y triste,
Luz que va á la sepultura.

Cubiertos con sus capuces,
Rezan monges en redor;
El doblar de las campanas
Hiela el alma de terror.

Dos noches son ya pasadas,
Ya no hay luz en la tronera,
Mas pasando y repasando
Va la barca aventurera.

Linda barca tan ligera
Que en ningun mar zozobró,
El fanal que te guiaba
No luce, ya se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,
Tu gloria, tu encanto bello,
Por tí sufrió horrible muerte...
¡Un sayon segó su cuello!

¿De la iglesia de San Gil
La campana oyes doblar?
Ves las hachas á los lejos?
Allí la van a enterrar.—

Ya se concluyó el entierro,
Ya cayó la losa fria;
En la iglesia solitaria
Un caballero se via.

Vestido de negro luto,
Y mas negro el corazon,
Sobre la tumba de hinojos
Asi esclama en su afliccion:

—'Abrete, tumba sagrada,
Abrete á este desdichado,
Ahi nos unirá la muerte,
Si en vida nos fue vedado.

'Abrete, tumba sagrada,
Que escondes tal hermosura,
Esconde tambien mi crimen
Al par de su desventura.

'Vivir no quiero esta vida
Que solo amaba por ella,
Vida que sufrir no puedo
Sin mi Violante bella.'

Y alli el llanto de correr,
Los sollozos de estállar,
Y ciego empuñar la espada
Para alli se traspasar.

Heló la mano en el puño
Voz que de tierra salia;
Voz aun suave y dulce,
Mas tan medrosa y tan fria,
Del sepulcro tan ahogada
Que su eco estremecia,
Dejando la sangre helada.

—'Vive, vive, caballero,
Vive, que yo ya viví;
El castigo dé mi crimen
Yo sola le merecí.

'En el fondo, ay! de esta tumba
Oscura mansion de horror,
Solo de vivir conservo
Remordimentos y...amor!

'Brazos con que te abrazaba
No tienen vigor ya en si;
Cúbre tierra húmeda y dura
Los ojos con que te ví.

'Boca con que te besaba
Perdió su perfume aqui;
Corazon con que te amaba...
Ese siempre ¡ay! vive en mi!

'Vive, vive, caballero,
Vive, vive y sé dichoso:
Y aprende en mi triste historia
A ser padre y ser esposo.

'Si con doncella casáres,
Llámala tambien Violante:
Nunca su amor será el mio . . .
Mas — que sea mas constante.

'Hijas que en ella tuvierdes
Críalas mejor que á mi,
Que no se pierdan por hombres,
Cual yo me perdí por ti[1].'

[1] É interessante e digno de ler-se o artigo que serviu de prefacio a ésta publicação em Madrid, escripto pelo sr. Cueto, secretario que aqui foi e depois encarregado de negocios da sua côrte junto á nossa.

IX

REGINALDO

Será este Reginaldo, ou Eginaldo, o gallante Eginard francez que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo? E é este o celebrado secretario do imperador Carlos-magno de cujos muito romanticos, porêm mui pouco platonicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as historias da meia-edade? Thema constante de trovadores e poetas até quasi aos nossos dias em que a suave e melancholica musa de Millevoye ultimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se d'este é que aqui se tratta — e eu creio que sim — vemos que o romance popular conta o caso mui differente do que os poetas e escriptores do norte o referem. É bem sabido que,

segundo esses, a namorada princeza, quando o feliz Eginaldo sahia da sua camara, um dia de madrugada de hynverno e com a neve alta e recemgeada pelos atrios e jardins do palacio, o tomára ella aos hombros paraque não ficassem impressas na neve as delatoras pégadas do amante. O que descubrindo por acaso o imperador, que se levantára antes do sol, por tal modo se internecêra com aquella próva de generosa dedicação, que logo lhes perdoára a ambos, casando o ditoso secretario com a namorada princeza.

Talvez o que primeiro contou a historia ao nosso povo e lh'a rhymou para seus cantares, ommittiu a scena da neve por menos familiar e commum n'estes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tam popular por lá como depois veio a ser. Fôsse como fôsse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos-magno, ésta infanta a princeza sua filha, este rei o imperador seu pae. A trôco da bella scena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo á prisão, e o lindissimo soláo que lhe elle canta. O que tudo

parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crysfal. E temos porfim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: scena verdadeiramente homerica e de uma graça tam simples e tocante como não ha outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se incontra nas collecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir varios fragmentos para o restituir. No Alemtejo chamam-lhe Generaldo, no Minho Girinaldo; Eginaldo diz uma cópia da Beira; e outra que me veio do Porto trazia por titulo —*Girinaldo o atrevido.*

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como taes as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cozidas a partes egualmente desconjunctadas de outros, dos quaes tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava n'um todo completo.

São infinitas e mui disparatadas as varian-

tes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Tambem não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz somente excepção a favor de algumas que juntei por mais consideraveis.

Na citada collecção do bispo Percy[1] vem uma ballada ingleza que tem por titulo 'Little Musgrave and Lady Barnard,' historia bastante differente d'esta; mas ha no principio uns dizeres tam semelhantes aos nossos, que mais me confirmam n'esta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os paizes, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavalleiro andante, cuja patria era o mundo. Fôsse onde fôsse, era sua a terra ou o castello onde havia façanhas que fazer ou celebrar—aventuras para correr ou cantar. O romance inglez é dos que reconhecem por mais antigos os collectores d'aquella nação.

[1] Percy's RELIQUES, XI secc. III, boock the first.

REGINALDO

—'Reginaldo, Reginaldo,
Pagem d'elrei tam querido,
Não sei porquê, Reginaldo[1],
Te chamam o atrevido.'
—'Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.'
—'Não fôras tu tam covarde
Que ja dormiras commigo.'
—'Senhora zombais de mim
Porque sou vosso captivo.'

[1] A licção da Extremadura e muitas outras omittem estes seis versos, e completam a primeira copla com est'outros dois:

Bem podéras, Reginaldo,
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alemtejo.

—'Eu não n'o digo zombando,
Que devéras te lo digo.'
—'Pois quando quereis, infanta,
Que va pelo promettido?'
—'Entre las dez e las onze[1]
Que elrei não seja sentido.'

Inda não era sol pôsto,
Reginaldo adormecido;
As dez não eram bem dadas,
Reginaldo ja erguido.
Calçou çapato de panno,
Que d'el-rei não fôsse ouvido,
Foi-se á camara da infanta,
Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.
—'Quem suspira a essa porta,
Quem será o atrevido?'
—'É Reginaldo, senhora,
Que vem pelo promettido.'
—'Levantae-vos minhas aias,
Que assim Deus vos dê marido!
E ide abrir mansinho a porta
Que elrei não seja sentido.'
Vela o pagem toda a noite...
Por manhan é adormecido;

[1] Entre la uma e as duas
Quando elrei esteja dormindo. —ALEMTEJO.

Chamava o rei que chamava [3]
Que lhe desse o seu vestido:
—'Reginaldo não responde,
Alguma tem succedido!
Ou está morto o meu pagem
Ou grande traição ha sido [4].'
Responderam os vassallos [5]
Que tudo tinham sentido:
—'Morto não é Reginaldo,
De somno estará perdido.'

Vestiu-se elrei muito á pressa,
E leva um punhal comsigo [6].
Vai correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo,
Chega ao camarim da infanta,
Entrou sem fazer ruído.
Dormiam tam socegados
Como mulher e marido.

[3] Lá por sôbre a madrugada
Pede elrei o seu vestido.—ALEMTEJO.
[4] Ou traição tem commettido — EXTREMADURA.
Ou traição me ha commettido—BEIRALTA.
[5] Accode d'alli um pagem
Que é de Reginaldo amigo:
—'Não é morto Reginaldo
Nem traição tem commettido.
—'Então está Reginaldo
Com a princeza dormindo.'—BEIRA-BAIXA.
[6] Leva um traçado comsigo — EXTREMADURA.

De nada do que se passava
De nada davam sentido.
Accudiram os vassallos,
Que viram a elrei perdido:
—'Nunca vossa majestade
Matte um home' adormecido [7].'
Tira elrei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem,
Sentiu cortar-se no fio:
—'Acorda ja, bella infanta,
Triste somno tens dormido!
Olha o punhal de teu pae
Que entre nós está mettido.'
—'Call'te d'ahi, Reginaldo [8],
Não sejas tão dolorido;
Vai ja deitar-te a seus pés,
Que elrei é bom e soffrido.
Para o mal que temos feito
Não ha senão um castigo;
Mas se elrei mandar mattar-te,
Eu heide morrer comtigo.'

[7] Dè n'um home' adormecido —MINHO.

[8] Vai-te deitar, Reginaldo,
A seus pés muito rendido,
Que elrei tem bom coração
E te'hade casar commigo. —BEIRA BAIXA, EXTREMADURA.

—'D'onde vens, ó Reginaldo[9]?'
—'Senhor, de caçar sou vindo.'
—'Que é da caça que caçaste,
Reginaldo o atrevido?'
—'Senhor rei, da caça venho,
Mas não a trago commigo;
Que o trazer caça real
A vassallo é defendido.
So vos trago uma cabeça,
A minha: dae-lhe o castigo.'
—'Tua sentença está dada,
Morrerás por atrevido.'
Vêdes ora o bom do rei
Dando voltas ao sentido:
—'Se matto a bella infanta,
Fica o meu reino perdido...
Para mattar Reginaldo,
Criei-o de pequenino...
Mettê-lo-hei n'uma tôrre[10]
Por principio de castigo.

[9] Éstas tres coplas são ommissas em todas as licções, salvo na do Alemtejo, e em uma das do Porto.

[10] A licção do Alemtejo termina o romance aqui com ésta copla:

— 'Levanta-te, ó Reginaldo,
Reginaldo atrevido,
O castigo que te dou
É que sejas seu marido.'

Quereria o perfido menestrel pôr um epigramma na bôcca de sua real majestade?

—'Dizei-me vós, meus vassallos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça faremos
N'este pagem atrevido?'
Respondem os condes todos,
E muito bem respondido:
—'Pagem de rei que tal faz,
Tem a cabeça perdido.'

Ja o mettem n'uma tôrre [11],
Ja o vão incarcerar.
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veio a mãe de Reginaldo
O seu filho a visitar:
—'Filho, quando te pari
Com tanta dor e pezar,
Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrymas dos olhos,
Filho, te estava a lavar;

Outra licção da mesma provincia continúa ainda depois:

Responderam os vassallos,
Que tudo tinham sentido:
—'Oh! quem teria a fortuna
Que Reginaldo tem tido!
Atéqui pagem d'elrei,
Agora filho querido!'—ALEMTEJO.

[11] Só as versões do Ribatejo trazem este episódio da tôrre.

Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar [12].
E teu pae ja na agonia,
Que me estava a incommendar:
Emquanto fôsses piqueno
De bom insino te dar,
E depois que fôsses grande
A bom senhor te intregar.
Ai de mim, triste viuva,
Que te não soube criar [13]!
A elrei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vais dormir co'a infanta
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que elrei t'a manda cortar!...
Ai! meu filho, antes que morras,
Quero ouvir o teu cantar.'
—'Como heide eu cantar, mi madre [14],
Se me sinto ja finar?'
—'Canta, meu filhinho, canta,
Para haver minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pae n'esta prisão.

[12] Pensamento favorito dos menestreis populares, que se incontra repettido em muitos dos nossos romances e xácaras.

[13] Insinar — RIBATEJO.

[14] Mãe minha — RIBATEJO.

Canta-me o que elle cantava
Na noite de San' João;
Que tantas vezes m'o ouviste
Cantar c'o meu coração.'

—'Um dia antes do dia
Que é dia de San' João,
Me incerraram n'estas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Mettido n'esta prisão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão [15].'

De suas varandas altas
Elrei estava a escutar;
Ja se vai onde a princeza,
Pela mão a foi buscar:

[15] Em uma licção ultimamente vinda da Beiralta vem o episódio da prisão com mais uma copla n'este cantar do prêso. Aqui ponho a ditta copla por sua singularidade, apezar de se conhecer n'ella visivel interpolação, e desharmonia de stylo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga, segundo tantos se incontram em muitas d'ellas:

Tenho aqui dous passarinhos
Que me trazem alcanfôres;
Elles vão e elles véem
Com novas dos meus amores.

Alcanfôres? e trazer alcanfôres? *quid?*

—'Anda ouvir, ó minha filha,
Este tam lindo cantar,
Que ou são os anjos no ceo,
Ou as sereias no mar.'
—'Não são os anjos no ceo,
Nem as sereias no mar,
Mas o triste sem ventura
A quem mandais degollar.'
—'Pois ja revogo a sentença
E ja o mando soltar;
Prende-o tu, infanta, agora,
Pois comtigo hade casar.'

A tradição visivelmente corrupta dá por titulo a este bello romance 'Dona Ausencia.' Extremenhos e Alemtejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque 'Ausencia' não é nome proprio que jamais se usasse em nenhuma parte de Hespanha. 'Ausenda' hade ser, que por seculos se incontra em todos os documentos nossos da meia-edade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tam graciosa ésta xácara, é das que menos se vulgarizaram: duas provincias apenas a conservam em Portugal; e no resto da peninsula não consta que haja vestigios d'ella. Antiga é, e das mais antigas, porque ésta Dona Ausenda e este Conde Dom Ramiro teem um

sabor musarabe que não ingana. Mas a ponte da Alliviada de que aqui se falla é no Minho. Como é que a historia de seu ermitão se não conhece alli, e veio ter e ficar-se nas duas provincias circa-tejanas? Caprichos e mysterios da migração das tradições humanas, mais difficeis de explicar que os de suas raças.

Incontram-se aqui várias reminiscencias —por me expressar na lingua musical da moda—de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

DONA AUSENDA

Á porta de Dona Ausenda
Está uma herva fadada[1];
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada.
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada;
Assim que pôs a mão n'ella,
Logo se sentiu pejada[2].
Vinha seu pae para a mesa,
Veio ella muito appressada
Para lhe dar agua ás mãos,
Como filha bem criada.
Pôs-lhe elle os olhos direitos,
Ella fez-se mui corada.
—'Que é isso, Dona Ausenda?
Voto a Deus que estás pejada.'

[1] Cresce uma herva fadada — ALEMTEJO.
[2] Sentiu-se logo prenhada — [illegible].

—'Não diga tal, senhor pae,
É da saia mal talhada[3];
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada.'

Mandou chamar os dois xastres[4]
Que tinham mais nomeada:
—'Vejam-me ésta saia, mestres;
Adonde está ella errada?'
Olharam um para o outro[5]:
—'Ésta saia não tem nada;
O érro que ella tem
É a menina estar pejada.'
—'Confessa-te, Dona Ausenda,
Que ámanhan serás queimada.'
—'Ai triste da minha vida,
Ai triste de mim coitada!
Sem nunca ter tido amores[6],
Vou a morrer deshonrada!'

Foram chamar o ermitão[7]
Da ponte da Alliviada;

[3] Reminiscencia do romance de Dom Carlos d'Alem-mar, ou vice versa. Veja adeante n'este volume, pag. 207.
[4] Alfaiates.
[5] Veja nota 3.
[6] Sem nunca saber de amores — EXTREMADURA.
[7] Foram buscar confessor
À ermida da Alliviada — EXTREMADURA.

Era um fradinho velho
Que o incontraram na estrada.
Mal o frade chega á porta,
Deitou-se á herva fadada,
Cortou-a pela raiz[8],
Na manga a leva guardada.
—'Ajoelhae, Dona Ausenda,
Que a vossa hora é chegada:
Confessae vosso peccado
A Deus e á Virgem sagrada.'
—'Padre, eu nunca tive amores,
Nem homem me deve nada;
Más artes são do demonio
Ver-me eu donzella—e pejada[9]!
—'Ha quanto tempo, senhora,
Vos sentis imbaraçada?'
—'Os nove mezes faz hoje
Que alli n'aquella ramada
Na noite de San' João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da herva rociada,
Sentia-me eu tam ditosa,
Tam feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena
Quando veio a madrugada.'

[8] Arranca raiz e tudo—ALEMTEJO.
[9] E prenhada—ALEMTEJO.

— 'Tomae agora ésta herva,
Que é uma herva fadada:
Com a benção que lhe eu deito [10]
Ficará herva sagrada.'
— 'Ai! este cheiro, meu padre,
É o que eu senti na ramada.'
Não disse mais Dona Ausenda,
Do somno ficou tomada.
Virtude tinha aquella herva,
Outra virtude fadada:
Mulher pejada que a toque [11]
Logo fica despejada.
Alli, sem mais dor nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança
Bem nascida e bem medrada.
Metteu-a o frade na manga,
Foi-se sem dizer mais nada.
Ja desperta Dona Ausenda,
Ja se sente alliviada;
De tudo quanto passou
Apenas está lembrada:
Um mau sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,

[10] Com as rezas que lhe eu rezo — EXTREMADURA.
[11] Mulher que ponha a mão n'ella,
Se está prenhe, é desprenhada. — [illegible].

Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais riccas,
Sua saia mais bem talhada,
Foi-se incontrar com seu pae
Que estava na alpendorada [12],
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada:
—'Senhor pae, aqui me tendes
Ja disposta e confessada;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.'

O pae que a mira e remira
Tam esbelta e bem pregada,
O seu corpo tam gentil,
Sua saia tam bem talhada:
—'Que feitiço era este, filha,
Com que estavas imbruxada?
Como se desfez o incanto,
Que te vejo tam mudada?'
—'Fôsse elle podêr de incanto,
Ou condão de herva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.'
—'Metade de quanto eu tenho,
Ametade bem contada,

[12] Alpendre cuberto, á entrada da casa.

A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.
Palavras não eram dittas
O ermitão que chegava[13]:
—'Acceito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda,
E m'a dais por desposada.'
Riram-se todos do frade;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o hábito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e de espada[14].
Era o conde Dom Ramiro,
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôs a mão na herva fadada!

[13] Assomava — ALEMTEJO.
[14] Vestido de capa e espada — EXTREMADURA.

XI

RAINHA E CAPTIVA

Nem os romanceiros castelhanos nem escriptor algum faz menção do bello romance da 'Rainha e captiva.' Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações teem padecido, quer na fórma, quer no stylo, apezar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensivel mudança da lingua, para se incontrar hoje em phrase tam corrente.

É geralmente sabido, e com poucas variantes se repette desde a Extremadura a Tras-os-Montes; sê-lo-ha tambem nas provincias transtaganas, mas não me veio de lá cópia d'elle.

Pelas referencias a Galliza, a senhorio de moiros ainda perto, e á 'Terra de Sancta Maria,'

que, como todos sabem, é o districto d'entre Douro e Vouga que hoje se chama 'Terra da Feira,' ve-se que a historia e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarchia. E a circumstancia de 'salto' por mar e 'correria' por terra lhe dá uma forte côr do seculo XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rhapsodias senão sôbre factos recentes. O que passou da historia escripta para os versos é ja feito pelos poetas lettrados de uma civilização—superior não sei, porêm mais adeantada.

O conto conta-se bem no romance, e excusa explicado por argumento do compilador. É dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Ésta volta de captivos e renegados christãos para as suas terras, fugidos com as joias de seus senhores infieis, é uma feição muito sabida, e commum nas lendas populares.

N'esta ha toda a singeleza homerica, todo aquelle tom; até a repettição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando occorrem as mesmas ideas: é a Aurora da Iliada que

sempre abre o ceo com os mesmos 'dedos de rosa', os reis que são sempre 'pastores de povos'; é Menelau com a mesma 'cabelleira loira,' Juno com as mesmas 'coxas pulchras', os mesmos 'olhos de touro' sempre. A poesia primitiva é uma sempre, ás ribeiras do Pamyso ou ás do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lagrymas de seus olhos, tem ja por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

RAINHA E CAPTIVA

—'Á guerra, á guerra, moirinhos,
Quero uma christan captiva!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-m'a christan captiva,
Que é para a nossa rainha.'
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo
Não incontraram captiva;
Os que foram terra acima,
Tiveram melhor atina [1],

[1] Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas licções dizem *atima*; palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o Sr. Herculano que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* — complemento, conclusão, acabamento, resultado — com a expletiva *a* por causa do metro.

Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Sanctiago,
Sanctiago de Galliza;
Mattaram o conde Flores,
A condessa vai captiva.
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe sahia:
—'Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego éstas chaves
Da dispensa e da cozinha;
Que me não fio de moiras
Não me dem feitiçaria[2].'
—'Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha...
Hontem condessa jurada[3],
Hoje môça da cozinha!'
A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha:
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas parissem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das commadres,
Para ganharem alviçaras[4],

[2] Que me não dem bruxaria — EXTREMADURA.
[3] Hontem condessa de Flores — RIBATEJO.
[4] Trocaram-n'as á nascida — BEIRA-BAIXA.

Deram á rainha o filho,
Á escrava deram a filha.

—'Filha minha da minha alma,
Com que te baptizaria?
As lagrymas de meus olhos
Te sirvam de agua bemditta.
Chamar-te-hei Branca Rosa,
Branca flor d'Alexandria [5],
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas [6]
N'um rosal que meu pae tinha.'
Éstas lástimas choradas
Veis-la rainha que ouvia,
E co'as lagrymas nos olhos
Muito depressa acudia:
—'Criadas, minhas criadas,
Regalem-me ésta captiva;
Que se eu não fôra de cama,
Eu é que a serviria [7].'
Mal se levanta a rainha
Vai-se ter com a captiva:

[5] Rosa flor d'Alexandria — MINHO.
[6] Quando andava a apanhar rosas — EXTREMADURA.
[7] Eu é que a regalaria — EXTREMADURA.

—'Como estás, ó minha escrava,
Como está a tua filha?'
—'A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida.'
—'Se estiveras em tua terra,
Que nome lhe chamarias?'
—'Chamára-lhe Branca Rosa,
Branca flor da Alexandria [8];
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas [9]
N'um rosal que meu pae tinha.'
—'Se vira'la tua irman,
Se tu a conhecerias?'
—'Assim eu a vira nua
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um signal preto ella tinha [10].'
—'Ai triste de mim coitada,
Ai triste de mim mofina [11]!'
Mandei buscar uma escrava,
Trazem uma irmã minha!'

[8] Rosa flor d'Alexandria — MINHO.
[9] Quando andava a apanhar rosas — EXTREMADURA.
[10] Um lunar preto ella tinha — EXTREMADURA.
[11] Triste de minha mofina — BEIRALTA.

Não são passados tres dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porém mais chorava a mãe,
Que o coração lh'o dizia [12].'
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:
A mae, c'o filho nos braços,
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas,
Uma á outra se dizia:
—'Quem se víra em Portugal,
Terra que Deus bemdizia!'
Junctaram muita riqueza
De oiro e de pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Sancta-Maria;
Metteram-se n'um mosteiro,
Ambas professam n'um dia.

[12] Que o coração lh'o pedia — RIBATEJO.

XII

DOM CLAROS D'ALEM-MAR

'Dom Claros d'Alem-mar', que em muitas partes o povo corruptamente diz 'Dom Carlos', não sei se nasceu portuguez ou castelhano: propendo para a última origem, apezar de que, impresso nas antigas collecções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não peiorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portugueza, faz lembrar no seu princípio o romance francez do 'Conde Ory.'

Creio que é das mais antigas composições d'este genero que temos em Hespanha: nas provincias portuguezas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitavel que certos

versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres d'elles cahiram em graça geral, e ficaram sendo como *bordões* poeticos em todas as linguas.

D'isto apparecem continuas próvas e exemplos, não só entre provençaes, portuguezes, catalães e castelhanos, não só entre dinamarquezes, normandos, escocezes, allemães e inglezes, mas ainda de uma d'estas grandes familias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz:

> Haverá por hi um pagem
> Que o meu pão queira comer?..

com estoutros do escossez PRINCE ROBERT, na collecção de Sir W. Scott ja citada:

> 'O where will I get a little boy,
>   That will win hose and shoon,
> To rin sae fast to Darlington
>   And bid fair Eleanor came?'
> Then up and spake a little boy,
>   That wad win hose and shoon:
> 'O I'll away to Darlington,
>   And bid fair Eleanor came'.'

[1] MINSTRELSY OF THE SCOTTISH BORDERS, etc. tom. II, pag. 124, ed. Paris 18[illegible].

DOM CLAROS D'ALEM-MAR

—'Quero fazer uma apposta,
Ou eu não sei apostar:
Claralinda hade ser minha [1]
Antes d'o gallo cantar.'
—'Appostar, appostareis [2],
Mas não haveis de ganhar;
Que é discreta a Claralinda,
Ninguem n'a póde inganar.'

[1] De dormir com Marianna — BEIRALTA.

[2] —'Tal coisa não faças, filho,
Que a não hasde ganhar:
Marianna é mui sisuda,
E não se deixa inganar.'— BEIRALTA.
—'Não appostes, ó meu filho,
Não te mettas a appostar;
Que Marianna é discreta,
Não a pódes inganar.' — BEIRABAIXA.

Não quiz alli dizer nada,
Não quiz alli mais fallar;
Vestiu trajos de donzella
E se pôs a caminhar [3].
La estava a Claralinda
De seu balcão a mirar:
—'Que donzella tam bonita [4]!
Quem é, e o que vem buscar?'
—'É a tecedeira, senhora [5],
Que vem das praias do mar;
Tem a sua teia urdida,
E a falta [6] vem n'a buscar.'
—'Ahi tenho a falta, donzella,
Mas inda está por dobar [7].'

[3] Vestiu trajos de donzella,
Ao jardim foi passear. — BEIRALTA.

[4] — 'Quem é aquella donzella
Que além anda a passeiar?' — BEIRALTA.
— 'Quem bate á minha porta,
Quem me vem importunar?' — MINHO.
— 'Tecedeira sou, senhora,
De las areias do mar;
A teia tenho-a urdida,
A seda venho-a buscar!' — TRAS-OS-MONTES.

[6] Falta de teia é o que apparece de menos na tecedura em desproporção com a urdidura.

[7] — 'Essa falta eu a tenho,
Mas não a posso dobar.'
— 'Dobe-a ja, minha senhora,
Trate de a mandar dobar.' — BEIRALTA.

—'Senhora, que se faz tarde
E eu não posso esperar:
De noite pelos caminhos [8]
Donzellas não hãode andar.'
—'Para honra da donzella,
Aqui hoje hade poisar.'
—'Tendes criados tam moços,
Tam atrevidos do olhar...'
—'Para honra da donzella
No meu quarto hade ficar.'

A donzella, de contente,
Á noite não quiz ceiar;
Tinha somno, tanto somno,
Que se quiz logo deitar.
Lá por essa noite adiante [9]
Claralinda de gritar...
—'Calla-te, ó Claralinda,
Não te queiras diffamar,
Que eu sou de nobre gente
E comtigo hei de casar:

[8] —'Dilate-se, ó menina,
Que ainda está por dobar;
Donzellas pelo caminho
De noite parecem mal.' — BEIRABAIXA.

[9] Lá por essa noite velha
Marianna de queixar. — MINHO.

Fia-te n'esta palavra
De Dom Claros d'Alem-mar [10].'

Passados são tantos dias,
Tam compridos de esperar;
Não voltou a tecedeira,
Mas a teia ia a dobrar
Aos sette para oito mezes
O pae á mesa a jantar [11]:
—'Claralinda, Claralinda,
Que feio é o teu trajar!'
—'Não diga tal, senhor pae;
Ninguem lhe oiça tal fallar;
Não sou eu, é da vasquinha
Que é mal feita e dá mau ar.'

[10] —'Aos sette para oito mezes
Se teu pae ja reparar,
Mandarás uma cartinha
A Dom Carlos d'Alem-mar.' — BEIRALTA.

[11] Seu pae que a estava a mirar.
—'O que mira, senhor pae,
O que é que está a olhar?'
—'Eu miro-te, minha filha.
E ólho no teu dezar.'
— Este inchume, senhor pae,
É da saia mal trajar.' — COIMBRA.
—'Que é isso, Marianna,
Que te faz assim estar?'
—'Não é nada, senhor pae,
É a vasquinha mal talhada.' — PORTO.

Mandou chamar alfaiates [12]
Para se desinganar:
Disseram uns para os outros:
—'Não tem falta a saia tal.'

Não ha alli mais que dizer [13],
Não ha mais que perguntar:
—'Prepára-te, ó Claralinda,
Que ámanhan vais a queimar.'
—'Não se me dá que me mattem [14],
Que me levem a queimar,
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de sangue real!...

[12] Mandou logo vir dois xastres
Cada um de sua casa:
Disseram um para o outro:
—'A vasquinha não tem nada,
E a menina está pejada.'—PORTO.
—'Ésta saia não tem nada;
Ao fim de nove mezes
Ella será abaixada.'—COIMBRA.

[13] —'Oh lá, oh lá, meus criados,
A lenha ao monte apanhar,
Que ámanhan por éstas horas
Vai Claralinda a queimar.'—BEIRABAIXA.
'Confessa-te, ó Marianna,
Tratta de te confessar,
Que hoje te ajuntam a lenha,
Ámanhan te hãode queimar.'—BEIRALTA.

[14] —'Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar.'—COIMBRA.

Haverá por ahi um pagem[15]
Que o meu pão queira ganhar,
E que me leve ésta carta
A Dom Claros d'Alem-mar?'
Apparece um pagemsito
Discreto no seu fallar:
—'Aqui está um mensageiro
Que o recado quer levar.'
—'Se o meu pão queres comer,
A toda a pressa hasde andar,
E intregarás ésta carta
A Dom Claros d'Alem-mar[16].

15 —'Não ha por ahi um pagem
Que se doia do meu mal.—PONTE-DE-LIMA.
Quem me déra aqui um pagem,
Que me fôra ao meu mandar,
Que me levára ésta carta,
A Dom Claros, de pezar.'—MINHO.

16 —'Se elle estiver a dormir,
Façam-n'o logo acordar,
Se elle estiver a comer,
Não o deixem acabar.'—BEIRA-BAIXA.
—'Se o achares a passear,
Deixá-lo-has assentar;
Se o achares a dormir,
Deixá-lo-has acordar;
Se o achares a jantar,
Deixá-lo-has alevantar.'—AÇÔRES.
—'Se o achares a dormir,
Deixá-lo-has acordar;
Se o achares acordado,
A carta lhe hasde intregar.'—BEIRA-ALTA.

—'Que quereis, ó pagemsito,
Que vindes aqui buscar?'
—'Trago uma carta, senhor,
Novas de muito pezar;
Novas lhe trago, más novas [17]
Da sua amiga leal:
Hoje se lhe ajunta a lenha,
Ámanhan vai a queimar.'
Elle pôs-se a ler a carta,
Não a podia acabar;
As lagrymas eram tantas
Que o faziam cegar [18]:
—'Oh lá, oh lá, escudeiros,
Os cavallos a ferrar;

[17] —'Novas lhe trago, senhor,
Da sua amiga leal:
Dos sette para oito mezes
Seu pae a manda queimar.'—BEIRALTA.
—'A sua amada menina
Ámanhan vai a queimar.'—AÇÔRES.
—'Menina com quem dormiu
Vai ámanhan a queimar.'—BEIRABAIXA.

[18] Desgraçada Marianna
Que te levam a queimar!
Malstreado do teu ventre
Que leva sangue real!—BEIRALTA.
Pouco me dá que a queimem
Que a tornem a queimar;
Dá-se-me, é do seu ventre
Que é de sangue real.—ALEMTEJO.

Jornada de quatro dias
Ésta noite se hade andar.'

Chega a um convento de frades,
Estava o sino a dobrar:
—'Por quem dobra o sino, padre,
Por quem está a tocar?'
—'É a infanta Claralinda
Que se está a agonizar:
Hontem juntaram-lhe a lenha,
Hoje a levam a queimar.'
Era quasi manhan clara,
Mandou seus pagens deitar,
Vestiu-se em trajos de frade[19],
Foi-a ao caminho esperar:
—'Parem lá os da justiça[20],
Justiça de mau pezar,

[19] Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando ao pé d'ella
Aos criados foi fallar. —BEIRALTA.

[20] 'Parem lá com a liteira,
E façam-n'a ja parar,
Que a menina que ahi levam
Ainda vai por confessar.'—BEIRADAIXA.
—'Oh da justiça d'elrei,
Alto lá, façam parar. —COIMBRA.
A menina que ahi levais
Ainda vai por confessar. —BEIRALTA.
—'Diga-me, minha menina,
O porque vai a queimar?'

Que a menina que ahi levam
Inda vai por confessar.'

Deixaram-n'o ao bom do frade
Para á infanta confessar.
Mal se elle viu só com ella,
De amores lhe foi fallar:
—'Venha cá, minha menina[21],
Que a quero confessar;
No primeiro mandamento
Um beijinho me hade dar.'
—'Não permitta Deus do ceo
Nem os sanctos do altar!
Onde Claros pôs a bôcca[22]
Não me hade um frade beijar.'

—'Porque dormi uma noite
Com Dom Carlos d'Alem-mar.'—BEIRALTA.

[21] Diga-me, minha menina,
Verdade me hade fallar;
Se teve amores com clerigos
Ou com frades, mal pezar.'
—'Não tive amores com clerigos
Nem frades de mal pezar;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.'
—'Pois Dom Carlos sou eu mesmo,
E comtigo heide casar.'—COIMBRA.
Segundo ésta licção de Coimbra acaba o romance aqui.

[22] Que onde Claros pôs a bôcca
Não hade pôr nenhum frade—BEIRALTA.

—'Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No segundo mandamento.
Um abraço me hade dar.'
—'Vai-te na má hora, frade,
Que a mim não hasde chegar;
Que a mim nunca chegou homem,
Se não—inda mal pezar!
Senão só esse Dom Claros,
Dom Claros o d'Alem-mar,
Que, por meus grandes peccados,
Por elle vou a queimar!'

Dom Claros que tal ouviu,
Não pôde o riso occultar.
—'Por esse riso que dais[23],
Sois Dom Claros d'Alem-mar...'
—'Calla-te, ó Claralinda[24],
Que te venho libertar;

Que onde o meu bem pôs a bôcca — EVORA.
Não me hade um frade beijar — PONTE-DE-LIMA.
Venha um frade bafojar — PORTO.

[23] Pelo surriso que dais — BEIRA-BAIXA.

[24] —'Sim, senhora, sou Dom Carlos
Que vos venho libertar.'
Tomou-a logo nos braços
Posaram-se a caminhar.
Correm d'alem os criados
E poseram-se a gritar:

Ja está tecida a teia,
Vamo-l'a agora a curar.'

Tomou-a logo nos braços
Poseram-se a caminhar:
Estava perto o convento,
Viram-n'o os pagens chegar.
Chegavam, não chegariam...
A justiça de bradar.
—'Nas ancas de meu cavallo,
Menina, haveis de montar.'
Assim foi livre a infanta
Por Dom Claros d'Alem-mar.

—'Senhor padre, deixe a moça,
Que a manda seu pae queimar.'
—'Pois vão dizer a seu pae
Que a venha cá buscar;
Que eu co'este faim de ponta
A alma lhe heide atravessar.'—BEIRALTA.
—'Eu Dom Claros, sou, menina,
Sou Dom Claros d'Alem-mar:
Nas ancas do meu cavallo,
Menina, haveis de montar.
Senhora das minhas quintas,
Rainha do meu caudal...
Agora dize a teu pae
Que te venha ca buscar.'—TRAS-OS-MONTES.

N'estas duas licções da Beiralta e de Tras-os-montes, acaba respectivamente assim o romance.

LICÇÃO CASTELHANA

A caza va el emperador,
A san Juan de la montiña,
Con el iba el conde Claros
Por le tener compañia.
Contandole iba contando
El menester que tenia.
—'No me lo digais, el conde,
Hasta despues la venida.'
—'Mis armas tengo empeñadas
Por mil marcos de oro y mas,
Y otros tantos debo en Francia
Sobre mi buena verdad.'
— 'Llámedme mi camarero
De mi camara real;
Dad mil marcos de oro al conde
Para sus armas quitar;
Dad mil marcos de oro al conde
Para mantener verdad;
Dadle otros tantos al conde
Para vestir y calzar;
Dadle otros tantos al conde
Para las tablas jugar;
Dadle otros tantos al conde
Para torneios armar;
Dadle otros tantos al conde
Para con damas holgar.'
—'Muchas mercedes, señor,
Por esto y por mucho mas.
A la infanta Claraniña
Vós por muger me la dad.'

[1] Esta variante tem entre os castelhanos o titulo de 'Don Clarós de Montalvan.'

—'Tarde acordaste, el conde,
Mandada la tengo ya.'
—'Vós me la dareis señor,
A cabo que no querais,
Porque preñada la tengo
De los seis meses ó mas.'
El emperador que esto oyera
Tomó de ello gran pesar,
Vuelve riendas al caballo
Y tornose á la ciudad:
Mando llamar las parteras
Para la infanta mirar.
Allí habló la partera,
Bien oireis lo que dirá:
—'Preñada está la infanta
De los seis meses ó mas.'
Mandola prender su padre
Y meter en e curidad,
El agua hasta la cintura
Porque pudriese la carne.
Caballeros de su casa
Se la iban á mirar:
—'Pésanos de vós, señora,
Quanto nos puede pesar,
Que de hoy en quince dias
El rey os manda quemar.'
—'No me pesa de mi muerte
Porque es cosa natural,
Pésame de la criatura,
Porque es hijo de buen padre;
Mas se hay aqui alguno
Que haya comido mi pan,
Que me llevase una carta
A don Claros de Montalvan?
Allí habló un page suyo,
Tal respuesta le fue a dar:

—'Escribidla vós, señora
Que yo se la iré á llevar.'
Ya las cartas son escritas,
El page las va a llevar;
Jornada de quince dias,
En ocho la fuera a andar.
Llegado habia a los palacios
A donde el buen conde está.
—'Bien vengais, el pagecico,
De Francia la natural
¿Pues que nuevas me traeis
De la infanta? como está?'
—'Leed las cartas, señor,
Que en ellas os lo dirá.'
De que las hubo leido,
Tal respuesta le fue a dar:
—'Uno me da que la quemen,
Otro me da que la maten.'
Ya se partia el buen conde,
Ya se parte, ya se va,
Jornada de quince dias
En ocho la fuera á andar,
Fuérase a un monasterio
Donde los frailes estan;
Quitóse paños de seda,
Vistió hábitos de fraile,
Fuérase á los palacios
De Carlos el emperante.
—'Mercedes, señor, mercedes,
Queráismelas otorgar,
Que á mi señora la infanta
Vos me dejais confesar.'
Ya lo llevaban al fraile
A la infanta á confesar.
El cuando se vió con ella
De amores le fue a hablar.

—'Tate, tate,' dijo,' fraile,
Que á mi tu no hasde llegar;
Que nunca llegó a mi hombre
Que fuese vivo en carne,
Sino solo aquel don Claros
Don Claros de Montalvan,
Que por mis grandes pecados
Por él me quieren quemar.
No doy nada por mi muerte,
Porque es cosa natural,
Pésame de la criatura
Porque es hijo de buen padre.'
Ya se iba el confesor
Al emperador a hablar:
—'Mercedes, señor, mercedes,
Quieráismelas otorgar,
Qui mi señora la infanta
Sin ningun pecado está.'
Alli habló el caballero
Que con ella queria casar:
—'Mentides, fraile, mentides,
Que nó decis la verdad.'
Desafianse los dos,
Al campo van a lidiar.
Al apretar de la cinchas
Conociólo el emperante;
Dijo que el fraile es don Claros,
Don Claros de Montalvan.
Mató el fraile al caballero,
La infanta librado ha,
En ancas de su caballo
Consigo la fue á llevar[1].

[1] Duran, ROMANCERO. Não vem no TESORO DE ROMANCEROS de Ochoa.

XIII

CLARALINDA

Ao revez do romance precedente, nós chamâmos 'Claralinda' a este, que os castelhanos teem muito mais extenso em suas collecções com o titulo de 'Conde Claros.'

O tal Dom Claros, ou Conde Claros, devia de ser o Don Juan d'aquelles tempos, á immensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe attribuem. E talvez é um mytho em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da meia-edade.

O presente romance mui similhante, na licção portugueza, ao que leva por titulo 'Rosalinda' na primeira parte d'esta collecção[1], differe todavia essencialmente d'elle na côr

[1] ROMANCEIRO, tom. I. Lisboa 1843, pag. 177.

local, e, para assim dizer, nas decorações da scena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E alem d'isso, aquelle foi construido de tres fragmentos diversos: era este um d'elles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; ja lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com suas variantes, e com a mais ampla licção castelhana.

Seriam os menestreis os que, segundo a theoria de Sir Walter Scott, que ja n'outra parte mencionei[1], contrahiram o romance escripto na xácara para cantar? Ou seriam os poetas ou os collectores lettrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

N'este caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que ora uma ora outra coisa succedia, e que é difficil dizer quando ésta ou quando aquella se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal,

[1] Romance do CONDE YANNO, pag. 43 d'este volume.

indicam antiguidade na licção portugueza que não desce do décimo-quinto seculo.

Em appendice ponho a licção castelhana. Que estudo na comparação dos dois textos! Como resalta o character das duas familias e das duas linguas, tam parentes e tam distinctas uma da outra! Como é reservado, como é natural o *finchado* portuguez! Como se exaggera e intumesce o castelhano! Mas é innegavel todavia que ha mais pompa e luxo de poesia n'este; assim como ha mais verdade e mais sentimento n'aquelle.

CLARALINDA

Meia-noite ja é dada,
Os gallos querem cantar,
O conde Claros na cama [1]
Não podia repousar.
Chamou pagens e escudeiros,
Que se quer ja levantar;
Que lhe tragam de vestir,
Que lhe tragam de calçar.
Deram-lhe uma alva camiza.
Que elrei a não tinha tal [2];
Deram-lhe saio de seda,
Cintura de oiro e firmal.

[1] Conde Claros em seu leito — ALEMTEJO.
[2] Que elrei a não tinha egual — MINHO.

Trazem-lhe esporas doiradas
Para com ellas montar;
Cavalgou no seu cavallo,
Pôs-se logo a caminhar.

—'Deus te salve, Claralinda,
Tam cedo estás a bordar?'
—'Salve-te Deus, conde Claros!
Donde vais a caminhar[3]?'
—'Aos moiros me vou, senhora,
Grandes guerras guerrear.'
—'Que bello corpo que tendes
Para com elles brigar!'
—'Melhor o tenho, senhora,
Para comvosco folgar...[4]'
Palavras não eram dittas
Um pagem que ia a passar;
—'As palavras que são dittas,
A elrei vou ja contar.'
—'Palavras que dittas são,
A elrei não vás levar:
Dar-te-hei de oiro e de prata
Quanto possas carregar.'
—'Não quero oiro nem prata,
Se oiro e prata me heisde dar;

[3] Tam cedo a caminhar—LISBOA.
[4] Para com damas folgar—BEIRA-BAIXA.

Quero guardar lealdade
A quem n'a devo guardar:
As palavras que são dittas,
A elrei as vou contar.'

Foi d'alli o bom do pagem[5]
Andando de bom andar
Á casa da estudaria,
Onde elrei estava a estudar:
—'Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Lá deixei o conde Claros
Com a princeza a folgar.'
—'Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tam alto fallaste,
Alto hasde ir a inforcar.'

Castigar os chocalheiros
Boa justiça real:
Mas o pobre conde Claros
Tambem vai a degollar.
—'Vinde, vinde, Claralinda...
Como estais a descançar!
Vinde ver o conde Claros
Que elrei o manda mattar.'

[5] Foi d'alli o pagemzito—ALEMTEJO.

—'Accudi, minhas donzellas,
Vinde-me accompanhar:
Que se elrei lhe não perdoa,
Com elle quero acabar[6].'

—'Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Que vos fez o conde Claros
Para o mandardes mattar?'
—'Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, ó Claralinda,
Que o ias accompanhar.
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguem mais n'esta côrte
Se atreva a mexericar[7].'

[6] Com elle me hãode mattar — MINHO.

[7] A licção da Extremadura accrescenta aqui:

—'Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar!'
—'Ganhei a morte, senhora;
E a vida me podeis dar.'
—'Se ella está na minha mão,
A vida não te heide dar:
Para outra não fazeres
Ja irás a degollar,
E ao rabo de meu cavallo
Te mandarei arrastrar.'

LICÇÃO CASTELHANA

Media noche era por hilo,
Los gallos querian cantar,
Conde Claros por amores
No podia reposar:
Dando muy grandes sospiros
Que el amor le hacia dar,
Porque amor de Claraniña
No le deja sosegar,
Cuando vino la mañana
Que queria alborear,
Salto diera de la cama
Que parece un gavilan.
Voces dá por el palacio
Y empezára de llamar:
'Levantaos, mi camarero,
Dadme vestir y calzar.'
Presto estaba el camarero
Para habérselo de dar.
Diérale calzas de grana,
Borceguis de cordoban,
Diérale jubon de seda
Aforrado en zarzanar.
Diérale un manto muy rico
Que no se puede apreciar,
Trescientas piedras preciosas
Al rededor del collar,
Tráele un rico caballo
Que en la corte no hay su par,
Que la silla con el freno
Bien valia una ciudad,
Con trescientos cascabeles
Al rededor del petral;

Los ciento eran de oro,
Y los ciento de metal,
Y los ciento son de plata
Por los sones concordar.
Ibase para el palacio,
Para el palacio real,
Y á la infanta Claraniña
Allí la fuera a hablar:
Trescientas damas con ella
La iban a acompañar;
Tan linda va Claraniña,
Que á todos hace penar.
Conde Claros que la vido
Luego va á descabalgar,
De rodillas en el suelo
Le comenzó de hablar:
—'Mantenga Dios á tu alteza.'
—'Conde Claros bien vengais.'
Las palabras que prosigue
Eran para enamorar:
—'Conde Claros, conde Claros,
El señor de Montalvan:
¡Como habeis hermoso cuerpo
Para con moros lidiar!'
Respondiera el conde Claros,
Tal respuesta le fué á dar:
—'Mejor le tengo, señora,
Para con damas holgar.
Si yo os tuviera esta noche,
Mi señora, á mi mandar,
Quereria la otra mañana
Con cien moros pelear,
Y si á todos no venciese
Que me mandasen matar.'
—'Calledes, conde, calledes,
Y no os querais alabar;

El que quiere servir damas
Así lo suele hablar,
Y al entrar en las batallas
Bien se saben escusar.'
—'Si no lo creeis, señora,
Por las obras se verá:
Siete años son pasados
Que os empezé de amar,
Que de noche yo no duermo,
Ni de dia puedo holgar.'
—'Siempre os preciastes, conde,
De las damas os burlar:
Mas déjadme ir a los baños,
A los baños á bañar;
Cuando yo sea bañada
Estoy á vuestro mandar.'
Respondiérale el buen conde,
Tal respuesta le fue á dar:
—'Bien sabedes vós, señora,
Que soy cazador real;
Caza que tengo en la mano,
Nunca la puedo dejar.'
Tomárala por la mano,
Y para un vergel se van,
A la sombra de un ciprés
Y debajo de un rosal

. . . .

Mas fortuna que es adversa
A placeres y á pesar
Trujo allí un cazador,
Que no debia pasar,
Detras de una podenca
Que rabia debió matar;
Vido estar al conde Claros
Con la infanta á lindo holgar:
El conde cuando lo vido,

Empezólo de llamar:
—'Ven acá tú, el cazador,
Y Dios te guarde de mal:
De todo lo que as visto
Que nos guardes puridad;
Daréte mil marcos de oro,
Y si mas quisieres, mas;
Casarte he con una doncella
Que era mi prima carnal;
Darte he en arras y en dote
La villa de Montalvan.
De otra parte la infanta
Mucho mas te puede dar.'
El cazador sin ventura
No les quiso escuchar,
Vase para los palacios
Adonde el buen rey está:
—'Manténgate Dios, el rey,
Y á tu corona real:
Una nueva yo te traigo
Dolorosa y de pesar:
No te cumple traer corona
Ni en caballo cabalgar;
La corona de la cabeza
Bien te la puedes quitar,
Si tal deshonra como ésta
La hubieses de comportar,
Que he hallado la infanta
Con Claros de Montalvan,
Besándola y abrazándola
En vuestro huerto real.'

....

El rey con muy grande enojo
Mandó al cazador matar,
Porque habia sido osado
De tales nuevas llevar.

Mandó llevar aguaciles
A priesa, no de vagar;
Mandó armar quinientos hombres
Que lo hayan de acompañar
Para que prendan al conde,
Y lo hayan de tomar;
Y mandó cerrar las puertas,
Las puertas de la ciudad.
A las puertas de palacio
Allá le fueran á hallar:
Preso llevan al buen conde
Con mucha riguridad,
Unos grillos á los pies
Que bien pesan un quintal,
Las esposas á las manos,
Que era dolor de mirar,
Una cadena á su cuello
Que de hierro era el collar;
Cabalganle en una mula
Por mas deshonra le dar:
Metiéronle en una torre
De muy gran escuridad:
Las llaves de la prision
El rey las quiso llevar,
Porque sin licencia suya
Nadie le pudiese hablar.
Por él rogaban los grandes
Cuantos en la corte estan
Por él rogaba Oliveros,
Por él rogaba Roldan,
Y ruegan los doce pares
De Francia la natural.
Y las monjas de Sant'Ana
Con las de la Trinidad
Llevaban un crucifijo
Para el rey poder rogar:

Con ellas va el arzobispo
Y un prelado y cardenal,
Mas el rey con grande enojo
A nadie quiso escuchar;
Antes, de muy enojado,
Sus grandes mandó llamar:
Cuando ya los tubo juntos
Empezóles de hablar:
—'Amigos é hijos mios,
A lo que os hice llamar,
Ya sabeis que el conde Claros,
El señor de Montalvan,
Do niño yo le he criado
Hasta ponello en edad,
Y le he guardado su tierra,
Que su padre le fue á dar,
El que morir no debiera,
Reynaldos de Montalvan;
Y por hacello mas grande,
De lo mio le quiso dar.
Hícele gobernador
De mi reino natural:
El por darme galardon
Mirad en que fue á tocar,
Que quizo forzar la infanta,
Hija mia natural.
Hombre que lo tal comete
¿Qué sentencia le han de dar?'
Todos dicen á una voz
Que lo hayan de degollar;
Y así la sentencia dada,
El buen rey la fue á firmar.
L'arzobispo qu'esto viera
Al buen rey fue á hablar,
Pidiéndole por merced
Licencia le quiera dar

Para ir á ver al conde
Y su muerte denunciar:
—'Pláceme' dijo el buen rey,
'Pláceme de voluntad;
Mas con ésta condicion,
Que solo habeis de andar
Con aqueste pagecico
Que le va á acompañar.'
Cuando vido estar al conde
En su prision y pesar,
Las palabras que le dice
Dolor eran de escuchar:
—'Pésame de vós, el conde,
Cuanto me puede pesar,
Que los yerros por amores
Dignos son de perdonar.
La desastrada caida
De vuestra suerte y ventura,
Y la nueva á mi venida,
Sabed que hace mi vida
Mas triste que la tristura;
De forma que no sé donde
Pueda yo placer cobrar.
Y como á vos no se esconde,
De vos me pesa, buen conde,
Porque asi os quieren matar.
Los como vós esforzados,
Para las adversidades
Han de estar aparejados,
Tanto á sufrir los cuidados,
Como las prosperidades:
Pues el primero no fuistes
Vencido por buen amar.
No temais angustias tristes,
Que los yerros que hecistes
Dignos son de perdonar.

Por vós he rogado al rey,
Nunca me quiso escuchar,
Antes ha dado sentencia
Que os hayan de degollar;
Y os lo dije bien, sobrino,
Que os dejásedes de amar,
Que el que las mugeres ama
A tal galardon le dan,
Que haya de morir por ellas
Y en los cárceles penar.'
Respondió presto el buen conde
Con esfuerzo singular:
—'Calledes por Dios, mi tio,
No me querais enojar,
Quien no ama las mugeres
No se puede hombre llamar;
Mas la vida que yo tengo
Por ellas quiero gastar.'
Respondióle el pagecico,
Tal respuesta le fue á dar:
—'Conde, bien aventurado
Siempre os deben de llamar,
Porque muerte tan honrada
Por vós habia de pasar:
Mas envidia é de vos, conde,
Que mancilla ni pesar:
Mas quisiera ser vós, conde,
Que el rey os manda matar,
Porque muerte tan honrada
Por mí hubiese de pasar.
Llama yerro la fortuna
Quien no la sabe gozar,
Que la priesa del cadahalso
Vós, conde, la debeis dar;
Si no es dada la sentencia
Vós la debeis de firmar.'

El conde cuando esto oyera
Tal respuesta le fue á dar:
—'Por Dios te ruego, page,
En amor de caridad,
Que vaias á la princesa
De mi parte á le rogar
Que suplico á su alteza
Que ella me salga á mirar,
Que en la hora de mi muerte
Yo la pueda contemplar:
Que si mis ojos la ven
Mi alma no ha de penar.'
Ya se parte el pagecico,
Ya se parte, ya se va,
Llorando de los sus ojos
Que queria reventar.
Topára con la princesa,
Bien oireis lo que dirá:
—'Agora es tiempo, señora,
Que hayais de remediar,
Que á vuestro querido el conde
Lo llevan á degollar.'
La infanta que esto oyera
En tierra muerta se cae;
Damas, dueñas y doncellas
No la pueden retornar,
Hasta que llegó su aya
La que la fue á criar:
—'¿Que es aquesto, la infanta?
Aquesto ¿qué puede estar?'
—'¡Ay de mi triste mezquina,
Que no sé qué puede estar,
Que se al conde me matan
Yo habré de desesperar.'
—'Saliésedes vós, mi hija,
Saliésedeslo á quitar.'

Ya se parta la infanta,
Ya se parte, ya se va:
Fuese para el mercado
Donde lo han de sacar:
Vido estar el cadahalso
En que lo han de degollar;
Damas, dueñas y doncellas
Que lo salen á mirar.
Vió venir la gente d'armas
Que lo traen á matar,
Los pregoneros delante
Por su yerro publicar.
Con el poder de la gente
Ella no podia pasar.
—'Apartaos, gente d'armas,
Todos me haced lugar,
Si no ... por vida del rey
A todos mando matar.'
La gente que la conoce
Luego le hacen lugar,
Hasta que llegó al conde
Y le empezára de hablar:
—' Esforzá, esforzá, el buen conde
Y no querais desmayar,
Que aunque yo pierda la vida,
La vuestra se ha de salvar.
El alguacil que esto oyera
Comenzó de caminar;
Váse para los palacios
Adonde el buen rey está:
—'Cabalgue la vuestra alteza
A priesa, no de vagar,
Que salida es la infanta
Para el conde nos quitar:
Los unos manda que maten,
Y los otros ahorcar;

Si vuestra alteza no acorre'
Yo no puedo remediar.'
El buen rey, de que esto oyera,
Comenzó de caminar,
Y fuese para el mercado
Adonde el conde fue á hallar:
—'¿Qué es aquesto la infanta?
Aquesto ¿ qué puede estar?
¿ La sentencia que yo he dado
Vós la quereis revocar?
Yo juro por mi corona,
Por mi corona real,
Que si heredero tuviese
Que me hubiese de heredar,
Que á vós y al conde Claros
Vivos os haria quemar.'
—'Que vós me mateis, mi padre,
Muy bien me podeis matar;
Mas suplico á vuestra alteza
Que se quiera él acordar
De los servicios pasados
De Reynaldos de Montalvan,
Que morió en las batallas
Por tu corona ensalzar:
Por los servicios del padre
Lo debes galardonar;
Por mal querer de traidores
Vós no lo debeis matar,
Que su muerte será causa
Que me hayais de disfamar.
Mas suplico á vuestra alteza
Que se quiera consejar,
Que los reys con furor
No deben de sentenciar;
Porque el conde es de linage
Del reino mas principal,

Porque él era de los doce
Que á tu mesa comen pan;
Sus amigos y parientes
Todos te querian mal:
Revolveros han en guerra,
Los reynos se perderán.'
El buen rey, cuando esto oyera.
Comenzara á demandar:
— 'Consejo os pido, los mios,
Que me querais consejar.'
Luego todos se apartaron
Por su consejo tomar:
El consejo que le dieron
Que lo haya de perdonar,
Por quitar males y bregas,
Y la princesa afamar.
Todos firman el perdon,
El buen rey lo fue á firmar;
Tambien lo aconsejaron,
Fueronle consejo á dar,
Pues la infanta queria al conde,
Con él haya de casar.
Ya desfierran al buen conde,
Ya le mandan desferrar.
Descabalga de la mula
El arzobispo á desposar:
El tomólos de las manos,
Así los hubo de juntar.
Los enojos y pesares
Placeres se han de tornar [1].

[1] Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS, pag. 24: Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849-1851, tom. I, pag. 218. N'esta ultima esplendida collecção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as próvas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do CANCIONERO GENERAL de 1511. Este é um dos romances que ficaram immortalisados pelas citações e allusões de Cervantes. D. QUIJOTE, cap. 9, part. 2.

XIV

DOM BELTRÃO

Porque él era de los doce
Que á tu mesa comen pan;
Sus amigos y parientes
Todos te querian mal:
Revolveros han en guerra,
Los reynos se perderán.'
El buen rey, cuando esto oyera.
Comenzara á demandar:
— 'Consejo os pido, los mios,
Que me querais consejar.'
Luego todos se apartaron
Por su consejo tomar:
El consejo que le dieron
Que lo haya de perdonar,
Por quitar males y bregas,
Y la princesa afamar.
Todos firman el perdon,
El buen rey lo fue á firmar;
Tambien lo aconsejaron,
Fueronle consejo á dar,
Pues la infanta queria al conde,
Con él haya de casar.
Ya desfierran al buen conde,
Ya le mandan desferrar.
Descabalga de la mula
El arzobispo á desposar:
El tomólos de las manos,
Así los hubo de juntar.
Los enojos y pesares
Placeres se han de tornar [1].

[1] Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS, pag. 24: Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849-1851, tom. I, pag. 218. N'esta ultima esplendida collecção, que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as próvas da presente obra, veem mais correcto o texto por um fragmento tirado do CANCIONEIRO GENERAL de 1511. Este é um dos romances que ficaram immortalisados pelas citações e allusões de Cervantes. D. QUIJOTE, cap. 9, part. 2.

XIV

DOM BELTRÃO

Não é das menos interessantes para a historia da poesia popular na Peninsula, ésta licção portugueza do romance de 'Dom Beltrão', que na castelhana se diz 'De la batalla de Roncesvalles.'

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós decerto o houvemos pelos nossos mais proximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é elle arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Tras-os-montes.

Com ser este um dos mais bellos que tem o romanceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o character da poesia do nosso dialecto, e que prin-

cipalmente o distingue dos outros todos de Hespanha.

O cavallo moribundo que se levanta deante do pae de seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar — é digno da Iliada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Para que melhor se julgue, ponho em appendice a licção castelhana.

Variantes portuguezas não chegaram á minha mão, e este unico texto me veio de Tras-os-montes.

A novissima edição do 'ROMANCERO GENERAL' do Sr. Duran[1], obra de summo gôsto e trabalho, julga pertencer este romance ao último terço do seculo XV.

[1] Em dois vol. grandes, Madrid, 1849–1851.

DOM BELTRÃO

— 'Quedos, quedos, cavalleiros,
Que elrei os manda contar!'
Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar:
Era esse Dom Beltrão,
Tam forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio
Nos portos [1] do mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o havia de ir buscar:

[1] Portos ou passagens dos Pyreneus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

Que ao partir fizeram todos
Preito homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se interrar.
Sette vezes deitam sortes
A quem n'o hade ir buscar;
Todas sette lhe cahiram
Ao bom velho de seu pae.
Volta redeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lh'a sorte não cahíra,
Nunca elle havia ficar.
Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vai pelo val;
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar
Cavalleiro de armas brancas.
Seu cavallo tremedal [2].
—'Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por ésta ribeira fóra
Ninguem não n'o viu passar.'
Vai andando, vai andando,
Sem nunca desanimar,
Chega áquella mortandade

[2] Cavallo tremedal, o que?

Donde fôra Roncesval:
Os braços ja tem cançados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atraz o velho triste,
Voltou por um areal,
Viu estar um perro moiro
Em um adarve a velar:
—'Por Deus te rogo, bom moiro,
Me digas sem me inganar,
Cavalleiro de armas brancas
Se o viste porqui passar.
Hontem á noite seria,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está captivo,
A oiro o hei de pesar.'
—'Esse cavalleiro, amigo,
Diz-me tu que signaes traz.'
—'Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal.
Na ponta de sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh'o bordou sua dama
Bordado a ponto real.'
—'Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.

Sette feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.'
—'Não tórno culpa a meu filho,
Nem aos moiros de o mattar;
Tórno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.'
Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderá contar!
O cavallo meio morto
Alli se pôs a fallar:
—'Não me tornes essa culpa,
Que m'a não pódes tornar:
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e redea
Co'a sanha da pelejar.
Tres vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
Á terceira fui a terra
D'esta ferida mortal.'

LICÇÃO CASTELHANA

En los campos de Alventosa
Mataran á Don Beltran,
Nunca lo echaron menos
Hasta los puertos pasar.
Siete veces echan suertes
Quien lo volverá á buscar,
Todas siete le cupieron
Al buen viejo de su padre,
Las tres fueron por malicia,
Y las cuatro con maldad.
Vuélve riendas al caballo,
Y vuélveselo á buscar,
De noche por el camino,
De dia por el jaral;
Por la matanza va el viejo,
Por la matanza adelante,
Los brazos lleva cansados
De los muertos rodear:
No hallaba al que buscaba,
Ni menos la su señal.
Vido todos los franceses
Y no vido á Don Beltran:
Maldiciendo iba el vino,
Maldiciendo iba el pan
(El que comian los moros,
Que no el de la cristiandad):
Maldiciendo iba el árbol
Que solo en el campo nasce,
Que todas las aves del cielo
Allí se vienen á asentar,
Que de rama ni de hoja
No lo dejaban gozar:
Maldiciendo iba el caballero

Que cabalgaba sin page,
Si se le cae la lanza
No tiene quien se la alce,
Y si se le cae la espuela
No tiene quien se la calce:
Maldiciendo iba la muger
Que tan solo un hijo pare,
Si enemigos se lo matan
No tiene quien lo vengar.
A la entrada de un puerto
Saliendo de un arenal,
Vido en esto estar un moro
Que velaba en un adarve;
Hablóle en algarabia,
Como aquel que bien la sabe:
—'Por Dios te ruego, el moro,
Me digas una verdad,
Caballero de armas blancas
Si lo viste acá pasar,
Y si tu lo tienes preso
A oro lo pesarán;
Y si tu lo tienes muerto,
Désmelo para enterrar,
Pues que el cuerpo sin el alma
Solo un dinero no vale.'
—'Esse caballero, amigo,
Dime tú qué señas trae.'
—'Blancas armas son las suyas
Y el caballo es alazan.
En el carrillo derecho
El tenia una señal,
Que siendo niño pequeño
Se la hizo un gavilan.'
—'Este caballero, amigo,
Muerto está en aquel pradal,
Las piernas tiene en el agua

Y el cuerpo en el arenal,
Siete lanzadas tenia
Desde el hombro al calcañal,
Y otras tantas su caballo
Desde la cincha al pretal.
No le des culpa al caballo
Que no se la puedes dar;
Siete veces lo sacó
Sin herida y sin señal,
Y otras tantas lo volvió
Com gana de pelear [1].'

[1] Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849-51, tom. I, pag. 263. — Não citarei mais outra collecção castelhana desde que possuo ésta, a mais completa e ordenada de todas.

XV

DOM GAIFEIROS

Eisaqui uma verdadeira preciosidade litteraria, a edição ou licção portugueza de um dos mais celebrados romances da nossa peninsula, 'Dom Gaifeiros.'

Tinha-o incontrado na collecção manuscripta do cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom do cavalheiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa lettra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Tras-os-montes. Tenho em minha mão cópias authênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e intelligentes d'aquella pro-

vincia. As cópias não differem no
todas são mais curtas do que as lic
lhanas dos romanceiros, mas nenh
gue litteralmente; e o mesmo faz
lheiro de Oliveira, que é todavia a
pleta das portuguezas.

Appurei por todas ellas o texto
o dou, recorrendo, nas frequentes
des e dúvidas em que me achei, á
telhana tal como a dá Duran, que
tê-la copiado, não do 'Cancioneir
bers', nem da 'Floresta de varios,
um codice muito antigo que tinh
Ésta cópia[1], diz elle e è certo, é a
quadra com a descripção de mestr
'Dom Quixote', n'aquelle celebrado
da segunda parte que para sempre
mortal este romance.

Thomaz Rodd, o traductor ingl
mances hespanhoes sôbre Carlos-M

[1] Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849–51, tom. I, p
[2] DON QUIJOTE, parte 2, cap. 26.
[3] HISTORY OF CHARLES THE GREAT AND ORLANDO e
most celebrated spanish ballands, etc... London 181

a este respeito que não é capitulo aquelle que se cite, senão que se deve ler e estudar na sua integra. E comeffeito elle é o melhor argumento e o melhor commentario do romance que póde fazer-se. Transcrevê-lo-hei todo n'esta parte.

Miren vuesas mercedes tambien como el emperador vuelve las espaldas, y deja despechado á Don Gaiferos, el cual ya ven como arroja impaciente de la cólera lejos de sí el tablero y las tablas, y pide apriesa las armas, y á Don Roldan su primo pide prestada su espada durindana; y como Don Roldan no se la quiere prestar, ofreciéndole su compañía en la difícil empresa en que se pone; pero el valeroso enojado no la quiere aceptar; antes dice que él solo es bastante para sacar á su esposa, si bien estuviese metida en el mas hondo centro de la tierra, y con esto se entra á armar para ponerse luego en camino. Vuelvan vuesas mercedes los ojos á aquella torre que allí parece, que se presupone que es una de las torres del alcázar de Zaragoza, que ahora llaman la Aljafería, y aquella dama que en aquel balcon parece vestida á lo moro es la sin par Melisendra, que desde allí muchas vezes se ponia á mirar el camino de Francia, y puesta la imajinacion en Paris y en su esposo, se consolaba en su cautiverio. Miren tambien un nuevo caso que ahora sucede, quizá no visto jamás. ¿No ven aquelle moro, que callandico y pasito á paso, puesto el dedo en la boca se llega por las espaldas de Melisendra? Pues miren como la dá un beso en mitad de los labios, y la priesa que ella se da á escupir y á limpiárselos con la blanca manga de su camisa, y como se lamenta, y se arranca de pesar sus hermosos cabellos, como si ellos tuvieran la culpa del maleficio. Miren tambien como aquel grave moro que está en aquellos corredores, es él rey Marsilio de Sansueña, el cual por haber visto la insolencia del moro, puesto que era un pariente y gran privado suyo, le mandó luego prender, y que le den docientos azotes,

llevándole por las calles acostumbradas de la ciudad con chilladores delante y envaramiento detrás: y ves aqui donde salen á ejecutar la sentencia, aun bien apenas no habiendo sido puesta en ejecucion la culpa, porque entre moros no hay traslado á la parte, ni á prueba y estése, como entre nosotros.

Niño, niño, dijo con voz alta á esta sazon Don Quijote, seguid vuestra historia línea recta, y no os metais en las curvas ó trasversales, que para sacar una verdad en limpio, menester son muchas pruebas y repruebas. Tambien dijo maese Pedro desde dentro: muchacho, no te metas en dibujos, sino has lo que ese señor te manda, que será lo mas acertado: sigue tu canto llano, y no te metas en contrapuntos, que se suelen quebrar de sotiles.

Yo lo haré así, respondió el muchacho, y prosiguió diciendo:

Ésta figura que aquí parece á caballo, cubierta con una capa gascona, es la misma de Don Gaiferos, á quien su esposa esperaba, y ya vengada del atrevimiento del enamorado moro, con mejor y mas socegado semblante se ha puesto á los miradores de la torre, y habla con su esposo, creyendo que es algun pasajero, con quien pasó todas aquellas razones y coloquios de aquel romance, que dice:

Caballero, si á Francia ides,
Por Gaiferos preguntad.

Las cuales no digo yo ahora, porque de la prolijidad se suele engendrar el fastidio: basta ver como Don Gaiferos se discubre, y que por los ademanes alegres que Melisendra hace, se nos da á entender que ella le ha conocido, y mas ahora que vemos se descuelga del balcon para ponerse en las ancas del caballo de su buen esposo. Mas ¡ay sin ventura! que se le ha asido una punta del faldellin, de uno de los hierros del balcon, y está pendiente en el aire sin poder llegar al suelo. Pero veis como el piadoso cielo socorre en las mayores necesidades, pues llega Don Gaiferos, y sin mirar si se rasgará ó no el rico faldellin, ase de ella, y mal su grado la hace bajar al suelo, y luego de un brinco la pone sobre las ancas de su caballo á horcajadas como hombre y la manda que se tenga fuertemente y le eche los brazos por las espaldas, de modo que los cruse

en el pecho, por que no se caiga, á causa que no estaba la señora Melisendra acostumbrada á semejantes caballerias. Veis tambien como los relinchos del caballo dan señales que va contento con la valiente y hermosa carga que lleva en su señor y en su señora. Veis como vuelven las espaldas y salen de la ciudad, y alegres y regocijados toman de Paris la via. Vais en paz, ó par sin par de verdaderos amantes; llegueis á salvamiento á vuesa deseada patria sin que la fortuna ponga estorbo en vuestro feliz viage: los ojos de vuestros amigos y parientes os vean gosar en paz tranquila los dias (que los de Nestor sean) que os quedan de la vida.

Aqui alzó otra vez la voz maese Pedro, y dijo: llaneza, muchacho, no te encumbres, que toda afectacion es mala. No respondió nada el intérprete, antes prosiguió diciendo: no faltaron algunos ociosos ojos, que le suelen ver todo, que no viesen la bajada y la subida de Melisendra, de quien dieron noticia á el rey Marsilio, el cual mandó luego tocar al arma; y miren con que pricsa, que ya la ciudad se hunde con el son de las campanas, que en todas las torres de las mezquitas suenan.

Eso nó, dijo á esta sazon Don Quijote; en esto de las campanas anda muy improprio maese Pedro, porque entre moros no se usan campanas, sino atabales, y un jénero de dulzainas que parecen nuestras chirimias; y esto de sonar campanas en Sansueña, sin duda que es un gran disparate. Lo cual oido por maese Pedro, cesó el tocar, y dijo; no mire vuesa merced en niñarias, señor Don Quijote, ni quiera llevar las cosas tan por el cabo, que no se le halle? No se representan por ahí casi de ordinario mil comedias lleñas de mil impropriedades y disparates y con todo eso, corren felizisimamente su carrera, y se escuchan no solo con aplauso, sino con admiracion y todo? Prosigue, muchacho, y deja decir, que como yo llene mi talego, si quiera represente mas impropriedades que tiene átomos el sol. Así es la verdad, replicó Don Quijote; y el muchacho dijo: —

Miren cuanta y cuán luzida caballeria sale de la ciudad en seguimiento de los dos católicos amantes, cuantas trompetas que suenan, cuantas dulzainas que tocan, y cuantos atabales y tambores que retumban: témome que los han alcanzar, y los han de volver

atados á la cola de su mismo caballo, que seria un
ctáculo. Viendo y oyendo pues tanta morisma y
Don Quijote, parecióle ser bien dar ayuda á los
vantandose en pie, en voz alta dijo: no consentir
dias y en mi presencia se le haga supercheria á ta
lero y á tan atrevido enamorado como Don Gai
mal nacida canalla, no le sigais ni persigais; si no,
la batalla; y diciendo y haciendo, desenvainó la
brinco se puso junto al retablo y con acelerada y n
comenzó á llover cuchilladas sobre la titerera moris
á unos, descabezando á otros, estropeando á este,
quel, y entre otros muchos tiró un altibajo tal, que
no se abaja, se encoje y agazapa, le cercenara la
facilidad que si fuera hecha de masa de mazapan.

A nossa licção portugueza tem
characteres de ser do seculo XVI.

DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tabolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que ja os ia deitar,
Senão quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:
—'Para isso es, Gaifeiros,
Para os dados arrojar;
Não para ir tomar damas,
Com a moirisma jogar.
Tua espôsa lá teem moiros,
Não a sabes ir buscar[1]:
Outrem fôra seu marido,
Ja lá não havia estar.'

[1] Não es para a ir buscar — TRAS-OS-MONTES.

Palavras não eram dittas,
Os dados vão pelo ar...
A que não fôra o respeito[2]
Da pessoa e do logar,
Tavolas e tavoleiro
Tudo fôra espedaçar.
A seu tio, Dom Roldão,
Tal resposta lhe foi dar:
—'Sette annos a busquei, sette,
Sem a poder incontrar;
Os quatro por terra firme,
Os tres sôbre aguas do mar[3].
Andei por montes e valles,
Sem dormir, nem descançar;
O comer, da carne crua,
No sangue a sede mattar.
Sangue vertiam meus pés
Cançados de tanto andar;
E os sette annos cumpridos
Sem a podêr incontrar.
Agora a saber sou vindo[4]
Que a Sansonha foi parar;
E eu sem armas nem cavallo
Com que a possa ir buscar:

[2] Se alli não fôra o respeito — MS. DE OLIVEIRA.
[3] Os tres por cima do mar — TRAS-OS-MONTES.
[4] Ella estava em Salsonha,
Lá em palacio real. — TRAS-OS-MONTES.

Que a meu primo Montezinhos
Ha pouco os fui emprestar
Para essa festa de Hungria
Onde se foi a justar[5].
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'a vós quizereis dar,
Vossas armas e cavallo
Que m'as queiraes imprestar[6].'
—'Sette annos são cumpridos,
Bem n'os deves de contar,
Que Melisendra é captiva
E a vida leva á chorar.
E sempre te vi com armas,
Com cavallos a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?
Minhas armas não te impresto
Que as não posso desarmar;
Meu cavallo bem vezeiro[7],
Não o quero mal vezar.'
—'As vossas armas, meu tio,
Que m'as não queirais negar,
A minha espôsa captiva
Como a heide eu ir buscar?'

[5] Onde foi a tornear — MS. DE OLIVEIRA.
[6] A minha espôsa entre moiros,
Eu a quero ir buscar. — TRAS-OS-MONTES.
[7] Bem vezado — MS. DE OLIVEIRA.

—'Em San' João de Latrão
Fiz juramento no altar,
De a ninguem não prestar arma
Que m'as faca accovardar [8].'

Dom Gaifeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar,
Saltam-lhe os olhos da cara
De merencorio a fallar:
—'Bem parece, Dom Roldão,
Bem parece, mal pezar!
O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.'
Accode alli Dom Guarino,
O almirante do mar,
Durandarte e Oliveiros
Que os veem a separar;
Com outros muitos dos dôze
Que alli succedeu de estar.
Dom Roldão muito sereno
Assim lhe foi a fallar:
—'Bem parece, Dom Gaifeiros,
Bem se deixa de mostrar,

[8] Por m'as não incovardar — MS. DE OLIVEIRA.

Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz faltar.
Aquelle que mais te quer,
Esse te hade castigar:
Fòras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal,
Porque sei que es bom, t'o disse...[9]
E agora, armar e sellar!
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão a teu mandar
E mais, terás o meu corpo [10]
Para te ir accompanhar.'
—'Mercês, meu tio, heide ir só [11],
Só, tenho de a ir buscar.
Venham armas e cavallo
Que ja me quero marchar.
De covarde a mim! ninguem
Nunca me hade appellidar.'
Dom Roldão a sua espada
Alli lhe foi intregar:
—'Pois só queres ir, sobrinho,
Ésta te hade accompanhar.
Meu cavallo é generoso,
Não o queiras sopear;

[9] Por tu seres bom, t'o disse — MS. DE OLIVEIRA.
[10] E aqui tendes o meu corpo
Para vos acompanhar. — TRAS-OS-MONTES.
[11] Só quero ir, meu tio, só,
Para melhor a tirar. — TRAS-OS-MONTES.

Dá-lhe mais redea que espora,
N'elle te podes fiar.'

Andando vai Dom Gaifeiros,
Andando de bom andar.
Por essas terras de Christo,
Té a moirama chegar.
Ia triste e pensativo,
Cheio de grande pezar:
Melisendra em mãos de moiros
Como lh'a hade saccar?..'
Pára ás portas de Sansonha[12]
Sem saber como hade entrar:
Estando n'este cuidado
As portas se abrem de par.
Elrei com seus cavalleiros
Sahia ao campo a folgar;
Mui gallans iam de festa,
Mui ledos a cavalgar[13].
Furtou-lhe as voltas Gaifeiros,
Pelas portas foi entrar;
Deu com um christão captivo
Que alli andava a trabalhar:

—'Por Deus te peço, captivo,
E elle te venha livrar!

[12] Salsonha diz sempre a licção de TRAS-OS-MO[NTES]
[13] Mui guapos — MS. DE OLIVEIRA.

Assim me digas se ouviste
N'esta terra anomear
A uma dama christan,
Senhora de alto solar,
Que anda captiva entre moiros
E a vida leva a chorar.'
—'Deus te salve, cavalleiro,
Elle te venha ajudar!
E assim me dê outra vida,
Que ésta se vai a chorar.
Pelos signaes que me déste,
Ja bem te posso affirmar
Que a dama que andas buscando
Em palacio deve estar.
Toma essa rua direita
Que leva ao paço real;
Lá verás pelas janellas [14]
Muitas christans a folgar.'
Tomou a rua direita
Que no palacio vai dar,
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar,
Sentada áquella janella
Tam intregue a seu pensar,
Que as outras em redor d'ella
Não n'as sentia folgar.

[14] Pelos balcões—MS. DE OLIVEIRA.

Rua abaixo, rua acima
Gaifeiros a passeiar.
—'Oh que lindo cavalleiro,
De tam gentil cavalgar [15]!'
—'Melhor sou jogando ás dam
Com moiros a batalhar!'
Melisendra que isto ouviu
Começava de chorar:
Não ja que ella o conhecesse,
Nem tal se podia azar,
Tam cuberto de armas branca
Tam diff'rente no trajar;
Mas por ver um cavalleiro
Que lhe fazia lembrar
Aquelles dôze de França,
Aquella terra sem par,
As justas e os torneios
Que alli sohiam de armar
Quando por sua belleza
Andavam a disputar.
Com voz chorosa e sentida
Começou de o chamar:
—'Cavalleiro, se a França ide

[15] — 'D'onde é o cavalleiro
De tam lindo passeiar?
— 'O cavalleiro é christão
Das bandas d'alèm do mar.' — TRAS-OS-MON

[16] — 'Se christão sois, cavalleiro,
Recado me haveis levar.' — TRAS-OS-MONTES.

Recado me heis levar [17],
Que digais a Dom Gaifeiros
Porque me não vem buscar.
Se não é medo de moiros,
De com elles pelejar,
Ja serão outros amores
Que o fizeram olvidar...
Emquanto eu presa e captiva
A vida levo a chorar.
E mais se este meu recado,
O não quizer acceitar.
Dá-lo-heis a Oliveiros,
A Dom Beltrão o heisde dar.
E a meu pae o imperador
Que já me mande buscar,
Pois me querem fazer moira
E de Christo renegar.
Com um rei moiro me casam
De além das bandas do mar,
Dos sette reis de moirama
Rainha me hãode coroar.'
—'Esse recado, senhora,
Vós mesma lh'o haveis de dar [18];

[17] Ésta é a memoravel copla citada por Cervantes no Dom Quichote e que d'ahi obteve sua celebridade europea.

[18] Eu mesmo lh'o heide dar;
Pois Dom Gaifeiros sou eu
Que vos venho a buscar. —TRAS-OS-MONTES.

Dom Gaifeiros aqui o tendes
Que vos vem a libertar.'

Palavras não eram dittas[19],
Os braços lhe foi a dar,
Ella do balcão abaixo
Se deitou sem mais fallar.
Malditto perro de moiro
Que alli andava a rondar!
Em altos gritos o moiro
Começava de bradar:
—'Accudam á Melisendra,
Que a veem os christãos roub
—'Melisendra, minha espôsa,
Como havemos de escapar?'
—'Com Deus e a Virgem Mar
Que nos hãode acompanhar.'
—'Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!'
Aperta a cilha ao cavallo,
Affrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pul
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,

[19] A falla não era ditta,
Puseram-se a caminhar;
Tirou-a pelo balcão
Por não haver mais logar. — TRAS-OS-MONTE
[20] Que se vai para além-mar. — TRAS-OS-MONT

Que o corpo ergueu por lh'a dar;
Assenta a espôsa á garupa
Para que o possa abraçar [21],
Finca esporas ao cavallo,
Que o sangue lhe fez saltar.
Aqui vai, acolá voa...
Ninguem n'o póde alcançar.
Os moiros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ella tinha
Todas as foram cerrar.
Sette vezes deu a volta
Da cêrca sem a passar,
O cavallo ás oito vezes
De um salto a foi saltar.
Ja os moiros da cidade
O não podem avistar:
Acode o rei Almançor
Que vinha de montear,
Com todos seus cavalleiros
Lá deitam a desfillar.
Sentiu logo Dom Gaifeiros
Como o iam alcançar:
—'Não te assustes, Melisendra,
Que é fôrça aqui apear.
Entre éstas árvores verdes
Um pouco me hasde aguardar,

[21] Ella o foi abraçar — MF. DE OLIVEIRA.

Em quanto eu volto a esses cães
Que os heide affugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.'
Apeou-se Melisendra,
Alli ficava a rezar.
O cavallo, sem mais redea,
Aos moiros se foi voltar:
Cançado ia de fugir
Que ja mal podia andar,
Cheirou-lhe ao sangue malditto,
Todo é fogo de abrazar.
Se bem peleja Gaifeiros,
Melhor é seu pelejar;
A qual dos dois anda a lida
Mais moiros hade mattar.
Ja cahem tantos e tantos
Que não téem conto nem par;
Com o sangue que corria
O campo se ia a alagar.
Rei Almançor que isto via,
Começava de bradar
Por Alá e Mafamede
Que o viessem amparar:
—'Renego de ti, christão,
E mais do teu pelejar!

[22] A esses perros — TRAS-OS-MONTES.

Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar.
Será este Urgel de Nantes,
Oliveiros singular,
Ou o infante Dom Guarim
Esse almirante do mar?
Não ha nenhum d'entre os dôze
Que bastasse para tal...
Só se fôsse Dom Roldão
O incantado sem par[23]!'

Dom Gaifeiros que o ouvia,
Tal resposta lhe foi dar:
—'Calla-te d'ahi, rei moiro,
Calla-te, não digas tal,
Muito cavalleiro em França
Tanto como esses val.
Eu nenhum d'elles não sou,
E me quero nomear:
Sou o infante Dom Gaifeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide-mor de París
Minha terra natural.'

Não quiz o rei mais ouvir
E não quiz mais porfiar,

[23] Sem egual — MS. DE OLIVEIRA.

Voltou redeas ao cavallo,
Foi-se em Sansonha incerrar.
Gaifeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar.
—'Ai! se vens ferido, espôso?
E que ferido hasde estar!
Eram tantos esses moiros,
E tu só a batalhar.
Mangas de minha camiza,
Com ellas te heide pençar;
Toucas de minha cabeça
Faxas para te appertar[24].
—'Calla-te d'ahi, infanta,
E não queiras dizer tal;
Por mais que foram n'os moir
Não me haviam fazer mal:
São de meu tio Roldão
Éstas armas de provar;
Cavalleiro que as trouxesse,
Nunca póde perigar.'

Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa moirama fóra
Sem mais temor nem pezar;

[24] Serão para te appertar — MS. DE OLIVEIRA.

Fallando de seus amores
Sem de mais nada pensar[25].
Em terras de christandade
Por fim vieram a entrar.
A Paris ja são chegados,
Ja saem para os incontrar[26],
Sette leguas da cidade
A côrte os vai esperar.
Sahia o imperador
A sua filha a abraçar;
Palavras que lhe dizia,
As pedras fazem chorar.
Sahiu toda a fidalguia,
Clerezia e secular,
Os dôze pares de França,
Damas sem conto nem par.
Dona Alda com Dom Roldão,
E o almirante do mar,
O arcebispo Turpim
E Dom Julião de além-mar,
E o bom velho Dom Beltrão,
E quantos sohem de estar
Ao redor do imperador[27]
Em sua mesa a jantar.

[25] Sem de outro al não pensar — MS. DE OLIVEIRA.

[26] A Paris a natural — MS. DE OLIVEIRA.

[27] É sempre a idea fixa da mesa redonda, do circulo formado pelos pares, emtôrno do imperante.

Grande honra a Dom Gaifeiro
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita bondade[28]
Todos o estão a louvar,
Pois libertou sua espôsa
Com valor tam singular.
As festas que se fizeram
Não têem conto nem par.

[28] *Bondade* é valor, e *Bom* valente, em stylo

LICÇÃO CASTELHANA

Asentado está Gaiferos
En el palacio reale,
Asentado está al tablero
Para las tablas jugare.
Los dados tiene en la mano
Que los quiere arrojare,
Cuando entró por la sala
Don Carlos el emperante:
De que asi jugare lo vido
Empezóle de mirare;
Hablándole está, hablando
Palabras de gran pesare:
—'Si asi fuésedes, Gaiferos,
Para las armas tomare,
Como sois para los dados
Y para tablas jugare,
Vuestra esposa tienen moros,
Iriadesla á buscar.
Pésame á mi por ello,
Porque es mi hija carnale.
De muchos fué demandada
Y á nadie quiso tomare:
Pues con vós casó por amores,
Amores la han de sacare;
Si con otro fuera casada
No estuviera en captividade.
Gaiferos cuando esto vido,
Movido de gran pesare
Levantóse del tablero
No queriendo mas jugare,
Y tomáralo en las manos
Para haberlo de arrojare,

Sino por quien con él juega
Que era hombre de linage:
Jugaba con él Guarinos,
Almirante de la mare.
Voces dá por el palacio
Que al cielo quieren llegare,
Preguntando va, preguntando
Por su tio Don Roldane.
Hallárale en el patin,
Què queria cabalgare.
Con él era Oliveros
Y Durandarte el galane,
Con él muchos caballeros
De los de los doce Pares.
Gaiferos desque lo vido
Empezóle de hablare:
—'Por Dios os ruego, mi tio,
Por Dios os quiero rogare,
Vuestras armas y caballo
Vós me lo querais prestare,
Que mi tio el emperante
Tan mal me quiso tratare,
Diciendo que soy para juégo
Y no para armas tomare.
Bien lo sabeis vós, mi tio,
Bien sabeis vós la verdad,
Que pues busqué á mi esposa
Culpa no me deben dare.
Tres años anduve triste
Por los montes y los valles
Comiendo la carne cruda,
Bebiendo la roja sangre,
Trayendo los piés descalzos,
Las uñas corriendo sangre.
Nunca yo hallarla pude
En cuanto pude buscare,

Ahora sé que está en Sansueña,
En Sansueña esa ciudad.
Sabeis que estoy sin caballo,
Sin armas otro que tale,
Que las tiene Montesinos,
Que es ido á festejare
Allá á los reinos de Hungria
Para torneios armare,
Y yo sin caballo y armas
Mal la podré libertare;
Por esto os ruego, mi tio,
Las vuestras me querais dare.
Don Roldan de que esto oyó
Tal respuesta le fué á dare:
—'Callad, sobrino Gaiferos,
No querades hablar tale,
Siete años vuestra esposa
Ha que está en captividade;
Siempre os he visto con armas
Y caballo otro que tale,
Ahora que no las teneis
La quereis ir á buscare.
Sacramento tengo hecho
Allá en San Juan de Latrane
A ninguno prestar armas
No me las hagan cobardes:
Mi caballo está bien vezado,
No lo querria mal vezare.'
Gaiferos que esto oyó
La espada fuera á sacare;
Con una voz muy sañosa
Empezára de hablare:
—'Bien parece, Don Roldan,
Siempre me quisiste male.
Si otro me lo dijera
Mostrara si soy cobarde;

Mas quien á mi ha injuriado
No lo vais por mí á vengare;
Si vós tio no mi fuésedes,
Con vós querria peleare.'
Los grandes que allí se hallan
Entre los dos puestos se hane;
Hablado le ha Don Roldan,
Empezóle de hablare:
— 'Bien parece, Don Gaiferos,
Que sois de muy poca edade,
Bien oistes un ejemplo,
Que conoceis ser verdad,
Que áquel que bien os quiere
Ese os quiere castigare.
Si fuerades mal caballero,
No os dijera yo esto tale,
Mas porque sé que sois bueno,
Por eso os quise asi hablare,
Que mis armas y caballo
A vós no se han de negare,
Y si quereis compañia,
Yo os querria acompañare.'
— 'Mercedes, dijo Gaiferos,
De la buena voluntade;
Solo me quiero ir, solo,
Para haberla de sacare:
Nunca me dirá ninguno
Que me vido ser cobarde.
Luego mandó Don Roldan,
Sus armas aparejare;
El encubierta el caballo
Por mejor lo encobertare.
El mismo pone las armas
Y le ayudaba á armare,
Luego cabalgó Gaiferos
Con enojo y con pesare.

Pésale á Don Roldan,
Tambien á los doce Pares,
Y mas al emperador
De que solo lo vió andare,
Y des que ya se salia
Del gran palacio reale,
Con una voz amorosa
Llamáralo Don Roldane:
—'Espera un poco, sobrino;
Pues solo quereis andare,
Dejédesme vuesa espada,
La mia querais tomare,
Y aunque vengan dos mil moros
Nunca los volvais la haze:
Al caballo dadle rienda
Y haja á su voluntade,
Que si el ve la suya
Bien os saberá ayudare,
Y si ve demasía
Della os sabrá sacare.'
Ya le daba su espada
Y toma la de Roldane
Da de espuelas al caballo,
Sálese de la ciudad.
Don Beltran des que ir lo vido
Empezóle de hablare:
—'Tornad acá, hijo Gaiferos,
Pues que me teneis por padre,
Tan solamente que os vea
La condesa vuestra madre,
Tomará con vós consuelo,
Que tan tristes llantos hace,
Y dáraos caballeros
Los que hayais necesidade.'
—'Consoladla vós, mi tio.
Vós la querais consolare,

Acuerdese que me perdió
Chiquito y de poca edade,
Haja cuenta que de entonces
No me ha visto jamase,
Que ya sabeis que en los doce
Corren malas voluntades,
Y no diran, vuelvo por ruego,
Mas que vuelvo por cobarde,
Que yo no volveré en Francia
Sin Melinsendra tornare.
Don Beltran, de que lo oyera
Tan enojado hablare,
Vuelve riendas al caballo
Y entrose en la ciudad.
Gaiferos en tierra de moros
Empieza de caminare,
Jornada de quince días
En ocho lá fué á andare.
Por las sierras de Sansueña
Gaiferos mal airado vae,
Las voces que iba dando
Al cielo quieren llegare.
Maldiciendo iba el vino,
Maldiciendo iba el pane
(El pan que comian los moros,
Mas no de la cristandade),
Maldiciendo iba la dueña
Que tan solo un hijo pare
(Si enemigos se lo matan,
No tiene quien lo vengare),
Maldiciendo iba al caballero
Que cabalga sin un page
(Si se le cae la espuela,
No tiene quien se la calce),
Maldiciendo iba el árbol
Que solo en el campo nasce,

Que todas las aves del mundo
En él van á quebrantare,
Que de rama ni de hoja
Al triste dejan gozare.
Dando estas voces y otras,
A Sansueña fué á llegare:
Viérnes era, en aquel dia
Los moros su fiesta hacen:
El rey iba a la mezquita
Para la zala rezare,
Con todos sus caballeros
Cuantos él pudo llevare.
Cuando allegó Gaiferos
A Sansueña, esa ciudade,
Miraba si veria alguno
A quien poder demandare:
Vido un cativo cristiano
Que andaba por los adarbes;
Desque lo vido Gaiferos,
Empezóle de hablare:
— 'Dios te salve, el cristiano,
Y te torne en libertade:
Nuevas que pedirte quiero,
No me las quieras negare.
Tú que andas con los moros
Dime si oistes hablare
Si ay aqui alguna cristiana
Que sea de alto linage.'
El cativo que lo oyera
Empezára de llorare:
— '¡Tantos tengo de mis duelos,
De otros no puedo curare!
Que todo el dia caballos
Del rey me hacen pensare,
Y de noche en honda sima
Me hacen aquí aprisionare.

Bien sé que hay muchas cativas
Cristianas de gran linage,
Especialmente hay una
Qu'es de Francia naturale,
El rey Almanzor la trata
Como a su hija carnale;
Sé que muchos reyes moros
Con ella quieren casare.
Por eso idos, caballero,
Por esa calle adelante,
Vercislas á las ventanas
Del gran palacio reale.'
Derecho se va a la plaza,
A la plaza la mas grande.
Allí estaban los palacios
Donde el rey solia estare:
Alzó los ojos en alto
Por los palacios mirare,
Vido estar á Melisendra
En una ventana grande
Con otras damas cristianas
Qu'estan en captividade.
Melinsendra que lo vido
Empezára de llorare,
No porque lo conociese
En el jesto ni en el traje,
Mas en verlo con armas blancas
Acordóse de los pares,
Acordóse de los palacios
Del emperador su padre.
De justas, galas, torneos
Que por ella solian armare.
Con voz triste y muy llorosa
Le empezára de llamare:
— 'Por Dios os ruego, caballero,
Queráisos á mi llegare;

Si sois cristiano ó moro,
No me lo querais negare
Daros he unas encomiendas,
Bien pagadas os serane:
Caballero, si á Francia ides
Por Gaiferos preguntade,
Decidle que la su esposa
Se le envia á encomendare,
Que ya me parece tiempo
Que la debia sacare.
Si no me deja por miedo
De con los moros peleare,
Debe tener otros amores,
De mi no lo dejan acordare:
¡ Los ausentes por los presentes
Ligeros son de olvidare !
Aun le direis, caballero,
Por darle mayor señale,
Que sus justas y torneos
Bien las supimos acae.
Y si estas encomiendas
No recibe con solace,
Daréislas á Oliveros,
Daréislas á Don Roldane,
Daréislas á mi señor
El emperador mi padre:
Direis como estó en Sansueña,
En Sansueña, esa ciudade,
Que si presto no me sacan
Mora me quieren tornare,
Casarme han con el rey moro
Que está allende la mare,
De siete reyes de moros
Reina me hacen coronare;
Segun los reyes me acuitan,
Mora me harán tornare;

Mas amores de Gaiferos
No los puedo yo olvidare.'
Gaiferos que esto oyera
Tal respuesta le fué á dare:
—'No lloreis vós, mi señora,
No querais asi llorare,
Porque esas encomiendas
Vós mesma la podeis dare,
Que á mi allá dentro en Francia
Gaiferos suelen nombrare.
Soy el infante Gaiferos,
Señor de Paris la grande,
Primo hermano de Oliveros,
Sobrino de Don Roldane:
Amores de Melisendra
Son los que acá me traen.'
Melisendra qu'esto vido
Conosciólo en el hablare,
Tiróse de la ventana,
La escalera fué á tomare,
Salióse para la plaza
Donde lo vido estare.
Gaiferos cuando la vido
Presto la fué á tomare,
Abrázala con sus brazos
Para haberla de besare.
Allí estaba un perro moro
Por los cristianos guardare,
Las voces daba tan altas
Que al cielo quieren llegare.
Al alarido del moro
La ciudad mandan cerrare.
Siete veces la rodean,
No hallan por do escapare.
Presto sale el rey Almanzor
De la mezquita rezare:

Vereis tocar la trompeta
A priesa y no de vagare,
Vereis armar caballeros
Y en caballos cabalgare:
Tantos se arman de los moros
Que gran cosa es de mirare.
Melisendra que lo vido
En una priesa tan grande,
Con una voz delicada
Le empezára de hablare:
—'Esforzado Don Gaiferos,
No querades desmayare,
Que los buenos caballeros
Son para necesidade:
¡ Si desta escapais, Gaiferos,
Hasta teneis que contare!
¡ Ya quisiera Dios del cielo
Y Santa Maria su madre
Fuese tal vuestro caballo
Como el de Don Roldane!
Muchas veces le oi decir
En el palacio imperiale
Que si se hallaba cercado
De moros en alguno lugare,
Al caballo aprieta la cincha
Y aflojábale el pretale,
Hincábale las espuelas
Sin ninguna piedade:
El caballo es esforzado,
De otra parte va a saltare.'
Gaiferos de qu'esto oyó
Presto se fuera á apeare,
Al caballo aprieta la cincha,
Y aflojábale el pretale;
Sin poner pié en el estribo
Encima fué á cabalgare,

Y Meliscndra á las ancas,
Quo presto las fué tomare.
El cuerpo la da y cintura
Porque lo pueda abrazare:
Al caballo hinca la espuela
Sin ninguna piedade.
Corriendo venian los moros
A priesa y no de vagare,
Las grandes voces que daban
Al caballo hacen saltare.
Cuando fueron cerca los moros
La rienda le fué á largare;
El caballo era ligero,
Púsolo de la otra parte.
El rey moro qu'esto vido
Mandó abrir la ciudade;
Siete batallas de moros
Todos de zaga le vane.
Volviéndose iba Gaiferos,
No cesaba de mirare;
De que vido que los moros
Le empezaban de cercare,
Volvióse á Melisendra,
Empezóle de hablare;
—'No os enojeis, mi señora,
Seráos fuerza aqui apeare,
Y en esta grande espesura
Podeis, señora, aguardare,
Que los moros son tan cerca,
De fuerza nos han de alcanzare.
Vos, señora, no traeis armas
Para haber de peleare,
Yo pues que las traigo buenas,
Quiérolas ejercitare.'
Apeóse Melisendra
No cesando de rezare,

Las rodillas puso en tierra,
Las manos fué á levantare,
Los ojos puestos al cielo
No cesando de rezare:
Sin que Gaiferos volviese,
El caballo fué a aguijare.
Cuando huia de los moros
Parece que no puede andare,
Y cuando iba hácia ellos
Iba con furor tan grande,
Que del rigor que llevaba
La tierra hacia temblare:
Donde vido la morisma
Entre ellos fuera á entrare;
Si bien pelea Gaiferos,
El caballo mucho mase;
Tantos mata de los moros
Que no hay cuento ni pare;
De la sangre que salia
El campo cubierto se hae.
El rey Almanzor qu'esto vido
Empezára de hablare:
—'¡Oh válasme tu, Alá!
¿Esto qué podia estare?
Que tal fuerza de caballero
En pocos se puede hallare:
Debe ser el encantado
Ese paladin Roldane,
O debe ser el esforzado
Renaldos de Montalvane,
O es Urgel de la Marcha
Esforzado y singulare:
No hay ninguno de los doce
Que bastase hacer lo tale,'
Gaiferos qu'esto oyó,
Tal respuesta le fué á dare:

—'Calles, calles, el rey moro,
Calles y no digas tale,
Muchos otros hay en Francia
Que tanto como estos valen:
Yo no soy ninguno de ellos,
Mas yo me quiero nombrare:
Soy el infante Gaiferos,
Señor de Paris la grande,
Primo hermano de Oliveros,
Sobrino de Don Roldane.'
El rey Almanzor que lo oyera
Con tal esfuerzo hablare,
Con los mas moros que pudo
Se entrára en la ciudade.
Solo quedaba Gaiferos
No halló con quien pelease,
Volvió riendas al caballo
Por Melisendra buscare:
Melisendra que lo vido,
A recibir se lo sale;
Vidole las armas blancas,
Tintas en color de sangre.
Con voz mui triste y llorosa
Le empezó de perguntare:
—'Por Dios os ruego, Gaiferos,
Por Dios os quiero rogare,
Si traeis alguna herida
Queráismela vós mostrare,
Que los moros eran tantos
Quizá os habrán hecho male;
Con las mangas de mi camisa
Os la quiero yo apretare,
Y con la mi rica toca
Yo os la entiendo sanare.'
—'Calledes, dijo Gaiferos,
Infanta, no digais tale,

Por mas que fueron los moros,
No me podian hacer male,
Qu'estas armas y caballo
Son de mi tio Don Roldane:
Caballero que las trujere
No podia peligrare.
Cabalgad presto, señora,
Que no es tempo de aquí estare;
Antes que los moros tornen,
Los puertos hemos pasare.
Ya cabalga Melisendra
En un caballo alazane,
Razonando van de amores,
De amores, que no de al.
Ni de los moros han miedo,
Ni dellos nada se dane:
Con el placer de ambos juntos
No cesan de caminare,
De noche por los caminos
De dia por los jarales,
Comiendo las yerbas verdes
Y agua si pueden hallare,
Hasta qué entraron en Francia
Y en tierra de cristandade:
Si hasta allí alegres fuéron,
Mucho mas de allí adelante.
A la entrada de un monte,
Y á la salida de un valle,
Caballero de armas blancas
De léjos vieron asomare:
Gaiferos desque lo vido
La sangre vuelto se le hae,
Diciendo á su señora:
—'Esto es mas de recelare,
Que aquel caballero que asoma
Gran esfuerzo es el que trae;

Que sea cristiano ó moro,
Fuerza será peleare:
Apéaos vós, mi señora,
Y vení de mi á la pare.'
De la mano le traia
No cesando de llorare.
Lléganse los caballeros,
Comienzan aparejare
Las lanzas y los escudos
En son de bien peleare.
Los caballos ya de cerca
Comienzan de relinchare;
Mas conocíólo Gaiferos
Y empezára de hablare:
—'Perded cuidado señora,
Y tornad a cabalgare,
Que el caballo que allí viene
Mio es en la verdade.
Yo le dí mucha cebada
Y mas le entiendo le dare;
Las armas, segun que veo,
Mias son otro que tale,
Y aun aquel es Montesinos
Que á mi me vienen á buscare,
Que cuando yo me partí
No estaba en la ciudade.'
Plugo mucho á Melisendra
Que aquello fuese verdade.
Ya que se van acercando
Cuasi juntos á la pare,
Con voz alta y crecida
Empiézanse de interrogare.
Conóscense los dos primos
Entonces en el hablare,
Apeáronse á gran priesa,
Muy grandes fiestas se hacen:

De que hubieron hablado
Tornaron á cabalgare:
Razonando van de amores,
De otro no quieren hablare;
Andando por sus jornadas
En tierra de cristandade,
Cuantos caballeros hallan
Todos los van compañare,
Y dueñas á Melisendra,
Doncellas otro que tale.
Al cabo de pocos dias
A Paris van a llegare;
Siete leguas de la ciudade
El emperador les sale,
Con él sale Oliveros,
Con él sale Don Roldane,
Con él el infante Guarinos
Almirante de la mare,
Con él sale Don Bermudez
Y el buen viejo Don Beltrane,
Con él muchos de los doce
Que á su mesa comen pane,
Y con él iba Doña Alda,
La esposica de Roldane,
Con él iba Julianesa,
La hija del rey Juliane;
Dueñas, damas y doncellas
Las mas altas de linage.
El emperador abraza su hija
No cesando de llorare;
Palabras que le decia
Dolor eran de escuchare.
Los doce á Don Gaiferos
Gran acatamiento le hacen,
Tienenlo por esforzado
Mucho mas de alli adelante,

Pues que sacó á su esposa
De muy gran captividade:
Las fiestas que le hacian
No tienen cuento ni pare[1].

[1] Duran, ROMANCERO GENERAL, 1848-51, pag. 248, tom.

XVI

JUSTIÇA DE DEUS

A licção que principalmente aqui segui é a da Beiralta, por ser n'ella muito mais completo o romance. A de Tras-os-montes chama-lhe 'O conde prêso.'

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa peninsula. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. A questão porêm de se uma composição d'estas foi feita n'esse ou n'aquelle reino d'Hespanha, alêm de ser mui difficil de resolver, é de bem pouca importancia. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castella: quem sabe? Viajou e perigrinou

com a harpa ou com a viola do cantor que o compoz ou que sómente o apprendeu de cór: espalhou-se por essas terras de differentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, ha muitos seculos a ésta parte, quem póde dizer onde foi composto o romance que n'esta ou n'aquella provincia se incontra? É d'aquella onde foi achado.

Ja se vê que não applico ésta theoria ao que traz visivel e marcado o sêllo de sua nacionalidade, como são os romances propriamente moiriscos ou granadinos, os que á imitação d'estes se fizeram em tammanha cópia nos seculos XVI e XVII, nem tampouco aos historicos strictamente dittos.

Advertirei tambem, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça pêso, para julgar este romance castelhano por fôrça, o ver que n'elle se tratta de San' Thiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galliza, nenhum reino de Hespanha teve jamais tanto que fazer com o apostolo de Compostella, como o nosso Portugal, especialmente nas duas

provincias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem 'San' Jorge e avante,' San' Jorge e o seu dragão, que são dois terriveis matta-castelhanos, apezar de todos os pezares, e das heterodoxas doutrinas de desequilibrio europeu com que nos têem obsequiado ultimamente.

JUSTIÇA DE DEUS

Prêso vai o conde, prêso,
Prêso vai a bom recado;
Não vai prêso por ladrão,
Nem por homem ter mattado [1],
Mas por violar a donzella
Que vinha de San'Thiago:
Não bastou dormir com ella,
Senão dá-la ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado [2]:
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.

[1] Nem por home haver mattado — TRAS-OS-MONTES.
[2] Em logar despovoado — BEIRALTA.

Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deus sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alli um velho,
Um pobre velho soldado,
Suas barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado[3];
Vieiras traz na esclavina,
O chapeu d'ellas cercado;
Chegou-se á pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:
—'Não chores mais, filha minha[4],
Filha, demais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro[5]
Prêso vai a bom recado.'
Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado;
Vão á presença d'elrei,
Onde o conde era levado:
—'Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado,
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.

[3] Ao seu bordão incostado — BEIRALTA.
[4] Donzella, não chores mais — BEIRALTA.
[5] Que prêso vai esse conde — BEIRALTA.

Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguias[6]
Onde Deus é o aggravado.'

Disse elrei aos do conselho
Com semblante carregado:
—'Sem mais detença, este feito
Quero ja desimbargado.'
—'Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou hade casar com ella,
Ou se não... ser degollado.'
—'Pois que me praz' disse o rei:
'O algoz que seja chamado:
Ou ja casar co'a romeira
Ou aqui ser degollado.'

—'Venham algoz e cutello.'
Respondeu o accusado:
'Mas antes morrer mil vezes[7]
Que viver invergonhado.'

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:

[6] Não ha fôro ou privilegio — BEIRALTA.
[7] Antes morrerei mil vezes — TRAS-OS-MONTES.

—'Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado:
Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.'

Palavras não eram dittas,
A espada tinha arrojado,
Despe insignias de romeiro[8],
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um sancto bispo
Apparece transformado;
Sua mitra de pedras finas,
De oiro puro o seu cajado:
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Alli os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado[9].
O sancto bispo o absolvia
Contricto de seu peccado:

[8] Tira o gaivão do romeiro — BEIRALTA.
[9] Antes que ser deshonrado — TRAS-OS-MONTES.

D'alli o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado,
Justiça de Deus foi n'elle,
Antes de uma hora é finado!
Mas acudiu áquella alma
O apostolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado [10].

[10] A licção de Tras-os-Montes supprime a intervenção de San' Thiago, e tambem o casamento do conde, que alli vai simplesmente a degollar, declarando a sua última vontade n'estas coplas:

—'Não me interrem na egreja,
Nem tampouco em sagrado;
N'aquelle prado me interrem
Onde se faz o mercado.
Cabeça me deixem fóra,
O meu cabello intrançado,
De cabeceira me ponham
A sella do meu cavallo.
Que digam os passageiros:
—'Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal d'amores,
Que é um mal desesperado.'— TRAS-OS-MONTES.

NOTAS

NOTAS

Nota A

Infante no feminino é um latinismo dos seculos e xvi.................................. pag. 12.

Não é d'esta opinião um amigo meu cujo voto litterario tem muito pêso. Diz elle que as terminações *ante*, *ente* e *inte* sempre foram invariaveis para ambos os generos; que sempre se disse 'amante, enchente, pedinte; que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção só usada por alguns.

Nota B

Fôra o primeiro em que se fizeram versos... pag. 20.

Ésta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, nas notas á citada carta do marquez de Santillana, a combate.

Nota C

Malato se tornaria .... pag. 36.

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculano. Sancta Rosa no 'glossario' lhe attribue quasi a mesma significação. No sentido porêm de gafo, doente, etc., a usa Berceo muitas veses no POEMA DE ALEXANDRE. Na nova edição do ROMANCEIRO de Duran[1] ha uma variante d'este romance, que elle attribue a Rodrigo de Reinosa, porque assim se diz em um folheto sôlto d'onde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porêm que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao inrevezado das coplas dos provençaes. N'esta indisputavelmente se põe *malato* por gafo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eisaqui o logar parallelo:

Está quedo, caballero,
Non fagas tal villania,
Figa soy de un *malato*
Que tiene la *malatia*,
Y quien a mi llegare
Luego se le pegaria.

É notavel que n'esta variante se acha o romance da 'Infeitiçada' confundido com o do 'Caçador' do mesmo modo que o eu incontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas provincias.

[1] Madrid, 1849–51, tom. I, n.º 285, pag. 152.

Nota D

Além de não andar nas collecções da nação vizinha................................ pag. 125.

No ROMANCERO de Duran, nova edição[1], ha um fragmento com o titulo 'El Palmero,' tirado da collecção de Sepulveda em que apparecem alguns versos eguaes aos do Bernal. Duran o julga semialegorico, e d'aquelles que na nossa peninsula ja começavam a imitar os provençaes no seculo XV. Não sou d'esta opinião.

Nota E

A xácara é toda dramatica............... pag. 127.

Ésta qualificação é exclusivamente portugueza: os nossos parentes castelhanos intendem por *jacara* um romance truanesco em stylo picaro e mais proximo do que nós chamâmos ou chamavamos chacota.

Nota F

Loa virá do latim *laus?*.................. pag. 129.

Os castelhanos dizem hoje *loor* e *loar* por *laus* e *laudare*. No 'Cancioneiro do Collegio dos Nobres'

[1] Madrid, 1849-51, tom. I, pag. 158, n.º 202.

fol. 58 v. acha-se *loado* por *louvado*. A diversidade que hoje se incontra, n'estas derivações, entre o portuguez e castelhano, é comparativamente moderna.

Nota G

Não se incontra nas collecções castelhanas, pag. 165.

No nova edição de Duran, tantas vezes e inda agora citada[1], apparecem dois fragmentos, o primeiro até hoje conservado na tradição oral das Asturias, o segundo correndo impresso nos folhetos dos cegos ambulantes: ambos são inquestionavelmente reliquias dispersas do nosso romance. Alli chamam-lhe 'Gerinaldo.' E o mesmo nome lhe dão em Andaluzia, onde o conserva de memoria a gente do campo nos seus *corrios, corrillos* ou *carrellilas*; que todas éstas appellações teem as cantigas que o povo d'aquella provincia canta ou recita de immemorial tradição.

FIM DO VOLUME SEGUNDO

[1] Tom. I, pag. 175, 176, n.º 320 e 321

INDICE

OBRAS

DO

V. DE ALMEIDA GARRETT

XV

(TERCEIRO DO ROMANCEIRO)

ROMANCEIRO

PELO

V. DE ALMEIDA GARRETT

III

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1875

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Por não fazer demaziado volume, dividiu-se o segundo livro d'esta collecção em duas partes, cada uma das quaes forma um tomo separado.

N'este segundo vão tambem em appendice as traducções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das lendas e prophecias. Se porêm apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descubertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar-se-ha uma terceira parte; e com ella começará, n'esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, agosto 9, 1851.

ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE SEGUNDA

XVII

A ROMEIRA

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Sanctiago tambem; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não é orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Tras-os-montes. So pelas duas versões d'estas provincias o tive de appurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da edade barbara a que se refere. Tambem não occorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é ésta a primeira vez que se vê escripto e impresso.

As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.

A ROMEIRA

Por aquelles montes verdes
Uma romèira descia;
Tam honesta e formosinha
Não vai outra á romaria.
Sua saia leva baixa
Que nas hervas lhe prendia;
Seu chapelinho cahido
Que lindos olhos cubria!
Cavalleiro vai traz d'ella,
De má tenção que a seguia[1]!
Não a alcança, por mais que ande,
Alcançá-la não podia

[1] Alcançá-la não podia — TRAZ-OS-MONTES.

Senão juncto a essa oliveira[2]
Que está no adro da ermida.
Á sombra da árvore benta
A romeira se accolhia:
—'Eu te rogo, cavalleiro,
Por Deus e a Virgem Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a sancta romaria.'
Cavalleiro, de malvado,
Nem Deus nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto,
De amores a accommettia.
Pegaram de braço a braço:
Lucta de grande porfia![3]
A romeira, por mais fraca,
Emfim rendida cahia...[4]
No cahir, lhe viu á cinta
Um punhal que elle trazia;
Com toda a fôrça lh'o arranca,
No coração lh'o mettia.
O sangue negro saltava,
O negro sangue corria...
—'Por Deus te peço, romeira[5],

[2] Alcançou-a descançando
Debaixo da verde oliva. — TRAZ-OS-MONTES.
[3] Qual debaixo, qual decima — TRAZ-OS-MONTES.
[4] Logo debaixo cahia — TRAZ-OS-MONTES.
[5] Eu te peço, romeirinha — TRAZ-OS-MONTES.

Por Deus e a Virgem Maria,
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar á minha
Da vingança que tomaste,
Da affronta que te eu fazia.'
—'Heide dizê-lo em tu'terra,
Heide me ir gabar á minha,
Que mattei um vil covarde
Co'as armas que elle trazia.'
Tocou a campa da ermida,
A campa que retinia:
—'Ermitão, por Deus vos peço[6],
Bom ermitão d'esta ermida,
Tenhais dó d'essa má alma
Que inda agora se partia:
Dae terra benta ao seu corpo,
Que Deus lhe perdoaria.'

[6] Eu te peço, ermitão,
Por Deus e sancta Maria
Que interres esse traidor
Lá na tua sancta ermida. — TRAZ-OS-MONTES.

XVIII

CONDE NILLO

So se incontrou este bello romancinho do 'Conde Nillo' na provincia de Tras-os-montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommisso. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francez ou proençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porêm é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que fôsse castelhano, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas ás quaes confesso a minha completa inhabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

CONDE NILLO

Conde Nillo, conde Nillo
Seu cavallo vai banhar;
Em quanto o cavallo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
Elrei não o póde avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se hade rir, se hade chorar.
—'Calla, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no ceo[1],

[1] Mais outro exemplo do que era frequente nos antigos cantares repetirem, de uns para outros, certos dizeres que cahiam em graça. Veja no 'Reginaldo' pag. 175, tom. II do ROMANCEIRO.

Ou a sereia no mar.'
—'Não são os anjos no ceo,
Nem a sereia no mar:
É o conde Nillo, meu pae,
Que commigo quer casar.'
—'Quem falla no conde Nillo,
Quem se atreve a nomear
Esse vassallo rebelde
Que eu mandei desterrar?'
—'Senhor, a culpa é só minha[2],
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem elle...
Fui eu que o mandei chamar.'
—'Calla-te, filha traidora,
Não te queiras deshonrar.
Antes que o dia amanheça[3]
Ve-lo-has ir a degollar.'
—'Algoz que o mattar a elle,
A mim me tem de mattar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têem de interrar.'

Por quem dobra aquella campa,
Por quem está a dobrar?
—'Morto é o conde Nillo,
A infanta ja a expirar[4].

[2] Senhor pae, eu tenho a culpa—AÇORES.
[3] Antes que não rompa o dia—AÇORES.
[4] A infanta vai a expirar—AÇORES.

Abertas estão as covas,
Agora os vão interrar:
Elle no adro da egreja[5],
A infanta ao pé do altar.'
De um nascêra um cypreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Co'as pontas se iam beijar.
Elrei, apenas tal soube,
Logo os mandára cortar.
Um deitava sangue vivo[6],
O outro sangue real;
De um nascêra uma pomba,
De outro um pombo torquaz.
Senta-se elrei a comer[7],
Na mesa lhe iam poisar:
—'Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.'

[5] Veja o que, a este respeito e sôbre a repetição d'esta linda imagem, deixo escripto na 'Rosalinda', pag. 163-168, tomo I do ROMANCEIRO.

[6] Um, nobre sangue deitava — TRAZ-OS-MONTES.

[7] Sentava-se elrei á mesa,
No hombro lhe iam poisar. — AÇORES.

XIX

ALBANINHA

Ésta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anecdota sabida, do que recontá-la, não a incontrei senão na provincia de Tras-os-montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d'alli me vieram; e, approveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que resaibo á sarcastica 'sirvente' do trovador. É mordaz, epigrammatica; e até se permitte fazer o seu *calimburgo,* quando a donzella requestada responde ao seductor:

'Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.'

Onde a graça do equívoco está em que o verbo 'contar' tanto significa fazer 'contas' como 'referir o que se passou.'

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem licção castelhana que se ache nos romanceiros.

ALBANINHA

—'Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! quem te vira Albaninha
Tres horas a meu mandar!'
—'Pouco tempo são tres horas,
Mas vem depois o contar.'
—'Usança de maus villões
Nunca a eu soubera usar.
Com ésta espada me cortem,
Com outra de mais cortar,
Donzella que em mim se fie
Se eu d'isso me for gabar.'
Inda bem manhan não era
Ja na praça a passeiar;
Aos tres irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:

—'Ésta noite, cavalleiros,
Sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tam fina
Que nunca vi tal saltar:
Com tres horas de corrida
Não a cheguei a cançar!'
Disseram uns para os outros:
—'Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmans nos quer fallar?'
Responde agora o mais môço
Discreto no seu pensar:
—'Não vêdes que é de Albaninha,
Que o traidor quer diffamar?'

Foram-se os tres para um canto,
Poseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos:
—'Vamo'-lo nós a mattar?'
E o mais moço respondia:
—'Vamo'-la nós a casar?'
—'Sim! e o dote que ella tem,
Nós o temos de pagar.'

Vão ao quarto de Albaninha,
De voda a foram achar;

Duas aias a vestiam,
Duas a estão a toucar.
—'Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pae conde
Que bem lh'as soubeste honrar!'
—'As barbas de meu pae conde
Trattae vós de as honrar,
Pagando-me ja meu dote,
Que agora me vou casar.'

XX

A PEREGRINA

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da 'Peregrina' que alguns tambem chamam da 'Princeza'.—A licção que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras provincias só obtive fragmentos muito interpolados. Comtudo approveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexo e clareza á narrativa. O que se não utilisou para este fim, vai nas variantes.

O final, sublime e poetica idea que tanta predilecção mereceu aos antigos menestreis, é o mesmo de outros romances. Ja notei[1] que francezes e inglezes o usaram em suas composições. Entre nós apparece repetido muitas

[1] Romanceiro, I, pag. 181, ed. de 1843.

vezes. Fez-se um 'logar commum' romantico assim como tantas coisas bellas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, logares communs classicos. Que Homero ou que Virgilio da meia-edade foi o original inventor d'este? Não é possivel sabê-lo. E sabemos nós se eguaes bellezas da Iliada ou da Eneada são ou não repetições, reminiscencias de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A 'Peregrina' tem todos os characteres de antiga e original. É bella e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se incontra nada parecido com a singella historia que ingenuamente narra. Mas d'estas historias houve tantas n'aquelles ditosos tempos da andante cavallaria! Mal haja o damninho talento de Cervantes que as fez acabar n'um Dom Quixote e na sua Dulcinea!

A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina[1]
Andava a peregrinar
Em cata de um cavalleiro
Que lhe fugiu, mal pezar!
A um castello torreado
Pela tarde foi parar:
Signaes certos, que trazia
Do castello, foi achar.
—'Mora aqui o cavalleiro[2]?

[1] Anda atrás do cavalleiro
A princeza a bom andar.—MINHO.
Ésta licção do Minho dá por titulo ao romance 'A Princeza'.

[2] Está em casa o cavalleiro
Que aqui deve de morar?—TRAS-OS-MONTES.

Aqui deve de morar.'
Respondêra-lhe uma dona
Discreta no seu fallar:
—'O cavalleiro está fóra,
Mas não deve de tardar.
Se tem pressa a peregrina,
Ja lh'o mandarei chamar.'

Palavras não eram dittas,
O cavalleiro a chegar:
—'Que fazeis porqui, senhora[3],
Quem vos trouxe a este logar?'
—'O amor de um cavalleiro
Por aqui me faz andar.
Prometteu de voltar cedo,
Nunca mais o vi tornar;
Deixei meu pae, minha casa[4],
Corri por terra e por mar
Em busca do cavalleiro,
Sem nunca o podêr achar.'
—'Negro fadairo, senhora,
Que tarde vos fez chegar!
Eu de vosso pae fugia
Que me queria mattar;
Corri terras, passei máres,
A este castello vim dar.

[3] Que fazeis porqui, princeza,
Que andais a procurar?—MINHO.
[4] Deixei meu pae, minha gente—TRAS-OS-MONTES.

Antes que fôsse anno e dia
(Vós me fizestes jurar)
Com outra dama ou donzella
Não me havia desposar.
Anno e dia eram passados
Sem de vós ouvir fallar,
Co'a dona d'esse castello
Eu hontem me fui casar...'
Palavras não eram dittas,
A peregrina a expirar.
—'Ai penas de minha vida,
Ai vida de meu penar!
Que farei d'esta lindeza
Que em meus braços vem finar?'

Do alto de sua tôrre
A dama estava a raivar:
—'Levá-la d'ahi, cavalleiro[5],
E que a deitem ao mar.'
—'Tal não farei eu, senhora,
Que ella é de sangue real...
E amou com tanto extremo
A quem lhe foi desleal.
Oh! quem não sabe ser firme,
Melhor fôra não amar.'
Palavras não eram dittas
O cavalleiro a expirar.

[5] Leva-a d'ahi, cavalleiro,
E vai lançá-la no mar.—MINHO.

Manda a dona do castello[6]
Que os vão logo interrar
Em duas covas bem fundas
Alli junto á beira-mar.
Na campa do cavalleiro
Nasce um triste pinheiral[7],
E na campa da princeza
Um saudoso canavial.
Manda a dona do castello
Todas as canas cortar;
Mas as canas das raizes
Tornavam a rebentar:
E á noite a castellana[8]
As ouvia suspirar.

[6] De raivosa, a castelhana
Os mandou logo cortar.—MINHO.

[7] Nasceu um triste pinhal—EXTREMADURA.

Noto ésta variante para marcar o uso indistincto das palavras 'pinhal e pinheiral' que a lingua consente.

[8] E, por noite, a castellana—TRAS-OS-MONTES.
E, alta noite, a castellana—MINHO.
E, de noite, a castellana—TRAS-OS-MONTES.

A licção que segui no texto é a que veio do Porto, que Minho é; mas não a acho melhor do que qualquer das outras. Segui-a porque, no todo do romance, é a mais completa.

XXI

DOM JOÃO

O assumpto d'este romance é um casamento á hora da morte, uma d'aquellas tardias mas solemnes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têem arrancado á consciencia do moribundo.

Os preconceitos de nascimento luctam, poderosos ainda n'esse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos d'alma, com os mesmos dictames da verdadeira honra. Oiro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar á infeliz donzella,—*infelix virgo!*—em compensação da sua honra perdida. 'Mil cruzados' lhe deixa: falta ahi villão que a queira, burguez que a requeste e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina tam bem dotada por seu senhor e seductor?

'Mil cruzados não é nada': lhe objectam. —'Pois darei mais duzentos': regateia a suberba agonizante.—'A honra não se paga aos cruzados.'—'Pois, terras, villas, senhorios e castellos a quem casar com ella. Ha tanto escudeiro e cavalleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tam generoso, quem hade recusá-lo? E para o que duvidasse.... argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!'

Forte é o orgulho que assim lucta, quando ja na beira do sepulchro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir villanmente o cavalleiro pundonoroso, quando, n'uma derradeira esperança de vida, falsamente promettia á inganada donzella 'as bençãos de um arcebispo e a estolla da sancta egreja'. Vivesse elle, e taes promessas se compririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porêm mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até o último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada, que o não ousaria se viva era—que por ventura foi morrer de ver-

genha a um canto.—Não, mas sua propria mãe d'elle, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que alli está debulhada em lagrymas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é victima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tam pouco.

A mulher triumphou. As últimas palavras do vencido são bellas:

—'Pois fique ésta mão ja fria
Na sua mão adorada.
De Dom João é viuva,
Condessa será chamada.'

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são —não me canço de o fazer notar—os que dão á poesia do romance este vigor que se não acha n'outras, este character que a distingue em todas as nações, em todas as linguas.

Mais adeantada civilização trará poetas que *inluminem*, que repintem a côres estes simples desenhos a lapis do menestrel. Mas crear

não hãode elles nunca, se não fecharem os livros escriptos, para abrirem o do coração, para estudar por elle o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veio-me do Minho; variantes notaveis não me appareceram; nas collecções castelhanas não está; e não o creio —isto é, não o presinto mais antigo do que o seculo XV ou principios do XVI.

DOM JOÃO

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada:
Dom João que vem doente,
Mal pezar de sua amada!
São chamados tres doutores
Dos que têem mais nomeada:
Que, se algum lhe désse vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Porfim que chega o mais velho,
Diz com voz desinganada:
—'Tendes tres horas de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento:
Deixar a alma incommendada!

A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem impregada.
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.'

Estando n'estas conversas,
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista ja turvada:
—'Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada,
Que tanto queria ver-te
N'esta hora minguada!'
—'Tenho fe na Virgem sancta,
N'ella venho confiada,
Que me hade ouvir e salvar-te,
Que o teu mal não será nada.'

—'Oh! que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito
P'ra sempre serás plantada,
Co'as bençaos de um arcebispo
E de agua benta regada,
Co'a estolla da sancta egreja
Ao meu coração atada.'

Estando n'estas conversas,
Sua mãe que era chegada:

—'Que tens tu, filho querido
D'esta alma amargurada?'
—'Tenho, mãe, que estou morrendo,
Que ésta vida está acabada;
Com só tres horas por minhas,
E uma ja meio passada.'
—'Filho de minhas intranhas,
N'esta hora minguada
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.'
—'Minha mãe, que devo, devo...
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel que em má hora
Por mim fica diffamada.
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.'
—'A honra não se paga, filho;
Mil cruzados não é nada.'
—'Ja lhe deixo mais duzentos
E a cruz de minha espada.'
—'A honra não se paga, filho;
Os cruzados não são nada.'
—'Deixo-a a estes tres doutores
Muito bem incommendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhais bem guardada.
O que com ella casar
Tem uma villa ganhada;
O que lhe disser que não

Tenha a cabeça cortada.'
—'A honra não se paga, filho;
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes deshonrada!'
—'Pois fique ésta mão ja fria
Na sua mão adorada:
De D. João é viuva,
Condessa será chamada.'

XXII

HELENA

Se a Dona Izabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena d'este romance, não incontrou na mãe de seu marido senão a proverbial 'sogra' de todos os rifões e dittados de todos os povos. Inredadora, invejosa, má-lingua, sogra emfim, sogra extreme, e puro sangue — como em stylo cigano do Jockey-club, manda a moda anglo-galla que hoje se diga — a sogra excita com dicterios e mentiras a bruteza estupida de seu filho: faz com que elle vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestavel casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dôres de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e confôrto que juncto

da odiosa sogra não podia achar. Cego de cholera e despeito, o bruto a nada attende. É a morte que lhe dá; bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angelica da victima, as suas despedidas ao filhinho recem-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabridas alturas 'd'aquella serra' por onde a levam n'aquelle cavallo andaluz que 'anda mais que o luar'—tudo são bellezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em Maio de 1843 de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa. Outra licção veio depois, da Beiralta, que não differe muito. Sempre noto porém alguma variante, pôstoque ellas valham pouco. Parece-me portuguez de nascença; não ha d'elle vestigio em collecção castelhana de que eu saiba.

HELENA

—'Ai! que saudades me apertam
Pela casa de meu pae!
Tambem me apertam as dores,
E minha mãe sem chegar!'
—'Se as saudades te apertam,
Bem n'as podes ir mattar;
As dores não serão muitas,
Toma o caminho—e andar!'
—'E á noite meu marido,
Quem lhe dará de cear?'
—'Da caça que elle trouver,
Eu lh'a farei amanhar[1].
Do meu pão e do meu vinho
O que elle quizer tomar.'

[1] Aprestar—BEIRA ALTA.

—'Onde está mi' espôsa Helena
Que me não dá de cear?'
—'Tua espôsa Helena, filho,
Foi-se para não tornar.
Que ia para sua casa,
Que nos não póde aturar.
Chamou-me a mim perra velha,
A ti filho de mãe tal.'
—'O meu cavallo andaluz[2]
Ja e ja m'o vão sellar.
Essa mulher, por Deus juro
Que ella m'as tem de pagar.'

—'As boas novas, meu genro[3],
Que tenho para vos dar!
Filho barão, e tam lindo,
Um anjo de pôr no altar!'
—'Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãe que o pariu
Não é que o hade criar.
Ergue-te d'ahi, Helena,
Que me tens de accompanhar.'
—'Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?'

[2] Que me sellem meu cavallo,
Depressa, não devagar.—EXTREMADURA.
[3] Alviçaras, meu irmão,
Que ja m'as devias de dar.—BEIRALTA.

—'Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavallo andaluz
Anda mais do que o luar.'
—'Ande elle, que não ande,
Onde a quereis levar?'
—'Call'-se d'ahi, minha mãe,
Ja se havia de callar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido a hade mandar.
Que me dem a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dem-me o meu filho,
Que o quero abraçar.
Ai! d'estes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembrae-lh'o vós, minha mãe,
Quando elle souber fallar.'
—'Que dizes, filha, que dizes?'
—'Minha mãe, isto é folgar;
Que é tam perto e bom caminho
Para onde temos de andar;
E o cavallo andaluz,
Anda mais do que o luar.'
O cavallo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,

Elle ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro fallar,
Ella ja tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegando ao alto da serra[4]
Deu um ai, quiz desmaiar.
—'Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?'
—'É que se me acaba a vida,
—'É que me estou a finar:
Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.'

Ja se não tem a cavallo,
Alli a foi apear:
Era a agonia da morte
Que ja lhe estava a apertar.
—'A quem deixas o teu oiro[5],
Que t'o hajam de estimar?'
—'Deixo-o a minhas irmans,
Se tu lh'o quizeres dar.'
—'A quem deixas essa cruz,
E as pedras do teu collar?'
—'A cruz, deixo-a a minha mãe

[4] Lá no mais alto da serra—EXTREMADURA.

[5] *Oiro* em stylo camponez quer dizer — joias, ornatos de oiro de pessoa. O *meu oiro* é o oiro com que me adorno — como em stylo de cidade a *minha prata* é a prata de meu serviço de casa.

Que por mim lhe hade rezar.
As pedras não as quer ella,
E bem n'as podes guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lh'as deixes lograr.'
—'Tua fazenda a quem deixas,
Que t'a saibam grangear?'
—'Deixo-t'a a ti, marido;
Que t'a deixe Deus gosar!'
—'A quem deixas o teu filho
Que t'o hajam de criar?'
—'A tua mãe—que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!'
—'Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de t'o mattar.
Ai! deixa-o antes á tua,
Que bem n'o hade criar.
Com lagrymas de seus olhos
Bem n'o ella hade lavar;
Toucas de sua cabeça[6]
Tirará para o pençar.'
De ouvir aquellas palavras
A pobre quiz-se animar;
Mas a voz que vem do peito
A bôcca não póde achar[7].
Inda lhe disse c'os olhos

[6] E as toucas da cabeça
Despirá para o pençar.—EXTREMADURA.
[7] Não póde á bôcca chegar.—BEIRA-ALTA.

Que lhe estava a perdoar.
—'Não me perdoes, Helena,
Que Deus te hade escutar.
Ai! as penas do inferno,
Ja as eu comêço a penar,
Que vejo subir ao ceo
O meu anjo tutelar.
Mal hajam linguas traidoras[8]
E ouvidos que lhe eu fui dar!
Que por amor das más linguas
Meu anjo vim a mattar!
Sette annos e mais um dia
Me irei a peregrinar,
Á porta sancta de Roma
Me quero ir ajoelhar;
E aqui um sancto convento
Fundarei n'este logar,
Com sette missas por dia
Cada uma em seu altar;
Que digam todos que o virem:
'Aqui foi seu mal-peccar,
E aqui fez penitencia
Para Deus lhe perdoar.'

[8] Mal hajam as linguas taes
E ouvidos que lhe eu fui dar,
Que por amor das más linguas
Meu amor vim a mattar.—EXTREMADURA.

XXIII

A MORENA

Este romance é vulgar na Extremadura e Beira e nas duas provincias d'além do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castello-branco, que era o mais amplo; mas approveitou-se de outras licções provinciaes o que foi necessario para lhe dar complemento. Transmittidas de bôcca em bôcca, —não me canso de o repisar—por tantas gerações, éstas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduaes, mas não constantes nem uniformes. O rustico menestrel de uma aldêa tinha ás vezes pretenção de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava á lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe

esquecia; não poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado d'este depósito commum, e, com mudanças de nomes e sitios, transformou a historia de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças — como das mutiladas reliquias de um templo d'Isis se fazia nas eras byzantinas uma basilica de christãos; como de versos de Virgilio se compunham os celebrados *centões;* de pensamentos de Homero, de phrases de todos os poetas antigos, cozidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de ha dois e tres seculos; como ainda até ha bem pouco tempo se escreviam tambem quasi todos os mesmos poemas vulgares. Dem desconto á simplicidade da obra e á inexperiencia do artista, e hãode achar a comparação exacta.

Fazia-se isto porêm desvairadamente em epochas e logares differentes; e d'aqui a necessidade de collacionar as tradições de uma provincia, de um districto, de uma aldea ás vezes, com as de outra.

No romance da 'Morena' não parecem des-

cubrir-se vestigios de mui remota antiguidade: assim a adivinhar, deitá-lo-hia pelo seculo dezeseis. A elle sabe o mandar os escravos *á fonte buscar agua*, o *manteo de cochonilha*, e outras expressões que taes. Tem comtudo um certo sabor de originalidade no stylo, um tom familiar sem baixeza, um natural tam despido de todo o ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionavel da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse êsta flor singella, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fataes tesoiras e indigestos adubos do jardineiro.

O assumpto é uma vulgar aventura d'aldea — d'essas que fez tam communs a devassidão dos mosteiros ruraes: isso mesmo a deixou porventura conservar na memoria dos homens como historia do que tinha sido, do que era e sería. Na última copla ha uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao incarar com a victima de sua profana leviandade, estendida n'uma tumba, o seductor *riu-se*,

e o marido — diz o sincero trovador — *o marido é que chorava!*

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de côr postiça, que tinha porcima, cahiram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como n'outros casos muitas vezes é, cozer a tella rasgada ou avivar o desenho summido: o fundo estava são e inteiro.

Nas collecções castelhanas não ha vestigio d'este romance; tenho-o por inteiramente portuguez e absolutamente popular.

A MORENA

Fui-me á porta da Morena[1],
Da Morena mal casada:
—'Abre-me a porta, Morena,
Abre-m'a por tua alma!'
—'Como te heide abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho a menina ao peito

[1] Em algumas licções provinciaes, designadamente nas da Extremadura, começa assim:
Ergueu-se frei Joanico
Um dia de madrugada,
Vestido de ponto em branco
E tangendo sua guitarra,
Foi-se á porta de Morena,
A Morena etc. —EXTREMADURA.

E meu marido á ilharga?'
Estando n'estas razões,
O marido que acordava:
—'Que é isso, mulher minha[1],
A quem dás as tuas fallas?'
—'Digo á môça do forno,
Que veio ver se amassava,
Se amassasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca agua.'
—'Ergue-te, ó mulher minha,
Vai cuidar da tua casa;
Manda teus moços á lenha,
Teus escravos buscar agua.'
—'Ergue-te d'ahi, marido,
Vai ao monte pela caça;
Não ha coelho mais certo
Do que é o da madrugada.'

O marido que sahia,
Morena que se infeitava;
Seu manteo de cochonilha[2]
De dôze testões a vara,
Meia de seda incarnada
Que na perna lhe estalava,

[1] Que é isso, Morenita — ALEMTEJO.
[2] Com seu mantinho de lustro
Que o vento lh'o levava,
Seu sapatinho picado
Que no pé lhe rebentava — EXTREMADURA.

Sua bengalla na mão
Que mal no chão lhe tocava.
Foi-se direita ao convento,
Á portaria chegava.
O porteiro é frei João [4]
Que pela mão a tomava;
Levou-a á sua cella,
Muito bem a confessava...
Penitencia que lhe deu,
Logo alli mesmo a resava.

Á sahida do convento
O marido que a incontrava:
—'D'onde vens, ó mulher minha,
Donde vens tam arraiada?'
—'Venho de ouvir missa nova,
Missa nova bem cantada:
Disse-a o padre frei João,
Que assim venho consolada.'
—'Consolar-te heide eu agora
Com a ponta d'esta espada...' [5]
Deu-lhe um golpe pelos peitos,
Deixou-a morta deitada.
—'Não se me dá de morrer,
Que o morrer não custa nada;

[4] Frei João que a viu chegar,
Em vez de correr, saltava.—BEIRALTA.

[5] Com o ôlho d'esta enchada.—BEIRALTA.

Da-se-me da minha filha,
Que a não deixo desmamada!'
—'Fôras tu melhor mãe que es,
Não fôras tam mal casada,
Não havias de morrer
D'esta morte desastrada.'

Levavam-n'a ao convento,
N'uma tumba amortalhada:
Surria-se o frei João,
E o marido... é quem chorava.

XXIV

DONZELLA QUE VAI Á GUERRA

Apezar de que se não incontra nas collecções impressas, sabemos, pelos nossos escriptores portuguezes, que este romance é de inquestionavel origem castelhana. Por fins do seculo XVII ainda se cantava na *sociedade*, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, ja se vê, em castelhano se cantava. D'esse tempo escrevia Jorge Ferreira na AULEGRAPHIA[1]: 'Não ha entre nós quem perdoe a hũa trova 'portugueza, que muytas vezes he de vanta'gem das castelhanas que se tem aforado 'comnosco e tomado posse do nosso ouvido.' Bem ás-vessas do que succedia dois seculos antes, em tempos do marquez de Santillana,

[1] AULEGRAPHIA, act. II, sc. 9, fol. 66. vers. da ed. de 1619.

que os castelhanos trovavam em portuguez para serem acceitos seus dizeres e cantares na propria côrte dos reis de Castella[1].

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu titulo primitivo '*O rapaz do Conde Daros'*, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muito curiosas scenas da ja citada AULEGRAPHIA, tam riccas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e usos d'aquelle tempo. É na primeira do acto III, chistosa e desinfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grasidel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'esprit* á moda do tempo com agudezas e requintes, em quanto não vem o jantar 'que está para dois toques'. Tracta-se entre aquelles fashionaveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante: sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices d'então—como hoje seria jogar um *ruber* (róber?), experimentar uma walsa nova no piano etc. Não é o menos gra-

[1] Carta do marques de Santillana ao condestavel de Portugal: pag. LVII, tom. I da collecção de Sanches, Madrid 1779.

cioso d'este quadro, o áparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que á soccapa estão glosando e mettendo a ridiculo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se emfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poys que assi te tocarey: *O rapaz do Conde Daros.*

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo vio lá.

CARDOZO

Veria muyto má ventura, que sempre anda apos estes...

DINARDO, canta

Pregonadas son las guerras
De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que elle tem para seu remedio he gentil voz!...

DINARDO, continuando a cantar

Como las haria triste
Viejo cano y pecador?...
(Quebra-se-lhe uma corda) Ah pezar de Mafoma!

CARDOZO

Quebrou-lhe a prima, inda bom!

DINARDO

Vedes este desar tem a musica, quando estais no melhor, leixa-vos em branco uma prima falsa...[1]

Dei mais largas á curiosa citação por ser, como é, tam indubitavel e interessante do-

[1] AULEGRAPHIA, act. III, sc. I, fol. 84.

cumento para a historia do romance em Portugal, e porque tambem são ja rarissimos os exemplares d'essa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, extrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portugueza; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou. Era castelhano no paço, foi-se fazer portuguez na aldea.

Vai em tres seculos que Jorge Ferreira nos deu as últimas novas d'elle quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje á lareira d'algum pobre abegão do Alemtejo, — que para riccos lavradores, com filhas que ja contradançam talvez, senão é que walsam e polkam tambem — é o triste de muito má companhia ja. Tambem das provincias do Norte vieram noticias e cópias d'elle; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que me chegou. Desvairados nomes traz das diversas provincias: aqui é 'Dona Leonor' além 'Dom João' n'outra parte 'Dom Carlos' etc.

Quando ha dez annos o erudito auctor de

ISABEL OU A HEROINA DE ARAGÃO[1], o publicou sob o mesmo titulo e como illustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que apparecia impresso em portuguez; contando o primeiro no suspeitoso 'Figueiredo' de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na 'Silvana' e no 'Bernal-Francez' que eu publicára em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por titulo, o que trouxe das ilhas, da 'Donzella que vai á guerra', porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem propria sempre de taes rhapsodias.

São muitas as variantes, por ser este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

[1] ISABEL OU A HEROINA DE ARAGÃO por J. M. da Costa e Silva. Lisboa, 1832.

DONZELLA QUE VAI Á GUERRA

—'Ja se apregoam as guerras [1]
Entre a França e Aragão:
Ai de mim que ja sou velho,
Não nas posso brigar, não [2]!
De sette filhas que tenho
Sem nenhuma ser barão!...'
Responde a filha mais velha [3]
Com toda a resolução:

[1] Pregoadas são as guerras
Entre França e Aragão.
Como as faria triste
Velho cano e peccador?—LICÇÃO ANTIGA EM JORGE FERREIRA.

[2] As guerras me acabarão—LISBOA.
Triste de mim que sou velho,
As guerras me acabarão.—ALEMTEJO, EXTREMADURA.

[3] Responde Dona Guimar—LISBOA.

—'Venham armas e cavallo
Que eu serei filho barão.'
—'Tendes los olhos mui vivos[4].
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Quando passar pela armada[5]
Porei os olhos no chão.'
—'Tendes-los hombros mui altos
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaterão[6].'
—'Tende'-los peitos mui altos.
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Venha gibão apertado[7],
Os peitos incolherão.'
—'Tende'-las mãos pequeninas[8]
Filha conhecer-vos-hão.'

[4] 'Tendes las tranças compridas,
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Venham ja umas tesouras,
As tranças irão ao chão.—MINHO.
—'Tendes los olhos garridos—AÇORES.
[5] Pela hoste—BEIRA ALTA.
Pelos homens—MINHO.
[6] Abaixarão—LISBOA.
Incolherei os meus peitos
Dentro do meu coração.—MINHO.
[7] Venha ja um alfaiate
Faça-me um justo gibão.—EXTREMADURA, ALEMTEJO, ALGARVE.
[8] Delicados—ALEMTEJO, BEIRA ALTA.
Muito finos—BEIRA BAIXA

Venham ja guantes de ferro [9],
E compridas ficarão.'
—'Tende'-lòs pés delicados,
Filha, conhecer-vos-hão.'
—'Calçarei botas e esporas,
Nunca d'ellas sahirão.'

—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros [10]
São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós meu filho,
Para ir comvosco ao pomar [11].
Que se elle mulher for,
Á maçan se hade pegar' [12].
A donzella por discreta,

[9] Mette-las-hei n'umas luvas — EXTREMADURA.
Calçá-las-hei n'umas luvas,
D'ellas nunca sahirão. — ALEMTEJO, MINHO.
Venham manapolas de ferro — TRAS-OS-MONTES.
Os pés bem grandes serão — MINHO, BEIRA ALTA.
[10] Dom João — AÇORES.
D. Martinho — LISBOA, ALEMTEJO.
D. Marcos — EXTREMADURA.
Dom Claros — MINHO.
[11] Jardim — MINHO, AÇORES, LISBOA.
[12] Co'as rosas se hade tentar — LISBOA.
Com as flores se hade armar — MINHO.
As rosas o hãode buscar — AÇORES.

O camoez foi apanhar [13].
—'Oh que bellos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçans para damas
Quem lh'as podéra levar!'
—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros [14]
São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar;
Que, se elle mulher for [15]
No estrado se hade incruzar [16].'
A donzella, por discreta,
Nos altos se foi sentar [17].
—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros [18]

[13] Á lima se foi pegar:
—'Oh que bella lima ésta!' —LISBOA.
Uma cidra foi mirar—ALGARVE, MINHO.
[14] As mesmas variantes respectivas.
[15] Porque no partir do pão
Se virá a delatar:
Que se elle o partir no peito,
Por mulher se hade mostrar.—AÇORES.
[16] Baixo assento hade ir buscar—MINHO.
[17] O mais alto foi buscar—LISBOA.
No mais alto quiz estar—MINHO.
[18] As mesmas variantes.

São de mulher, de homem não.'
—'Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar;
Que, se elle mulher for,
Ás fittas se hade pegar.'
A donzella, por discreta,
Uma adaga foi comprar[19]:
—'Oh que bella adaga ésta
Para com homens brigar!
Lindas fittas para damas:
Quem lh'as podéra levar!'
—'Senhor pae, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher; de homem não.'
—'Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco nadar;
Que, se elle mulher for,
O convite hade escusar[20].'
A donzella, por discreta,
Começou-se a desnudar...
Traz-lhe o seu page uma carta,
Pôs-se a ler, pôs-se a chorar:

[19] N'uma adaga foi pegar — LISBOA.
Foi uma espada apreçar — MINHO.
Oh que lindas fittas verdes
Para môças inganar! — AÇORES.
[20] Desculpa vos hade dar — LISBOA.
Ja se hade acovardar — ALEMTEJO.

—'Novas me chegam agora,
Novas de grande pezar:
De que minha mãe é morta,
Meu pae se está a finar.
Os sinos da minha terra
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmans que eu tenho,
D'aqui as oiço chorar.'
—'Monta, monta, cavalleiro!
Se me quer acompanhar.'
Chegavam a uns altos paços[21],
Foram-se logo apear.
—'Senhor pae, trago-lhe um genro,
Se o quizer acceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quiz contar...
Se ainda me quer agora,
Com meu pae hade fallar.'

Sette annos andei na guerra
E fiz de filho barão.
Ninguem me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.

[21] Chegam juntos do castello — LISBOA.

XXV

O CAPTIVO

Vendido no mercado de Salé pelos corsarios que o tomaram, um pobre captivo christão vai ser escravo de avarento e ricco judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capitulo de uma historia sabida e commum: e naturalmente se espera ja o segundo, que é namorar-se do interessante captivo a bella filha do mau perro judio, animá-lo, consolá-lo, querer fugir com elle de moirama.—Atéqui vamos pela estrada coimbran d'estas aventuras, que por seculos foram quasi quotidianas entre nós. Mas d'ahi por deante o caso sai um tanto da marcha ordinaria. O captivo não renega nem foge com a bella judia; e ella apaixonada, rendida, perdida... conhece porfim que não é amada: nos molles braços da

amante, o ingrato christão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores, quem sabe? Mas

'Chorava—que não por ella!'

Não se espera a vingança da bella judia: da-lhe dinheiro para se resgatar, dinheiro do seu d'ella que sua mãe lhe deixára. Apertada pelo pae que suspeita a verdade, ella confessa tudo, mas defende o christão por innocente; e só de uma alta tôrre, contempla a última vela que lhe foge no horisonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Extremadura fóra; não me chegou informação de que se internasse mais pelas provincias: não deve de ser mais antigo que o meado do seculo XVII se a copla em que se allude a Ceuta e a Mazagão não é 'rifacimento' moderno, como tambem póde ser, e me inclino a crer que é, porque no resto, o sabor e o stylo é mais velho.

Não apparece nas collecções castelhanas; e se não foi originalmente escripto em portu-

guez, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestigio bem auctorisado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos *lo, la* em vez de *o, a;* porque não só os escriptores antigos, mas o povo de hoje os substitue assim a miudo quando lh'o pede o mal soante do hyato. Tambem dizem *mi'* por *minha, padre* e *madre* por *pae* e *mãe;* e outros que parecem castelhanismos sem o serem. *Me' pae* diz ainda hoje, por euphonia, o alemtejano, como em tempos de Gil-Vicente, se dizia e cantava *m' amor* por *meu amor*.

O CAPTIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo[1]
N'uma linda caravella;
Captivaram-mos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender-me levaram[2]
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem branca dera[3];

[1] Meu pae era de Hamburgo,
Minha mãe de Hamburgo era.—RIBATEJO.

[2] Me levaram a vender
A Salé, que é má terra.—EXTREMADURA.

[3] *Ni blanca* é claramente castelhano dizer; mas nos mais puros nossos escriptores se incontra. Ditto familiar que se introduziu então, como hoje dizemos tanta palavra e phrase franceza ou ingleza, por termos com as coisas, livros e usos d'estas nações o mesmo tracto que então tinhamos com castelhanos.

Só houve um perro judio
Que alli comprar-me quizera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra:
De dia pisar esparto,
De noite moer canella,
E uma mordaça na bôcca
Para lhe eu não comer d'ella.
Mas foi a minha fortuna.
Dar c'uma patroa bella,
Que me dava do pão alvo,
Do pão que comia ella.
Dava-me do que eu queria,
E mais do que eu não quizera,
Que nos braços da judia
Chorava—que não por ella.

Dizia-me então:—'Não chores,
Christão, vai-te á tua terra.'
—'Como me heide eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?'
—'Se fôra por um cavallo,
Eu uma egua te dera[4];
Se fôsse por um navio,
Dera-te uma caravella[5].'
—'Não fôra por um cavallo,
Não fôra, senhora bella,

[4] Eu te daria uma egua — RIBATEJO.
[5] Dar-te-hia uma gallera — LISBOA.

Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castella.
Nem por navio não fôra,
Que eu fugir não quizera,
Que era roubar a teu pae
Dinheiro que por mim dera.'
—'Toma ésta bolsa, christão,
Feita de seda amarella[6];
Minha mãe quando morreu
Me deixou senhora d'ella.
Vai-te, paga o teu resgate;
E ás damas de tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto mais vale que o d'ellas.'

Palavras não eram dittas,
O patrão que era chegado.
—'Venhais embora, patrão,
E vinde com Deus louvado,
Que agora tenho recado
Que o meu resgate é chegado[7].'
—'Christão, Christão, que disseste!
Olha que é muito cruzado.
Quem te deu tanto dinheiro

[6] Com mil dobrões dentro d'ella.
Co'as mil doblas que estão n'ella.—RIBATEJO.

[7] Este é um dos muitos exemplos de se faltar de ves em quando á forçada lei da redondilha, augmentando-a com dois versos no mesmo repisado consoante ou toante obrigado.

Para seres resgatado?'
—'Duas irmans m'o ganharam,
Outra m'o tinha guardado[8];
E um anjo do ceo m'o trouxe,
Um anjo por Deus mandado.'
—'Dize-me, ó christão, dize
Se queres ser renegado,
Que te heide fazer meu genro,
Senhor de todo o meu estado.'
—'Eu não quero ser judio
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor,
De todo esse teu estado[9],
Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado[10].'

—'Que tens tu, filha Rachel[11]?
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo christão malditto[12]

[8] Que por mim stão a soldado — RIBATEJO.

Ésta phrase *a soldado* para dizer: estão servindo *a soldada*, *a soldo, como criados*, etc. foi nova para mim; vê-se porém que é legitima portugueza. Não approveitei para o texto ésta variante por causa da amphibologia.

[9] De todo esse teu reinado — EXTREMADURA.

[10] Outro exemplo de accrescentar dois versos á redondilha, mas sem repetir o consoante senão em um d'elles.

[11] Anda cá, ó filha Angelica — LISBOA.

[12] Se é pelo christão que choras,
Que te deixou deshonrada.— RIBATEJO.

Que ficaste desgraçada.'
—'Meu pae, deixe o christão, deixe,
Que elle não me deve nada:
Deve-me a flor de meu corpo,
Mas de vontade foi dada.'

Mandou fazer-lhe uma tôrre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os moiros:
—'A judia é deshonrada.'
Violla, minha violla,
Fica-te aqui pendurada[13],
Que lá vão os meus amores
Por essa agua salgada.

[13] Aqui te deixo por mão,
Que os amores da judia
Pelas ondas do mar vão.—RIBATEJO.

XXVI

A NAU CATHRINETA

Não é para admirar que seja tam geralmente sabida e querida ésta xácara. O que admira é que não seja mais commum entre nós o romance maritimo. Um paiz de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites de Europa, devassou todo o imperio das aguas para se extender pelo universo, — não póde deixar de ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldea que, em seus pequenos Lusiadas, cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravella que se lançavam destemidos

Por máres nunca d'antes navegados.

Temos em prosa muita relação popular de

naufragios que rivaliza em simplicidade antiga com os Chronicons da meia-edade, e cujos escriptores parecem discipulos do arcebispo Turpin, do auctor da 'Formosa Magallona' ou da 'Donzella Theodora.' Como elles, andaram muitos annos a cavallo em barbantes no logar do cego stacionario, ou no bornal do cego ambulante; e só em meios do seculo passado começaram a junctar-se em volumes na bem conhecida collecção intitulada 'Historia tragico-maritima[1].'

Algumas d'estas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitantes de interêsse e de verdade, contêem descripções inimitaveis, desenhadas do vivo, e taes que fazem impallidecer as mais animadas paginas do 'Reddrover' e do 'Pirata.'

Não cingrariam jamais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes Odysseas? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na violla esses humildes cantares que não cabem na tuba epica, mas

[1] Historia tragico-maritima, em que se escrevem, etc. Por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa occidental, 1735.

tambem não precisam dos characteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memoria do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

É impossivel: seus poetas tem, seus chronistas, seus historiadores; havia de ter seus menestreis e seus trovadores, a aventurosa vida de nossos mareantes.

Mas essas ingenuas rhapsodias, quem as apagou assim do livro popular? Que estupidos monges fizeram palimpsestes de suas páginas bellas?—que apenas hoje podêmos decyphrar a custo algum fragmento oblitterado como este!

Não é facil responder com precisão. Mas são certas as razões geraes e sabidas do orgulho monachal, e falso gôsto de nossos litteratos de universidade e de côrte. Se tirarmos Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, o mesmo ou peior diremos dos poetas, que todos ou quasi todos venderam sua alma aos classicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares, as primitivas fórmas de seus cantores naturaes.

'A nau Cathrineta' foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de affeição pôsto na Ribeira-das-naus a algum galeão Sancta Catherina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse appellido *coquet* por sua airosa mastreação, pelo talhe elegante de seu casco, por alguma d'essas qualidades graciosas que tanto apprecia o ôlho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome supposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoaes e respeitos humanos. Entre as narrativas em prosa que ja citei, ha uma, por titulo—'Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil no anno de 1565'—que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difficil viagem, temporaes assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistencia do commandante a ésta bruteza, milagroso surgir á barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem — tudo isto ha na prosa da narração; e até o poetico

episodio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer — como na xácara se viam, pela falsa miragem do demonio, as tres meninas debaixo do laranjal.

Fôsse porêm este, ou fôsse outro o caso que celebra o romance, houve tantos similhantes n'aquelles tempos, que de alguns d'elles, e no fim do seculo XV ou no XVI, se havia de compor. Mais antigo não é. Além de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa peninsula rarissima vez admitte o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingenuas peripecias. Composição em que elle appareça, quasi sem hesitar, se deve attribuir a origem franceza, franco-normanda, ou mais seguramente ainda á dos bardos e scaldos que por essas vias se derivasse até nós. Depois é que a mythologia de todas as crenças se confundiu, e ainda a mais extranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a 'nau Cathrineta'; as mais notaveis vão appontadas.

A NAU CATHRINETA

Lá vem a nau Cathrineta[1]
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia[2]
Que iam na volta do mar[3],
Ja não tinham que comer,
Ja não tinham que manjar.
Deitaram solla de molho
Para o outro dia jantar;

[1] Ora da nau Cathrineta
D'ella vos quero contar.—EXTREMADURA.

[2] Sette annos e um dia—MINHO.

[3] Todas as lições dizem assim, menos a do Algarve que adoptei.

Mas a solla era tam rija [4],
Que a não poderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de mattar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

—'Sobe, sobe, marujinho,
Áquelle masto real [5],
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.'
—'Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sette espadas nuas
Que estão para te mattar [6].'
—'Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se inxergas Hespanha [7],
Areias de Portugal.'
—'Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Ja vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.

[4] Mas a solla era tam dura,
Que a não podiam rilhar.—MINHO.
[5] Áquelle tope real.—LISBOA.
[6] Todas para te mattar—EXTREMADURA.
[7] Vê se vês terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.—MINHO.

Mais inxergo tres meninas [8]
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.'
—'Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a heide casar.'
—'A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.'
—'Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.'
—'Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.'
—'Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual [9].'
—'Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a insinar.'
—'Dar-te-hei a nau Cathrineta [10],

[8] Tambem vejo tres meninas—LISBOA.
. . . tres donzellas—BEIRABAIXA.

[9] Para n'elle campear—RIBATEJO.

[10] A licção de Lisboa acaba aqui o romance por differente modo. Deixando o sobrenatural da tentação do demonio que toma a fórma de gageiro para tentar o capitão n'aquelle perigo, dá por verdadeira a apparição da terra, e conclue assim:

—'Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te heide eu dar?'

Para n'ella navegar.'
—'Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei governar.'
—'Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te heide dar?'
—'Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.'
—'Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar [11].'

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar.
Deu um estouro o demonio,
Accalmaram vento e mar;
E á noite a nau Cathrineta
Estava em terra a varar [12].

—'Eu quero a nau Cathrineta
Para n'ella navegar.'
—'A nau Cathrineta, amigo,
É d'elrei de Portugal.
Mas ou eu não sou quem sou,
Ou elrei t'a hade dar.'

Outra licção tambem diz n'esta ultima copla:

Pede-a tu a elrei, gageiro,
Que t'a não póde negar.

[11] O corpo da agua do mar—RIBATEJO.

[12] A bom porto foi parar—RIBATEJO.

XXVII

O CEGADOR

A edição arraiana d'este romance que me veio de Tras-os-montes chama-lhe 'A filha do imperador de Roma.' Não a segui no titulo nem em muitas partes do texto, incostei-me antes á licção da Beiralta. E so éstas duas me chegaram; não me consta que n'outras provincias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episodio da crapulosa historia byzantina, ou é outro capitulo licencioso da chronica secreta de Carlos-Magno? O trovador, que a trovou n'essa meia-edade, cujo sêllo visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôs nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhe quem quizer se este imperador de Roma era do occidente ou do oriente, do alto ou do

baixo imperio, Cesar verdadeiro ou Kaiser de imitação germanica? Deve de ser d'estes ultimos pela menção do duque de Lombardia que no fim apparece.

A licção da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originaes, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum *roué* d'aldea.

Nos romanceiros castelhanos não se incontra, e para o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituida pela collação dos dois textos que obtive, ésta ficou uma das mais completas reliquias da nossa poesia popular que possam incontrar-se.

O CEGADOR

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada.
Pedem-lh'a condes, senhores [1],
Homens de capa e d'espada;
Ella isenta e desdenhosa
A todos lhes punha tacha:
Um é criança, outro é velho [2],
Este que não tinha barba,
Aquelle que não tem pulso
Para puchar pela espada.

[1] Pedem-lh'a duques e condes—TRAS-OS-MONTES.

[2] A uns que não eram homens,
Outros que não tinham barbas.—TRAS-OS-MONTES.

Dizia-lhe o pae surrindo:
—'Inda hasde ser castigada!
De algum villão de porqueiro
Te espero ver namorada.'

Por manhan de San' João,
Manhan de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo[1]
A infanta se assomava.
Viu andar tres cegadores
Fazendo sua cegada;
O mais pequeno dos tres
Era o que mais trabalhava.
Fitta que traz no chapeu
De oiro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vai ceifando...
Bem sabe elle o que ceifava!

Alli estava a aia discreta
Em quem toda se fiava:
—'Ves, aia, aquelle ceifeiro
Que anda n'aquella cegada?

[1] Subiram-se a uma ventana
Uma ventana mui alta.—TRAS-OS-MONTES.

Condes, duques, cavalleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-m'o chamar em segredo,
Que ninguem não saiba nada.'

—'Bom cegador, vem commigo,
Que te quer fallar minha ama.'
—'Tua ama, não n'a conheço
Nem tam pouco a quem me chama[1].'
—'Cegador de boa estrea,
Traze'la vista mui baixa:
Alça os olhos e verás
A estrella da madrugada.'
—'Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrella d'alva.'
—'Estrella ou sol, vens commigo?'
—'Irei, pois quem póde, manda.'

Entraram por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princeza
O bom do ceifeiro estava.
—'Senhora que me quereis?
Pois venho á vossa chamada.'
—'Quero saber se te atreves
A fazer minha cegada?'

[1] Eu não conheço a senhora
Nem tam pouco a criada. — TRAS-OS-MONTES.

—'Atrever, me atrevo a tudo;
Trabalho não me accovarda.
Dizei vós, senhora minha,
Onde é a vossa cegada.'
—'Não é no monte ou no valle,
No baldio ou na coitada;
Cegador, é nos meus braços,
Que de ti estou namorada.'

Passou todo aquelle dia [5],
O mais da noite passava,
Ceifando vai o ceifeiro...
Bem sabe elle o que ceifava!
—'Basta, basta, cegador,
Feita está tua cegada:
Vai-te, que meu pae não venha,
Antes de ser madrugada.'

[5] Lá junto da meia-noite
Ao cegador perguntava:
—'Dizei-me, bom cegador
De quem eu fico pejada.'
—'Eu sou filho de um porqueiro
E meu pae porcos guardava.'
—'Oh, triste de mim, oh triste,
Oh, triste de mim coitada!
Pediram-me condes, duques,
Homens de capa e d'espada:
E agora eis-me aqui
De um porqueiro deshonrada. — TRAS-OS-MONTES.

N'esta licção de Tras-os-Montes que dá a Sr.ª Maria Joaquina do logar de Nantes, a xácara acaba com a variante citada.

Palavras não eram dittas,
O pae á cama chegava:
—'Com quem fallas, minha filha,
Tam cedo de madrugada?'
—'Fallo com ésta minha aia
Que me tem desesperada;
Uma cama tam mal feita
Que dormir me não deixava.'
—'É forte aia essa tua
Que a barba tem tam cerrada!
Vista-se ja a donzella,
Que, antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.'
O cegador muito inchuto
Sua sentença escutava,
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava.
Saltou no meio da casa
Como se não fôra nada:
—'Venha ja esse barbeiro
Com a navalha affiada:
Ao duque de Lombardia
Veremos quem faz a barba.'

O imperador mui contente
Depressa alli os casava.
Não quiz senhores, nem condes
Homens de capa ou de espada,

Senão só o cegador
Que andava em sua cegada.
Podia ser um porqueiro
Que a deixasse deshonrada...
Sahiu-lhe um duque reinante,
Senhor de alta nomeada.
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

XXVIII

A NOIVA ARRAIANA

Veio de Almeida ésta xácara; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra licção d'ella, nem vestigio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou ao mar a armada do cavalleiro ausente, faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas emprezas de Africa. O logar da scena é inquestionavelmente na raia—e bem pôsto está ao romance o titulo de 'Noiva arraiana'. Mas aqui ha mar, e armadas que vão ao mar: não póde pois ser outra a raia senão a do Algarve. O stylo da cantiga é ingenuo e purissimo; os costumes que descreve primitivos e patriarchaes; ha um sabor homerico n'este narrar e n'este fallar, que ninguem póde confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilisação

mais adeantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O facto é simples e mil vezes visto. Outra edição da Lucia de Lamermoor, outro cavalleiro de Ravenswood que apparece de repente no meio da voda de sua debil e mal constante namorada, quando ella, ja desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante—o seu, o que ella unicamente quer. Quem se não lembra de Walter-Scott, e de Donizetti tambem, e do que vibram na alma as palavras de um, as notas do outro, inspiradas por ésta situação altamente dramatica, sublime de angústia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e socêgo; não endoudeceu nem mattou a sua Lucia; e nem d'ella nem do seu Ravenswood nos diz que mattassem a mais ninguem. O cavalleiro portuguez faz justiça por outro modo nos que o tinham atraiçoado. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a voda e o jantar.

A NOIVA ARRAIANA

—'Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!'
—'Venha embora o cavalleiro
Tam cortez no seu fallar!'
—'Má hora se elle foi, tia,
—'Má hora torna a voltar!
Que ja ninguem o conhece
De mudado que hade estar.
Por lá o mattassem mouros,
Se assim tinha de tornar!'
—'Ai sobrinho de minha alma,
Que es tu pelo teu fallar!
Não ves estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?'
—'E meu pae e minha mãe,

Tia, que os quero abraçar?'
—'Teu pae é morto, sobrinho,
Tua mãe foi a interrar.'
—'Qu'é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?'
—'A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.'
—'Qu'é do meu cavallo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?'
—'O teu cavallo, sobrinho,
Elrei o mandou tomar.'
—'Qu'é de minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?'
—'Tua dama faz hoje a voda,
Ámanhan se vai casar.'
—'Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.'
—'Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá mattar.'
—'Não me mattam, minha tia;
Cortezia eu sei usar:
E onde faltar cortezia,
Ésta espada hade chegar.'

—'Salve Deus, ó lá da voda,
Em bem seja o seu folgar!'
—'Venha embora o cavalleiro,
E que se chegue ao jantar!'
—'Eu não pretendo da voda

Nem tam pouco do jantar;
Pretendo fallar á noiva,
Que é minha prima carnal.'

Vindo ella lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavalleiro,
Quiz morrer, quiz desmaiar.
—'Se tu choras por me veres,
Ja me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.'
—'Pagar devia co'a vida
Quem me queria inganar,
Quando te deram por morto
N'essas terras d'além-mar.
Mas que fiquem com a voda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguem m'os hade quitar.'

—'Venha juiz de Castella,
Alcaide de Portugal;
Que, se aqui não ha justiça,
Co'ésta espada a heide tomar.'

XXIX

GUIMAR

Dona Guimar — ou Dona Agueda — de Mexia, como lhe chama a licção do Alemtejo, é um interessante romancinho que apparece na tradição d'aquella provincia e na de Extremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras provincias nossas, nem pelas collecções castelhanas ha outro vestigio d'elle, que eu saiba.

Não é muito antigo o stylo. Mas o facto celebrado é o de uma morte apparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimonio: e d'isto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira resurreição o tornar a si o supposto defuncto.

Seja porêm qual for a data d'esta composição, ha coplas d'ella que vão de par com o mais bello e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João á sua terra n'aquella manhan de maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Tambem não creio que haja nada mais bello que estoutros versos quando a morta vai tornando a si e pondo os olhos no amante:

Volta a vida que se fôra
Com todo o amor que não se ia.

GUIMAR

Era a menina mais linda[1]
Que n'aquella terra havia;
Tam formosa e tam discreta
De outra egual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito demais lhe queria:
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia;

[1] Era uma menina bella
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia.— ALEMTEJO.

Senão que o pae da donzella[2]
Outro conselho seguia:
Casá-la quer muito ricca
Com um mercador que ahi havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube[3],
Por pouco se não morria:
Foi-se d'alli muito longe
Sem dizer para onde ia.
Tres mezes por lá andou,
Tres mezes n'essa agonia;
A vida que lhe pesava
Soffrê-la ja não podia.
Mandou sellar seu cavallo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O cavallo é quem mandava,
Cavalleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.

[2] Mas o pae d'aquella môça
Por melhor conselho havia
Casá-la com um mercador
Que áquellas partes viria.—ALEMTEJO.

[3] Dom João quando isto ouviu
Fóra da terra sê ia;
Por lá estivera tres mezes
Que soffrê-los não podia.—EXTREMADURA.

Á sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhan de maio,
Todo o campo florecia,
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia:
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da egreja sahia...
Entrou de portas a dentro,
De rua em rua seguia,
Chegou á de sua dama[4],
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
Janellas aonde a via,
Tudo é cuberto de preto,
Mais preto que ser podia[5].
Mandou chamar uma dona[6]
Que ella comsigo trazia:

[4] Veio-se a passeiar
Á rua de sua amiga.—ALEMTEJO.
[5] Do mais preto que havia—EXTREMADURA.
[6] Mandou chamar uma dama,
Por Deus e á cortezia:
—'Dize-me tu por quem trazes
Ausencias tam doloridas.—ALEMTEJO.

—'Dizei-me por Deus, senhora,
Dizei-me por cortezia,
Esse lutto tam pesado
Por quem trazeis, que seria?'
—'Trago-o por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia[7],
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria[8].'
Dom João quando isto ouviu[9]
Por morto em terra cahia,
Mas a dor era tammanha[10]
Que á fôrça d'ella vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua bôcca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia[11],
Foi-se direito á egreja
Onde sua dama jazia[12]:
—'Eu te rogo, sacristão,

[7] Dona Agueda de Mexia—ALEMTEJO.
[8] Por vós foi sua partida—EXTREMADURA.
[9] Palavras não eram dittas—EXTREMADURA.
[10] Mas a dor era tam forte—EXTREMADURA.
[11] Do mais preto que havia—EXTREMADURA.
[12] Onde a sua dama tinha—ALEMTEJO.

Por Deus e Sancta Maria,
Eu te rogo que me ajudes [13]
A erguer ésta campa fria.'
Alli a viu tam formosa
Tal como d'antes, a via;
Alli, morta, sepultada,
Inda outra egual não havia,
Pôs os joelhos em terra,
Os braços ao ceo erguia,
Jurou a Deus e á sua alma
Que mais a não deixaria.
Puchou de seu punhal de oiro [14],
Que na cintura trazia,
Para a accompanhar na morte
Ja que em vida não podia.
Mas não quiz a Virgem sancta [15],
A Virgem Sancta Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juizo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defuncta a mão direita

[13] Que me ajudes a erguer
A campa de minha amiga. — ALEMTEJO.

[14] Puchou por um punhal de oiro
Por lhe fazer companhia. — ALEMTEJO.

[15] Permittiu a Virgem sancta,
A Virgem Sancta Maria
Que se não perdesse uma alma
Por um preceito que tinha. — ALEMTEJO.

Ao seu amante extendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua bôcca sorria;
Volta a vida que se fôra,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pae, o foram buscar,
Que ja estava na agonia;
Véem amigos, véem parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças á Sancta Virgem,
Cujo milagre seria;
E a Dom João dão a espôsa,
Que tam bem a merecia.

XXX

DOM DUARDOS

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do theatro d'Hespanha, Gil-Vicente, não era só poeta comico, segundo vulgarmente se crê ás cegas, porque poucos abrem os olhos para o ler com attenção, para estudar n'elle, como todos deviam, lingua, costumes, stylo, côr e tom nacional da epocha: nenhum outro escriptor portuguez os teve tam verdadeiros, tam characterizados e sinceros.

O romance heroico ou epico, isto é, o que celebrava grandes feitos e successos nacionaes, ou interessantes aventuras de guerras e de amores — que d'elle tomaram depois o appellido de *romanescas*, ou porque não *romancescas?* hoje mais inglezadamente *romanti-*

cas—este que tambem rhymou muitas vezes devotas legendas de sanctos e de milagres, os passos da historia sagrada de ambos os Testamentos, e até os proprios mysterios do dogma; o romance epico em toda a sua primitiva simpleza foi tambem cultivado por Gil-Vicente.

Com elle e com Bernardim-Ribeiro creio que morreu, litterariamente fallando, nos fins do seculo XV, principios do XVI, para resuscitar depois, á primeira trombeta do seiscentismo, como todos os generos populares que por essa reacção resurgiram; mas rebicado e contrafeito, secante de metaphoras, pesado de conceitos, escripto emfim com a penna d'aza da "Phenix-renascida."

Quanto elle fôra estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil-Vicente, vê-se de muitos logares de seus dramas. E ahi se vê tambem que promiscuamente compunham os nossos trovadores ja no dialecto de Castella, ja no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou solão ora se cantava em uma, ora n'outra linguagem.

Para exemplo e prova, leia-se com attenção

o dialogo do feiticeiro com a ama de Cismena na scena II de Rubena[1]. Ahi vêem citados como portuguezes e em portuguez, apar de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns passam hoje por legitimos filhos de Castella e em suas collecções se incontram; de outros nem por ellas ha memorias. Tal é o que começa:

'Eu me sam Dona Giralda';

de que não achei outro vestigio nem nos romanceiros castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est'outro:

'Em Paris está Donalda';

que vem nos citados romanceiros, pôsto que differentemente escripto.

Tambem no auto dos *Quatro tempos cantam estes 'até chegar ao presepio,'* manda a rubrica[2], *uma cantiga franceza que diz:*

'Ai de la noble
Villa de Paris!

É claro que este é um romance; e romance

[1] Gil-Vicente, edição de Hamburgo 1834, tom. II, pag. 27.
[2] Ibid. tom. I, pag. 92.

conhecido, e que não era castelhano nem portuguez, mas francez. E d'aqui se deprehende tambem uma coisa que muitas vezes tenho julgado intrever, e de que tenho quasi uma consciencia intima, sem ousar dá-la por certa, porque não ha ainda todas as próvas documentaes que se precisam para uma asserção que hade parecer atrevida: e é—que os romances primitivos quasi que eram communs ás linguas *romanas*, e que nenhuma os vindicava exclusivamente; porque o trovador catalão ou provençal, portuguez, normando ou castelhano pertencia mais á *republica litteraria* e artistica de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão politica do paiz. Cantava-se o romance para lá do Ebro? davam-se ás palavras desinencias mais curtas e contrahidas; dizia-se para cá d'elle? produziam-se mais arredondadas. Entre Portugal e Castella menos era preciso ainda, porque as linguas, ja tam similhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialecto do romance dobradamente.

Apponto isto aqui somente como ementa,

para mais devagar se reflectir e estudar no que indico. Ha grande verdade na indicação; mas até onde ella chega, não sei dizer porora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciencia para dar professadamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me occorre como curioso. A sciencia fará o seu officio com o tempo. Eu não pretendo a litterato nem a critico, e n'estas coisas menos que em nenhuma. Occupo as minhas horas vagas com estes divertimentos innocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil-Vicente, na segunda scena — acto, jornada, ou parte II — da *Rubena,* canta a Cismena em portuguez outro principio de romance mui notavel pelo metro pouco usado na nossa lingua:

> 'Grandes bandos andam na côrte,
> Traga-me Deus meu bonamore.'

Muitas outras próvas achará alli o leitor curioso de que este genero era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil-Vicente; e assim o mostra o romance dos *Padres*

no *Limbo* no auto da 'Historia de Deus', o da *Barca dos Anjos* no auto do 'Purgatorio', e da *Infanta* no auto das 'Côrtes de Jupiter', e muitos outros dispersos por suas obras dramaticas, além dos dois bem conhecidos que expressamente compôs, um á morte d'elrei Dom Manuel, outro á acclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de Dom Duardos que vem no fim da tragicomedia (aliás drama cavalheiresco) do mesmo titulo. Em castelhano foi escripta a tragicomedia, e em castelhano alli vem o romance; na collecção, que por vezes tenho citado, do cavalheiro de Oliveira, apparece em portuguez com declaração de se incontrar assim n'um antigo manuscripto do seculo XVI que visivelmente era contemporaneo do poeta. Eu dou-o em ambas as linguas. E pôsto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como proprio, fica assim evidente o ser elle de fábrica portugueza e do nosso Gil-Vicente, quer primitivamente o composesse elle na nossa lingua, quer na d'elles.

Eisaqui o que, no fim da tragicomedia, diz Artada, antes de cantar o romance:

'Por memoria de tal trance
Y tam terrible partida
Venturosa,
Cantemos nuevo romance
A la nueva despedida
Peligrosa.'

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando-se para elrei — não o rei da comedia, mas o rei portuguez Dom João III em cuja côrte e presença ella se representava:

'Lo mismo iremos cantando
Por esa mar adelante,
Á las sirenas rogando
Y Vuestra Alteza mandando:
Que en la mar siempre se cante.'

Era pois novo o romance, por seu o dava Gil-Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a elrei seu amo e seu protector, como tal o endereçava. Não posso deixar de o crer e acceitar como seu.

A licção portugueza de Oliveira differe algum tanto da castelhana de Gil-Vicente; e ésta

não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duran e no TESORO de Ochoa.

Juntam-se aqui todas tres, paraque as confrontem os curiosos, e se illustre assim a questão que, tórno a dizer, suscito, não resolvo.

DOM DUARDOS[1]

Era pelo mez de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando lyrios e rosas
Mostram mais sua alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no ceo podia,
Quando a formosa infanta,
Flérida ja se partia;
E na horta de seu padre
Entre as árvores dizia:
—'Com Deus vos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!

[1] Licção portugueza segundo OLIVEIRA.

Vou-me a terras extrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe, que amor me leva,
Que eu por vontade não ia;
Mas tanto atimou commigo
Que me venceu co'a porfia.
Triste, não sei onde vou,
E ninguem não m'o dizia!...'
Alli falla Dom Duardos:
—'Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
De alta genealogia;
De prata são os palacios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacynthos
E oiro fino de Turquia,
Com lettreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me déstes n'esse dia
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Mattastes-me vós, senhora,

Que eu a elle o não temia...'
Suas lagrymas inchugava
Flérida que isto ouvia.
Ja se foram ás galeras
Que Dom Duardos havia.
Cinquenta eram por conta,
Todas vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princeza adormecia
Nos braços de Dom Duardos,
Que tam bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valia.

I

VERSÃO CASTELHANA DE GIL-VICENTE [1]

En el mes era de Abril,
De Mayo antes un dia,
Cuando lirios y rosas
Muestran mas su alègria,
En la noche mas serena
Que el cielo hacer podia,
Cuando la hermosa infanta
Flérida ya se partia:
En la huerta de su padre
A los árboles decia:
—'Quedaos adios, mis flores,
Mi gloria que ser solia;
Voyme á tierras estrangeras
Pues ventura alla me guia.
Si mi padre me buscare
Que grande bien me queria
Digan que amor me lleba
Que no fué la culpa mia:
Tal tema tomó conmigo
Que me venció su porfia.
Triste nó se adó vó,
Ni nadie me lo decia.'
Allí habla Don Duardos:
—'No lloreis mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines
Y vuesos, señora mia.

[1] Obras de GIL-VICENTE, ed. de Hamburgo 1834. Tom. II, p. 219.

Terneis trecientas doncellas
De alta genealogia;
De plata son los palacios
Para vuestra señoria;
De esmeraldas y jacintos,
De oro fino de Turquia
Con lettreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Cuentan los vivos dolores
Que me distes aquel dia
Cuando com Primaleon
Fuertemente combatia:
Señora vos me matastes,
Que yo a el no lo temia.
Sus lagrimas consolaba
Flérida qu'esto oia;
Fueron-se a las galeras
Que Don Duardos tenia.'
Cincuenta eran por cuenta,
Todas van en compañia.
Al son de sus dulces remos
La princesa se adormia
En brazos de Don Duardos
Que bien le pertenecia.
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valia.

II

VERSÃO CASTELHANA DE DURAN [1]

En el mes era de Abril,
De Mayo antes un dia,
Cuando los lirios y rosas
Muestran mas sua alegria,
En la noche mas serena,
Qu'el cielo hacer podria,
Cuando la hermosa infanta
Flérida ya se partia;
En la huerta de su padre
A los árboles decia:
—'Jamas en cuanto viviere
Os veré tan solo un dia,
Ni cantar los ruiseñores
En los ramos melodia.
Quédate á Dios, agua clara,
Quédate á Dios, agua fria,
Y quedad con Dios, mis flores,
Mi gloria que ser solia.
Voime á las tierras estrañas,
Pues ventura allá me guia.
Si mi padre me buscáre,
Que grande bien me queria,
Digan que el amor me lleva,
Que no fué la culpa mia.
Tal tema tomó conmigo,
Que me forzó su porfia.
Triste nó sé donde voy:
Ni nadie me lo decia.'

[1] Romancero general, Part. I.

Allí habló Don Duardos:
—'No lloreis mas, mi alegria,
Que en los reinos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines,
Y vuestros, señora mia.
Terneis trescientas doncellas
De alta genealogía;
De plata son los palacios
Para vuestra señoria;
D'esmeraldas y jacintos
Toda la tapeçaría;
Las camaras ladrilladas
D'oro fino de Turquía,
Com letreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Contando vivos dolores
Que me diéstedes un dia
Cuando com Premaleon
Fuertemente combatia.
Señora, vós me matastes,
Que yo a el no lo temia.'
Sus lagrimas consolaba
Flérida qu'esto oia,
Y fueron-se á las galeras,
Que Don Duardos habia:
Cincuenta eran por todas,
Todas van en compañia.
Al son de sus dulces remos
La infanta se adormecia
En brazos de Don Duardos,
Que bien le pertenecia.
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra muerte y amor
Nadie no tiene valía.

XXXI

A AMA

Bernardim-Ribeiro foi natural da villa do Torrão no Alemtejo, vivia por fins do XIV, principios do XV seculo; era moço fidalgo d'el-rei Dom Manuel e servia no paço, onde a belleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro 'Macias namorado.' Ainda não estava tam longe o tempo em que princezas e rainhas ouviam sem infado e acceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores. Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto: ha toda a razão de crer que foi ouvido com sympathia

e indulgencia. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo elle diz:

'Que para mais esperar
Nunca me deram logar.'

E ésta deve de ser a verdade; ou elle, de fino amante, no'la occultou: em qualquer dos casos devemos crê-lo sôbre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Saboia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520[1]; e em Agosto seguinte partiu para Italia. As 'Saudades'[2] do seu amante ficaram eternisadas no mysterioso livro que com esse titulo compôs. D'elle se extrahiu este romance, propriamente dito. Tudo aqui é contado e dito por um modo de enigmas e allegorias inteiramente inexplicaveis para quem ignorasse os mysteriosos amores do trovador e da princeza. Tam sincero — e amiude grosseiro a podêr de sincero — é o modo de dizer dos antigos menestreis, quanto

[1] Garcia de Resende, VIDA DA INFANTA, etc.
[2] SAUDADES DE BERNARDIM RIBEIRO. Lisboa 1785.

este é delicado por demais, e á força de o ser, obscuro.

O argumento simplissimo diz-se em poucas palavras. Beatriz está retirada em sua camera. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe ésta um 'cantar' a modo de 'soláo' em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O stylo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquelle perfume de bonina selvagem que só se incontra pelas devezas incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, ja se conhece arte no formar do ramalhete. Ja não são as notas desgarradas, e asperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonez que tiniam á dureza de ferro dos descendentes de Pelayo. Ja por aqui andam *modos* de trovador proençal. A melodia porêm ainda é puramente romantica; as harmonias é que presentem fórmas mais classicas. Vê-se o antigo toante do

romance peninsular cedendo á difficil e dura lei das complicadas rhymas proençaes. Ha mais ainda; ha uma perfeição no *número* dos rhytmos que adivinha ja as doçuras italianas. É o trovador do seculo xv dando a mão ao poeta do seculo xvi. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repitto, um legítimo soláo.

A AMA

Pençando-vos[1] estou, filha,
Vossa mãe me está lembrando;
Enchem-se-me os olhos d'agua,
N'ella vos estou lavando.

Nascestes, filha, entre mágoa;
Pera bem inda vos seja!
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outros eramos tristes.

[1] No sentido de dar o penço á criança; com a qual significação o verbo se deve escrever com ç e não com s.

Nada[1] em dor, em dor criada,
Não sei onde isto hade ir ter:
Vejo-vos, filha, fermosa,
Com olhos verdes crescer.

Não era ésta graça vossa
Pera nascer em destérro:
Mal haja a desaventura
Que pôs mais n'isto que o érro!

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e a mágoa a nós!
Não ereis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,
Nem se consentem rogar;
De vosso pae hei mor dó,
Que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós se eu não fôra:
Não sei se fiz mal se bem.

Mas não póde ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,

[1] Nascida.

Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.

Confôrto, mas duvidoso,
Me é este que tómo assi!
Deus vos dé melhor ventura
Do que tivestes téaqui.

A Dita e a Fermosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão [3] que é phantesia:
Eu, que vi tempos e annos,
Nenhuma coisa duvido
Como ella é azo de damnos [4].

Nem nenhum mal não é crido,
O bem so é esperado:
E na crença e na esperança,
Em ambas ha hi cuidado,
Em ambas ha hi mudança.

[3] Tem para si.
[4] De nenhuma coisa duvido, que seja azo de damnos.

XXXII

AVALOR

Este, que é verdadeiro romance na fórma assim como no stylo, parece ter sido feito á partida da infanta para Saboia, ou talvez por occasião da viagem que Bernardim-Ribeiro alli fez para a ver.

Fôsse como ou quando fôsse, elle é admiravel. Ha menos artificio metrico, não menos belleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O stylo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastissimas collecções castelhanas não ha nada tam bello de elegante simplicidade. Ja se vê que não faço a comparação no genero heroico ou historico; digo-o dos romances de amor e aventura.

AVALOR

Pela ribeira de um rio
Que leva as aguas ao mar,
Vai o triste de Avalor,
Não sabe se hade tornar.
As aguas levam seu bem,
Elle leva o seu pesar;
E so vai, sem companhia,
Que os seus fôra elle leixar;
[1] Ca quem não leva descanço
Descança em so caminhar.
Descontra d'onde ia a barca,
Se ia o sol a baixar;
Indo-se abaixando o sol,
Escurecia-se o ar;

[1] Que, pois que.

Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Da barca este cantar:
—'Que frias eram as aguas!
Quem as haverá de passar?'
Dos outros barcos respondem:
—'Quem as haverá de passar?'
Frias são as aguas, frias,
Ninguem n'as póde passar;
Senão quem pôs a vontade
Donde a não póde tirar.
[2] Tra'la barca lhe vão olhos
Quanto o dia dá logar:
Não durou muito, que o bem
Não póde muito durar.
Vendo o sol pôsto contr'elle[3],
Não teve mais que pensar;
Soltou redeas ao cavallo
Á beira do rio a andar.
A noite era callada
Pera mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.

[2] Trás a, após a.
[3] Defronte d'elle.

Querer contar suas mágoas
Seria areias contar;
Quanto mais ia alongando,
Se ia alongando o soar.
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi egualar;
Assi como ia a cavallo
Foi pela agua dentro entrar.
E dando um longo suspiro
Ouvia longe fallar:
Onde mágoas levam olhos,
Vão tambem corpo levar.
Mas indo assi por acêrto,
Foi c'um barco n'agua dar
Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou assi como ia, dentro,
E foi a amarra cortar:
A corrente e a maré
Acertaram-n'o a ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se podem achar:
Suspeitaram que foi morto,
Mas não é pera affirmar:
Que o imbarcou ventura,
Pera so isso aguardar.
Mas mais são as mágoas do mar
Do que se podem curar.

XXXIII

CUIDADO E DESEJO

Todo este soláo — e creio que propriamente este é tambem um verdadeiro soláo — todo elle é alegorico dos mysteriosos amores do 'poeta das saudades.'

Bernardim-Ribeiro vaga triste e solitario pelas margens de um rio escuro e cuberto de arvoredo. Apparece-lhe o seu *Cuidado* na figura de um velho incannecido que lhe mostra o seu fatal *Desejo* todo cuberto de dó; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o hade esquecer. Some-se a visão; e elle caminha rio abaixo, até dar 'antre uns medonhos penedos' (se será Cintra?) onde a *Phantasia* lhe apresenta sua triste *Lembrança* na figura de uma bella mulher de 'loiros cabellos e olhos verdes,'

cuberta de um negro manto. É Beatriz que elle ama, que o adora e que não póde ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bemaventurada; e de um 'alto oiteiro' lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lh'a tinham levado?)—'Bernardim-Ribeiro, olha onde estás.'

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quam baixo o tinha pôsto a sorte para se atrever a tanto.—O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a elle que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Saboia? Não vem inserto nas SAUDADES, como o antecedente, da Ama, e o subsequente de Avalor: por isso aqui pôs claro o seu nome de Bernardim-Ribeiro, que no mysterioso livro de cavallarias, ora se disfarça em anagrammas de suas proprias lettras, ora sob as de outros se desfigura, para confundir e inredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porém da infanta nem aqui, nem em

parte nenhuma o expôs a ser deciphrado pela mais remota inducção. N'este romance não ha nomes femininos; os que se incontram em tudo quanto escreveu, assim podem ser Maria, Antonia, como Joanna, etc. Em nenhum ha lettras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do stylo, é o mesmo da peça precedente. As bellezas são infinitas; nenhum poeta portuguez escreveu tanto com o sangue de seu coração.

CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira
Que vai pelo pé da serra,
Aonde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dor:
Ja era tarde do dia,
E a agua d'ella corria
Por antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso.

Ao ruido saudoso
Das aguas cantavam ellas:
Todalas minhas querellas
Se me puseram deante;
Alli morrer quizera ante
Que ver por onde passei.
Mas eu que digo — passei!
Antes inda heide passar,
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.

As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxera' ao pensamento
Que assim eram minhas mágoas,
D'onde sempre correm aguas
Por estes olhos mesquinhos,
Que têem abertos caminhos
Pelo meio do meu rosto.
E ja não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha.
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como,
D'onde eu certa crença tómo
Que, para me leixar, veio.

Mas, tendo-me assi alheio
De mi o que alli cuidava,
Da banda d'onde agua estava

Vi um homem todo cam[1],
Que lhe dava pelo cham
A barba e o cabello.
Ficando eu pasmado d'ello,
Olhando elle para mi,
Fallou-me e disse-me assi:
—'Tambem vai ésta agua ao Tejo.'

N'isto olhei, vi meu Desejo
Estar de trás triste e só,
Todo cuberto de dó,
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na bôcca posta ũa mão,
Como que a grande paixão,
Sua falla lhe tolhia.

E o velho que tudo via,
Vendo-me tambem chorar
Começou a assi fallar:
—'Eu mesmo são[2] teu Cuidado
Que n'outra terra criado,
N'esta primeiro nasci.
E ess'outro que está aqui
É o teu Desejo triste;
Que má hora o tu viste

[1] Incannecido, de cabello branco.
[2] Sou.

Pois nunca te esquecerá!
A terra e mar passará
Traspassando a mágoa a ti.'

Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao chôro;
Alli durante o fôro
Meus olhos tristes pagaram
De um bem só que elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram.
Nem o tive, nem m'o deram,
Nem o esperei somente:
De só ver fui tam contente,
Que pera mais esperar
Nunca me deram logar.

E n'aquisto, triste estando
Com os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'além,
Olhei e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
A cêrca de Montemór.

Com meus males de redor,
Da banda do meio-dia,
Alli minha Phantasia,
D'antre uns medrosos penedos,
Onde aves que fazem medos

De noite os dias vão ter,
Me sahiu a receber
Com ũa mulher pelo braço,
Que, ao parecer de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: — 'Vês, triste, aqui
A triste Lembrança tua.'
Minha vista então na sua
Pus, d'ella todo me enchi:
A prima coisa que vi
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão e vem!

Seus olhos verdes rasgados
De lagrymas carregados,
Logo em vendo-os, pareciam
Que de lagrymas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram, gran' tempo, paces [3]
Antre mi e meus cuidados.

Loiros cabellos ondados
Um negro manto cubria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver,
Como furtados, tirou,

[3] Pazes.

Depois em cheio me olhou.
Seus alvos peitos rasgando
Em voz alta se aqueixando,
Disse assi mui só sentida:
—'Pois que mor dor ha na vida
Para que houve ahi morrer?'
Callou-se sem mais dizer.
Eu de mi gemidos dando,
Fui-me para ella chorando
Para a haver de consolar...

N'isto pôs-se o sol ao mar,
E feze-se noite escura,
E disse mal á ventura
E à vida, que não morri...
E muito longe d'alli,
Ouvi de um alto oiteiro
Chamar: — 'Bernardim-Ribeiro!'
E dizer: — 'olha onde estás!'
Olhei de ante e de traz
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que a perdi
Nunca vi tam grande bem.
Porêm inda mal, porêm!

XXXIV

O CORDÃO DE OIRO

Não parece ésta uma d'aquellas *verdes* anecdotas que a prosa de Bocacio e os versos de Lafontaine immortalizaram? O stylo é menos licencioso, porque, sincera e nua ás vezes, comtudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hypocrisia que por maliciosa se cobre. Comtudo os dois ultimos versos são um verdadeiro remate de epigramma que faria honra a um poeta da eschola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portuguezes, só D. Francisco Manuel de Mello ou Nicolau Tolentino os faria tam naturaes e tam picantes ao mesmo tempo.

Assim a adivinhar, que é o unico modo de

entrar n'estes pontos, orço a data d'esta composição pelos tempos da guerra da acclamação, isto é, por meados do seculo XVII.

É ommisso nos romanceiros dos nossos vizinhos; e em Portugal não tenho noticia de que se incontre senão na tradição oral de Tras-os-Montes, onde achei tres cópias d'elle, uma mais completa que as outras: d'ellas se appurou o presente texto. As variantes quasi todas despreziveis.

O CORDÃO DE OIRO

Lá se vai o capitão
C'os seus soldados á guerra:
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva[1].
Se todos elles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa trás a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
—'Porque vais triste, soldado,
Essa paixão por quem era?'

[1] Duzentos quintados eram — TRAS-OS-MONTES.

—'Não é por pae nem por mãe,
Nem por irman que eu tivera[1],
É pela espôsa que deixo
Lá tam só na minha terra.
Este cordão de oiro fino,
Que sette arrateis bem pésa,
Mais me pésa a mim levá-lo,
Que ao partir lh'o não dera!'
—'Soldado, tens sette dias
Para que voltes a vê-la.
Se a incontrares chorando,
Ficas sette annos com ella:
Senão, nem mais uma hora
Terás de aguardo ou de espera.'
Quem saltava de contente
O meu soldado era.

Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettêra;
Inda não é meia-noite,
Á sua porta batêra.
—'Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa?'
—'É um soldado, senhora,
Que vos traz novas da guerra.'
—'Mal haja a nova que traz,
E mais quem veio trazê-la!

[1] Nem por minha irman mais velha — Traz-os-Montes.

Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado
Que a tam má hora aqui chega.'
—'Amigo, vindes errado
Co'as vossas novas da guerra:
Deixae-nos dormir em paz,
Que bem precisamos d'ella.'

Foi-se d'alli o soldado
Mais prompto do que viera:
—'Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sette dias de aguardo...
Nem sette horas carecêra
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomae lá meu capitão
Os mimos da minha terra;
Este cordão de oiro fino,
Que agora inda mais me pésa.
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantê-la.'
—'Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó d'ella!...'

XXXV

O CEGO

Ha duas balladas escriptas em dialecto escocez por elrei James V de Escocia, que ambas se parecem muito com ésta. Uma especialmente, *'The Gaberlunzie man,'* até no metro e nas fórmas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

The pauky auld carle come ovir the lee
Wi' mony good-eens and days to mee,
Saying: Goodwife, for zour courtesie,
Will ze lodge a silly poor man? [1]

O rei James, que morreu de trinta e tres annos, em 13 de Dezembro de 1542, era um joven rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que

[1] Percy's RELIQUES OF ANCIENT ENGLISH POETRY, Series II, book I, 10.

taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeas ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus proprios feitos, celebrava-os depois em gallantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do genero. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admittiu o bispo Percy na sua collecção, talvez tenha ainda mais merito de arte.

O *Gaberlunzie man* da real ballada é porém todo inteiro o *Cego* da nossa xácara, menos em certos incidentes que são mais poeticos e mais interessantes na composição portugueza.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarchia fallou de amores a uma donzella de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por accôrdo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se appresenta este por noite á porta da velha com sua caramunha. A mãe dorme; e Anninhas, que responde ao cego, parece fazêlo ou com ironia ou em pique de ciumes, e por nenhum modo lhe quer abrir 'porta ou postigo.'

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração da rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando ésta condoida lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. É a propria velha, coitada, a que diz á filha que lh'o va insinar. E assim fogem os dois, com a maior tranquillidade com que ainda fugiram amantes.

Note porêm a maestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquella tam perdoavel hypocrisia feminina, último protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vai fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vai. Senão quando, apparece um tropel de cavalleiros: é a comitiva do nosso rei incuberto, principe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigo! A cavallo e trotar largo! Ja o cego vê, ja a donzella sabe onde vai. E com este seu fino e malicioso ditto, conclue a trova:

Um cego me leva, e vejo o caminho!

Tal é o argumento da cantiga portugueza muito mais romanesco do que o das escocezas, pôsto que seja o mesmo o fundo da anecdota.

Não duvido suppor que talvez de Glasgow ou de Aberdeen trouxessem os nossos mareantes ésta historia, e de Vianna ou do Porto se internasse pelo Minho onde ella é mais vulgar. Não lh'o pagariamos so em vinho e frutta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias d'aquelle mesmo genero para lá temos exportado bastante.

A fórma metrica é a do romance de Sancta Iria. O texto foi restituido com difficuldade, porque ésta fórma se presta ainda mais á corrupção do que a outra, desafiando o prolifico talento dos nossos trovadores de aldea a bordar seus pretenciosos floripondios sôbre a singela telagarsa do original.

Vão por ementa, appontadas algumas variantes menos absurdas.

O CEGO

—'Abre a porta, Anna, abre de mansinho[1],
Que venho ferido, morto do caminho.'
—'Se vindes ferido, pobre coitadinho!
Ireis muito embora por outro caminho.'
—'Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tam cego venho, não vejo o caminho.'
—'Porta nem postigo não abro ao ceguinho,
Va-se na má hora pelo mau caminho.'
—'Ai do pobre cego que anda sosinho
Cantando e pedindo por esse caminho!'

Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho[2]
Como canta o cego que perdeu o caminho.'

[1] —'Abre a porta, Anna, abre o teu postigo,
Da-me um leoço, amores, que venho ferido.'
—'Se vindes ferido, vinde muito embora,
Porque minha porta não se abre agora.'—EXTREMADURA.

[2] —'Minha mãe acorde do doce dormir,
Venha ouvir o cego cantar e pedir.'— EXTREMADURA.

—'Se elle canta e pede, da-lhe pão e vinho;
E o pobre cego que va o seu caminho.'
—'O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Anninhas[3] me insine o caminho.'
—'Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho.'

—'Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.'
—'Anda mais, Anninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.'
—Ai! arreda, arreda para este altinho,
Que ahi véem cavalleiros por esse caminho.'
—'Se véem cavalleiros, véem de vagarinho,
Que ha muito me tardam por este caminho.'
A cavallaria passou de mansinho...
Cego, le meu cego ja via o caminho[4].
Montou-me a cavallo com muito carinho...
Um cego me leva... e vejo o caminho!

[3] Diminutivo minhoto de Anna.

[4] Este é um modo de dizer provinciano bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. 'Filho, lo [illegible]; madre, la mi' madre etc.' occorre em muitas cantig[illegible] romances e similhantes. São reliquias do antigo [illegible] nosso dialecto conservou tanto e mais do que o [illegible] o fineram os nossos vizinhos de Galliza. Tem[illegible] llos archaismos a poesia do povo, porque a [illegible] anto lhe repugnam.

XXXVI

LINDA-A-PASTORA

Quem desce Tejo abaixo, por ésta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belem, a sua tôrre não menos bella, entra no fashionavel Pedroiços e d'ahi segue ás praias do Dafundo até á Cruz-quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sitios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a principios de Novembro é que tudo alli corre, e que os banhos do mar povoam aquelles bellos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porêm o bom gôsto de resistir ao despotismo tarifeiro da moda, e se abalançar em Maio ou Junho a este largo passeio,

que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que hade ser pago de sua nobre ousadia. Não ha palavras que digam todas as bellezas d'aquella terra, d'aquelle ceo, d'aquellas aguas. Á esquerda o Tejo, os navios que entram e sahem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva juncto á beira d'agua, e logo pegada á salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce gulloso e largo á vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou á terra e cuja companha pucha ao longo da praia pela rede que arrasta os innumeraveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. Á direita nas eminencias, as ruinas pictorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto incastoado na verdura viçosa e florida da primavera que ainda não queimou o sol do estio. No fim do verão quando vai todo o mundo, ja não ha senão resteva nos campos, talos de hervas seccas nos montes, árvores sem folha, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Ja me eram familiares de annos aquelles sitios; mas posso dizer que os não conheci bem e como elles são devéras, senão quando, haverá hoje tres annos, alli fui um dia primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando á ribeira de Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d'ahi se extende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em deredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velejam centenares de moinhos. Árvores grandes e bellas, como rara vez se incontram n'esta provincia *dendroclasta*, rodeavam melancholicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodizio. E lá, em prespectiva, no fundo do quadro, uma aldea de Suissa com suas casinhas brancas, suas ruas em soccalcos, seu presbiterio ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiraes, jardinzitos quasi pen-

sis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difficil de incontrar tam perto de uma grande capital.

O logarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porque? Não sei. Tem-me jurado antiquarios de 'meia-tijella' que o seu nome verdadeiro é *Niña a Pastora*. Mas emquanto não achar algum de 'tijella inteira' que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em portuguez meio em castelhano, um aldeote de aopé de Lisboa — heide chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sitio por modo, que alli passei o verão todo; e d'alli fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi n'este proprio e appropriado sitio que a Sr.ª Francisca, lavadeira bem conhecida do logar, me deu a última e, ao parecer, mais correcta licção que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz elle o titulo de 'Pastorinha;' aqui era justo e natu-

ral que se lhe dêsse o de Linda-a-Pastora', que assentei conservar-lhe.

Na fórma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastourella do genero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto somente as principaes.

LINDA-A-PASTORA

—'Linda pastorinha, que fazeis aqui?'
—'Procuro o meu gado que por ahi perdi.'
—'Tam gentil senhora a guardar o gado!'
—'Senhor, ja nascemos para esse fado.'
—'Por éstas montanhas em tam grande p'rigo!
Diga-me, ó menina, se quer vir commigo.'
—'Um senhor tam guapo dar tam mau conselho[1]
Querer que se perca o gado alheio!'
—'Não tenha esse medo que o gado se perca[2]
Por aqui passarmos uma ora de sésta.'

[1] Não deve ser nobre quem dá tal conselho — MINHO, BEIRABAIXA.

[2] Eu não digo isso, que o gado se perca,
Mas que descancemos uma hora de sésta. — BEIRALTA, EXTREMADURA.

—'Tal razão como essa não n'a ouvirei[3]:
Ja dirão meus amos que de mais tardei.'
—'Diga-lhe, menina, que se demorou
Co'esta nuvem de agua que tudo molhou.'
—'Fallarei verdade, que mentir não sei:
Á volta do gado eu me descuidei.'
—'Pastorinha, escute, que oiço ballar gado...'
—'Serão as ovelhas que me tem faltado.'
—'Eu lh'as vou buscar ja muito depressa,
Mas que me espedace por essa charneca.'

—'Ai como vai grave de meias de seda!
Olhe não as rompa por essa resteva[4].'
—'Meias e sapatos[5], tudo romperei[6]
So por lhe dar gòsto, minha alma, meu bem.'
—'Ei-lo aqui vem: é todo o meu gado.'
—'Meu destino foi ser vosso criado.'
—'Senhor, va-se embora, não me dê mais pena,
—'Que hade vir meu amo trazer-me a merenda.'
—'Se vier seu amo, venha muito embora;
Diremos, menina, que cheguei agora.'
—'Senhor, va-se, va-se, não me dê tormento:
Ja não quero vê-lo nem por pensamento.'

[3] Que dirão meus amos em que me occupei — BEIRALTA.
[4] Por essas estevas — ALEMTEJO.
[5] Meias e vestido — RIBATEJO.
[6] Romperem — COIMBRA.

—'Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!
Fica-te, eu me vou pela serra fóra[7].'
—'Venha cá, Senhor, torne atrás correndo...
Que o amor é cego, ja me está rendendo.'
Sentaram-se á sombra... tudo estava ardendo...[8]
Quando ellas não querem, então 'stão querendo.

[7] Vai guardar teu gado pela serra fóra—BEIRALTA.

[8] Senta-te a ésta sombra que está o mundo ardendo.
—'Eu bem não queria, mas estou querendo.'
—'Calla-te, pastora, não digas mais nada,
Que a aposta que eu fiz ja está ganhada.'
—'Senhor, vou sentar-me não por má tenção.'
Pois sabe a verdade, que sou teu irmão.—BEIRALTA.
—'Sente-se a ésta sombra, passemos a sésta,
Ja pouco me importa que o gado se perca.'
Oh gente da casa, acudi ao gado,
Que foge a pastora c'o seu namorado.—MINHO.

XXXVII

O MARQUEZ DE MANTUA

Ei-lo que se apea de seu classico barbante em que tantos annos cavalgou, e despindo o papel-pardo em que o imbrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre 'Marquez de Mantua' tomar o seu logar entre os mais venerandos e antigos romances do cyclo de Carlos-Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: franceza ou provençal. Se foi a lingua *d'oeil* ou a lingua *d'oc* a primeira que fallou, não sei; quando atravessou os Pyreneus e veio para nós, certo que era ja familiar com ambas. Passou muito tempo em Hespanha por ser composição de Jeronymo Treviño[1]; hoje com razão se crê que o Tre-

[1] Pelicer, notas a DOM QUIXOTE.

viño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem dúvida o romance é muito mais antigo que isso; so da licção portugueza me parece que posso responder que é dos fins do XIV, principios — quando muito — do XV seculo. E todavia a fórma em que elle apparece em portuguez não creio que fosse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ella seja posterior á que teem os nossos vizinhos castelhanos em suas collecções[1]. Aqui é mais dramatico, lá mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragedia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos d'esta mesma fórma ha romances muito mais antigos do que os narrativos. As rúbricas de *aqui falla o marquez, agora diz o imperador* etc., não são indisputavel próva de que a composição fôsse para se representar theatralmente.

Sem profundar nenhuma d'estas questões, contento-me de sacar do lixo da 'feira-da-la-

[1] CANCIONEIRO DE ROMANCES; SILVA DE VARIOS ROMANCES; FLORESTA DE VARIOS; e ultimamente Duran, ROMANCERO GENERAL, ed. de 1849–51, tom. I, pag. 207.

dra,' ésta bella reliquia da nossa litteratura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente logar o nobre marquez de Mantua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos academicos de todas as academias reaes e não reaes d'este mundo.

O MARQUEZ DE MANTUA

Na caça andava perdido
De Mantua o velho marquez,
E no peito presentido
O coração traz de envez;
Mais, não sabe o succedido!
Farto ja de caminhar
Por tam fragosa montanha,
Cançado assim sem companha,
Sem ter onde repousar
N'essa terra tam extranha,
Vendo o mato tam cerrado,
Assentou de se apear
E o seu cavallo deixar
Porque estava de cançado
Que ja não podia andar:

FALLA O MARQUEZ

— Fortunosa caça é ésta
Que a fortuna me ha mostrado,
Poisque, por ser manifesta
Minha pena e gran' cuidado,
Me mostrou ésta floresta.
Nunca vi tam forte brenha
Desque me accordo de mi,
Eu creio que Margasi
Fez ésta serra Dardenha,
Estes campos de Methli.
Quero tocar a bosina
Por ver se algum me ouvirá;
Mas cuido que não será,
Porque minha gran' mofina
Commigo começou ja.
Todavia quero ver
Se mora alguem n'esta serra
Que me diga d'esta terra
Cuja é para saber;
Que quem pergunta não erra.
Agora vejo-me aqui
N'esta tam grande espessura,
Que nem eu me vejo a mi,
Nem sei de minha ventura,
Nem menos será cordura.

DIZ VALDEVINOS

— Oh Virgem minha senhora,
Madre do rei da verdade,

Por vossa gran' piedade
Sêde minha intercessora
Em tanta necessidade.
Oh summa regina pia,
Radiante luz phebea,
Custodia animæ meæ,
Pois está na terra fria
A alma de pezar chea,
Pois es amparo dos teus,
Consola os desconsolados,
Rainha dos altos ceos,
E roga a meu senhor Deos
Que perdoe meus peccados.

FALLA O MARQUEZ

—Não sei quem ouço gemer
E chorar de quando em quando:
Alguem deve de aqui estar...
Segundo se esta queixando,
Deve ter grande pezar.

FALLA VALDEVINOS

— Domine, memento mei,
Lembrae-vos de minha alma,
Pois que sois da glória rei,
Nascido da flor da palma,
Remedio de nossa lei.

DIZ O MARQUEZ

— Segundo d'elle se espera,
Aquelle home anda perdido,

Ou por ventura ferido
De alguma besta fera.
Quero ver este mysterio,
Que a falla me dá ousadia,
Porque dois em companhia
Terão grande refrigerio
Para qualquer agonia.

DIZ VALDEVINOS

— Oh minha espôsa e senhora,
Ja não tereis em podêr
Vosso espôso que assim chora,
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer.
Oh vida do meu viver,
Resplandecente narciso,
Gran' pena levo em saber
Que nunca vos heide ver
Até o dia do juizo.
Oh esperança por quem
Tinha victoria vencida!
Oh minha glória, meu bem,
Porque não partis tambem,
Poisque sois a minha vida?
Senão for vossa vontade
De haver de mim compaixão,
Mandae-me meu coração,
Minha fe e liberdade,
Que está em vossa prizão.

Madre minha muito amada,
Qu'é de o filho que paristes,
De quem ereis consolada?
Como se ha tornado nada
Quanta glória possuistes?
Ja me não vereis reinar,
Ja me não dareis conselho,
Nem eu o posso tomar;
Que quebrado é o espelho
Em que vos sabeis olhar.
Ja nunca me haveis de ver
Fazer justas e torneios,
Nem vestir nobres arreios,
Nem cavalleiros vencer,
Nem tomar bandos alheios.
Ja não tomareis prazer
Quando me virdes armado;
Ja vos não virão dizer
A fama de meu podêr,
Nem louvar-me de esforçado.
Oh valentes cavalleiros,
Reinaldos de Montalvão,
Oh esforçado Roldão,
Oh marquez Dom Oliveiros,
Dom Ricardo, Dom Dudão,
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,
Oh gran' duque de Milão,
Que é de vossa companhia?
Duque Maime de Baviera,

Que é de vosso Valdevinos?
Oh esforçado Guarinos,
Quem comsigo vos tivera!
Meu amigo Montesinhos,
Ja nunca mais vos verei;
Dom Alonso de Inglaterra,
Ja nunca acompanharei
O conde Dirlos na guerra.
Oh esforçado marquez
De Mantua, teu senhorio,
Ja não me porèis arnez,
Nem me vereis outra vez
Gozar vosso senhorio.
Já não quero o vosso estado,
Ja não quero ser pessoa,
Nem mandar, nem ter reinado;
Ja não quero ter coroa,
Nem quero ser venerado.
Oh Carlos imperador,
Senhor de mui alta sorte,
Como sentireis gran' dor
Sabendo da minha morte,
E quem d'ella é causador:
Bem sei, se sois informado
Do caso como passou,
Que serei mui bem vingado,
Ainda que me mattou
Vosso filho mui amado.
Oh principe D. Carloto,

Quem, sendo tam desegual,
Te moveu a fazer mal
Em um logar tam remoto
A teu amigo leal?
Alto Deus omnipotente,
Juiz direito sem par,
Sòbre ésta morte innocente
Justiça queirais mostrar,
Pois morro tam cruelmente.
Oh Madre de Deus benigno,
E fonte de piedade,
Arca da Sancta Trindade,
De donde o Verbo Divino
Trouxe sua humanidade,
Oh Sancta Domina mea,
Oh Virgem gratia plena
Em que a alma se recrea,
Dae remedio á minha pena,
Pois que morro em terra alhea.

FALLA O MARQUEZ

— Senhor, porque vos queixais?
Quem vos tratou de tal sorte,
E quem é o que tal morte
Vos deu, como publicais,
Que assás é ésta má sorte?
Não me negueis a verdade,
Contae-me vosso pezar,
Que vos prometto ajudar
Com toda a força e vontade.

DIZ VALDEVINOS

—Muito me agasta, amigo,
Certamente teu tardar,
Dize se trazes comtigo
Quem me haja de confessar?

DIZ O MARQUEZ

—Eu não sou quem vós cuidais:
Nunca comi vosso pão,
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram aonde estais
Mui movido a compaixão.
Dizei-me vossa agonia,
Que, se remedio tiver,
Eu vos prometto fazer
Com que tenhais alegria.

DIZ VALDEVINOS

—Meu senhor, muitas mercês
Por vossa boa vontade!
Bem creio que me fareis
Muito mais do que dizeis,
Segundo vossa bondade.
Mas minha dor é mortal,
Meu remedio so é morte,
Porque estou parado tal,
Que nunca homem mortal
Foi trattado de tal sorte.
Tenho, senhor, vinte e duas

Feridas todas mortais,
As intranhas rotas, nuas,
E passo penas tam cruas,
Que não poderão ser mais.
Ha-me morto á traição
O filho do imperador,
Carloto, a gran' sem razão,
Mostrando-me todo o amor,
Não o tendo no coração.
Muitas vezes requeria
Minha espôsa com maldade,
Mas ella não consentia
Pelo bem que me queria,
Por sua grande bondade.
Carloto com gran' pezar,
Como mais traidor que forte,
Ordenou de me matar,
Cuidando com minha morte
Com ella haver de casar.
Mattou-me com gran' falsia,
Tranzendo cinco comsigo,
Sem eu trazer mais commigo
Que um pagem por companhia.
A mim chamam Valdevinos,
Sou filho de elrei de Dacia,
E primo de elrei de Grecia,
E do forte Montesinos,
Que é herdeiro de Dalmacia.
Dona Hermelinda formosa

Minha madre natural,
Sibylla minha espôsa
De graças especial,
Mas com primores famosa.
Ésta nova contareis
Á triste de minha madre
Que em Mantua achareis,
E ao honrado marqueiz
Meu tio, irmão de meu padre:

FALLA O MARQUEZ

—Oh desestrado viver,
Oh amargosa ventura,
Oh ventura sem prazer,
Prazer cheio de tristura,
Tristura que não tem ser!
Oh desventurada sorte,
Oh sorte sem soffrimento,
Desemparado tormento,
Muito peior do que a morte,
Morte de desabrimento!
Oh meu sobrinho, meu bem,
Minha esperança perdida,
Oh gloria que me sustém,
Porque vos partís de quem
Sem vós não terá mais vida?
Oh desventurado velho,
Captivo sem liberdade!
Quem me póde dar conselho,

Pois perdido é o espelho
De minha gran' claridade!
Oh minha luz verdadeira,
Trevas do meu coração,
Penas de minha paixão,
Cuidado, que me marteira,
Tristeza de tal traição!
Porque não quereis fallar
A este marquez coitado,
Que tio sohieis chamar?
Fallae-me; sobrinho amado,
Não me façais rebentar.

DIZ VALDEVINOS

—Meu tormento tam molesto
Me faz não vos conhecer
Nem na falla, nem no gesto;
Nem intendo vosso dizer
Se não for mais manifesto.
Estou tão posto no fim,
Que não sei se sou alguem,
Nem menos conheço a mim;
Pois quem não conhece a sim,
Mal conhecerá ninguem.

DIZ O MARQUEZ

—Como não me conheceis,
Meu sobrinho Valdevinos?
Eu sou o triste marquez

Irmão de elrei Dom Salinos,
Que era o pae que vos fez.
Eu sou o marquez sem sorte,
Que devêra rebentar
Chorando a vossa morte,
Por com vida não ficar
N'este mundo sem deporte.
Oh triste mundo coitado,
Ninguem deve em ti fiar,
Pois es tam desventurado,
Que o que tens mais exaltado,
Mor quéda lhe fazes dar!

FALLA VALDEVINOS

—Perdoa-me, senhor tio,
A minha descortezia,
Que a minha grande agonia
Me pôs em tanto desvio,
Que ja vos não conhecia.
Não me queirais mais chorar;
Deveis de considerar
Que para isso é o mundo,
Que dobrais meu mal profundo.
Para bem é mal passar:
E bem sabeis que nascemos
Para ir a ésta jornada,
E que, quanto mais vivemos,
Maior offensa fazemos
A quem nos creou de nada.

Assim que, necessidade
Não tendes de me chorar,
Poisque Deus me quiz levar
No melhor de minha edade
Para mais me aproveitar.
Mas o que haveis de fazer,
É por minha alma rogar,
Porque o muito chorar
Á alma não dá prazer,
Mas antes mui gran' pezar.
Quero-vos incommendar
Minha espôsa e minha madre,
Poisque não tem outro padre
Que as haja de amparar,
Senão vós, como é verdade.
Mas o que me dá paixão
Em ésta triste partida,
É morrer sem confissão;
Mas se parto d'esta vida,
Deus receberá a tenção.

Vem o ermitão e o pagem.

DIZ O ERMITÃO

—A paz de Deus sempiterno
Seja comvosco, irmão!
Lembrae-vos de sua paixão
Que, por nos livrar do inferno,
Padeceu quanto a varão.

DIZ VALDEVINOS

—Com coisa mais não folgára
Do que vê-lo aqui chegado,
Padre de Deus enviado,
Que se um pouco mais tardára,
Não me achára n'este estado.

FALLA O PAGEM

—Oh que desestrada sorte,
Meu senhor Danes Ogeiro!
Olhae vosso escudo forte,
Olhae, senhor, vosso herdeiro,
Em que extremo o pôs a morte!
Oh desditoso caminho,
Caça de tanto pezar,
Que cuidando de caçar,
A morte a vosso sobrinho
Vieste, senhor, buscar.

DIZ O ERMITÃO

—A gran' pressa que trazia
Não me deu, senhor, logar
De conhecer nem fallar
A vossa gran' senhoria.
N'este êrro se ha culpa,
Peço-lhe d'ella perdão,
Ainda que a discrição
Sua me dará desculpa.

FALLA O MARQUEZ

—Rogae a Deus, padre honrado,
Que me queira dar paciencia;
Que o perdão é escusado,
Porque vossa diligencia
Vos não deixa ser culpado.

DIZ O ERMITÃO

—O filho de Deus enviado
Vos mande consolação!
E pois que aqui sou chegado,
Quero ouvir de confissão
Este ferido e angustiado.
Coisa é mui natural
A morte a toda a pessoa,
A todo o mundo em geral,
Poisque a nenhum perdoa.
Não a tenhamos por mais,
Porque o peccado de Adão
Foi tam fero e de tal sorte,
Que não só foi perdição:
Mas Deus, que é salvação,
Quiz tambem receber morte.
E por tanto, filho meu,
Não se deve de espantar
Da morte que Deus lhe deu;
Pois em provimento seu
Lh'a deu para o salvar
Lembre-lhe sua paixão:

Veja este mundo coitado,
E não o ingode o malvado,
Que não dá por galardão
Senão tristeza e cuidado.
Em quanto, filho, tem vida,
Chame a Madre de Deus,
Aquella que foi nascida
Sem peccado concebida,
E coroada nos ceos.
Ésta foi santificada
E visitada dos anjos,
E em corpo e alma levada
Á gloria, onde exaltada
Lá está sobre os archanjos.
Assim, que ao Redemptor
E a ésta Virgem sem par
Se hade, filho, incommendar
Depois que aos sanctos for
Sua vontade chamar.
As mãos levante aos ceus,
Faça confissão geral,
Confessando-se a Deus
E á Virgem celestial
E a todos os sanctos seus.

DIZ O MARQUEZ

—Oh bonancia abhorrecida,
Oh desestrada fortuna,
De prazeres gran' tribuna!

Porque não desemparais
A quem sois tam importuna?
Tristeza, desconfiança,
Porque não desesperais
A quem não tem confiança?
Contae-me, pagem Burlor,
O caso como passou,
Quem foi aquelle traidor
Que mattou vosso senhor,
Ou por que causa o matou

FALLA O PAGEM

—Seria mui mal contado
Se a sua gran' senhoria
Não contasse o que é passado.
Eu sei certo que faria
O que não é esperado
Contra quem me deu estado,
E ha feito tantas mercês
Que nunca meu pae me fez:
Que é meu senhor amado,
E mais vós, senhor marquez.
Estando pois em Paris
O filho do imperador,
Mandou chamar meu senhor
Nos passos da imperatriz:
Fallaram muito a sabor;
O que fallaram não sei,
Se não que logo n'essa hora,

E sem fazer mais demora,
Com quatro detraz de si
Foram da cidade fóra,
Armados secretamente,
Segundo depois ouvi.
Partimos todos d'ahi,
E Dom Carloto presente
Tambem armado outrosi.
E tanto que aqui chegaram,
N'este valle de pezar
Todos juntos se apearam
E fizeram-me ficar
C'os cavallos que deixaram.
E logo todos entraram
Em este esquivo logar,
Onde meu senhor mattaram,
E depois de o mattar,
Nos cavallos se tornaram.
Como eu os vi tornar,
Sentindo muito tal dor,
Temendo de lhe fallar,
Não ousei de perguntar
Onde estava meu senhor.
Vendo-os assim caminhar,
Porque nenhum me fallava,
Quiz a meu senhor buscar,
Porque o coração me dava
Sobresaltos de pezar.
Não o podia topar

Porque a grande espessura
E a noite medrosa, escura
Me fazia não o achar:
De que tinha gran' tristura.
Buscando-o com gran' paixão,
N'aquelle lugar remoto
O achei d'esta feição.
Disse-me como á traição
O mattára Dom Carloto.
Perguntei porque razão:
Triste, cheio de agonias,
Disse-me com afflicção:
—'Vai-me buscar confissão,
Ja se acabaram meus dias.'
Como taes novas ouvi,
Com grande tribulação
E pezar de vê-lo assi,
Me parti logo d'aqui
A buscar este ermitão.
Isto é, senhor, o que sei
D'este caso desastrado,
Quanto me ha perguntado:
Outra coisa não direi
Mais do que lhei contado.

DIZ O MARQUEZ

—Quando sua majestade
Justiça me não fizer
Com toda a rogaridade.

Á força de meu podêr
Cumprirei minha vontade.

DIZ O ERMITÃO

—Ja o senhor se ha confessado,
E fez actos de christão;
Morre com tal contricção,
Que eu estou maravilhàdo
De sua gran' discrição.
Muito não póde tardar,
Segundo n'elle senti.
Acabei de lhe fallar
Porque lhe quero rezar
Os psalmos d'elrei David.

FALLA VALDEVINOS

—Não tomeis, tio, pezar,
Que me parto de vos ver
Para nunca mais tornar,
Pois Deus me manda chamar
E não posso mais fazer.
Torno-vos a incommendar
Minha espôsa e minha mãe,
Que as queirais consolar
E ambas as amparar,
Poisque não têem mais a quem.

ORAÇÃO DE VALDEVINOS

—Em as tuas mãos, Senhor,
Incommendo meu espirito;

Poisque es Salvador meu,
Meu Deus e meu Redemptor,
Não me falte favor teu:
Pois, Senhor, me redemiste,
Como Deus, que es de verdade,
Senhor de toda a piedade,
Lembra-te d'esta alma triste
Cheia de toda a maldade.
Salve, Senhora benigna,
Madre de misericordia,
Pas de nossa gran' discordia,
Dos peccadores mezinha,
Vida doce e concordia,
Spes nostra, a ti invocamos,
Salva-nos da escura treva.
A ti, Senhora, chamamos
Desterrados filhos de Eva,
A ti virgem, suspiramos,
A ti gemendo e chorando
Em aqueste lagrymoso
Valle sem nenhum repouso,
Sempre, Virge', a ti chamamos,
Que es nosso prazer e gôso.
Ora pois, nossa advogada,
Amparo da christandade,
Volve os olhos de piedade
A mim, Virgem consagrada,
Poisque es nossa liberdade.
Dá-me, Senhora, virtude

Contra todos meus imigos;
Poisque es nossa saúde,
Eu te rogo que me ajudes
Nos temores e perigos:
Roga tu por mim, Senhora,
Oh Sancta Madre de Deus,
A quem a minha alma adóra,
Pois es rainha dos ceus
E dos anjos superiora.

Aqui expira Valdevinos e

DIZ O MARQUEZ

—Oh triste velho coitado,
Oh cans cheias de tristura!
Oh doloroso cuidado,
Oh cuidado sem ventura,
Sem ventura desestrado!
Quebrem-se minhas intranhas,
Rompa-se meu coração
Com minha tribulação.
Chorem todas as campinas
Minha grande perdição,
Scureça-se o sol com dó,
Caiam estrellas do ceu,
As trévas de Faraó
Venham ja sôbre mim só.
Pois minha luz se perdeu
Na luz de mui claro dia,
Claridade sem clareza,

Minha doce companhia,
Ondé está vossa alegria,
Que me deixa tal tristeza?
Oh velhice desestrada,
Sem gloria e sem prazer,
Para que me deixais ser,
Pois que sendo, não sou nada,
Nem desejo de viver?
Porque não vens, padecer;
Porque não vindes, tormentos;
Paraque são soffrimentos
A quem os não quer ja ter,
Nem busca contentamentos?
Paraque quero razão,
Paraque quero prudencia,
Nem saber, nem discrição?
Paraque é paciencia,
Pois perdi consolação?

DIZ O PAGEM

—Oh meu senhor muito amado,
Porque vos tornastes pó?
Porque me deixastes só
Em este mundo coitado
Com tanta tristeza e dó?
Levareis-me em companhia,
Pois sempre vos tive, vivo.
Oh minha grande alegria,
Porque me deixais captivo,

Mettido em tanta agonia?
Meu senhor, minha alegria,
Dizei, porque nos deixais
Com tanta pena notoria?
Lembrai-vos, tende memoria
De quantos desemparais.
Oh sem ventura Burlor!
De quem serás amparado,
De quem terás o favor
Que tinhas de teu senhor,
Poisque ja te ha faltado?

FALLA O ERMITÃO

—Não tomeis, filho, pezar,
Pois claramente sabeis
Que pelo muito chorar
Não cobrais o que perdeis.
Deveis, filho, de cuidar
Que nossa vida é um vento
Tam ligeiro de passar,
Que passa em um momento
Por nós assim como o ar.
Quem viu o senhor infante,
Tam pouco ha, fazer guerra,
E ser n'ella tam possante,
E agora em um instante
Ser tornado escura terra,
Diria com gran' razão
Que este mundo coitado

Não dá outro galardão,
Senão tristeza e paixão,
Com a vós outros foi dado.
Olhae a elrei Salomão
O galardão que deu;
A Amon e Absalão,
E ao valente Sansão,
E ao forte Macabeu.
Em a Sacra Escritura
Muitos mais podia achar
Se os quizesse contar;
Mas vossa grande cordura
Supprirá donde faltar.
E poisque não tem ja cura
O mal feito e o passado,
Cesse a vossa tristura,
E demos á sepultura
Este corpo ja finado.
Levemo-lo onde convém
Para que seja interrado;
E póde bem ser guardado
N'aquella ermida que vêem
Até ser imbalsemado.

Aqui levam a Valdevinos á ermida. E entra o imperador, o conde Ganalão, e

DIZ O IMPERADOR

—Certo, conde Ganalão,
Muito gran' perda perdemos.

Péza-me no coração,
Porque na côrte não temos
Reinaldos de Montalvão,
Nem o conde Dom Roldão.
Nem o marquez Oliveiros,
Nem o duque de Milão,
Nem o infante Gaifeiros,
Nem o forte Meredião.

DIZ GANALÃO

—Muito alto imperador,
Muito estou maravilhado
Porque mostrais tal favor
A quem vos ha deshonrado
Com tanta ira e rigor,
Que, chamando-se Almansor,
Com o seu rosto mudado
Aquelle falso traidor
Com mui grande deshonor
Quiz deshonrar vosso estado:
Porqué, senhor, não sentis
Que este malvado ladrão
Vos prendeu de sua mão
Tomando-vos a París
Com muito grande traição?
Pondo-vos em Montalvão
Apezar do vosso imperio,
Onde com gran' vituperio
Estivestes em prizão,
Sem ter nenhum refrigerio?

FALLA O IMPERADOR

—Verdade é isso, cunhado:
Porém deveis de saber
Que em Reinaldos me prender
Eu mesmo sou o culpado:
Isto bem o podeis crer.
Se então me quiz offender
Não é muita maravilha,
Pois ja me quiz guarnecer
Mattando elrei Carmeser,
Que me trouxe a sua filha.

DIZ GANALÃO

—Vossa real majestade
Dirá tudo o que quizer,
Mas eu espero a Beltrão...
Que se conheça a maldade
De quem se hade conhecer.

Aqui se vai Ganalão; e vêem dois embaixadores mandados pelo marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão e duque Amão: e virão vestidos de dó: e

DIZ BELTRÃO

—Gran' Cesar Octaviano,
Magno, augusto, forte rei,
Grande imperador romano,
Amparo da nossa lei,
Poderosa majestade,
Senhor de toda a Magança,

Da Gascunha e da França,
Gran' patrão da christandade,
Esteio de segurança!
Pois sois senhor dos senhores,
Imperador dos christãos,
Somos vossos servidores,
Amigos leaes e sãos.

DIZ O IMPERADOR

—Eu me espanto, Dom Beltrão,
De vos ver d'aquella sorte,
E a vós, forte duque Amão:
Não é ésta disposição
E trajo da nossa côrte.

FALLA O DUQUE

—Muito mais será espantado
De nossa triste embaixada,
E do caso desestrado
O qual lhe será contado,
Se seguro nos é dado.

DIZ O IMPERADOR

—Bem o podeis explicar
Sem ter medo nem temor.
Para que é assegurar?
Pois sabeis que o embaixador
Tem licença de fallar.

DIZ O DUQUE Á EMBAIXADA

—Quiz, senhor, nossa mofina
Que o infante Valdevinos,
Primo do forte Guarinos,
Filho da linda Hermelinda
E do grande rei Salinos,
Fôsse morto á traição
Na floresta sem ventura.
A tam grande desventura
Haverá quem não procure
De vingar tal perdição?

FALLA O IMPERADOR

—É certa tam gran' maldade,
Que o sobrinho do marquez
É morto, como dizeis?

DIZ O DUQUE

—Pela maior falsidade
Que nunca ninguem tal fez.

DIZ O IMPERADOR

—Este caso é desestrado:
Saibamos como passou
E quem tam mau feito obrou:
Que o que tal senhor mattou,
Merece bem castigado.

FALLA O DUQUE

—Saiba vossa majestade
Que dez dias póde haver

Que o marquez foi á cidade
De Mantua com gran' vontade
Á caça que sohe fazer.
Andando assim a caçar,
Da companhia perdido
Foi por ventura topar
Com seu sobrinho ferido
Quasi a ponto de expirar.
Bem póde considerar
O gran' pezar que teria
De se ver sem companhia,
E a morrer em tal logar
A coisa que mais queria.
Perguntando a razão,
Sendo d'ella mui ignoto,
Disse com grande paixão
Que o mattára á traição
Vosso filho Dom Carloto.
A causa que o moveu
Dar morte tam dolorosa
A tam grande amigo seu,
Não foi outra, senhor meu,
Salvo tomar-lhe a espôsa.
Mattou-o á falsa fe,
Indo muito bem armado,
Com quatro homens de pé.
Quem matta tam sem porqué
Merece bem castigado.
O marquez Danes Ogeiro

Lhe manda pedir, senhor,
Justiça mui por inteiro:
Que ainda que perca herdeiro,
Elle perde successor.

DIZ DOM BELTRÃO

—Não deve deixar passar
Tam gran' mal sem o prover,
Porque deve de cuidar
Se seu filho nos mattar,
Quem nos deve defender?
E mais lhe faço saber
Porque esteja apparelhado,
Se justiça não fizer,
Que o marquez tem jurado
De por armas a fazer.
O mui valente e temido
Reinaldo de Montalvão
Entre todos escolhido
Está bem apercebido
Como geral capitão.
Dom Chrisão e Aguilante
Com o forte Dom Guarinos,
E o valente Montesinos,
Primo do morto infante,
Primo de elrei Dom Salinos,
E o mui grande rei Jaião,
De Dom Reinaldos cunhado,
E o esforçado Dudão,
E o gran' duque de Milão,

E Dom Richarte esforçado,
O marquez Dom Oliveiros,
E o famoso Durandarte,
E o infante Dom Gaifeiros,
E o mui forte Ricardo,
E outros fortes cavalleiros,
Todos téem boa vontade
De ajudar ao marquez
Em essa necessidade;
Porque foi gran' crueldade
A que vosso filho fez.
Evitae, senhor, tal damno,
Pois que sois juiz sem par;
Não vos mostreis inhumano,
Acordae-vos de Trajano
Em a justiça guardar.
Assim que, alto, esclarecido,
Poderoso sem egual,
O que fez tam grande mal
Bem merece ser punido
Por seu mandado imperial.
E pois, senhor, hei proposto
A causa porque viemos,
E sabeis o que queremos,
Mandae-nos dar a resposta
Com que ao marquez tornemos.

DIZ O IMPERADOR:

—Oh poderoso Senhor,
Que grande é o vosso mysterio!

Pois para meu vituperio
Me deste tal successor
Que deshonrasse este imperio.
Se o que dizeis é verdade,
Como creio que será,
Nunca rei na christandade
Fez tam grande crueldade
Como por mim se verá.
Por minha coroa juro
De cumprir e de mandar
Tudo que digo e procuro:
Ao marquez podeis dizer
Que elle póde vir seguro;
E todos quantos tiver,
Venham de guerra ou de paz,
Assim como elle quizer:
E pois que justiça quer,
Com ella muito me praz.

ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ.

—Bem sei que com gran' paixão
Está vossa majestade
Pela falsa informação
Que de mim, contra razão,
Deram com gran' falsidade.
Porque um filho de tal home
E tão grande geração
Não deve sujar seu nome
Em caso tal de traição.

Por vida de minha madre,
Que se tam gran' deshonor
Não castigar com rigor,
Que me será cruel padre,
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

—Não vos queirais desculpar
Pois que tendes tanta culpa,
Que se o mundo vos desculpa,
Não vos heide eu desculpar.
E portanto mando logo
Que estejais posto a recado,
Até ser determinado,
Por conselho do meu povo,
Se sois livre ou condemnado.
Mando que sejais levado
Á minha gran' fortaleza,
E que lá sejais guardado
De cem homens do estado,
Até saber a certeza.

FALLA DOM CARLOTO

—E como, senhor, não quer
Vossa real majestade
Saber primeiro a verdade,
Senão mandar-me prender
Por tam grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

—Não vos quero mais ouvir.
Levem-no logo á prizão

Onde eu o mando ir;
Porque tam grande traição
Não é para consentir.
Vós outros podeis tornar,
E contar-lhe o que é passado
A quem vos cá quiz mandar;
Que o seguro que lhe hei dado,
Eu o torno a affirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

—Eu muito me maravilho
De vossa grande bondade:
Que sem razão nem verdade
Trattais assim vosso filho
Com tam grande crueldade.
Olhe vossa majestade
Que é herdeiro principal,
E que toda a christandade
Lh'o hade ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

—A mim, senhora, convem
Ser contra toda a traição:
E se vosso filho a tem,
Castiga-lo-hei muito bem:
E essa é minha tenção.
E mais eu vos certifico
Que com direito e rigor
Heide castigar o iniquo,

Ora seja pobre ou ricco,
Ou servo ou gran' senhor.

FALLA A IMPERATRIZ

—Como quer vossa grandeza
Infamar o nosso estado
Sem causa, com tal crueza?

DIZ O IMPERADOR

—Quem me cá mandou recado
Não foi senão com certeza.

DIZ A IMPERATRIZ

—Por tal recado, senhor,
Quereis tratar de tal sorte
Vosso filho e successor,
Que depois de vossa morte
Hade ser imperador?

FALLA O IMPERADOR

Em eu o mandar prender
Não cuideis que o maltratto.
Mas se elle o merecer,
Eu espero de fazer
A justiça do Troquato;
Porque pae tam poderoso,
Sendo de tantos caudilho,
Senão for tam rigoroso,
Nem elle será bom filho,

Nem será rei justiçoso.
Que agora, mal peccado!
Nenhum rei nem julgador
Faz justiça do maior;
Mas antes é desprezado
O pequeno com rigor.
Todo o mundo é affeição;
Julgam com rara remissa
O nobre que, sem razão
Alguma, tem opinião
    lhe tocar a justiça...
Que conta posso eu dar
Ao Senhor dos altos ceos,
Se a meu filho não julgar
Como outro qualquer dos meus?
Assim que escusado é
Buscar este intercessor;
Porque Deos de Nazaré
Não me fez tam gran' senhor
Para minha alma perder.

DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!
Para que quero viver,
Poisque sempre heide ser
Do meu filho tam penada
Como uma triste mulher?
Pois tão triste heide ser
Por meu filho muito amado,

Nunca tomarei prazer,
Senão tristeza e cuidado.

DIZ O IMPERADOR

—Não façais tantos extremos,
Pois dizeis que tem desculpa,
Que antes que sentença dêmos.
Primeiro todos veremos
Se tem culpa ou não tem culpa.
Mostrae maior soffrimento,
Que o caso é desestrado;
E i-vos a vosso aposento,
Que elle não será culpado.

Aqui se vai a imperatriz; e vem a mãe e espôsa de Valdevinos. e

DIZ A MÃE

—Oh coração lastimado,
Mais triste que a noite escura!
Oh dolorosa tristura,
Cuidado desesperado
E fortunosa ventura!
Oh vida da minha vida,
Alma d'este corpo meu!
Oh desditosa perdida,
Oh sem ventura nascida,
A mais que nunca naceu!
Oh filho meu muito amado,
Minha doce companhia,
Meu prazer, minha alegria,

Minha tristeza e cuidado,
Minha sab'rosa lembrança,
Que serei eu sem vos ver?
Filho da minha alegria,
Oh meu descanço e prazer,
Porque me deixais viver
Vida com tanta agonia?
Adonde vos acharei,
Consôlo de meu pezar?
Onde vos irei buscar,
Poisque perdido vos hei
Para jamais vos cobrar?
Filho d'esta alma mesquinha,
Dos meus olhos claridade,
Onde estais, minha mezinha.
Filho de minha saudade,
Meu prazer e vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SYBILLA

—Que é de vós, meu coração,
Que é da minha liberdade,
Espelho da christandade,
Quem vos mattou sem razão
Com tão grande crueldade?
Quem vos apartou de mim,
Meu querido e meu espôso?
Oh meu prazer saudoso,
Porque me deixais assim
Com cuidado mui penoso?

Oh minha triste saudade,
Oh meu espôso e senhor,
Minha alegria e vontade,
Escudo da christandade,
Das tristes consolador!
Que farei pobre coitada,
Mais que nenhuma nascida?
Miseravel, angustiada,
Para que quero ter vida,
Pois minha alma é apartada?
Oh fortuna variavel,
Triste, cruel, mattadora,
De prazeres roubadora,
Inimiga perduravel,
Matta-me se que's agora.

DIZ HERMENEGILDA AO IMPERADOR

—Se vossa gran' majestade
Não der castigo direito
A quem tanto mal lha feito,
Nem sustentar a verdade,
Não será juiz perfeito.
Não olhe vossa grandeza
Sua madre dolorosa,
Nem sua tanta tristeza;
Mas olhe tam gran' princeza
Com ésta sua espôsa.

FALLA O IMPERADOR

—Faz-me tanto intristecer
Este tam gran' vituperio,

Que mais quizera perder
Junctamente meu imperio,
Que tal meu filho fazer.
Mas se a verdade assim é,
Como ja sou informado,
Que tal castigo lhe dê
Que seja bem castigado.

DIZ SYBILLA

—Seja justiça guardada
A ésta orphã sem marido.
Viuva desamparada,
Tam triste e desconsolada
Mais que quantas têem nascido.
Olhae, senhor, tam gran' mal
Como vosso filho ha feito,
E não queirais ter respeito
Ao amor paternal,
Poisque não é por direito.

FALLA O IMPERADOR

—Senhora, não duvideis,
Que eu farei o que hei jurado,
Se é verdade o que dizeis,
Porque cumpre a meu estado
De fazer o que quereis:
Que mais quero ter commigo
Fama de regoridade,
Que deixar de ter castigo,
Quem commetteu tal maldade.

Para que é ser caudilho
De tanto povo e tam grado,
E imperador chamado,
Se não julgasse meu filho
Como qualquer estragado?
Não cuidem duques nem reis
Que, por meu herdeiro ser,
Que por isso hade viver:
Que aquelle que faz as leis
É obrigado a as manter.
Assim que, por bem querer,
Amizade nem respeito,
Como agora sohem fazer,
Não heide negar direito
A quem direito tiver.
E bem vos podeis tornar,
Fazei certo o que dissestes
E não tomeis tal pezar,
Porque o bem que ja perdestes
Não o cobrais com chorar.

DIZ HERMELINDA

—Senhor, nós outras nos pomos
Em mãos da vossa grandeza:
Olhae bem, senhor, quem somos,
E de que linhagem fomos,
Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SYBILA

—Olhae os serviços dinos
Que tanto tempo vos fez

Meu espôso Valdevinos,
Tambem seu tio marquez,
E como foram continos.

Aqui se vai Hermelinda e Sybila; e virá Reinaldos com uma carta que tomaram a um pagem de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

—O summo rei dos senhores,
Que morreu crucificado
Em podêr dos pharizeos,
Accrescente vosso estado
E vos livre de traidores.

FALLA O IMPERADOR

—Mui valente e esforçado
Reinaldos de Montalvão,
Vós sejais tam bem chegado
Como a sombra no verão.
Muito estou maravilhado,
Invencivel e mui forte,
De ver-vos assim armado,
Sabendo que em minha côrte
Nunca fostes maltratado.

FALLA REINALDOS

—Senhor, não seja espantado
De ver-me assim d'esta sorte,
Porque com todo o cuidado
Ganalão, vosso cunhado,

Sempre me procura a morte.
Bem sabeis que sem razão,
Com vontade mui maligna,
Fez mattar com gran' traição
A Tiranes e Erocina,
E ao feito Salião,
E a mim ja quiz mattar
Muitas vezes com maldade;
E para mais me damar,
Fez á sua majestade
Mil vezes me desterrar.
O grande mal que me quer
De todo o mundo é sabido,
E por isso quiz traser
Armas para offender,
Antes que ser offendido.
Mas deixando isto assim
Guardado p'ra seu logar,
Onde se hade vingar,
Vos quero, senhor, contar.
Notorio a todo o christão
É o pezar lastimoso
Do marquez Danes Ogeiro,
Que tem, com justa razão,
Pela morte do herdeiro.
N'esta nobre côrte estão
Muitos mui nobres senhores,
Que sabem que Dom Beltrão,
E o nobre duque Amão

Foram seus embaixadores:
Tambem este é sabedor
Das respostas que lhe destes,
E mais de como prendestes
Vosso filho successor.
Do qual está mui contente
De te-lo pôsto em prizão;
E tem mui grande razão,
Porque na carta presente,
A qual fez de sua mão,
Confessa toda a traição.
E um pagem a levava
Para o conde Dom Roldão,
Que na cidade de Buava
Faz a sua habitação.
E como não ha falsia
Que se possa esconder,
Tinha o marquez espia,
Porque queria saber
O que Dom Roldão faria.
Esse pagem imbuçado,
Sem suspeita e sem revez,
Ia mui determinado:
Onde logo foi tomado
E levado ao marquez.
Lendo a carta Dom Guarinos,
N'ella contava a tenção
Porque o mattára á traição.
Isto é, senhor, a verdade,

E o que vos manda dizer:
Se o que digo é falsidade,
(Que por isso a quiz trazer)
A lettra é bom conhecer,
Que é este o seu signal.
Pois, quem fez tam grande mal
Bem merece padecer
Morte justa corporal.

DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,
Não se ha mister mais provar,
Nem mais certeza fazer,
Senão logo executar
A pena que merecer.
E portanto, sem deter,
Lea-se publicamente
Ante ésta nobre gente;
Porque todos possam ver
Vossa verdade evidente.

CARTA DE DOM CARLOTO A DOM ROLDÃO

Caudilho de gran' podêr,
Capitão da christandade,
Ésta vos quiz escrever,
Para vos fazer saber
Minha gran' necessidade.
Porque o verdadeiro amigo
Hade ser no coração,

Assim como fiel irmão,
E não hade temer p'rigo
Por salvar quem tem razão.
Porque sabereis, senhor,
Que me sinto mui culpado,
Como quem foi mattador;
E temo ser condemnado
De meu padre imperador.
Eu confesso que pequei,
Pois com vontade damnosa
A Valdevinos mattei.
Amor me fez com que errei,
E o primor de sua esposa.
O imperador, meu padre,
Me mandou prêso guardar,
E nunca quiz attentar,
Os rogos de minha madre.
A ninguem quer escutar,
E o marquez tem jurado
De não vestir nem calçar,
Nem entrar em povoado,
Até me ver justiçar.
Tenho por accusadores,
Reinaldos de Montalvão,
E seu padre o duque Amão
E muitos grandes senhores;
O gran' duque de Milão
Com o forte Montesinos,
Que é primo de Valdevinos.

Assim que todos me são
Accusadores continuos.
Pois tantos contra mim são,
Eu vos rogo, como amigo,
Que vós queirais ser commigo;
Porque, tendo Dom Roldão,
Não temo nenhum perigo.

DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,
Façamos o que devemos.
Pois o signal conhecemos,
E pois vemos que confessa,
De mais próva não curemos,
Nem vós façais mais detença.
E, pois ja tendes licença,
Podeis dizer ao marquez
Que venha ouvir a sentença.

Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a imperatriz vestida de dó,

DIZ O IMPERADOR

Senhora, ja não dirão
Que fui eu mal informado,
Nem que o prendo sem rasão,
Pois por sua confissão
Vosso filho é condemnado.
Vêdes a carta presente,
Que foi feita da sua mão
Para o conde Dom Roldão:

A qual muito largamente
Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho
Do que, senhor, me ha contado;
Mas, pois elle ha confessado,
Melhor é morrer o filho
Que deshonrar o estado.
Mas a dor do coração
Sempre me hade ficar...
Peço-lhe com affeição
Que lhe busque salvação
E que o queira escutar.

DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o successor
Padeça morte sentida,
Que ficar o pae traidor:
Que será trocar honor,
Pela deshonra nascida.
Tambem eu padeço dor,
Tambem eu sinto paixão,
Tambem eu lhe tenho amor...
Mas antes quero razão,
Que amizade sem favor.

DIZ A IMPERATRIZ

Poisque não póde escapar,
Eu não consinto nem quero

Que vós o hajais de julgar,
Porque vos podem chamar
Muito mais peior que Nero.

DIZ O IMPERADOR

Não vivais em tal ingano,
Que tambem foram caudilhos
O gran' Trocato, o Trajano;
E quizeram, com gran' damno,
Ambos justiçar seus filhos.
Pois que menos farei eu,
Tendo tam grande estado?
Quem é com razão culpado
Em maior caso que o seu?
E portanto eu vos rogo
Que não tomeis tal pezar,
Porque com vos enojar
Dá-se gran' tristeza ao povo.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu cumprirei seu mandado,
Porque vejo que é razão;
Mas sempre meu coração
Terá tristeza e cuidado
E grande tribulação.

Aqui se vai a imperatriz: e vem o marquez de Mantua
vestido de dó, e

DIZ O MARQUEZ

Bem parece, alto senhor,
Que vos fez Deus sem segundo,

E de todos superior,
Dos maiores o melhor.
Rei e monarcha do mundo.
Porque vós, senhor, sois tal,
Que com razão e verdade
Sustentais a christandade
Em justiça universal.
A qual para salvação
Vos é muito necessaria,
Porque convem ao christão
Que use mais de razão
Que de affeição voluntaria:
Como faz vossa grandeza
Com seu filho successor.
Assim que, digo, senhor,
Que estima mais a nobreza
Que amizade nem favor.

FALLA O IMPERADOR

Não curemos de fallar
Em coisa tam conhecida;
Porque n'esta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna e comprida.
Para sentir gran' pezar
Vós tendes razão infinda,
E tambem de vos vingar,
Pois foi justa vossa vinda.
Bem vimos vossa embaixada,

E a causa d'ella proposta
Foi de nós mui bem olhada,
E não menos foi mandada
Mui convencivel resposta.
E vimos vossa tenção,
E soubemos vosso voto,
E vemos tendes razão
Pela grande informação
Do principe Dom Carloto.
E vimos a confissão
De Dom Carloto tambem,
E soubemos a traição,
Como na carta contém,
Que mandava a Dom Roldão.
De tudo certificado,
Eu condemno a Dom Carloto
Em tudo o que hei mandado.

VEM UM PAGEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,
Está tam amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem cor,
Nem nenhum signal de vida.
Nenhum remedio lhe vem;
Está n'esse padecer
Sem lhe podermos valer:
E, segundo d'ella cremos,
Mui pouco hade viver.

DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho
De sua gran' discrição;
Mais sinto sua paixão,
Que a morte de meu filho...
Não te quero mais dizer,
Quero-a ir consolar,
Pois tanto lhe faz mister.
Não sei porque é enojar
Por se justiça fazer!

Aqui se vai o imperador; e virá Reinaldos com o algoz, o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e

DIZ REINALDOS

Jagora, senhor marquez,
Vos podeis chamar vingado,
Porque assás é castigado
O que tanto mal vos fez,
Poisque morreu degollado.
Fazei por vos alegrar,
Dae graças ao Redemptor,
Pois assim vos quiz vingar,
Sem nenhum de nós p'rigar
E com mais vosso valor.

APPENDICE

Como natural appendice e illustração aos dois precedentes livros, transcreverei aqui a traducção ingleza de alguns romances do primeiro, que o meu amigo Sir John Adamson publicou no segundo volume da sua LUSITANIA ILLUSTRATA[1].

E approveito ésta occasião para agradecer publicamente ao illustre biographo de Camões a distincta honra que me fez associando o meu humilde nome ao do mais célebre homem d'estado de Portugal, o lamentado Duque de Palmella, quando nos dedicou os dois primeiros volumes d'aquella sua estimada collecção.

[1] LUSITANIA ILLUSTRATA, Part the second. Newcastle-upon-Tyne, 1846.

A versão ingleza tem o raro merecimento de ser em extremo fiel e quasi litteral, sacrificando muitas vezes a propria elegancia da linguagem á exacção do pensamento e até da propria phrase.

THE NIGHT OF ST. JOHN

'Night reigns o'er Earth and Air—
O St. John, my St. John,
Ere fated hour speed on,
Hear thou my prayer!

Hear me thou, blessed Saint!
Christian Saint, hear my prayer,
Tho' my faith Moslem were,
Thine without taint.

Far from Mohammed gone,
Alkoran nought to me,
I bow my heart to thee,
Saint of Dom John!

As I consume this plant
  In the fire made to thee,
  Love glows anew in me—
    Hear my heart pant!

As burns this plant on floor
  In the fire lit for thee,
  So let the black beard be
    Of threatening Moor!

As burns the kindling light
  This thy devoted flow'r,
  So may Love's genial pow'r
    Kindle my knight!

From height of heav'n amain
  Scatter the garlands gay
  That in this Love spell may
    Spring forth again—

Marvellous falling dews
  That cure Love's burning grief,
  My Saint! their cool relief
    Do not refuse!

Saint! whom soft pitie's move,
  O St. John, my St. John,
  'Ere glide this blest night on
    Bring me my love!'

No more the fire you see—
    Hush'd is the gushing pray'r
    Yet still the maiden there
        Bends on the knee.

Upraised her anxious eye
    While throbs the glowing breast
    Where Faith and Meekness rest
        With Purity.

Kindly the Saint look'd on,
    And by his fav'ring aid
    Blooms now that happy maid
        Bride of Dom John!

ROSALINDA

It was the early morn of May Day,
  When the song birds wake the grove,
And teeming trees and opening flowers
  Own the glow of kindling love;

It was the early morn of May Day,
  On the fresh bank of the wave
Sat the Infanta Rosalinda
  Bent her flowing locks to lave.

Flowers they bring her red and rosy,
  Flowers they bring her virgin white—
But on a blossom soft as she is
  Questing eye may never light.

Softer far is Rosalinda
  Than the rose that decks the thorn—
Purer than the purest lily
  That opes to weep at dewy morn.

The Count High-Admiral passed by her
  In his galley of the sea—
On each side so many rowers
  Told aright they may not be.

Of the captive bands who row'd it—
  All from Afric's bosom torn—
Some were proud and mighty nobles
  Some of kingly blood were born.

Betwixt Ceuta and Gibraltar
  If one Moor in safety be,
Ill at ease the Lord Count saileth
  In his galley of the sea.

O! how gentle glides the galley
  Answering well the guiding oar—
More gentle still he who commands it,
  Skill'd to leave or gain the shore.

—'Count Lord Admiral tell me truly
  From your galley of the sea,
If the captives that you conquer
  All to row compelled be?

—'Fair Infanta! tell me truly
  Without equal, Rose so fair!
The many slaves that glady tend thee
  Tire they all thy flowing hair?'

—'Art thou courteous, Count! so lordly
  Asking thus—not answering me?'
—'Answer thou, and I will answer,
  To me thou must not silent be.

Of the slaves who round me muster,
  Each the allotted task doth know;
Some aloft the sails to manage,
  Some upon the bench to row.

The lady captives soft and gentle
  Twine on deck the mazy dance—
Deftly wearing flowery carpets,
  Couch for Lord in dreamy trance.'

—'Thou'st answer'd, and I answer thee—
  For good the law that bids re-pay.
I have slaves for every purpose—
  Slaves who all my will obey.

Some to fit my varied vestments
  Some to tire my flowing hair—
For one I keep another office,
  But him my toils must yet ensnare!'

—'He's ta'en-he's thine! So fully captur'd
That ne'er would he be ransom'd more!
Pull to the land—the land, ye vassals,
And drive the galley high ashore!'

Then sweet with fairest Rosalinda
And noble Count the moments sped—
While orange groves her form o'ershadow'd
And flowrets garlanded her head.

But crabbed fate, that will not suffer
Any good without allay,
Led the steps of the king's huntsman,
As he roam'd to walk that way.

—'What thine eyes have seen, O huntsman!
Huntsman! prithee do not tell.
Purses fill'd with gold I give thee,
As much as thou can carry well.'

All the royal huntsman witness'd
Did he to the King make known,
On study bent in private closet
Thoughtful sitting and alone.

—'Whisper low the news you bring me,
And we give thee guerdon rare;
Raise on high thy voice to sound it,
And we hang thee high in air.

To arms—to arms, my faithful Archers,
Without the rousing war-pipes sound,
My Cavaliers, and trusty foot-men,
Haste the grove to circle round!'

It is not yet the glow of mid-day,
Loud and long the bell doth boom!
It is not yet the gloom of midnight,
Walk they both to meet their doom!

To the sound of Ave-Marias,
Both are tomb'd in solemn state;
She before the altar holy,
He beneath the western gate.

Soon the grave of Rosalinda
Did a Royal tree disclose,
Soon the grave of Count so noble
Show'd a bed of softest rose.

When the Monarch heard the marvels.
Quick he bade them both destroy,
Giving to the ruthless flame each
Record of departed joy.

The trees they cut, and roses scatter,
Still the emblems thrive again;
E'en as the air which them embracing
Feeleth neither wound nor pain.

The King when he was told the story
  Ceased he to speak for aye,
And when the Queen the wonder heard
  Moan'd she thus her dying lay:

—'Call me not Queen!—a Queen no longer,
  She who such dread deed hath done!
Two spotless souls I've rent asunder,
  Whom heav'n would fain have joined in one!'

GREEN VINE LEAVES; OR, THE KING'S SLIPPER

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
  There found I grapes both fine and sweet;
So ripe are they—so highly colour'd—
  They are saying 'come and eat.'

—'I wish to know who 'tis that guards them:
  Hast, Mordomo! hast and know'
Says the King to his Mordomo,
  But why did the king say so?

Because the king saw in that mountain,
  How saw he her I do not know—
That incomparable Dona...
  My reading does not tell me how.

Who to her sorrow is a Countess,
  Countess she of Valderey:

Rather would she, by my halidom,
Rather—a poor peasant be.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
Grapes which the king will go to greet:
So ripe are they, so highly colour'd,
They are saying 'come and eat.'

Comes the Mordomo from the mountain:
—'Best of news to you I bring;
Though the vineyard is well guarded,
Yet have I enter'd, Senhor King!

'The owner is in other countries,
When come he back, I cannot say;
The gate is old—the yielding portress
To key of gold gave ready way.

'To a wonder that key serv'd me;
All was soon adjusted so,
That this eve at hour of midnight
With you I'll to the vintage go.'

—'Your'e worth a kingdom'—my Mordomo!
Grand reward I'll make to thee.
This eve then, at the hour of midnight
Rich grapes shall be eat by me.'

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
More grapes than I before did meet:

So beautiful and so ripe are they,
They are saying 'come and eat.'

In the dead of the midnight hour
Went the Mordomo—went the king,—
Of doblas to the portress giv'n,
'Tis not for me the account to sing,

—'Mordomo! stay you at the portal,
The portal where I enter in,
Let not guard-dogs with me grapple,
Whil'st the grapes I'm gathering.'

The portress now to meet his wish,
Exchange for what he gave doth bring;
At the chamber of the Countess
Behold there entereth the king.

She bore a lamp both rich and massy,
It was of silver, I could see.
Nought but of silver or of gold
Is in the house of Valderey.

The fresh green leaves are in the vineyard,
The grapes in it are ripa and sweet:
So beautiful—so warmly colour'd—
Ah me, of them when shall I eat?

All in the chamber of the Countess
Gold was with silver suited well,

It was the Heav'n of that Angel,
No more hath my poor tongue to tell.

Rich silks were there of Millan,
The towels were of Courtenay;
The King he trembled—if from terror
Or from good faith, I cannot say.

Green silk curtains hung before him,
Still he ne'er essay'd to raise;
The vision brigth I may not sing,
That daunted thus his baffled gaze.

It was a thing so passing lovely...
What more to say I do not ween.
Dainties other such as this,
You may not see, nor have I seen.

Fresh green vine leaves hath the vineyard,
Saw I there grapes ripe and sweet:
So beautiful and so ripe are they—
They are saying 'come and eat.'

Slept she there so undisturb'd
As I in heav'n above shall sleep—
Jesus! when I find thee there,
If innocent thy law I keep.

On his knees then all the night
Good did the King ill thought withstand;

Gazing, wond'ring thus to see her,
  Without moving foot or hand.

And thus he said—'Oh God, my sire!
  Pardon what I ask'd before:
This angel here so pure and bright
  It is not I will injure her.'

The vineyard hath fresh green leaves in it,
  Grapes found I in it ripe and sweet;
But I fear to tamper with them...
  Ah! of them I will not eat.

Now came on the shining morrow,
  Then it was, as goes the tale,
The Mordomo a whistle heard:
  —'Jesus Lord, now me avail!'

This was the appointed signal
  The mode the Count was us'd to take—
The king did not the curtains draw
  Saying: 'I will not vintage make.'

Beautiful green leaves hath the vineyard,
  In it I found grapes lovely sweet;
But my conscience inward grieves me,
  Grapes like these I will not eat.

Mordomo ran with rapid vigour
  In order that the king may flee.

—'Alas a slipper I have lost.'
  —'Take one of mine I give to thee.'

They fled, but in another instant
  Since the whistle they did hear,
Descends the Count from off the mountain.
  —'If he shall catch us, woe and fear!'

One fear harass'd the Mordomo,
  Other fear assail'd the King:
Which of them had reason greater,
  Soon unto you will I sing.

Green leaves saw I in the vineyard,
  Grapes quite ripe and richly sweet;
But, by his tender conscience guarded,
  Quoth the King:—'I will not eat.'

Seeketh now the Count his tower,
  The valiant Count of Valderey;
He lit upon the broider'd slipper...
  How it chanc'd I cannot say.

To the chamber of the Countess
  Goes he... Will he strike the blow?
Serenely sleeping doth he see her:
  —'Jesus! I know not what to do.'

In disorder is the household...
  —'God have me in his holy keep!

Either witch must be this woman,
  Or this same slipper mock'd my sleep.'

'The slipper which I have before me,
  The slipper it bespeaks no good:
Who could think that she could slumber
  In so pure and gentle mood.'

Wild the doubts that rise within him:
  —'Help me Heaven! with guiding light,
Baffling madness louring round
  Forbids me see my path aright.

Oh! my vineyard so well guarded!
  The precious grapes which there I left...
Where is the fruit on which I counted?
  Tell me of which I am bereft?'

Straight the Count himself imprison'd
  In highest tower of Valderey:
—'Ne'er shall bread assuage my hunger,
  Ne'er shall wine my thirst allay.

Beard and hair grown rough and ragged,
  Care from me shall ne'er receive;
Till the truth be plain before me,
  Ne'er will I this refuge leave.

Oh! ye green leaves of the vineyard
  Grapes that I no more may taste!

Quickly may ye pine and wither,
Quickly pine like me and waste.'

Thrice the sun hath sunk and ris'n,
Still groaning thus he lonely sate,
While faithful Countess grieving utter'd:
'How shall I soothe his mournful state?'

Whither may she flee for succour?
Who shall aid and solace bring?
Innocence may challenge pity...
Where shall she went? Unto the King!

—'That I some remedy may find thee,
Faithful Countess, quickly go:
The secret of his sad affliction
Be't mine or here or there to know.

On leal word of Cavalleiro
Troth and faith I plight to thee,
Pure you shall be found and spotless,
Or I myself shall recreant be.'

Oh! the green leaves of the Vine tree!
Grapes I sought with eager haste!
To the soul their beauty touch' me,
Bloom so pure I dar'd not taste.

Quickly thence the Countess hurried;
The king, he did not tarry more.

What they say I wish to hear,
  So will I listen at the door.

Hist!—A voice of heavenly sweetness
  Steals upon his ravished ears—
While this sad plaint the mourner sang
  Mocking music of the spheres.

—'Once I was a Vine well guarded,
  Taught by tending Love to grow:
Now I lack that fost'ring nurture...
  Why—I scarce dare ask to know.'

Then shone out the Royal goodness...
  Tears of pity dimm'd his eye:
—'Quick of the other side inform me,
  That the truth I may descry.'

—'My fresh vineyard so well guarded,
  When I enter'd it again,
Trace of plundering thief I noted...
  What he stole I ask in vain.'

Ceased the Count o'erwhelm'd with sorrow,
  But then laughing said the King:
(Whether at self or at the mourner
  Aim'd that laugh, I cannot sing.)

—'Twas I who did the vineyard enter,
  Of plundering thief I left the trace;

Grapes I saw—but Heav'n so save me—
Not a grape did I displace.'

A fracture was there in the portal
  The slipper from his foot he tore:
—'Need'st thou proof? behold it here.'
  Its fellow from within he bore.

Of the joy that followed after
  Little need I more impart,
Glad the Count the truth admitted,
  And the King play'd the kingly part.

Fresh green leaves hath the vineyard,
  Richest grapes were those I saw;
It was fear that kept them safely,
  Fear of God and of his law.

Em continuação do appendice, aqui juncto egualmente, para illustração do romance IX d'este livro que leva por titulo REGINALDO[1], as duas licções castelhanas que d'elle apparecem agora na última recente edição do ROMANCERO de Duran.

Na introducção áquelle romance disse eu que elle não apparecia nas collecções castelhanas, porque em nenhuma das anteriores a ésta de 1849–51 o tinha podido incontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente[2] precisam pois d'esta correcção.

[1] LIVRO II, parte I, romance IX, tom. II, pag. 167.

[2] Nota G, pag. 312 do tom. II.

GERINELDO

I

Levantóse Gerineldo
Que al rey dejara dormido:
Fuese para la infanta
Donde estaba en el castillo.
—Abráisme, digo, señora,
Abráisme, cuerpo garrido.
—¿Quién sois vos, el caballero,
Que llamais á mi postigo?
—Gerineldo soy, señora,
Vuestro tan querido amigo.—
Tomárala por la mano
En un lecho la ha metido,
Y besando y abrazando
Gerineldo se ha dormido.
Recordado habia el rey

De un sueño despavorido;
Tres veces lo habia llamado,
Ninguna le ha respondido.
—Gerineldo, Gerineldo,
Mi camarero polido,
Si mi andas en traicion,
Trátasme como á enemigo.
O dormias con la infanta,
O me has vendido el castillo.—
Tomó la espada en la mano
En gran saña va encendido:
Fuérase para la cama
Donde á Gerineldo vido.
El quisieralo matar;
Mas crióle de chiquito.
Sacara luego la espada,
Entre entrambos la ha metido,
Porque desque recordase
Viese cómo era sentido.
Recordado habia la infanta,
Y la espada ha conocido.
—Recordados, Gerineldo,
Que ya érades sentido,
Que la espada de mi padre
Yo me la he bien conocido[1].

[1] Romancero general, 1849-51, tom. I, pag. 175. Esta é a lição mais antiga, foi achada em um *pliego suelto*, folha volante, impresso.

GERINELDO

II

—Gerineldo, Gerineldo,
El mi page mas querido,
Quisiera hablarte esta noche
En este jardim sombrio.
—Como soy vuestro criado,
Señora, os burlais conmigo.
—No me burlo, Gerineldo,
Que de verdad te lo digo.
—¿A qué hora, mi señora,
Comprir heis lo prometido?
—Entre las doce y la una,
Que el rey estará dormido.—
Tres vueltas da á su palacio
Y otras tantas al castillo;
El calzado se quitó
Y del buen rey no es sentido:
Y viendo que todos duermen
Do posa la infanta ha ido,
La infanta que oyera pasos
Desta manera le dijo:
—¿Quién a mi estancia se atreve?
Quién á tanto se ha atrevido?
—No vos turbeis, mi señora,
Yo soy vuestro dulce amigo,
Que acudo a vuestro mandado
Humilde y favorecido.—

Enilda le ase la mano
Sin mas celar su cariño;
Cuidando que era su esposo
En el lecho se han metido,
Y se hacen dulces halagos
Como mujer y marido.
Tantas caricias se hacen,
Y con tanto fuego vivo,
Que al cansacio se rindieron
Y al fin quedaron dormidos.
El alba salia apénas
A dar luz al campo amigo,
Quando el rey quiere vestirse,
Mas no encuentra sus vestidos:
—Que llamen á Gerineldo
El mi buen page querido.—
Unos dicen:—No está en casa.—
Otros dicen:—No lo he visto.—
Salta el buen rey de su lecho
Y vistióse de provisо,
Receloso de algun mal
Que puede haberle venido,
Al cuarto de Enilda entrara,
Y en su lecho halla dormidos
Á su hija y á su paje
En estrecho abrazo unidos.
Pasmado quedó y parado
El buen rey muy pensativo:
Pensándose qué hará.

Contra los dos atrevidos.
—¿Mataré yo á Gerineldo,
Al que cual hijo he querido?
¡Si yo mataré la infanta
Mi reino tengo perdido!—
En tal estrecho el buen rey,
Para que fuese testigo,
Puso la espada por medio
Entre los dos atrevidos.
Hecho esto, se retira
Del jardin á un bosquecillo.
Enilda al despertarse,
Notando que estaba el filo
De la espada entre los dos,
Dijo asustada á su amigo:
—Levántate, Gerineldo,
Levántate, dueño mio,
Que del rey la fiera espada
Entre los dos ha dormido.—
—¿Adónde iré, mi señora?
¿Adónde me iré, Dios mio?
¿Quién me librará de muerte,
De muerte que he merecido?
No te asustes, Gerineldo,
Que siempre estaré contigo:
Márchate por los jardines
Que luego al punto te sigo.—
Luego obedece á la infanta,
Haciendo cuanto le ha dicho:

Pero el rey, que está en acecho,
Se la hace encontradizo:
—¿Dónde vas, buen Gerineldo?
¿Como estás tan sin sentido?
—Paseaba estos jardines
Para ver se han florecido,
Y vi que una fresca rosa
El calor ha deslucido.—
—Miéntes, miéntes, Gerineldo,
Que con Enilda has dormido.—
Estando en esto el Sultan,
Un gran pliego ha recebido:
Abrelo luego, y al punto
Todo el color ha perdido.
—Que prendan á Gerineldo:
Que no salga del castillo.—
En esto la hermosa Enilda
Cuidosa llega á aquel sitio.
De lo que pasa informada,
Y conociendo el peligro,
Sin esperar à que torne
El buen rey enfurecido,
Salta las tapias lijera
En pos de su amor querido.
Huyendo se va á Tartaria
Con su amante y fiel amigo,
Que en un brioso caballo
La atendia en el egido.
Allí, ántes de casarse,

Recibe Enilda el bautismo,
Y las joias que lleva
En dos cajas de oro fino
Una vida regalada
A su amante han prometido [1].

[1] ROMANCERO GENERAL, 1849-51, tom. I, pag. 176.

NOTAS

NOTAS

NOTA A

E minha mãe sem chegar .... pag. 53.

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com *e* no fim, como pronuncía o povo de Lisboa e n'outras partes da Extremadura. Os antigos castelhanos tambem assim regularizavam os seus toantes.

E não va tampouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser affectação de latinismo o escrever e pronunciar pae em vez de pai, mãe em vez de mãi. Aquella é a verdadeira e popular orthographia d'estas palavras.

NOTA B

Na caça andava perdido .... pag. 217.

O princípio ou introducção d'este romance é conforme a collecção de Oliveira. No folheto dos cegos começa elle logo com toda a fórma scenica; e todavia differe bem pouco. Aqui se transcreve.

DIZ O MARQUEZ

Fingindo andar perdido na caça

Fortunosa caça é ésta
que a fortuna me ha mostrado,
poisque, por ser manifesta
minha pena e gran' cuidado,
me mostrou ésta floresta.
Nunca vi tam forte brenha,
desque me accórdo de mi;
eu creio que Margasi
fez ésta serra d'Ardenha,
estes campos de Methli.
Quero tocar a bosina
por ver se algum me ouvirá;
mas cuido, que não será,
porque minha gran' mofina
commigo começou ja.
Todavia quero ver,
se mora alguem n'esta serra,
que me diga d'esta terra
cuja é, para saber;
que quem pergunta não erra.
Por demais é o tanger
em logar deshabitado,
onde não ha povoado,
nem quem possa responder
ao que lhe for perguntado.
Gran' mal é o caminhar
por tam fragosa montanha,

cançado assim sem companha,
nem tendo onde repousar,
n'esta terra tam estranha.
Vejo o matto tam cerrado,
que fiz bem de me apear,
e meu cavallo deixar,
porque está tam cançado
que ja não podia andar.
Agora vejo-me aqui
n'esta tam grande espessura,
que nem eu me vejo a mi,
nem sei de minha ventura;
nem menos será cordura,
repousar n'este logar,
nem sei onde possa achar
descanço á minha tristura [1].

FIM DO VOLUME TERCEIRO

[1] Marquez de Mantua, folheto de cegos, Lisboa 1789.

INDICE